



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

grãos

V. 3 - SAFRA 2015/16- N. 2 - Segundo levantamento | NOVEMBRO 2015



Presidência da República
Dilma Rousseff

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)
Kátia Abreu

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Lineu Olímpio de Souza (Presidente em exercício)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
João Marcelo Intini

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)
Igo dos Santos Nascimento

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digep)
Rogério Luiz Zeraik Abdalla

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)
Lineu Olímpio de Souza

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa
Bernardo Nogueira Schlemper
Eledon Pereira de Oliveira
Francisco Olavo Batista de Sousa
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Marisson de Melo Marinho
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote
Clovis Campos de Oliveira
Divino Cristino de Figueiredo
Fernando Arthur Santos Lima
Giovanna Freitas de Castro (estagiária)
Guilherme Ailson de Sousa Nogueira (estagiário)
Guilherme Queiroz Micas (estagiário)
Joaquim Gasparino Neto
Nayara Sousa Marinho (estagiária)
Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

grãos

V. 3 - SAFRA 2015/16 - N. 2 -Segundo levantamento | NOVEMBRO 2015

Monitoramento agrícola – cultivos de inverno (safra 2015) e de verão
(Safra 2015/16)

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 3- Safra 2015/16 - segundo levantamento, Brasília, p. 1-166, novembro 2015.

Copyright © 2015 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>

Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro

Publicação integrante do Observatório Agrícola

ISSN: 2318-6852

Tiragem: 50

Impresso no Brasil

Colaboradores

Asdrúbal de Carvalho Jacobina (Gecup)	Alessandro Lúcio Marques (Geint)	Séfora Silvério (Gecup)
João Marcelo Brito Alves (Geint)	Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)	Adriene Alves de Melo (Gecup)
Rogério Dias Coimbra (Geint)	Fernando Gomes da Motta (Gefip - algodão)	Antônio Adelço da Conceição (Gecup)
João Figueiredo Ruas (Gerab - feijão)	Leonardo Amazonas (Geole -soja)	Bevenildo Fernandes Sousa (Gecup)
Paulo Magno Rabelo (Gerab - trigo)	Sérgio Roberto Gomes dos Santos Junior (Gerab - arroz)	André Luiz F. de Souza (Assessor Dipai)
Thomé Luiz Freire Guth (Geole - milho)	Miriam Rodrigues da Silva (Latis - Conab/Inmet)	Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adayr Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcelos (MG); Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Márcio Arraes, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhona, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Eude Andrade, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Rodrigo Leite (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélcio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niecio Ribeiro (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Farias, Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Iracema Oliveira (RS); César Rubin, Dionízio Bach, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Barbosa, Paulo Cláudio Machado Júnior, Samuel Valente Ferreira (TO).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)

Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Marília Malheiro Yamashita

Fotos

Arquivo Geosafra/Conab, <https://br.dollarphotoclub.com/> Martha Gama de Macedo

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-

v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

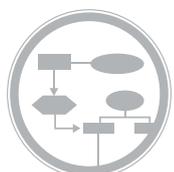
SUMÁRIO



1. Resumo executivo -----08



2. Introdução -----10



3. Metodologia -----12



4. Estimativa de área plantada ----- 15



5. Estimativa de produtividade ----- 17



6. Estimativa de produção ----- 19



7. Crédito rural -----22



8. Mercado de insumos e custo de produção -----47



9. Monitoramento agrícola -----53



10. Análise das culturas----- 73
10.1. Culturas de verão ----- 73
10.2. Culturas de inverno----- 128



11. Balanço de oferta e demanda----- 143



12. Preços ----- 145



13. Câmbio----- 153



14. Exportações----- 155



15. Vazio sanitário----- 158





1. Resumo executivo

A estimativa da produção de grãos para a safra 2015/16 poderá situar-se entre 208,6 e 212,9 milhões de toneladas. O crescimento poderá ser de até 2,1% em relação à safra anterior.

A área plantada prevista ficará entre 57,8 e 58,9 milhões de hectares. O crescimento previsto poderá ser de 1,6% se comparada com a safra 2014/15.

Algodão: a produção será menor do que a safra passada, afetada pela redução de área na Bahia, segundo maior estado produtor.

Amendoim: a estimativa é de safra muito idêntica a 2014/15.

Arroz: há perspectivas de pequena redução de área e produção.

Feijão: a estimativa é de estabilidade na área plantada. O feijão primeira safra poderá ter ganho de produção e produtividade.

Girassol: crescimento de até 17% da produção em relação à safra passada.

Mamona: estimativa de aumento na produção e área plantada.

Milho: perspectiva de redução na área plantada e produção de milho primeira safra em comparação com 2014/15.

Soja: projeção de crescimento de até 6,8% na produção, podendo atingir 102,8 milhões de toneladas.
Safrinha 2015

Aveia: significativo aumento de área e produtividade.

Canola: mesmo com redução de área, a produção será superior 49,3% em relação à safra anterior.

Cevada: redução de área plantada e aumento de pro-

ductividade. Produção 4,5% menor que à da safra passada.

Centeio: manutenção de área com ganho de produtividade resultam em aumento de 2,9% na produção.

Trigo: a produção será maior que a safra 2014. Redução de área plantada e fatores climáticos foram prejudiciais à cultura. Produção de 6,23 milhões de toneladas (4,3% superior à safra passada).





2. introdução

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), com o acompanhamento da safra brasileira de grãos, procura oferecer informações e conhecimentos contextualmente relevantes para todos os agentes que estão envolvidos com os desafios da agricultura, da segurança alimentar e nutricional e do abastecimento.

O relatório foi construído de maneira a registrar e indicar variáveis que podem auxiliar na compreensão dos resultados da safra de grãos e que se inserem como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

A Conab, para a consecução desse serviço, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, a pesquisa subjetiva de campo, além de outras informações que complementam os métodos citados.

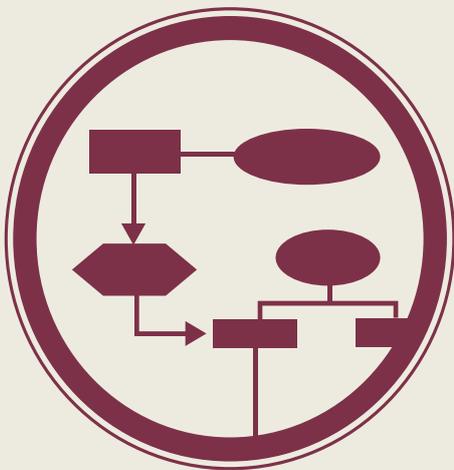
Nesse relatório, que aborda a intenção de plantio da safra de verão e avaliação das culturas de inverno, consta os resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia no território nacional, indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, exportação e importação, câmbio, quadro de oferta e demanda e preços, bem como informes da situação climática, o acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que, a Companhia tem a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos, com o envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados ora divulgados devem ser registrados como esforço e colaboração de profissionais

autônomos e técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Registre-se nossos agradecimentos pela indispensável participação de todos.





3. Metodologia

Os métodos utilizados pela Conab no processo de levantamento da safra de grãos envolvem a pesquisa e o contato direto com diversos informantes cadastrados por todo o país, a utilização de acompanhamento agrometeorológico e espectral (mapas e condição de vegetação), o conhecimento das informações de pacotes tecnológicos adotados pelos produtores, o acompanhamento sistemático da meteorologia e o uso de métodos estatísticos para a consolidação das informações disponibilizadas ao público-alvo.

O acompanhamento da safra de grãos é realizado mensalmente, ou seja, o diagnóstico de acompanhamento das lavouras é atualizado constantemente, o que produz um resultado muito preciso do desenvolvimento das culturas.

A metodologia aplicada pode ser assim resumida:

3.1. Modelo estatístico

A linguagem utilizada para os cálculos estatísticos é o “R”, que permite adaptações ou modificações de forma espontânea, disponibilizando ampla variedade de técnicas estatísticas e gráficas, incluindo modelagem linear e não linear, testes estatísticos clássicos, análise de séries temporais (time-series analysis) e amostragem. Para ajustar os modelos e realizar as previsões deste estudo foram utilizados os pacotes “Forecast” e “Asta”.

Os dados utilizados são da Conab e estão disponíveis no site da Companhia (<http://www.conab.gov.br/>). Os dados de produtividade são anuais, separados por cultura e por Unidade da Federação. No geral, a base de dados utilizada contempla 20 anos, já que a partir de 1994 houve uma estabilização econômica, reduzindo a incerteza nas variáveis analisadas.

As séries temporais são estudadas no sentido de compreender o seu mecanismo gerador e prever o seu comportamento futuro, o que possibilita tomar decisões apropriadas. O método utilizado tem 90% de confiança para os intervalos encontrados.

Devido à quantidade de culturas e estados, optou-se por um modelo mais simples, mas que cumpre com eficiência a finalidade do estudo. Foi encontrado um modelo para cada cultura e estado.

Após a escolha do melhor modelo para cada cultura e UF foi feita a análise dos resíduos para cada situação. Esta é uma maneira de verificar se o modelo ajustado é adequado. O resíduo é a diferença entre o valor ajustado do modelo e o valor “real”. Para verificação do modelo são gerados gráficos de resíduos padronizados, autocorrelação (ACF) dos resíduos, normal Q-Q Plot dos resíduos padronizados e P-valores da estatística de Ljung Box.

Alguns modelos utilizados podem apresentar alguns gráficos de resíduos fora do padrão. Nesses foram feitos testes de ajustes com outros possíveis modelos e escolhido o que melhor se ajustou. Isso se deve à natureza da série em questão, principalmente em estados do Norte e Nordeste e em culturas com pouca representatividade.

3.2. Pacotes tecnológicos

A Companhia elabora custos de produção de diversas culturas nos principais locais de produção, tomando por base metodologia própria. Por serem modais, os resultados apurados devem ser observados como parte importante do espelho dos sistemas de cultivo e da utilização de pacotes tecnológicos na agricultura nacional.

A principal variável analisada no processo de avaliação da safra nacional é a produtividade. Inicialmente, tomando por base a área de abrangência dos custos,

se faz a sua relação com os roteiros preestabelecidos pela Companhia para visita em campo.

O passo seguinte é a sobreposição e a análise dos rendimentos das culturas, apurados nas pesquisas de campo, com as produtividades resultantes dos estudos estatísticos e dos pacotes tecnológicos apurados pelo custo de produção. O resultado desses estudos é parte do processo de redução de riscos e de aumento do grau de confiança das informações.

3.3. Modelo agrometeorológico e espectral

A Conab tem buscado medidas eficazes para incrementar a potencialidade do sistema de levantamento e acompanhamento de safras agrícolas e, para isso, tem se empenhado na apropriação de ferramenta diversificada.

Para tanto, tem sido utilizado recursos tecnológicos de eficiência comprovada, tais como: modelos estatísticos, sensoriamento remoto, posicionamento por

satélite (GPS), sistemas de informações geográficas e modelos agrometeorológicos/espectrais para estimar as áreas de cultivo e prever impactos à produtividade das lavouras.

A Companhia tem mapeamentos agregados das culturas de verão, de segunda safra e de inverno, e específicos do arroz irrigado no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e em Tocantins, que oferecem meios



para o monitoramento agrícola através do acompanhamento das condições agrometeorológicas e espectrais (índices de vegetação calculados a partir de imagens de satélite, que refletem a condição da vegetação e fornecem indicativos de produtividade) das ~~estacionais~~ áreas de plantio.

3.4. Monitoramento da situação climática

A variável climática é o maior risco na agricultura. Para o acompanhamento diário da situação climática se observa diversas informações geradas pelas principais instituições nacionais. No âmbito dos estados, nósticos temporais. Tais informações são utilizadas para o acompanhamento das condições das culturas ao longo de todo o seu ciclo de desenvolvimento.

3.5. Metodologia subjetiva

A metodologia subjetiva é realizada através de questionários aplicados junto às entidades e aos órgãos diretamente ligados aos agricultores que, de uma forma geral, já procedem a primeira consolidação dos dados.

A metodologia adotada é a pesquisa amostral estratificada por roteiro em cada estado após a divisão do estado por grandes regiões, com coleta de informações por meio da aplicação direta de questionários aos detentores das informações dos órgãos pesquisados.

Para compensar as probabilidades desiguais de captação são atribuídas ponderações diferenciadas a cada produto distinto da safra de grãos, chamados de fatores naturais de expansão. A calibração dos fatores naturais de expansão consiste em estimar novos pesos para cada grupo de elementos da amostra, por meio de ajustes dos pesos naturais do desenho segundo informações de variáveis auxiliares da amostra.

As unidades de investigação são as áreas de jurisdição e doenças.

3.6. Outras informações

O método utilizado para o acompanhamento e a

As informações obtidas podem indicar os impactos, principalmente, das precipitações e temperaturas (climatologia e anomalias) no processo produtivo, e seus resultados auxiliam o acompanhamento da produtividade. Os mapeamentos podem, ainda, auxiliar as

as Superintendências Regionais da Conab também fazem o monitoramento local.

As principais informações pesquisadas dizem respeito às precipitações, temperaturas e suas anomalias, umidade do solo, geadas e eventos extremos, bem como, aos resultados de modelos climáticos de prog-

do município ou de um conjunto de municípios produtores, incluídos no roteiro de cada estado e as visitas são realizadas pela equipe técnica da Companhia.

Os informantes da pesquisa são os produtores e técnicos de cooperativas, empresas de assistência técnica e extensão rural (públicas e privadas), secretarias municipais de agricultura, revendas de insumos, agentes financeiros e outros órgãos que possam contribuir com informações relevantes na unidade amostral, sobre as diversas culturas pesquisadas.

Essa metodologia leva em conta levantamentos alternados entre pesquisa a campo e via telefone nas unidades de investigação do país. Em casos de intempéries climáticas, ataque de pragas e doenças que coloquem em risco a sanidade das lavouras, ou qualquer outro fator impactante do desenvolvimento das culturas, técnicos da Companhia irão a campo em qualquer época da temporada para mensurar eventuais danos ocorridos e retratá-las com celeridade e confiabilidade.

As variáveis investigadas podem ser resumidas em área, produtividade, estágio da cultura, condição da lavoura, calendário agrícola, qualidade do produto e outros dados da cultura como os ataques de pragas

avaliação da safra de grãos se complementam com informações que contribuem para aumentar o grau de confiabilidade dos resultados, tais como: o crédito rural, o mercado de insumos, os preços recebidos pelo produtor, os dados da balança comercial, o câmbio e





4. Estimativa de área plantada (57,89 a 58,92 milhões de hectares)

A área de plantio para a safra 2015/16 estimada entre 57,89 a 58,92 milhões de hectares representa crescimento de até 1,6%, em relação à cultivada na safra 2014/15, que totalizou 58 milhões de hectares (Tabela 1).

A cultura da soja permanece como principal responsável pelo aumento de área. A estimativa é de crescimento na área cultivada com a oleaginosa entre 2,1 e 3,8% (671,3 a 1.244,4 mil hectares). O algodão apresenta redução entre 5,5% e 2,9% (54,9 a 28,6 mil hectares), reflexo da opção pelo plantio de soja na Bahia, segundo maior produtor do país. Para o milho primeira safra, a exemplo do que ocorreu na safra passada, a expectativa é que haja redução na área entre 9,3% e 4,8% (571,2 e 296,7 mil hectares), a ser cultivada com soja. O feijão primeira safra apresenta variação, redução de 2,3% (24 mil hectares) a um crescimento de 1,5% (15,4 mil hectares).

Esta é a segunda previsão para a safra 2015/16. Apenas as culturas de primeira safra tiveram o plantio iniciado, que se estenderá até dezembro. As culturas de inverno tiveram os plantios finalizados em junho e estão na fase final de colheita.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – grãos

(Em 1.000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	14/15	15/16		Percentual		Absoluta	
	(a)	Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
ALGODÃO	993,9	939,0	965,3	(5,5)	(2,9)	(54,9)	(28,6)
AMENDOIM TOTAL	108,9	105,9	108,1	(2,8)	(0,7)	(3,0)	(0,8)
AMENDOIM 1ª SAFRA	97,7	94,7	96,9	(3,1)	(0,8)	(3,0)	(0,8)
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,2	11,2	11,2	-	-	-	-
ARROZ	2.295,0	2.125,0	2.258,6	(7,4)	(1,6)	(170,0)	(36,4)
FEIJÃO TOTAL	3.034,2	3.010,2	3.049,6	(0,8)	0,5	(24,0)	15,4
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.053,2	1.029,2	1.068,6	(2,3)	1,5	(24,0)	15,4
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.318,3	1.318,3	1.318,3	-	-	-	-
FEIJÃO 3ª SAFRA	662,7	662,7	662,7	-	-	-	-
GIRASSOL	111,5	110,2	111,2	(1,2)	(0,3)	(1,3)	(0,3)
MAMONA	82,1	127,0	129,8	54,7	58,1	44,9	47,7
MILHO TOTAL	15.692,9	15.121,7	15.396,2	(3,6)	(1,9)	(571,2)	(296,7)
MILHO 1ª SAFRA	6.142,3	5.571,1	5.845,6	(9,3)	(4,8)	(571,2)	(296,7)
MILHO 2ª SAFRA	9.550,6	9.550,6	9.550,6	-	-	-	-
SOJA	32.093,1	32.764,4	33.317,5	2,1	3,8	671,3	1.224,4
SORGO	722,6	722,6	722,6	-	-	-	-
SUBTOTAL	55.134,2	55.026,0	56.058,9	(0,2)	1,7	(108,2)	924,7
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2015	2016		Percentual		Absoluta	
	(a)	Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
AVEIA	190,0	190,0	190,0	-	-	-	-
CANOLA	43,1	43,1	43,1	-	-	-	-
CENTEIO	1,8	1,8	1,8	-	-	-	-
CEVADA	105,0	105,0	105,0	-	-	-	-
TRIGO	2.500,1	2.500,1	2.500,1	-	-	-	-
TRITICALE	22,0	22,0	22,0	-	-	-	-
SUBTOTAL	2.862,0	2.862,0	2.862,0	-	-	-	-
BRASIL	57.996,2	57.888,0	58.920,9	(0,2)	1,6	(108,2)	924,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2015.





5. Estimativa de produtividade

Na busca constante da melhoria da qualidade das informações da safra agrícola, a Companhia utiliza-se, desde o levantamento anterior, de metodologia estatística baseada em séries temporais, para estimar a produtividade das culturas de verão (primeira, segunda e terceira safra). Esse procedimento é adotado até o momento em que as informações de produtividade sejam apuradas nos trabalhos de campo e no monitoramento agrometeorológico e espectral, de acordo com o desenvolvimento fenológico das culturas.

Além disso, a Conab utiliza metodologias que envolvem trabalhos em campo, análise dos custos de produção, tecnologias relacionadas ao sensoriamento remoto, posicionamento por satélites, sistemas de informações geográficas e modelos agrometeorológicos e espectrais, que são aplicados nas estimativas de produtividade. O resultado desses estudos é parte do processo de redução de riscos e de aumento do grau de confiança das informações divulgadas.

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – grãos

(Em kg/ha)

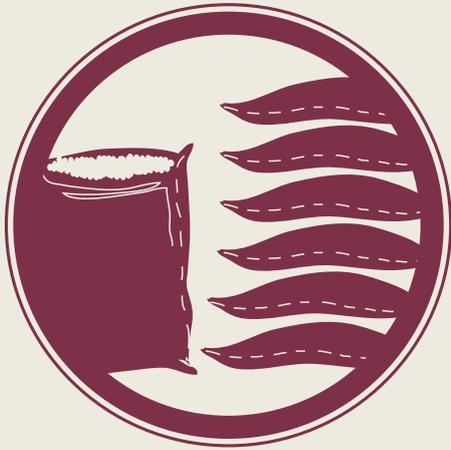
PRODUTOS - CULTURA DE VERÃO	SAFRAS		VARIÇÃO	
	14/15 (a)	15/16 (b)	Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.374	2.361	(0,5)	(13,0)
ALGODÃO EM PLUMA	1.561	1.553	(0,5)	(8,0)
AMENDOIM TOTAL	3.183	3.228	1,4	45,9
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.268	3.325	1,8	57,3
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.441	2.403	(1,5)	(37,8)
ARROZ	5.419	5.353	(1,2)	(65,5)
FEIJÃO TOTAL	1.050	1.079	2,8	29,8
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.074	1.134	5,5	59,5
FEIJÃO 2ª SAFRA	932	964	3,5	32,8
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.245	1.222	(1,9)	(23,2)
GIRASSOL	1.374	1.609	17,2	235,7
MAMONA	573	183	(68,0)	(389,8)
MILHO TOTAL	5.396	5.368	(0,5)	(27,6)
MILHO 1ª SAFRA	4.898	4.791	(2,2)	(106,8)
MILHO 2ª SAFRA	5.716	5.713	(0,1)	(2,9)
SOJA	2.999	3.087	2,9	88,1
SORGO	2.844	2.695	(5,3)	(149,5)
SUBTOTAL	3.655	3.668	0,4	13,2
CULTURA DE INVERNO	SAFRAS		VARIÇÃO	
	2015 (a)	2016 (b)	Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
AVEIA	2.101	2.101	-	-
CANOLA	1.258	1.258	-	-
CENTEIO	2.000	2.000	-	-
CEVADA	2.777	2.777	-	-
TRIGO	2.492	2.492	-	-
TRITICALE	2.664	2.664	-	-
SUBTOTAL	2.459	2.459	-	-
BRASIL (2)	3.596	3.609	0,4	12,6

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2015.





6. Estimativa de produção (208,61 a 212,93 milhões de toneladas)

A produção estimada para a safra 2015/16 é de 208,60 a 212,92 milhões de toneladas, aumento de até 2,1% (Tabela 3). Esse resultado representa um aumento na produção entre 64,7 e 4.384,4 mil toneladas sobre a safra colhida em 2014/15 (208,54 milhões de toneladas). A soja apresenta o maior crescimento absoluto, com estimativa de aumento de 4,9 a 6,6 milhões de toneladas, estimada de 101,2 a 102,8 milhões de toneladas.

Tabela 3 – Estimativa de produção – grãos

(Em 1.000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	14/15 (a)	15/16		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.360,2	2.217,5	2.279,8	(6,0)	(3,4)	(142,7)	(80,4)
ALGODÃO - PLUMA	1.551,2	1.458,6	1.499,3	(6,0)	(3,3)	(92,6)	(51,9)
AMENDOIM TOTAL	346,8	341,8	349,0	(1,4)	0,6	(5,0)	2,2
AMENDOIM 1ª SAFRA	319,3	314,9	322,1	(1,4)	0,9	(4,4)	2,8
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,5	26,9	26,9	(2,2)	(2,2)	(0,6)	(0,6)
ARROZ	12.435,9	11.288,9	12.177,6	(9,2)	(2,1)	(1.147,0)	(258,3)
FEIJÃO TOTAL	3.184,6	3.243,3	3.297,5	1,8	3,5	58,7	112,9
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.131,6	1.162,2	1.216,4	2,7	7,5	30,6	84,8
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.228,0	1.271,4	1.271,4	3,5	3,5	43,4	43,4
FEIJÃO 3ª SAFRA	825,2	809,7	809,7	(1,9)	(1,9)	(15,5)	(15,5)
GIRASSOL	153,2	177,1	179,2	15,6	17,0	23,9	26,0
MAMONA	47,0	92,4	94,6	96,6	101,3	45,4	47,6
MILHO TOTAL	84.672,4	81.087,6	82.732,0	(4,2)	(2,3)	(3.584,8)	(1.940,4)
MILHO 1ª SAFRA	30.082,0	26.524,8	28.169,2	(11,8)	(6,4)	(3.557,2)	(1.912,8)
MILHO 2ª SAFRA	54.590,5	54.562,8	54.562,8	(0,1)	(0,1)	(27,7)	(27,7)
SOJA	96.243,3	101.167,8	102.826,4	5,1	6,8	4.924,5	6.583,1
SORGO	2.055,3	1.947,3	1.947,3	(5,3)	(5,3)	(108,0)	(108,0)
SUBTOTAL	201.499,0	201.563,7	205.883,4	-	2,2	64,7	4.384,4
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2015 (a)	2016		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
AVEIA	399,2	399,2	399,2	-	-	-	-
CANOLA	54,2	54,2	54,2	-	-	-	-
CENTEIO	3,6	3,6	3,6	-	-	-	-
CEVADA	291,6	291,6	291,6	-	-	-	-
TRIGO	6.230,0	6.230,0	6.230,0	-	-	-	-
TRITICALE	58,6	58,6	58,6	-	-	-	-
SUBTOTAL	7.037,2	7.037,2	7.037,2	-	-	-	-
BRASIL (2)	208.536,2	208.600,9	212.920,6	-	2,1	64,7	4.384,4

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro 2015.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – grãos (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(f/g)	(h/f)
NORTE	2.499,3	2.499,4	2.560,3	-	2,4	3.203	3.235	1,0	8.004,6	8.076,1	8.290,2	0,9	3,6
RR	44,9	44,9	44,9	-	-	3.886	3.962	2,0	174,5	177,9	177,9	1,9	1,9
RO	463,3	469,4	476,7	1,3	2,9	3.297	3.419	3,7	1.527,6	1.606,6	1.628,2	5,2	6,6
AC	55,5	54,8	55,3	(1,3)	(0,4)	1.959	2.011	2,6	108,7	110,2	111,2	1,4	2,3
AM	24,1	21,9	22,7	(9,1)	(5,8)	2.191	2.200	0,4	52,8	48,0	50,1	(9,1)	(5,1)
AP	5,0	5,0	5,0	-	-	880	960	9,1	4,4	4,8	4,8	9,1	9,1
PA	658,3	658,3	658,3	-	-	2.914	2.959	1,5	1.918,2	1.947,7	1.947,7	1,5	1,5
TO	1.248,2	1.245,1	1.297,4	(0,2)	3,9	3.380	3.363	(0,5)	4.218,4	4.180,9	4.370,3	(0,9)	3,6
NORDESTE	8.143,6	8.270,0	8.420,7	1,6	3,4	2.039	2.086	2,3	16.605,9	17.201,7	17.614,5	3,6	6,1
MA	1.728,7	1.735,6	1.777,5	0,4	2,8	2.392	2.469	3,2	4.135,5	4.283,0	4.391,9	3,6	6,2
PI	1.410,6	1.430,8	1.451,0	1,4	2,9	2.222	2.265	1,9	3.134,3	3.234,9	3.293,2	3,2	5,1
CE	903,7	903,7	903,7	-	-	282	444	57,5	254,8	401,4	401,4	57,5	57,5
RN	59,3	59,3	59,3	-	-	287	452	57,5	17,0	26,8	26,8	57,6	57,6
PB	122,9	122,9	122,9	-	-	247	389	57,5	30,3	47,8	47,8	57,8	57,8
PE	466,6	466,6	466,6	-	-	321	401	24,9	149,7	187,1	187,1	25,0	25,0
AL	66,3	66,3	66,3	-	-	952	796	(16,3)	63,1	52,8	52,8	(16,3)	(16,3)
SE	199,0	199,0	199,0	-	-	3.595	4.153	15,5	715,5	826,4	826,4	15,5	15,5
BA	3.186,5	3.285,8	3.374,4	3,1	5,9	2.544	2.482	(2,4)	8.105,7	8.141,5	8.387,1	0,4	3,5
CENTRO-OESTE	22.853,7	22.973,9	23.170,4	0,5	1,4	3.858	3.908	1,3	88.171,2	89.830,7	90.493,0	1,9	2,6
MT	13.568,9	13.632,9	13.746,7	0,5	1,3	3.808	3.795	(0,4)	51.674,7	51.757,7	52.136,5	0,2	0,9
MS	4.043,7	4.109,5	4.161,6	1,6	2,9	4.150	4.023	(3,1)	16.782,5	16.553,9	16.716,9	(1,4)	(0,4)
GO	5.100,7	5.091,0	5.120,0	(0,2)	0,4	3.718	4.062	9,2	18.966,9	20.681,3	20.790,8	9,0	9,6
DF	140,4	140,5	142,1	0,1	1,2	5.321	5.968	12,2	747,1	837,8	848,8	12,1	13,6
SUDESTE	5.104,4	4.987,0	5.141,3	(2,3)	0,7	3.776	3.872	2,5	19.273,2	19.254,8	19.964,0	(0,1)	3,6
MG	3.228,2	3.115,7	3.228,5	(3,5)	-	3.663	3.887	6,1	11.824,2	12.063,3	12.593,9	2,0	6,5
ES	32,5	32,5	32,5	-	-	1.185	1.788	50,9	38,5	58,1	58,1	50,9	50,9
RJ	4,8	3,6	3,9	(25,0)	(18,8)	1.854	1.773	(4,4)	8,9	6,2	7,1	(30,3)	(20,2)
SP	1.838,9	1.835,2	1.876,4	(0,2)	2,0	4.025	3.888	(3,4)	7.401,6	7.127,2	7.304,9	(3,7)	(1,3)
SUL	19.395,2	19.157,7	19.628,2	(1,2)	1,2	3.943	3.888	(1,4)	76.481,3	74.237,7	76.559,0	(2,9)	0,1
PR	9.588,4	9.623,9	9.687,0	0,4	1,0	3.950	3.972	0,5	37.870,5	38.228,5	38.464,9	0,9	1,6
SC	1.300,8	1.276,4	1.323,3	(1,9)	1,7	4.985	5.043	1,2	6.484,5	6.405,3	6.705,1	(1,2)	3,4
RS	8.506,0	8.257,4	8.617,9	(2,9)	1,3	3.777	3.614	(4,3)	32.126,3	29.603,9	31.389,0	(7,9)	(2,3)
NORTE/NORDESTE	10.642,9	10.769,4	10.981,0	1,2	3,2	2.312	2.353	1,8	24.610,5	25.277,8	25.904,7	2,7	5,3
CENTRO-SUL	47.353,3	47.118,6	47.939,9	(0,5)	1,2	3.884	3.896	0,3	183.925,7	183.323,2	187.016,0	(0,3)	1,7
BRASIL	57.996,2	57.888,0	58.920,9	(0,2)	1,6	3.596	3.609	0,4	208.536,2	208.601,0	212.920,7	-	2,1

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroto de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale. Fonte: Conab. Nota: Estimativa em novembro/2015.





7. Crédito rural

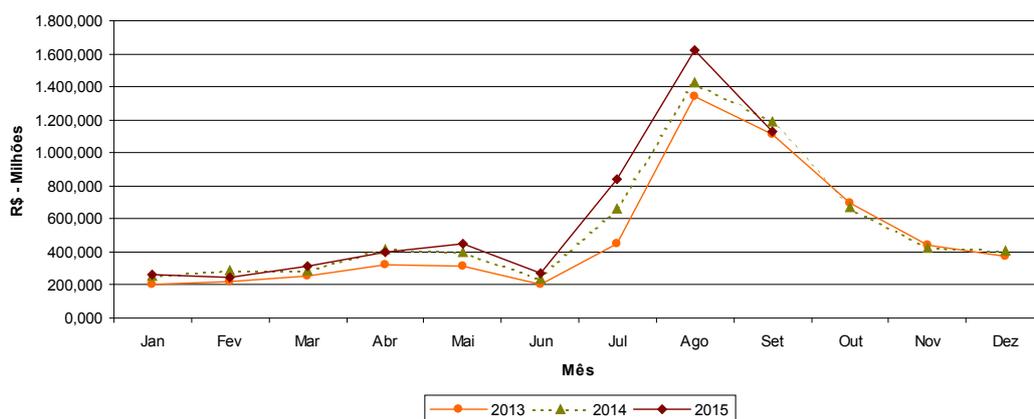
A Conab utiliza as informações do crédito rural para orientar sua avaliação a respeito da escolha do produtor no plantio da safra 2015/16. Nessa segunda intenção de plantio a comparação será entre os anos de 2013 a 2015 (setembro) para amplitude de análise. Na parte final há comentários a respeito da liberação de crédito nos estados produtores.

Deve-se ressaltar que a Conab se pauta nas informações do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor) do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo acesso final foi em 27 de outubro de 2015. Como é de conhecimento amplo, o financiamento da agricultura tem outras fontes de crédito, além da disponibilidade bancária.

A análise utiliza os financiamentos de custeio do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pro-namp), Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico. O período compreende de janeiro de 2013 a setembro de 2015 (último mês com dados disponíveis) para os produtos algodão, arroz, feijão, milho e soja.

No Gráfico 1, apresentam-se os valores para janeiro de 2013 a setembro de 2015 para o Pronaf.

Gráfico 1 – Pronaf - crédito



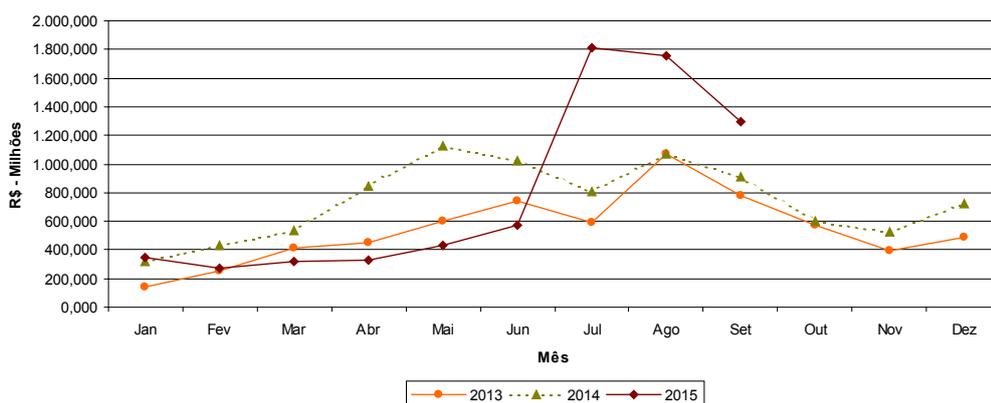
Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

O comportamento do crédito na linha do Pronaf manteve-se semelhante no período sob análise. No ano de 2015 percebe-se o maior uso do crédito do que nos anos anteriores.

Na Figura 2, apresentam-se os valores para janeiro de 2013 a setembro de 2015 para o Pronamp.

Gráfico 2 – Pronamp - crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

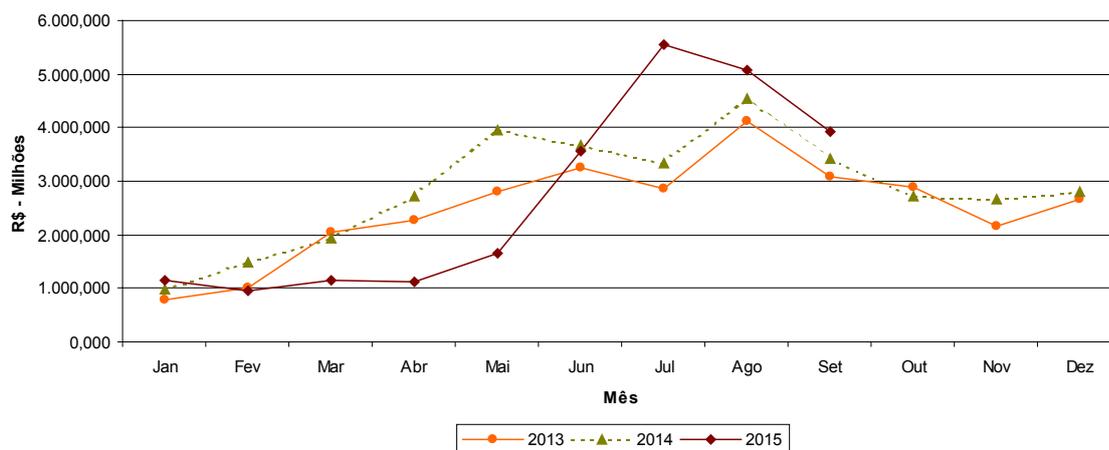
Os recursos do Pronamp têm a tendência de maior utilização no ano de 2015. O comportamento que se observa é de que, diferente dos anos anteriores, os recursos estão sendo mais utilizados a partir de julho de 2015. Observa-se, também, que os créditos em 2014 já demonstravam tendência de melhoria, quando com-

parados com 2013.

Na Figura 3, apresentam-se os valores para janeiro de 2013 a setembro de 2015 para o tipo de financiamento sem vínculo a programa específico.



Gráfico 3 – Financiamento sem vínculo a programa específico - crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

No ano de 2015 o comportamento é diferente dos anos anteriores, pois o aumento de crédito se destaca nos meses de julho e agosto. No ano de 2014 os va-

lores aportados foram superiores a 2013. As análises seguintes serão particularizadas por produto.

7.1. Arroz

A Tabela 5 apresenta os valores de crédito por tipo de

financiamento exclusivamente para o produto arroz.

Tabela 5 - Arroz - tipo de financiamento

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	3,845	1,344	0,932	0,329	0,581	0,576	10,451	29,987	36,163	35,706	25,149	15,774
Pronamp	1,167	2,315	5,622	13,687	27,506	71,349	60,418	110,284	68,945	51,847	26,624	15,930
Sem Vinc. Espec.	7,563	7,884	28,671	48,903	106,743	139,398	137,323	255,515	136,291	149,065	75,771	58,716
Total Global	12,575	11,543	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	4,768	1,948	0,749	0,206	0,780	0,943	11,322	37,508	39,326	32,323	22,748	18,778
Pronamp	2,113	2,463	8,676	36,299	85,768	90,492	84,156	98,355	65,990	38,414	24,523	20,097
Sem Vinc. Espec.	6,086	17,154	47,479	92,974	165,884	178,660	182,770	259,603	180,269	94,427	71,581	61,306
Total Global	12,967	21,566	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set			
Pronaf	4,005	0,717	0,371	0,185	0,676	1,031	8,861	36,829	38,727			
Pronamp	1,339	1,508	1,137	2,527	5,635	21,206	115,710	175,579	121,583			
Sem Vinc. Espec.	14,551	1,089	10,859	12,888	26,916	90,520	299,255	342,938	217,593			
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	423,826	555,347	377,902			

Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

Os Gráficos 4, 5, 6 e 7 apresentam o total dos valores disponibilizados para o produto e os valores aporta-

dos pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.



Gráfico 4 – Arroz – total de financiamento

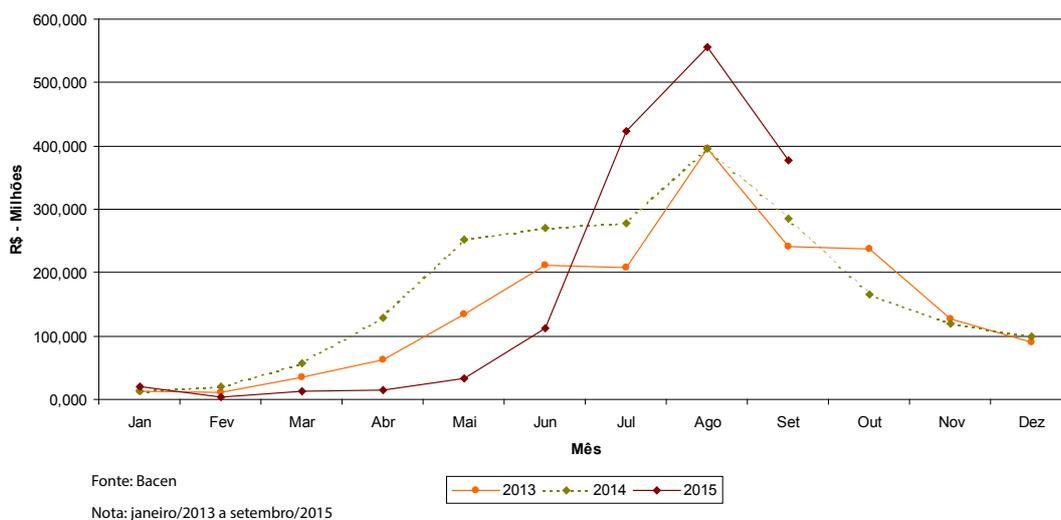


Gráfico 5 – Arroz – Pronaf – crédito

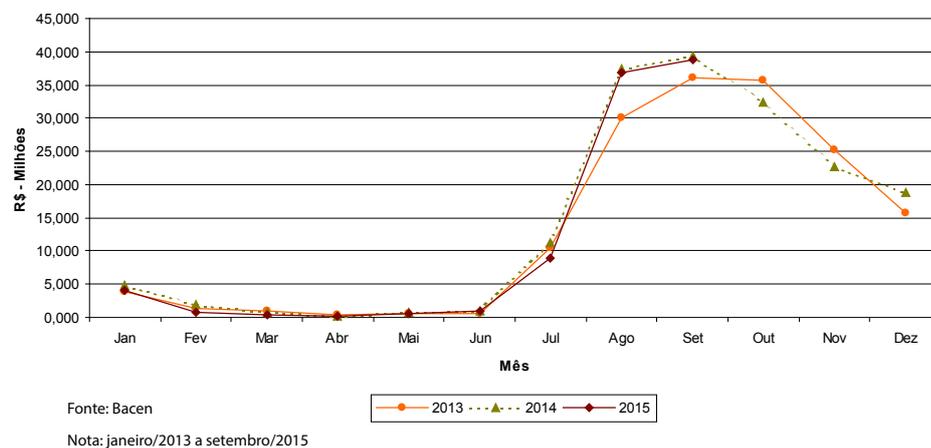


Gráfico 6 – Arroz – Pronamp – crédito

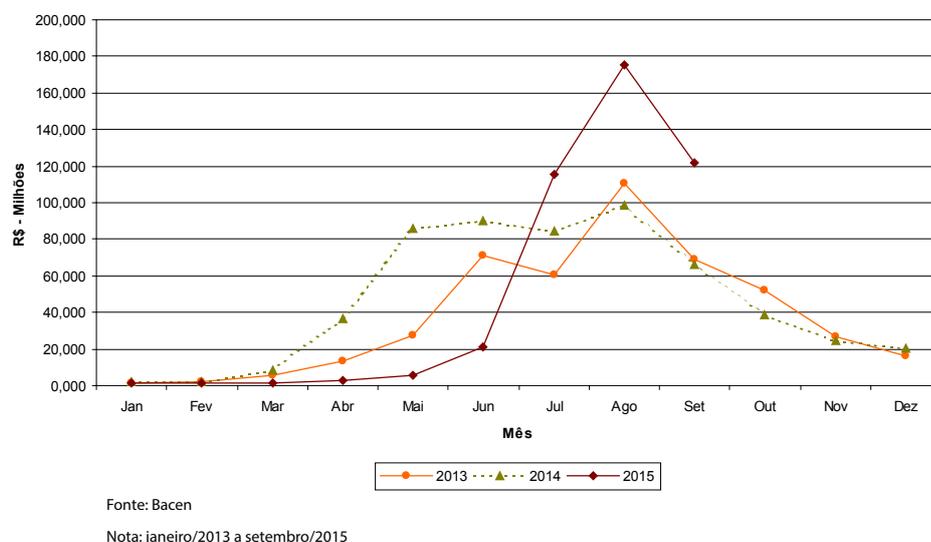
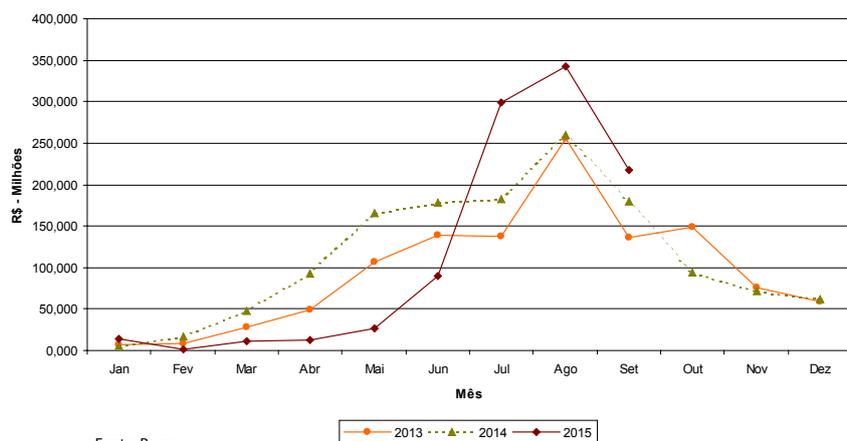


Gráfico 7 – Arroz – financiamento sem vínculo a programa específico - crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

Percebe-se que o crédito de janeiro a junho de 2015 foi inferior, se comparados com o mesmo período de 2013 e 2014, porém em julho e agosto observa-se aumento do valor disponibilizado em 2015, em relação aos anos anteriores, sob a ótica do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico. No Pronaf o aporte em 2015 permanece relativamente idêntico ao observado em 2014. A redução do crédito em se-

tembro pode ser considerada normal em virtude do pico do acesso nos dois meses anteriores e do início de plantio nas principais regiões produtoras.

A Tabela 6 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira exclusivamente para o produto arroz.

Tabela 6 – Arroz – região - crédito

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	1,220			0,086	1,555	6,987	5,076	10,837	5,659	7,342	5,918	4,666
NORDESTE	1,777	0,790	0,455	0,333	5,337	1,555	0,471	3,026	5,111	4,456	6,012	6,088
NORTE	0,386	0,584	0,488	0,118	0,058	5,571	3,514	11,399	10,159	15,805	11,335	11,330
SUDESTE	0,016	0,012	0,070		0,140	0,213	1,235	1,248	0,682	0,763	0,510	0,440
SUL	9,175	10,156	34,213	62,381	127,740	196,998	197,896	369,275	219,788	208,253	103,770	67,897
Total Global	12,575	11,543	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	1,255	0,311	1,163	2,942	3,963	7,210	8,657	10,422	5,692	4,218	7,488	5,957
NORDESTE	3,300	2,241	0,665	0,077	0,620	4,691	1,226	1,655	3,208	7,428	6,184	3,703
NORTE	1,371	2,040	0,067	3,839	8,813	6,240	7,147	15,574	12,810	12,625	11,264	11,797
SUDESTE	0,071	0,102	0,070		0,202	1,002	1,224	1,080	0,261	0,730	0,673	0,688
SUL	6,969	16,872	54,939	122,620	238,833	250,952	259,995	366,736	263,615	140,162	93,242	78,037
Total Global	12,967	21,566	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182
2015												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set			
CENTRO OESTE	1,128	0,759	2,430	1,735	1,931	3,116	2,465	6,626	3,749			
NORDESTE	1,899	0,397	0,422	0,827	0,157	0,922	1,851	1,340	3,804			
NORTE	2,493	0,552	0,674		3,762	2,919	22,603	13,439	10,792			
SUDESTE	0,095	0,109		0,097	0,401	0,252	1,099	1,621	0,680			
SUL	14,280	1,496	8,842	12,939	26,977	105,548	395,808	532,321	358,878			
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	423,826	555,347	377,902			

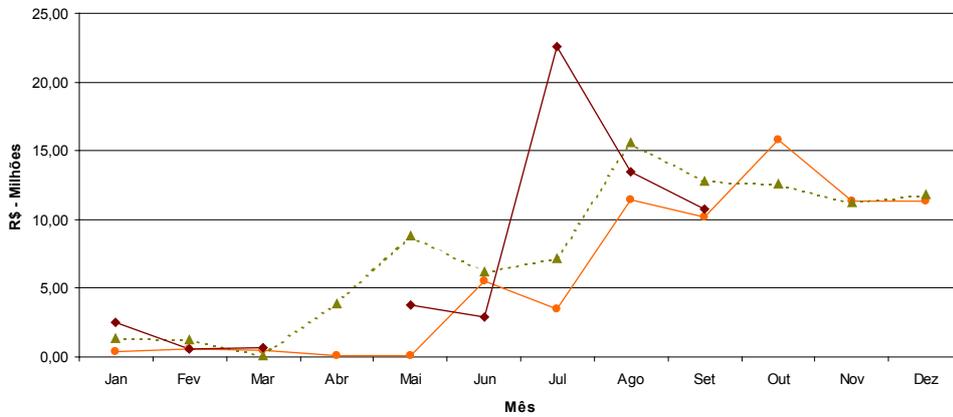
Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015



Os Gráficos 8, 9, 10, 11 e 12 apresentam os valores aportados nas diferentes regiões brasileiras para o arroz.

Gráfico 8 – Arroz – Norte - crédito

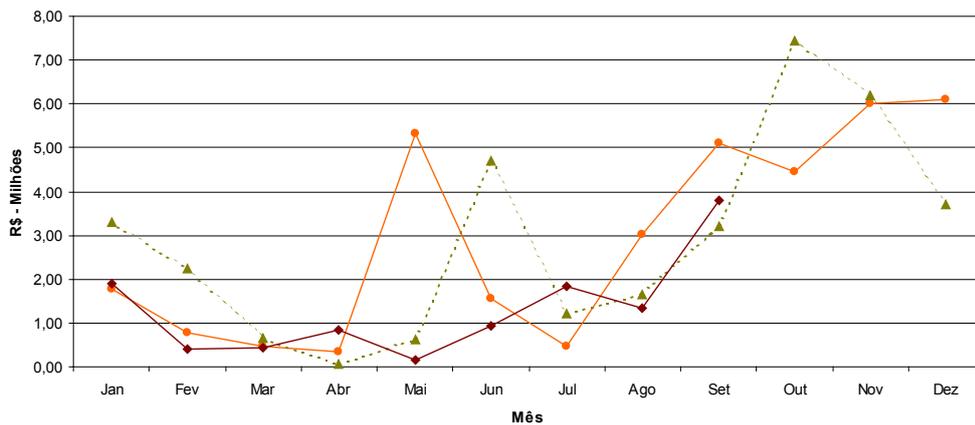


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015



Gráfico 9 – Arroz – Nordeste - crédito

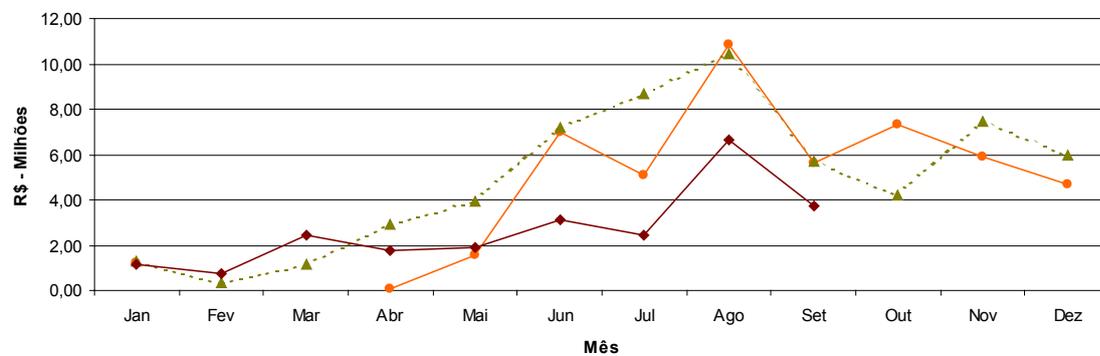


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015



Gráfico 10 – Arroz – Centro-Oeste - crédito

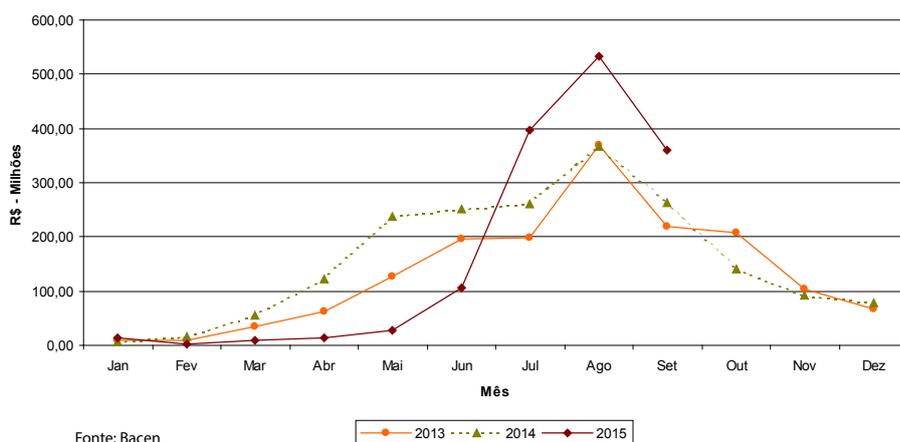


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015



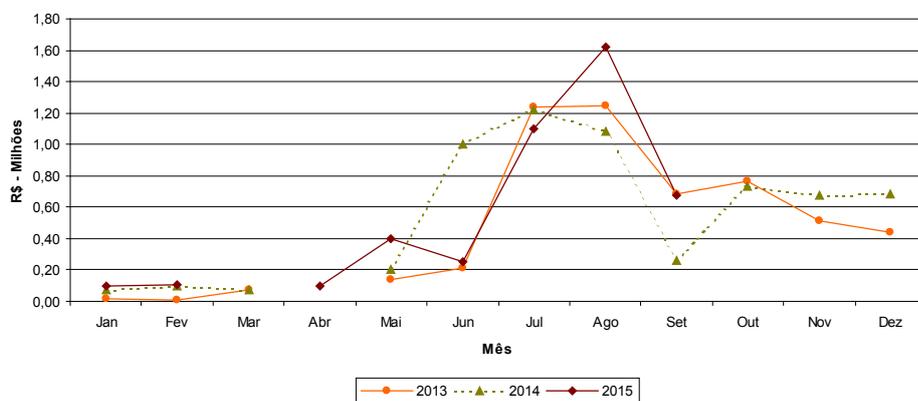
Gráfico 11 – Arroz – Sul - crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

Gráfico 12 – Arroz – Sudeste - crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

A produção de arroz se concentra na Região Sul e o calendário de plantio, no Brasil, tem seu início em setembro e se estende até dezembro. A utilização do crédito na maioria das regiões é a partir de junho e está compatível com o processo de produção. Na Região Sul e Sudeste o crescimento é destaque a partir de julho e agosto. Na Região Nordeste o crescimento em setembro pode ter ocorrido em razão do calendário agrícola e do uso do arroz para abertura de

novas áreas, principalmente na região que integra o Matopiba. O decréscimo de recursos no Centro-Oeste, em 2015, pode indicar a redução do plantio de arroz para abertura de novas áreas, mas persiste a aplicação de recursos na cultura. Na Região Norte, que tem Tocantins e Rondônia como grandes produtores, a disponibilidade de crédito tem em Julho o destaque no aporte de recursos.



7.2. Milho

A Tabela 3 apresenta os valores de crédito por tipo de financiamento para o milho.

Tabela 7 – Milho -tipo de financiamento - crédito

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	94,760	110,327	64,880	29,528	27,278	7,913	129,519	476,370	367,179	192,774	93,984	99,481
Pronamp	76,307	164,616	190,501	69,677	67,530	64,513	69,739	127,948	86,786	53,099	76,464	197,772
Sem Vinc. Espec.	177,725	322,249	430,123	286,503	295,619	394,150	328,763	461,147	317,591	378,552	475,142	737,385
Total Global	348,791	597,191	685,505	385,707	390,426	466,575	528,021	1.065,464	771,556	624,425	645,590	1.034,637
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	101,095	95,940	55,793	46,937	32,484	11,658	169,830	410,262	328,189	163,296	95,006	127,491
Pronamp	168,894	192,567	125,913	92,120	99,270	74,733	70,599	104,459	81,811	48,868	134,026	335,482
Sem Vinc. Espec.	307,599	379,921	293,702	294,414	398,304	317,531	342,905	389,107	299,290	218,811	645,995	1.088,766
Total Global	577,588	668,429	475,408	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set			
Pronaf	115,538	94,193	53,757	41,834	42,738	13,174	167,875	371,616	254,452			
Pronamp	152,397	119,086	93,858	52,737	36,561	35,681	102,689	121,907	81,277			
Sem Vinc. Espec.	355,189	317,768	280,835	166,847	140,260	271,767	364,274	327,897	250,960			
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,838	821,419	586,690			

Fonte: Bacen

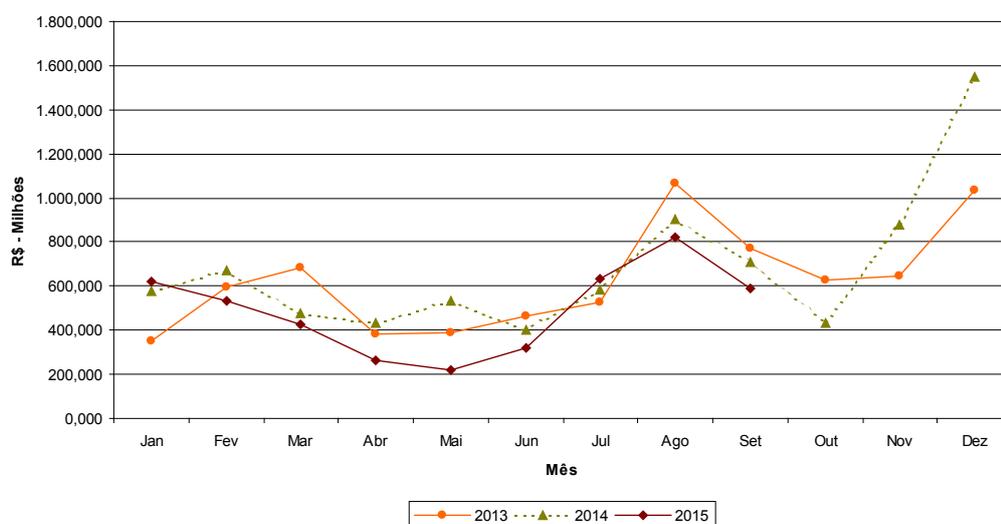
Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

Os Gráficos 13, 14, 15 e 16 apresentam para o milho, o total dos valores disponibilizados e os valores aportados pelos diferentes tipos de financiamento, respec-

tivamente.

Observa-se que o total de crédito disponibilizado em 2015 foi inferior aos anos de 2014 e 2013. Essa situação

Gráfico 13 – Milho – total de investimentos

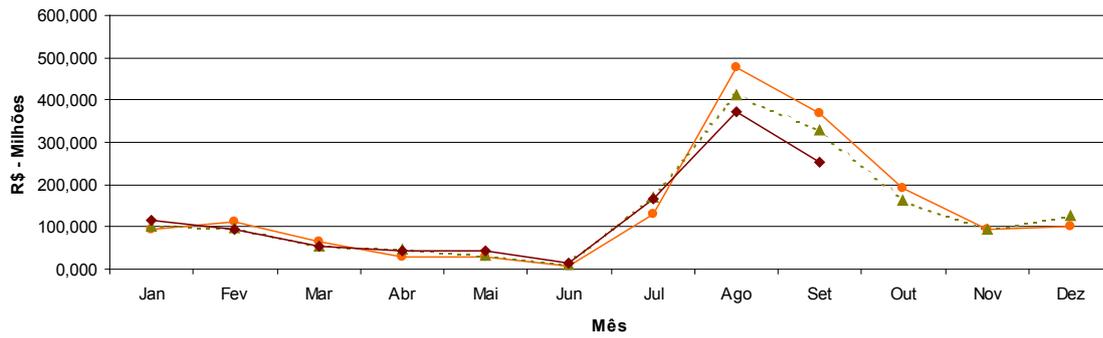


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015



Gráfico 14 – Milho - Pronaf - crédito

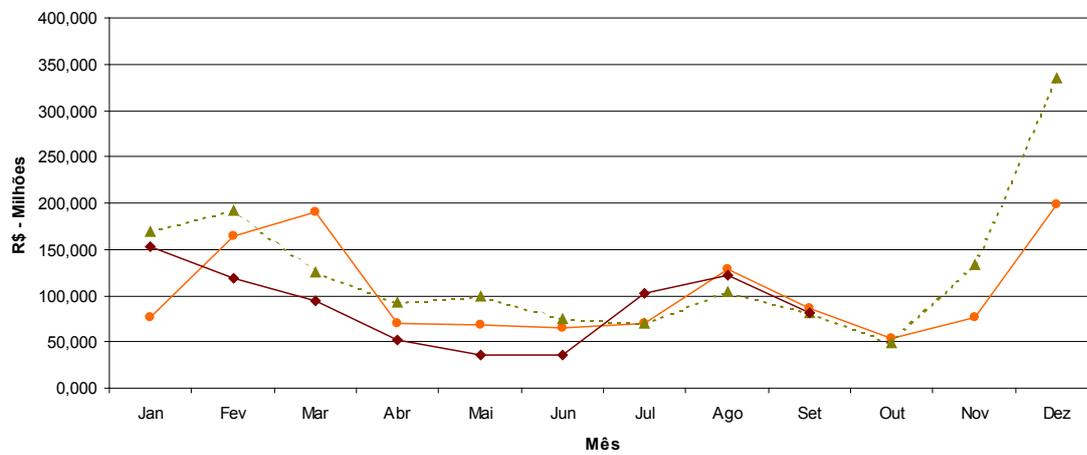


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015



Gráfico 15 – Milho - Pronamp - crédito

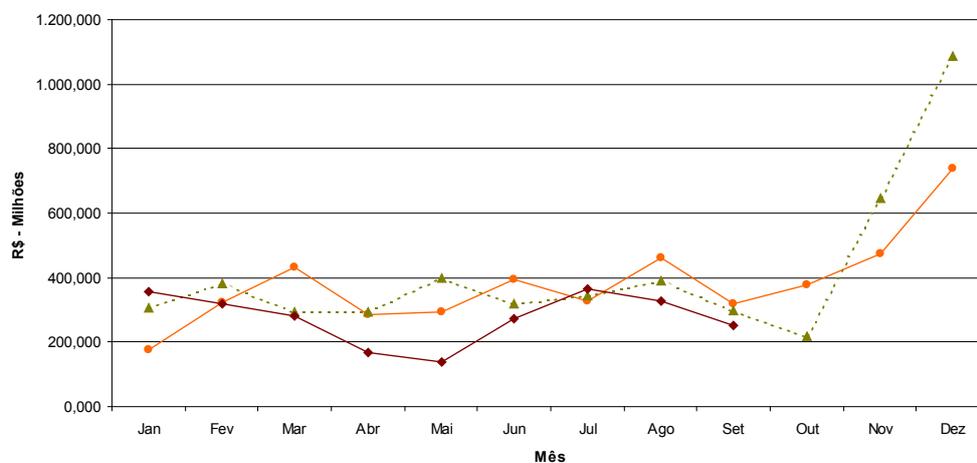


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015



Gráfico 16 – Milho - Financiamento sem vínculo a programa específico - crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015



pode ter relação com a escolha dos produtores em utilizar recursos para o plantio de outras culturas na primeira safra e buscar o crédito no plantio da segunda safra no momento mais oportuno, como se observa no comportamento do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico, com aumento de recursos a partir de outubro em 2014. No Pronaf o aporte de recursos manteve-se, em 2015, um pouco

abaixo do observado em 2014, mas o custeio tem sua indicação para uso na primeira safra do milho.

A Tabela 8 apresenta os valores de crédito disponibilizados por região brasileira exclusivamente para o produto milho.

Tabela 8 – Milho – região - crédito

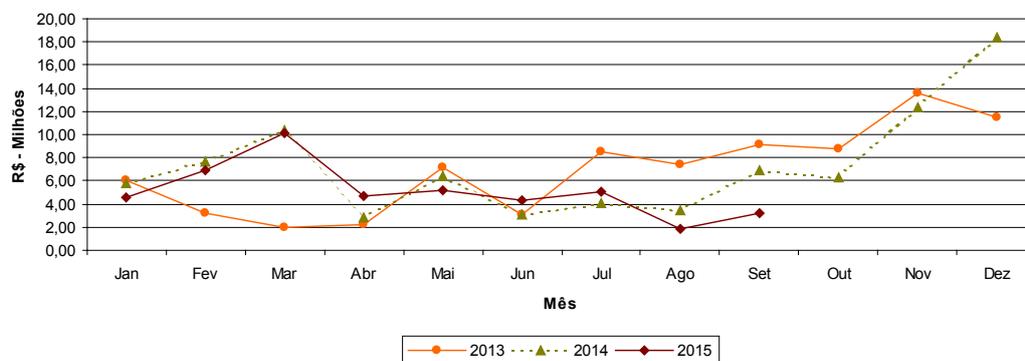
2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	120,181	224,094	320,330	117,933	87,183	98,024	64,033	75,589	72,304	153,529	327,269	531,925
NORDESTE	10,025	13,559	30,063	79,814	102,665	45,567	54,795	55,191	54,158	54,443	39,019	69,658
NORTE	6,039	3,286	1,915	2,271	7,102	3,067	8,543	7,380	9,175	8,780	13,622	11,465
SUDESTE	35,628	52,045	78,655	72,760	94,448	182,609	122,522	162,823	128,272	132,479	108,360	135,534
SUL	176,918	304,208	254,542	112,930	99,029	137,308	278,129	764,481	507,646	275,194	157,320	286,055
Total Global	348,791	597,191	685,505	385,707	390,426	466,575	528,021	1.065,464	771,556	624,425	645,590	1.034,637
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	220,151	269,878	173,985	140,631	121,465	62,705	47,372	39,945	49,958	68,619	498,822	862,397
NORDESTE	13,321	22,046	49,362	94,642	96,355	60,182	70,253	117,419	80,892	32,516	36,469	48,689
NORTE	5,845	7,690	10,312	2,850	6,476	3,084	4,131	3,475	6,852	6,240	12,368	18,411
SUDESTE	57,542	89,401	76,832	81,649	135,979	140,898	139,337	139,967	117,418	114,752	106,650	165,469
SUL	280,730	279,414	164,917	113,698	169,782	137,054	322,240	603,021	454,170	208,847	220,719	456,774
Total Global	577,588	668,429	475,408	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739
2015												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set			
CENTRO OESTE	264,863	233,281	194,520	97,574	65,864	81,334	73,943	56,197	39,643			
NORDESTE	23,796	18,403	39,158	84,752	85,859	133,757	60,798	45,551	33,419			
NORTE	4,593	6,864	10,150	4,652	5,160	4,317	5,097	1,912	3,198			
SUDESTE	71,788	51,920	60,595	31,832	32,355	41,872	117,257	129,865	150,963			
SUL	258,085	220,578	124,027	42,606	30,321	59,342	377,742	587,894	359,467			
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,838	821,419	586,690			

Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

Os Gráficos 17, 18, 19, 20 e 21 apresentam para o produto milho os valores disponibilizados nas diferentes regiões brasileiras.

Gráfico 17 – Milho – Norte - crédito

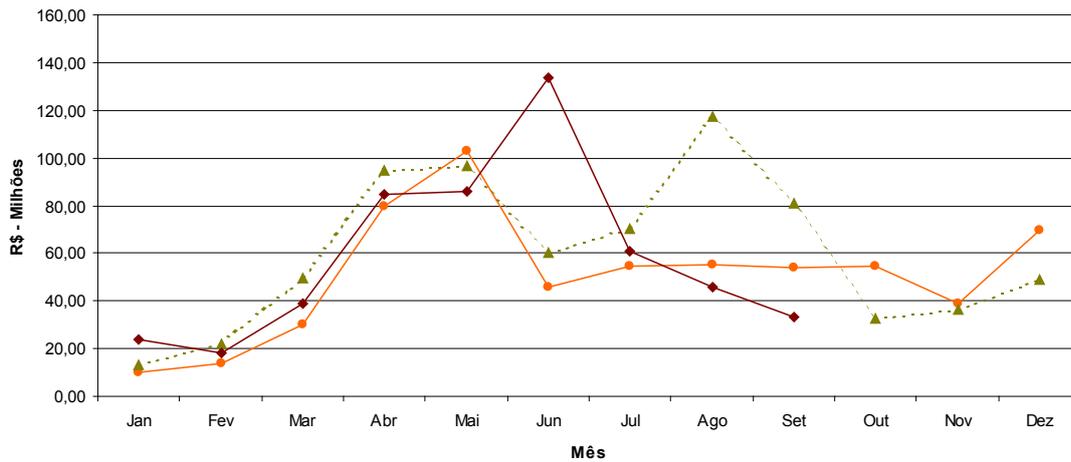


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015



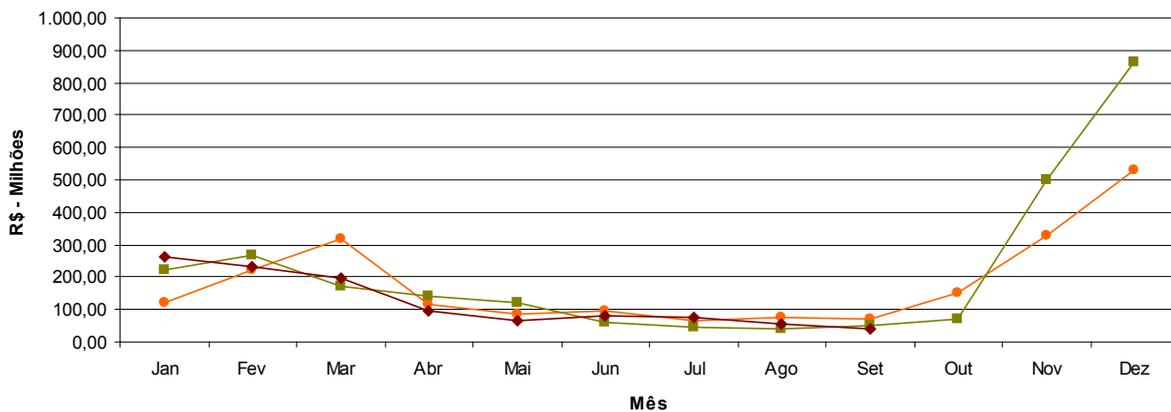
Gráfico 18 – Milho – Nordeste - crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

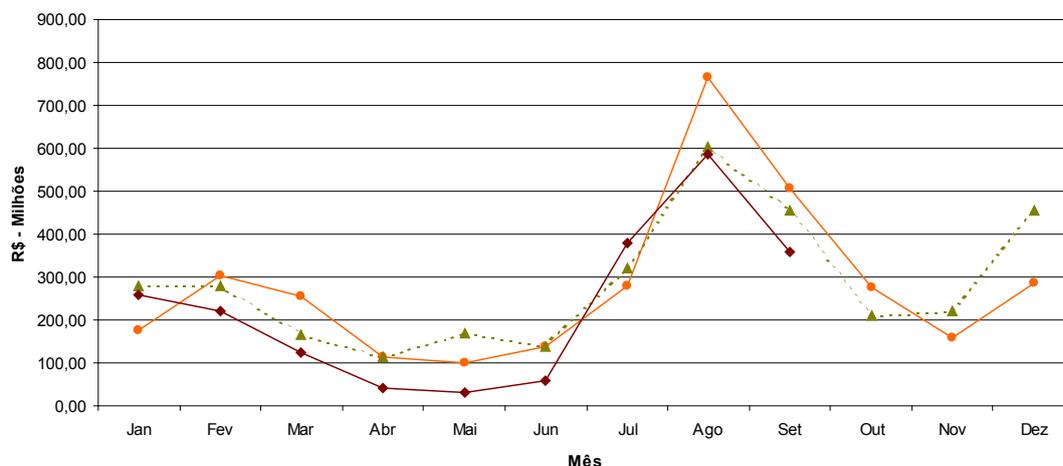
Gráfico 19 – Milho - Centro-Oeste – crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

Gráfico 20 – Milho - Sul – crédito

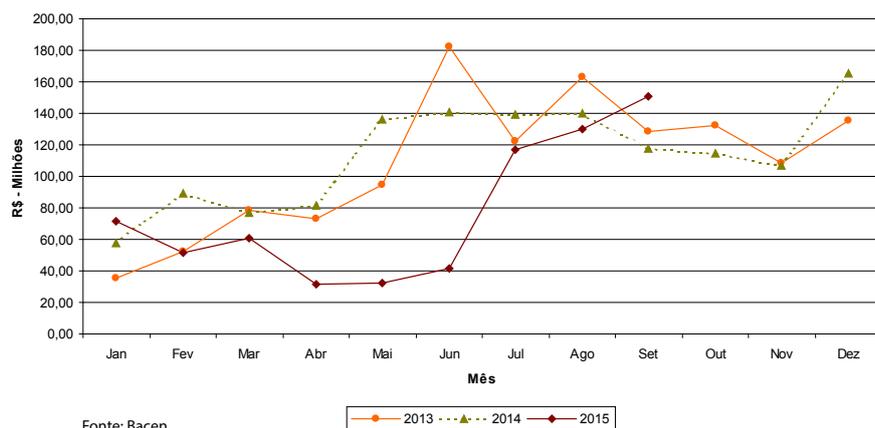


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015



Gráfico 21 – Milho - Sudeste – crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

O calendário de plantio do milho primeira safra, no Centro-Sul, tem, no geral, o início em agosto e término em dezembro. Outro aspecto da cultura é que a segunda safra de milho tem sido de maior destaque no total da produção, especialmente na Região

Centro-Oeste e no Paraná. Nesse contexto, o uso do crédito é compatível com a situação observada. Observa-se que em todas as regiões houve redução de crédito utilizado pelos produtores, em comparação com os anos sob análise.

7.3. Soja

A Tabela 9 apresenta os valores de crédito por tipo de financiamento exclusivamente para o produto soja.

Tabela 9 – Soja - tipo de financiamento – crédito– de janeiro/2013 a setembro/2015

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	4,751	1,467	0,726	1,139	2,653	3,576	193,777	650,843	511,937	253,622	103,297	42,797
Pronamp	3,747	8,702	67,202	161,695	290,483	411,627	365,986	635,072	435,021	274,779	115,944	57,234
Sem Vinc. Espec.	87,403	165,000	667,282	867,817	1.283,480	1.457,875	1.388,044	2.048,040	1.204,513	938,132	553,577	566,786
Total Global	95,901	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.873,078	1.947,807	3.333,954	2.151,471	1.466,533	772,818	666,817
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	7,152	1,390	0,600	2,495	3,734	5,024	328,436	793,491	611,334	266,895	110,274	52,087
Pronamp	6,757	35,632	112,346	349,010	581,654	582,200	490,606	642,244	518,389	260,953	122,278	70,652
Sem Vinc. Espec.	116,860	339,208	866,351	1.451,881	1.936,186	1.902,243	1.876,182	2.368,613	1.528,595	985,373	643,021	445,484
Total Global	130,769	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,224	3.804,347	2.658,318	1.513,220	875,573	568,224
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set			
Pronaf	7,669	6,436	0,128	0,511	7,157	6,532	522,455	1.038,636	642,579			
Pronamp	9,614	6,752	3,944	10,889	99,323	231,376	1.454,922	1.196,288	730,085			
Sem Vinc. Espec.	86,447	90,232	156,357	254,010	447,871	1.565,768	4.100,318	3.436,310	2.091,193			
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.803,676	6.077,695	5.671,234	3.463,857			

Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

Os Gráficos 22, 23, 24 e 25 apresentam os valores aportados pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.



Gráfico 22 – Soja – total de financiamento

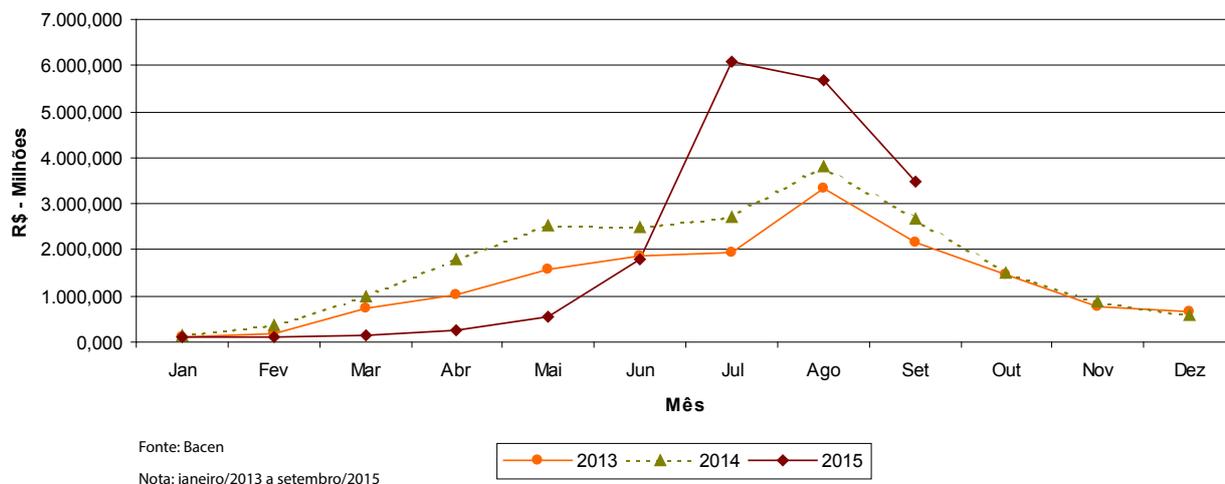


Gráfico 23 – Soja – Pronaf - crédito

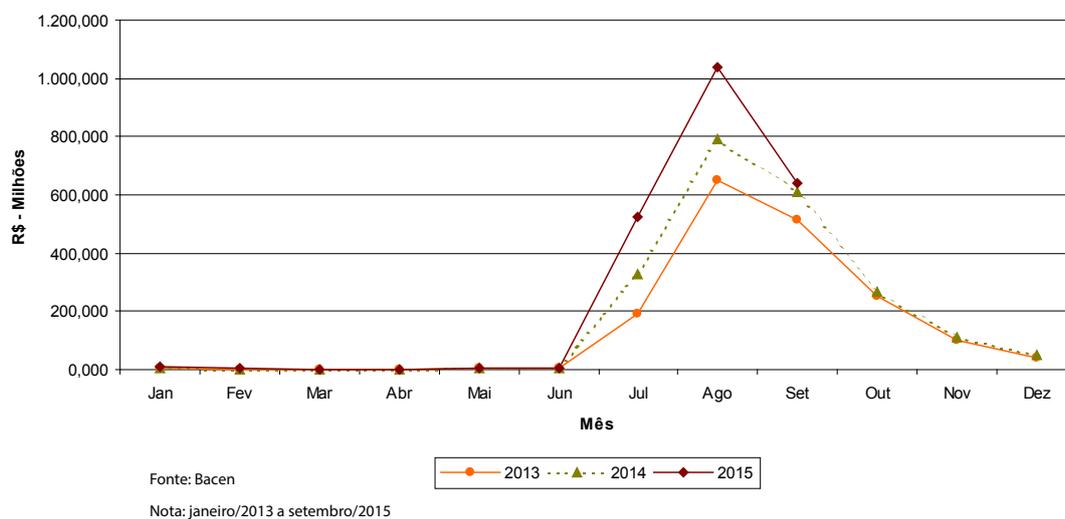


Gráfico 24 – Soja – Pronamp - crédito

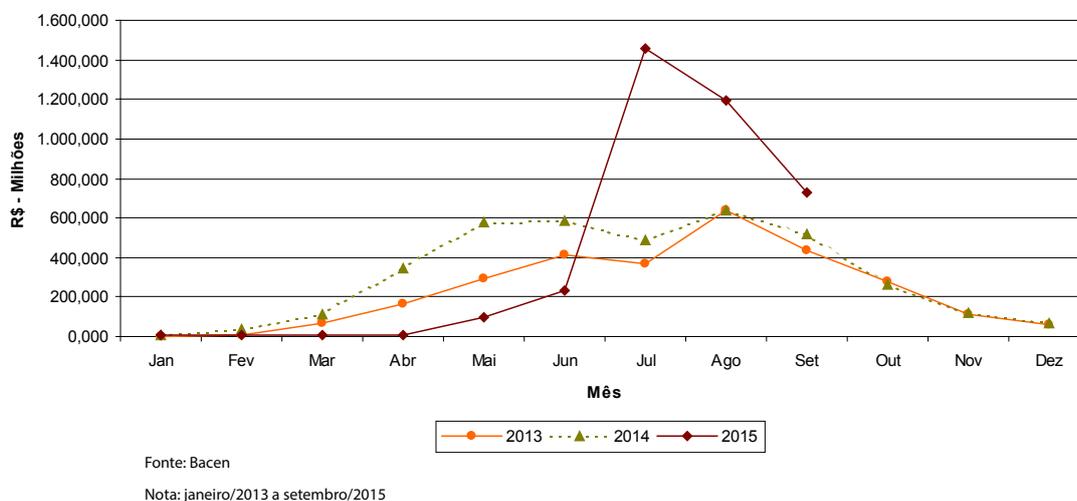
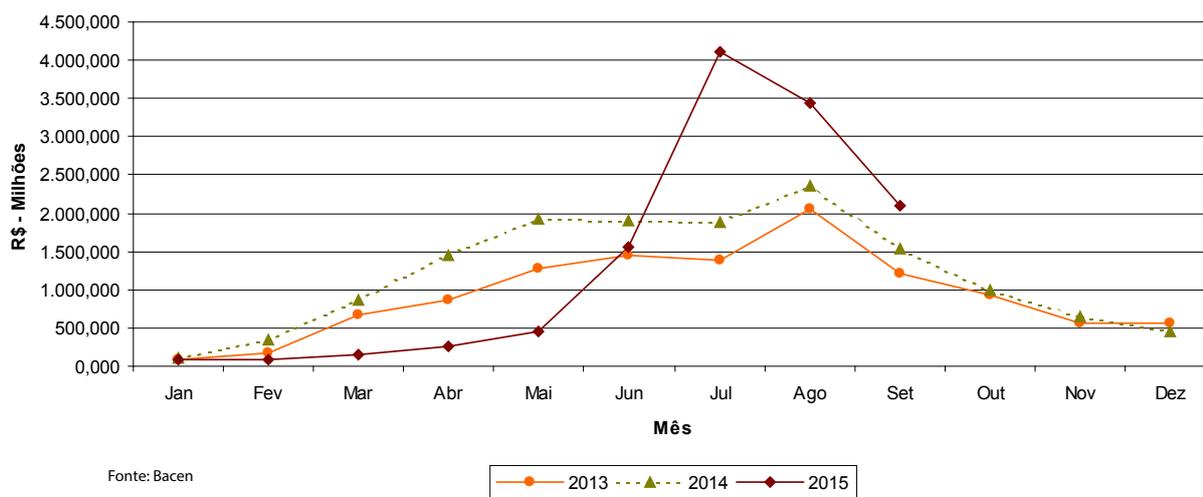


Gráfico 25 – Soja – financiamento sem vínculo a programa específico - crédito



A disponibilidade de crédito mostra-se superior em 2015 em comparação com os anos sob análise. O que caracteriza o comportamento das diversas fontes é a semelhança no aumento do uso de recursos a partir de junho de 2015, diferente do observado nos anos

anteriores quando havia tendência de distribuição no uso do financiamento.

A Tabela 10 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira exclusivamente para o produto soja.

Tabela 10 – Soja – região – crédito

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	35,905	110,754	524,185	672,335	814,239	881,406	622,211	1.025,952	609,097	459,701	262,309	222,490
NORDESTE	32,359	34,892	78,033	92,946	240,253	169,315	218,296	228,489	141,026	142,713	117,718	215,757
NORTE	4,310	8,610	13,671	17,962	45,696	77,326	60,380	77,688	52,060	55,856	43,585	27,923
SUDESTE	9,997	10,279	38,501	77,400	109,654	169,760	157,794	209,024	170,995	157,027	81,475	67,463
SUL	13,330	10,634	80,819	170,007	366,774	575,272	889,125	1.792,802	1.178,293	651,237	267,731	133,184
Total Global	95,901	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.873,078	1.947,807	3.333,954	2.151,471	1.466,533	772,818	666,817

2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	76,564	263,735	702,900	1.135,652	1.290,315	1.066,417	876,847	1.108,621	730,478	498,477	264,125	187,272
NORDESTE	14,973	64,798	95,823	128,377	191,944	288,758	281,977	485,079	205,418	164,310	171,962	125,441
NORTE	12,202	16,982	24,083	37,368	101,423	108,502	101,412	112,183	119,016	64,015	35,864	29,611
SUDESTE	11,854	7,422	49,493	137,143	249,336	235,943	237,254	225,144	211,012	148,142	110,989	67,277
SUL	15,176	23,293	106,999	364,848	688,555	789,847	1.197,734	1.873,321	1.392,394	638,276	292,632	158,624
Total Global	130,769	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,224	3.804,347	2.658,318	1.513,220	875,573	568,224

2015									
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
CENTRO OESTE	48,069	51,653	82,897	186,296	217,873	708,331	2.542,889	1.791,396	1.078,000
NORDESTE	14,388	17,983	38,097	28,074	68,475	441,807	393,683	489,228	315,707
NORTE	4,555	5,917	15,889	13,482	42,542	106,487	208,843	179,841	121,228
SUDESTE	19,725	7,267	10,800	9,050	29,431	118,105	451,691	410,589	375,799
SUL	16,993	20,600	12,745	28,508	196,030	428,947	2.480,588	2.800,180	1.573,122
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.803,676	6.077,695	5.671,234	3.463,857

Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015



Os Gráficos 26 a 30 apresentam para o produto soja os valores aportados nas diversas regiões brasileiras.

Gráfico 26 – Soja – Norte - crédito

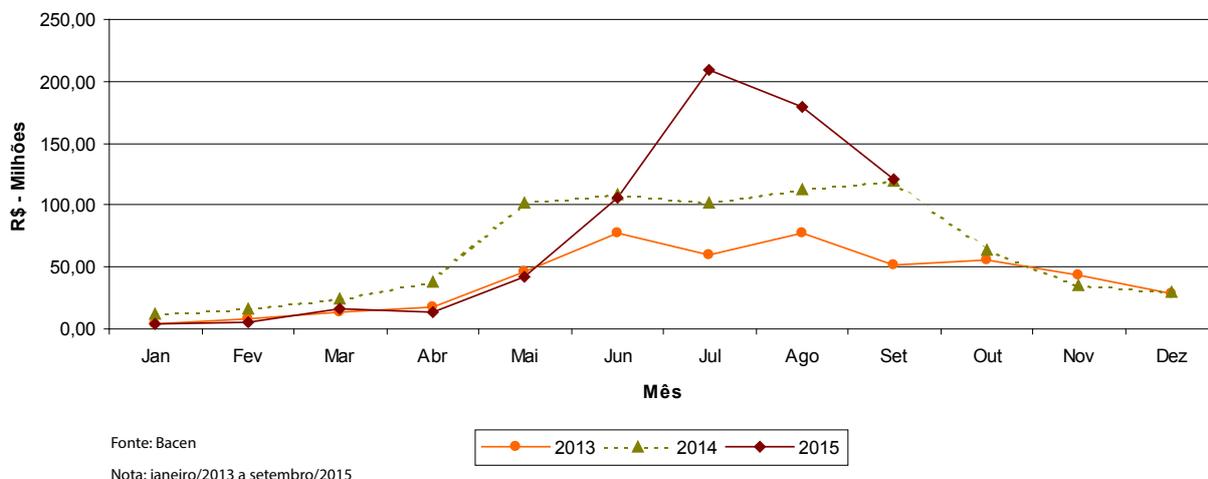


Gráfico 27 – Soja – Nordeste - crédito

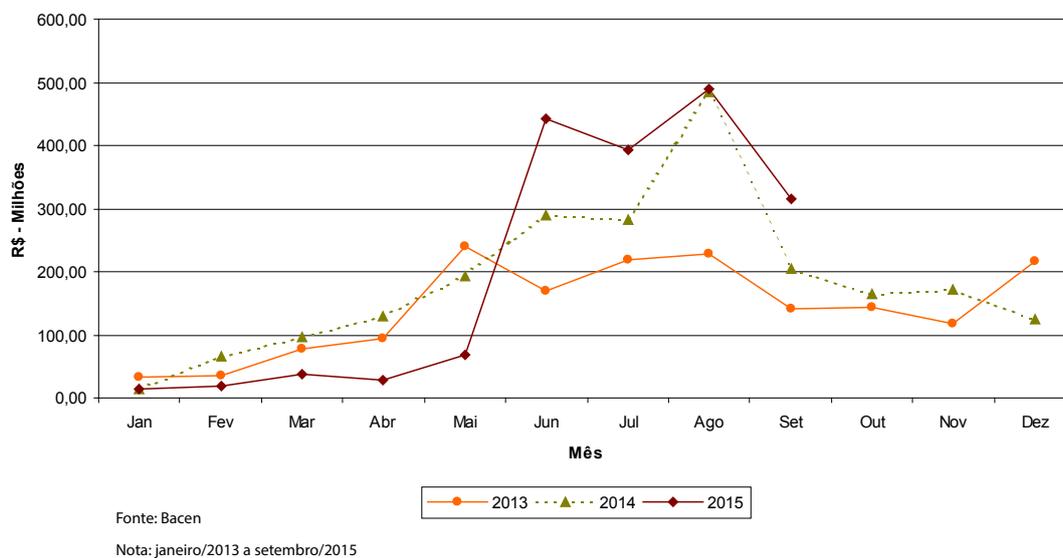


Gráfico 28 – Soja – Centro-Oeste - crédito

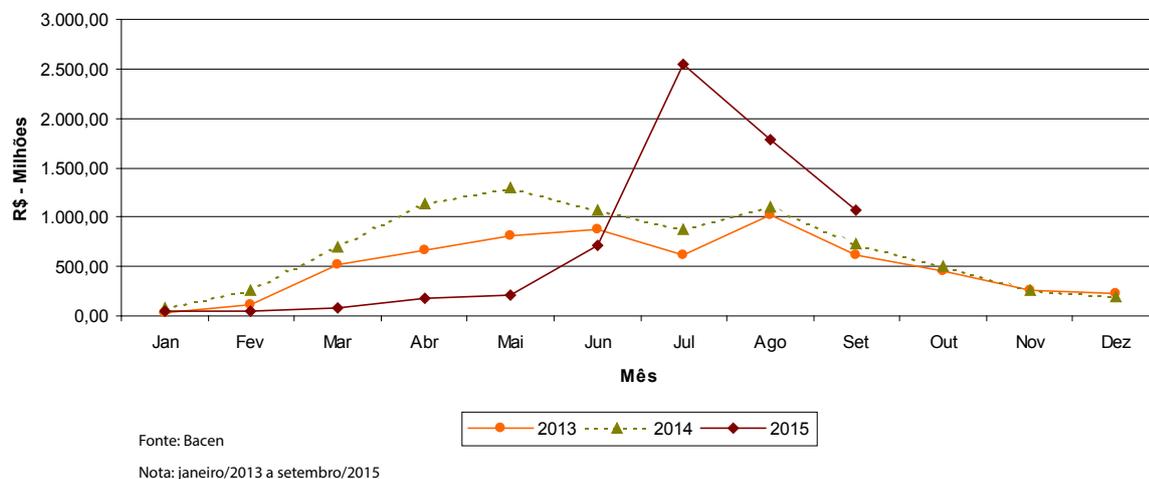


Gráfico 29 – Soja – Sul - crédito

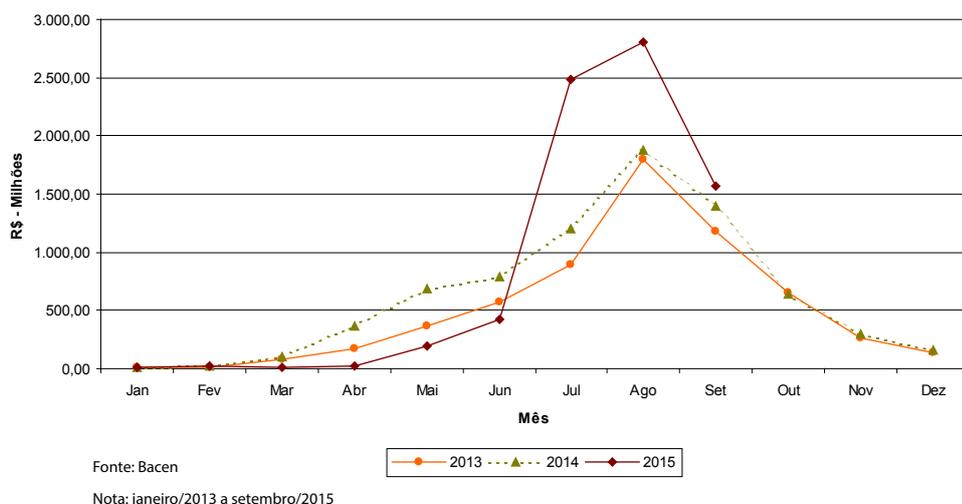
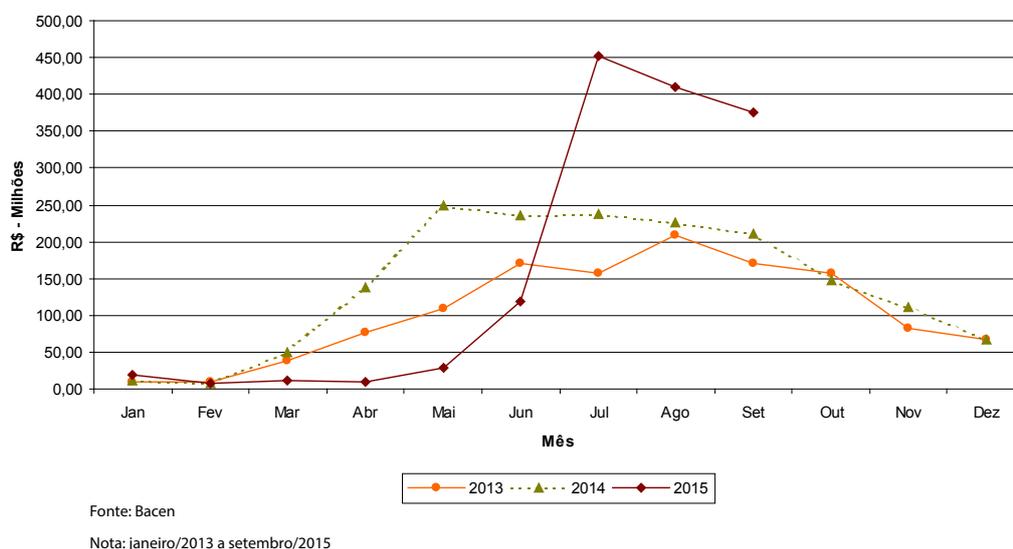


Gráfico 30 – Soja – Sudeste - crédito



Observa-se que a soja tem ocupado o espaço de diversas culturas no quadro de produção nacional. O comportamento da disponibilidade do crédito em 2014, bem superior a 2013 corrobora com tal afirmativa. A situação do financiamento em 2015 demonstra a ten-

dência de escolha pelo produtor. A produção de soja se concentra no Centro-Oeste e no Sul, com aumento significativo em todas as regiões geográficas. O comportamento da utilização do crédito é compatível com o calendário de plantio.

7.4. Algodão

A Tabela 11 apresenta os valores de crédito por tipo de

financiamento exclusivamente para o algodão.



Tabela 11 –Algodão - tipo de financiamento– crédito

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf		0,006	0,020						0,008			0,005
Pronamp				0,372				1,460		0,700		0,163
Sem Vinc. Espec.	33,200	29,045	71,946	95,770	126,901	163,411	145,351	287,324	203,751	208,589	148,395	225,588
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf									0,009			
Pronamp							0,804	0,582	0,806	0,236		
Sem Vinc. Espec.	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	156,378	405,927	228,477	228,401	171,773	161,617
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set			
Pronaf												
Pronamp								1,643	0,283			
Sem Vinc. Espec.	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	164,627	213,472			
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	166,270	213,755			

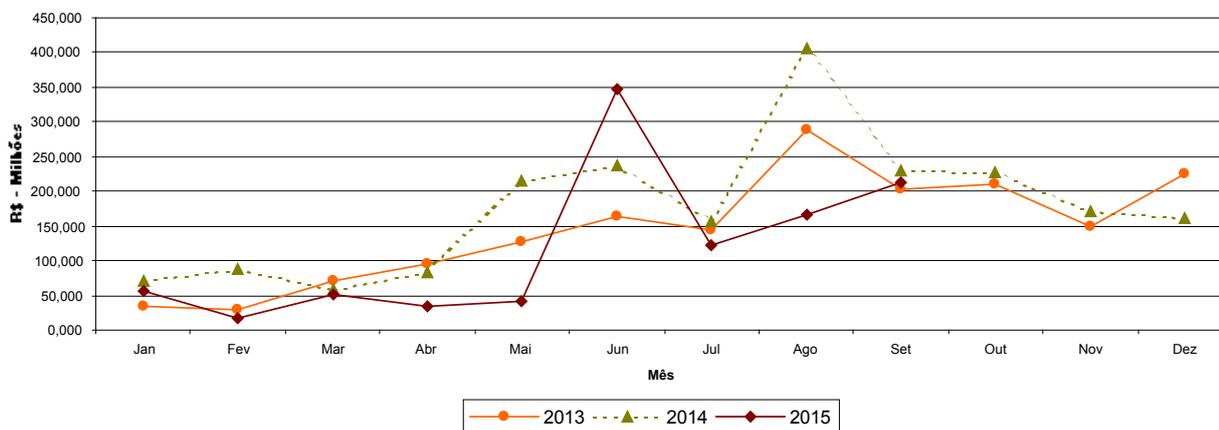
Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

Como observado na Tabela 11, a parte majoritária dos aportes financeiros para a lavoura de algodão está sob o tipo de financiamento sem vínculo específico

com programa. Apresentam-se, a seguir, apenas os Gráficos 31 e 32.

Gráfico 31 – Algodão – total de financiamento

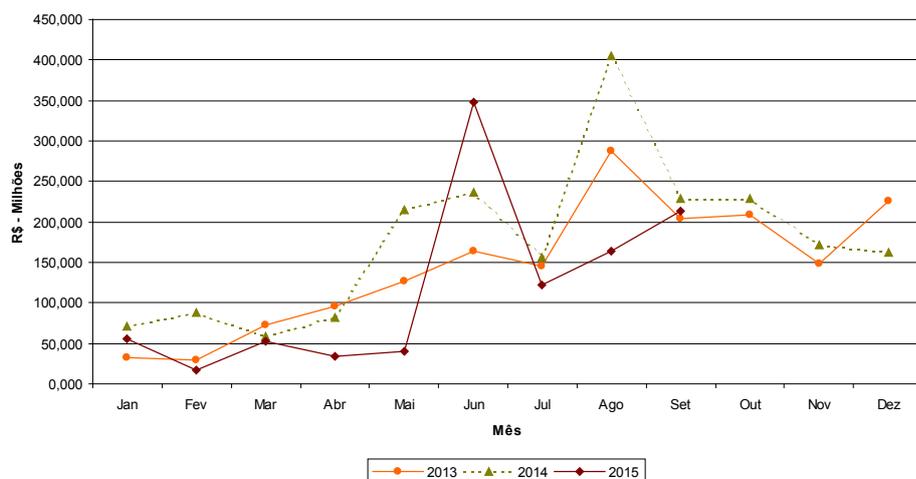


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015



Gráfico 32 – Algodão - financiamento sem vínculo a programa específico - crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

Os valores disponibilizados em 2015 são inferiores a 2014 e 2013. Assim como nas análises anteriores, observa-se comportamento de uso de crédito diferente no ano de 2015, neste caso com pico de utilização em junho.

A Tabela 12 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira exclusivamente para o produto algodão.

Tabela 12 – Algodão - região - crédito

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	1,629	21,755	41,968	37,799	39,788	90,226	117,816	152,098	97,980	61,292	61,102	103,663
NORDESTE	31,280	5,970	29,978	55,002	80,734	64,153	27,535	134,086	100,369	135,010	74,840	116,812
NORTE								0,200	0,472		3,335	
SUDESTE	0,291	1,326	0,020	3,341	6,379	9,032		2,399	4,939	12,987	9,117	5,280
SUL												
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	57,572	27,327	18,196	42,694	141,080	140,257	107,795	115,838	126,459	63,841	79,957	56,890
NORDESTE	11,740	59,255	40,423	36,526	55,851	93,581	44,369	285,294	90,717	161,713	83,340	82,516
NORTE					0,648		2,400	3,681	0,664	1,000	3,625	12,775
SUDESTE	1,449	0,951	0,878		17,765	2,954	2,618	1,697	11,452	2,084	4,851	9,436
SUL				2,803								
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617
2015												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set			
CENTRO OESTE	16,197	13,260	26,243	31,653	23,459	107,714	91,062	41,206	120,830			
NORDESTE	39,099	3,539	15,167	1,907	17,363	239,635	31,339	124,119	79,587			
NORTE	0,203					0,996			3,937			
SUDESTE	0,695		10,720				1,313	0,945	10,600			
SUL												
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	166,270	213,755			

Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015



Observa-se que a maior parte do crédito disponibilizado está retido nas Regiões Centro-Oeste e Nordes-

te. A seguir os Gráficos 33 e 34 ilustram graficamente os valores mensais aportados nessas regiões.

Gráfico 33 – Algodão – Centro-Oeste - crédito

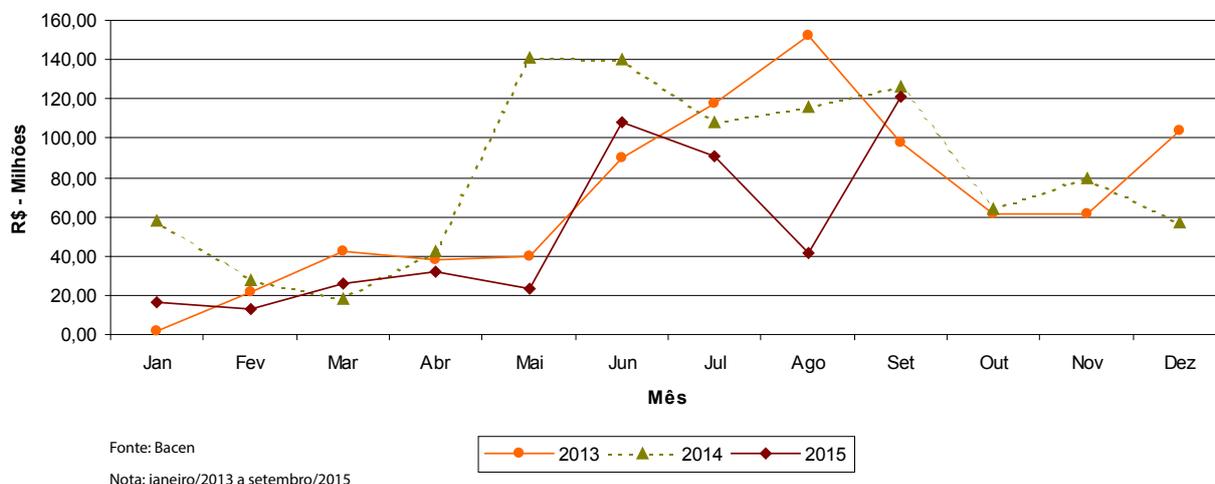
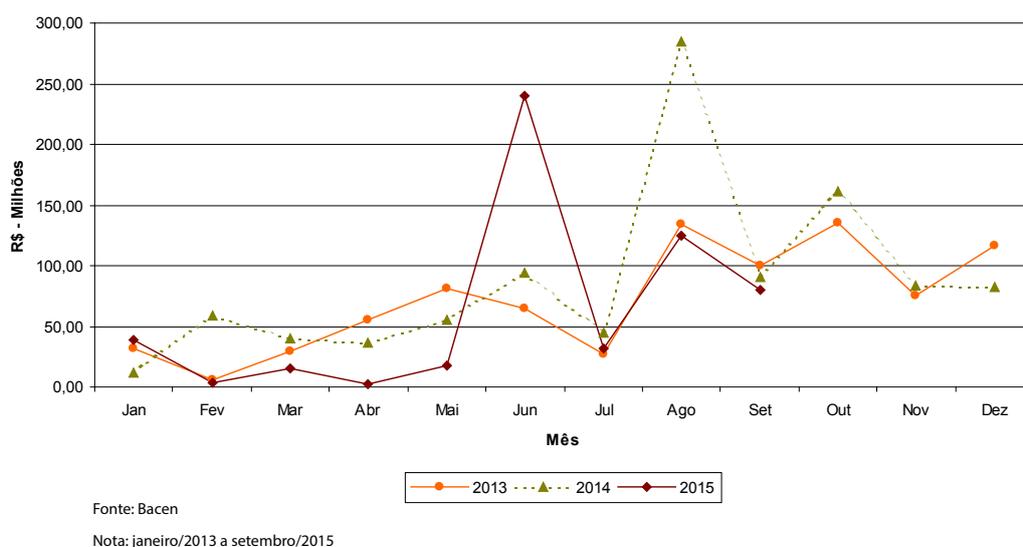


Gráfico 34 – Algodão – Nordeste - crédito



A Bahia e o Mato Grosso detém 85% da produção nacional de algodão. Na Região Centro-Oeste, principalmente no Mato Grosso, já se observa a migração de cultivo do algodão para a segunda safra. Pode-se explicar a utilização dos recursos em junho como parte

do processo de compra antecipada de insumos com vistas à redução de custos. Pode-se deduzir que os valores e a temporalidade do uso de recursos estão compatíveis com o calendário dessa cultura.

7.5. Feijão

A Tabela 13 apresenta os valores de crédito por tipo

de financiamento exclusivamente para o produto feijão.



Tabela 13 – Feijão - tipo de financiamento - crédito

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	3,895	6,940	4,002	2,206	2,389	0,541	4,575	17,179	22,848	16,103	6,859	4,307
Pronamp	2,495	5,748	3,732	1,233	2,035	2,906	5,363	10,189	9,441	8,264	3,572	3,593
Sem Vinc. Espec.	7,364	16,634	21,555	19,917	23,364	29,409	38,713	66,742	46,722	44,368	30,054	33,382
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283

2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	15,007	14,901	5,205	3,306	2,174	0,460	4,432	12,816	17,186	10,065	5,275	3,912
Pronamp	9,034	10,670	7,318	5,259	4,188	4,164	3,798	6,886	6,032	4,294	3,251	5,807
Sem Vinc. Espec.	23,971	29,345	31,637	22,023	32,819	28,290	26,930	29,101	25,458	20,783	24,061	31,521
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241

2015									
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Pronaf	13,017	11,865	4,540	3,606	3,032	0,558	6,152	13,978	15,270
Pronamp	6,516	8,595	3,306	2,285	2,162	2,343	8,414	10,391	7,891
Sem Vinc. Espec.	15,064	26,196	16,968	19,751	23,232	27,979	26,652	33,920	24,491
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,218	58,288	47,652

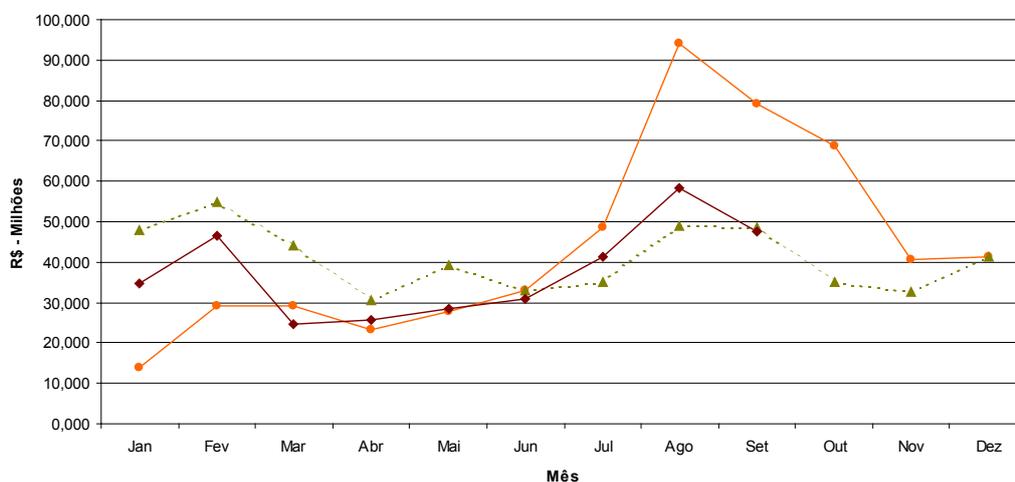
Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

Os Gráficos 35 a 38 apresentam o total dos valores disponibilizados para o feijão e os valores aportados

pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.

Gráfico 35 – Feijão – Total de financiamento

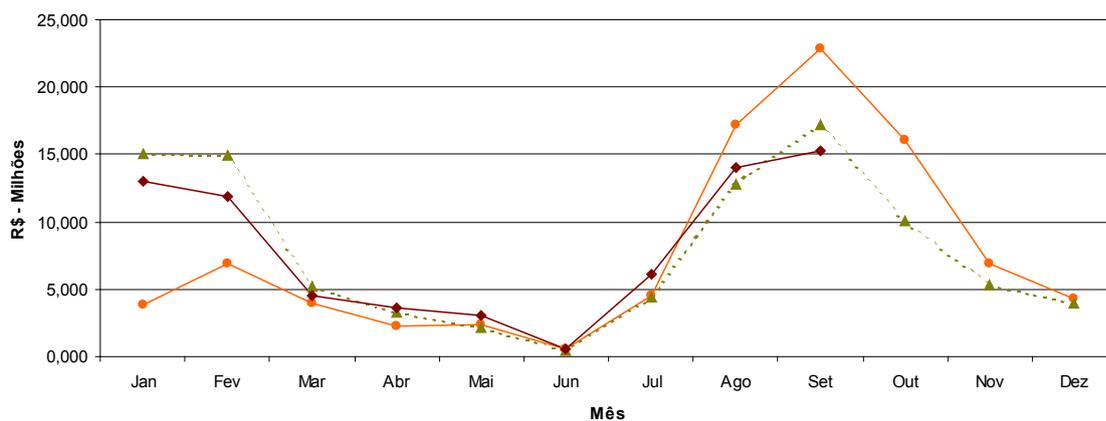


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015



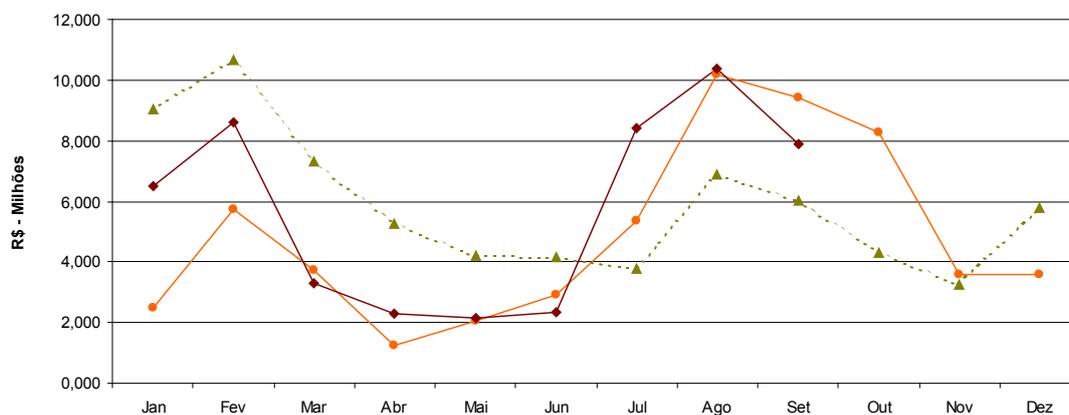
Gráfico 36 – Feijão – Pronaf – crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

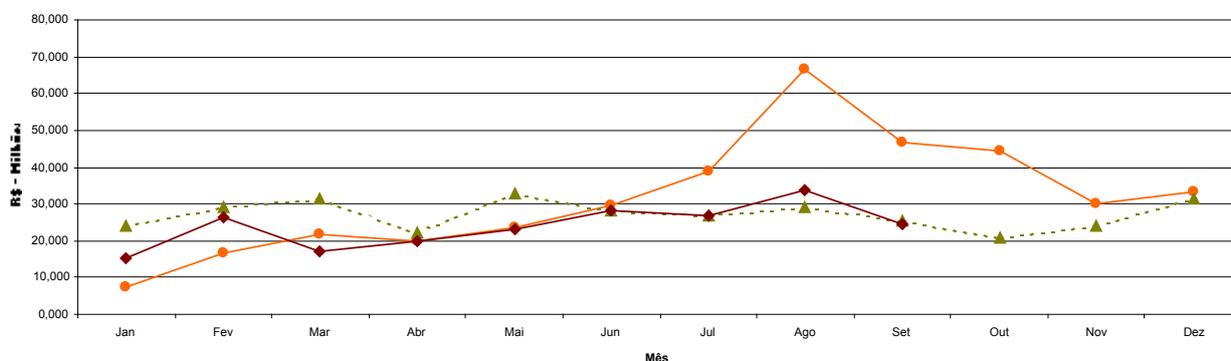
Gráfico 37 – Feijão – Pronamp – crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

Gráfico 38 – Feijão – financiamento sem vínculo a programa específico – crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015



A disponibilização de crédito no ano de 2015 é inferior a 2013 e 2014, para o período de janeiro a setembro. Os valores relativos a Pronaf têm comportamento semelhante e sua utilização é inferior se comparada com o período sob análise. Sob a ótica dos recursos do Pronamp, os valores concedidos entre janeiro e junho de 2015 foram substancialmente menores em relação aos valores de 2014. Mesmo com o incremento em ju-

lho e agosto de 2015, o valor total utilizado é inferior ao ano de 2014. O tipo de financiamento sem vínculo a programa específico o crédito concedido é inferior a 2014.

A Tabela 14 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira exclusivamente para o produto feijão.

Tabela 14 – Feijão -região - crédito

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	0,177	4,757	4,002	3,367	9,318	9,762	7,092	13,347	9,786	10,195	12,649	15,865
NORDESTE	0,639	5,128	1,461	1,902	3,493	1,742	2,097	5,982	8,246	2,680	1,800	2,591
NORTE	0,003		0,505	0,509	1,002	0,536	0,300	0,370		0,500		
SUDESTE	6,764	7,291	17,144	15,823	12,892	18,097	24,360	25,284	14,861	21,515	9,640	10,445
SUL	6,170	12,147	6,177	1,756	1,083	2,719	14,802	49,127	46,118	33,845	16,397	12,382
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	3,803	6,466	4,367	5,352	9,609	4,528	9,327	11,677	6,153	6,590	7,819	11,157
NORDESTE	0,311	2,167	2,513	2,207	4,082	1,764	1,349	3,260	2,238	1,974	1,715	3,226
NORTE	0,264	1,974	1,000	0,595	0,219	0,201	0,550		0,083	0,200		
SUDESTE	15,758	20,118	25,800	17,480	19,401	20,185	13,407	9,205	7,821	7,122	8,503	16,431
SUL	27,877	24,192	10,479	4,954	5,870	6,236	10,527	24,661	32,381	19,256	14,549	10,427
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241
2015												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set			
CENTRO OESTE	1,607	7,313	3,800	4,610	9,848	7,184	4,537	5,428	2,849			
NORDESTE	0,549	0,790	1,619	4,279	2,811	0,559	3,190	3,106	1,628			
NORTE		2,163	1,095	0,431	0,311	0,959						
SUDESTE	6,917	10,109	11,327	14,480	13,239	20,497	15,268	14,482	10,193			
SUL	25,525	26,279	6,972	1,843	2,216	1,680	18,222	35,272	32,981			
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,218	58,288	47,652			

Fonte: Bacen

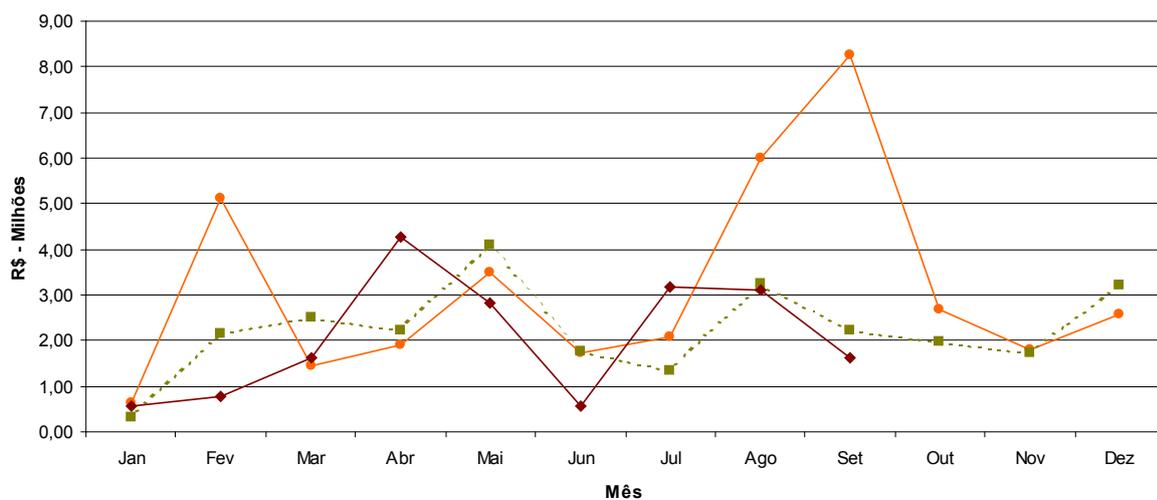
Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

Os Gráficos 39, 40, 41 e 42 apresentam os valores aportados nas diferentes regiões brasileiras(exceto a

região Norte, na qual, o aporte é de magnitude diminuta).



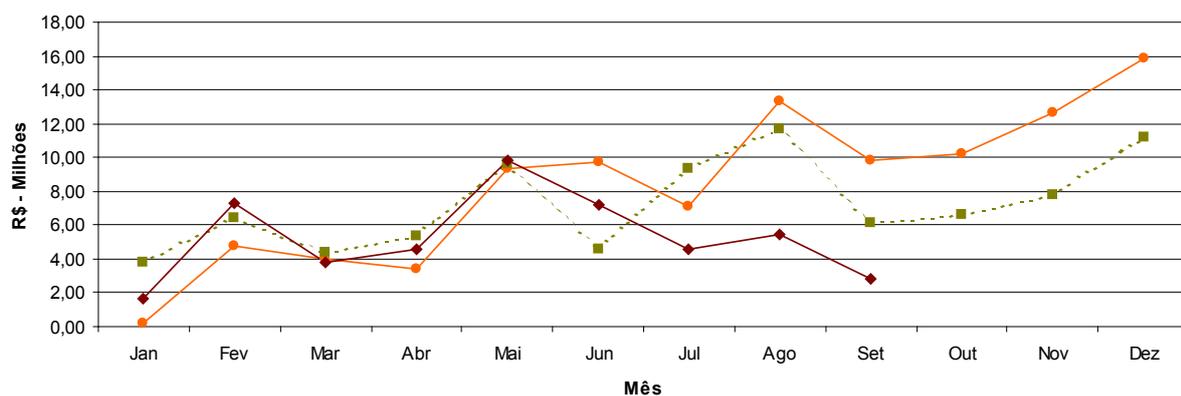
Gráfico 39 – Feijão – Nordeste – crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

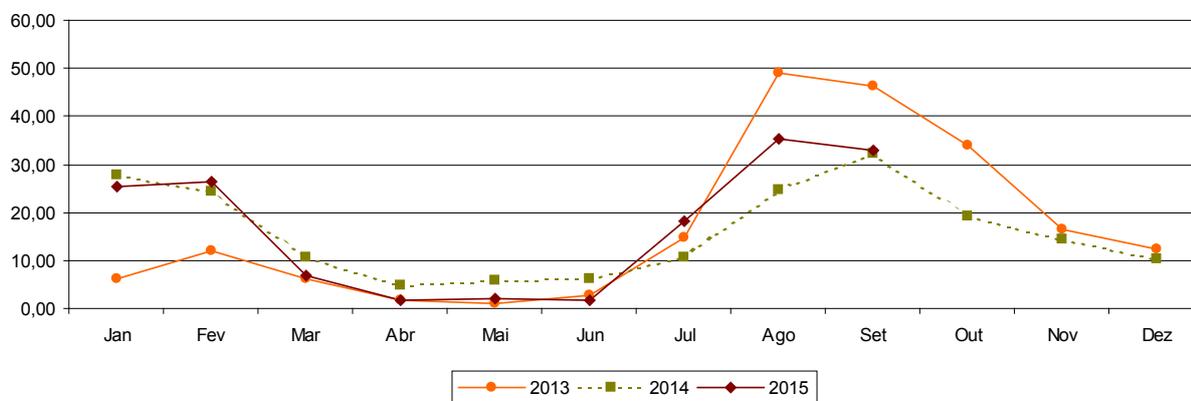
Gráfico 40 – Feijão – Centro-Oeste – crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

Gráfico 41 – Feijão – Sul – crédito

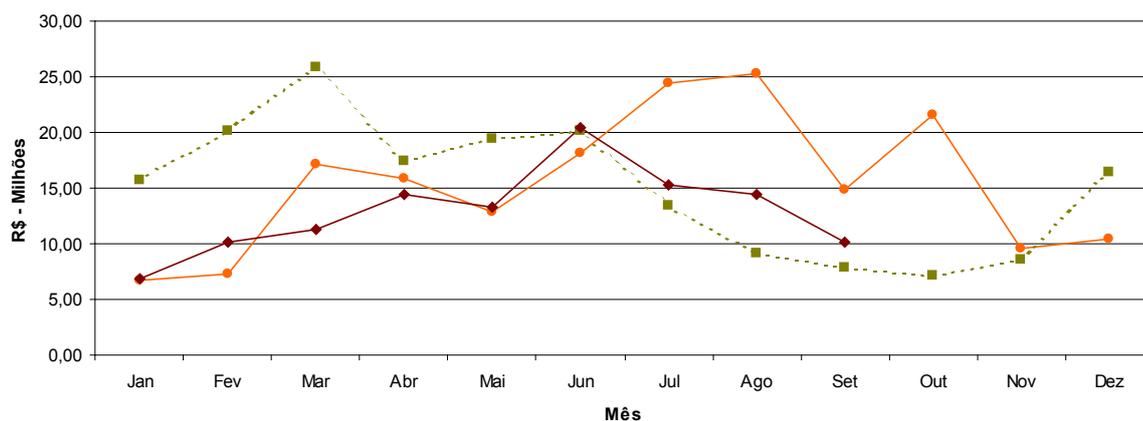


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015



Gráfico 42 – Feijão – Sudeste



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a setembro/2015

A cultura do feijão primeira safra tem o seu plantio de outubro a dezembro. Os altos riscos inerentes ao cultivo do feijão somados à dificuldade de comercialização e aos preços competitivos de outras culturas têm influenciado a produção do feijão nacional. Os principais estados produtores são: Paraná, Minas Ge-

rais, Bahia, Goiás e Santa Catarina. Como o calendário da primeira safra inicia em outubro, pode-se inferir que os recursos utilizados a partir de junho são para atender tal plantio. Nessa perspectiva, apenas na região Centro-Oeste há redução da utilização do crédito a partir de julho, em comparação a 2014.

7.6. Informações a respeito da liberação de crédito em 2015

No Acre, os maiores entraves para a liberação de crédito são, segundo os produtores, a burocracia, os critérios para a disponibilidade dos recursos e tempo até a sua liberação. Existem relatos de que agentes financeiros incluem exigências relacionadas com a legislação ambiental, que incluem a apresentação do Cadastro Ambiental Rural (CAR)

No Amazonas, não foi identificada nenhuma operação de crédito para investimento e custeio de grãos (arroz, milho e feijão). O crédito tem sido direcionado para a piscicultura, a formação de pastagem e a bovinocultura (mista e leite).

A liberação do crédito para custeio atrasou em Goiás, começando a ser liberado em julho, enquanto que, para investimento os produtores acusaram retenção, contingenciamento e excesso de exigências para liberação. O recurso mais utilizado ainda é o FCO, com juros de 7,3%. Há relatos de que créditos referentes aos programas ABC e PCA praticamente não foram disponibilizados pelos agentes financeiros. Houve redução pelos bancos dos limites bancários e há registros de aumento do nível de garantias para o produtor.

No Mato Grosso foi observada dificuldade de acesso ao crédito de custeio, em razão das exigências por partes dos bancos. Há informações de atraso na liberação do crédito.

No Mato Grosso do Sul a grande maioria dos aportes financeiros de crédito agrícola no estado é para o custeio da safra. Na safra atual houve demora para a liberação do custeio que normalmente acontece em fevereiro e março, visto que esse ano foi liberado em junho, julho e agosto, o que poderá impactar os custos da safra, dado que os insumos têm seus preços correlacionados à moeda americana. As causas informadas para o atraso do crédito são a burocracia, a redução de recursos em comparação à safra anterior e às exigências de liberação. A falta de recursos por parte das instituições financeiras forçaram os produtores a aumentar a participação da troca de insumos por grãos com as tradings e cooperativas que atuam no estado para o financiamento da lavoura. Há relatos de que muitos produtores não conseguiram crédito a contento e muitos dos que conseguiram tiveram valores inferiores em comparação ao quantitativo da safra passada. Segundo informações, este ano os bancos



oficiais não destinaram linhas de crédito para a cultura do arroz.

No Maranhão, o crédito de custeio apresenta-se indisponível para os inadimplentes da rede bancária financiadora. Há informações de linha de crédito para os municípios de Buriticupu e Santa Luzia, sinalizando nova fronteira agrícola. Para o grande e médio produtor, houve diminuição no acesso ao crédito de pré-custeio, principalmente em razão do aumento das taxas de juros e da burocracia. Essa situação reforçou a modalidade de permuta entre o produtor e as tradings.

Em Minas Gerais, as operações de financiamento de custeio iniciaram com bastante atraso, a partir do final de agosto, e ainda não foram concluídas. Os recursos liberados pelas instituições financeiras estão ocorrendo com bastante rigor, mais burocracia e maior exigência de garantias para aprovação do crédito, e também com taxas de juros mais elevadas. Para os produtores que sofreram perdas nas últimas safras vem se fazendo mais difícil o autofinanciamento. Fontes privadas, como indústrias e revendas, enfrentam um maior grau de inadimplência, e vêm se mostrando um pouco mais retraídas no financiamento da safra agrícola, exigindo maiores garantias em face do aumento no grau de risco das operações.

O crédito de custeio para o financiamento da safra 2015/16 no Piauí é oriundo de recursos de empresas de insumos, agentes financeiros e dos próprios produtores. No segmento da agricultura familiar não há definição a respeito da liberação do crédito, uma vez que, nas áreas de predominância, as chuvas têm início previsto a partir de fevereiro.

No Paraná, pelas informações obtidas, o amendoim e o arroz de sequeiro não têm demanda de crédito, pois são culturas de subsistência. No plantio de soja não há relatos de escassez de recursos para custeio. A procura nos bancos e cooperativas seguiram dentro da normalidade, mas as análises de crédito estão mais restritivas. Houve relatos de problemas de recursos para investimentos. Em algumas regiões os produtores de soja estão utilizando seus próprios recursos para o financiamento da produção.

As regiões do agreste e sertão pernambucano são constituídas basicamente de pequenos agricultores

familiares, que adotam o sistema de cultivo de subsistência. Devido à elevada inadimplência, o baixo retorno financeiro e o risco que a atividade representa na região, o crédito de custeio é pouco incentivado pelas instituições financeiras, se limitando a custear apenas lavouras de mandioca e feijão em polos específicos (exemplo: Garanhuns e Araripina) para os produtos adimplentes.

No Rio de Janeiro, o custeio para o plantio tem origem no Pronaf e em recursos próprios dos produtores.

Em Rondônia, principalmente nas pequenas propriedades que cultivam o arroz de sequeiro e milho primeira safra, não são utilizados créditos de custeio. Nas grandes áreas ocorrem operações de financiamento dessas lavouras através dos agentes financeiros, casas de lavouras e cerealistas

O crédito de custeio para o plantio de arroz em Santa Catarina foi ofertado de acordo com as necessidades dos produtores, que, na grande maioria, utilizam financiamento do Pronaf, não havendo informações de redução na contratação dos financiamentos bancários. Para a soja, a maioria dos produtores recorreu ao financiamento público para custear a safra e há relatos de dificuldades na liberação de recursos, principalmente para os produtores com pendências financeiras de safras passadas. Para o feijão-preto, de forma geral, a maioria utiliza recursos próprios ou de cooperativas e cerealistas, para os quais entregam parte da produção para quitação dos débitos.

Em São Paulo, os agentes financeiros colocaram à disposição do segmento produtor volume de recursos suficientes para o plantio da safra 2015/16. Segundo as informações obtidas junto ao segmento bancário, os financiamentos estão sendo liberados dentro da normalidade, uma vez satisfeitas as exigências estabelecidas pelos bancos.

Em Tocantins, a dificuldade e demora na liberação de crédito junto aos bancos para produtores de soja deve refletir em uma diminuição de área de plantio de arroz, pois haverá redução em abertura de áreas novas que são inicialmente instaladas com esta cultura. Persistem relatos de redução de oferta de crédito rural e atraso de liberação, além do aumento nas exigências de garantias.





8. Mercado de insumos e custo de produção

8.1. Custo de produção

O custo de produção agrícola é uma excepcional ferramenta de controle e gerenciamento das atividades produtivas e de geração de importantes informações para subsidiar as tomadas de decisões pelos produtores rurais.

Para administrar com eficiência e eficácia uma unidade produtiva agrícola é imprescindível, dentre outras variáveis, o domínio da tecnologia e do conhecimento dos resultados dos gastos com os insumos e serviços em cada fase produtiva da lavoura, que tem no custo um indicador importante das escolhas do produtor.

O custo de produção agrícola é, também, fundamental na gestão das atividades produtivas e de geração de importantes informações para auxiliar na formulação de estratégias pelo setor público e privado.

De forma resumida, a finalidade dos custos de produção são: mensurar as condições de concorrência com outros mercados; identificar diferenças competitivas entre regiões/países; estimar volume de recursos necessários para o financiamento de cada safra agrícola; prever os insumos e serviços necessários para o plantio; servir de instrumento de tomada de decisão governamental; ser um dos principais parâmetros para fixação dos preços mínimos e dimensionar a renda e a rentabilidade do setor agrícola.

8.2. Mercado de sementes

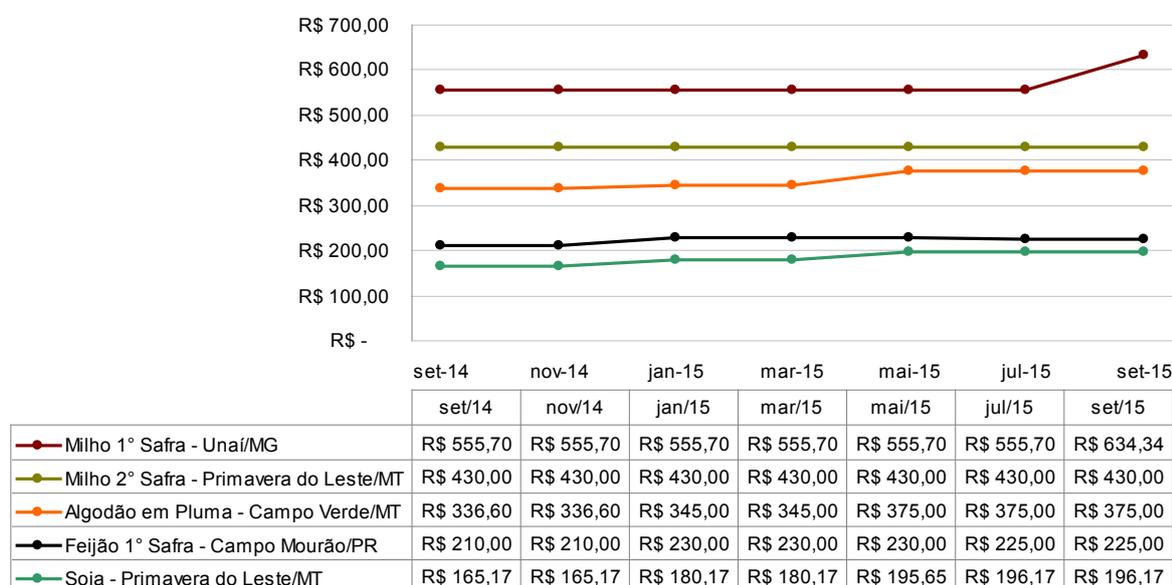
De acordo com o Gráfico 1 observa-se que a variação de preços das sementes para os custos de algodão, soja, milho e feijão se alteram consoante aos diversos fatores em que estão inseridos, como por exemplo, a época de plantio, a disponibilidade do produto, ou até mesmo as conjunturas de mercado nacional e internacional, que também podem influenciar de forma significativa o preço desse insumo.

Analisando-se os preços de sementes nos custos de produção de algodão e feijão, levantados pela Companhia, nota-se maior estabilidade nas cotações dessa variável no mercado e as pequenas variações ocorre-

ram, em sua maioria, de março a maio e de novembro a janeiro, respectivamente. Ademais, as sementes não sofrem influência nos preços em decorrência de variações da moeda americana, conforme ocorrem para outros insumos, como é o caso dos fertilizantes e agrotóxicos.

Já para soja e milho primeira e segunda safras observam-se que existem variações dos preços de sementes entre as diferentes regiões do Brasil e também entre as cultivares. E isso ocorre de maneira inconstante, uma vez que os plantios se dão em épocas distintas e o mercado é influenciado diretamente pela oferta e demanda de cada cultivar.

Gráfico 43 - Sementes: variação no custo de produção (R\$/ha)



Fonte: Conab

8.3. Fertilizantes e agrotóxicos

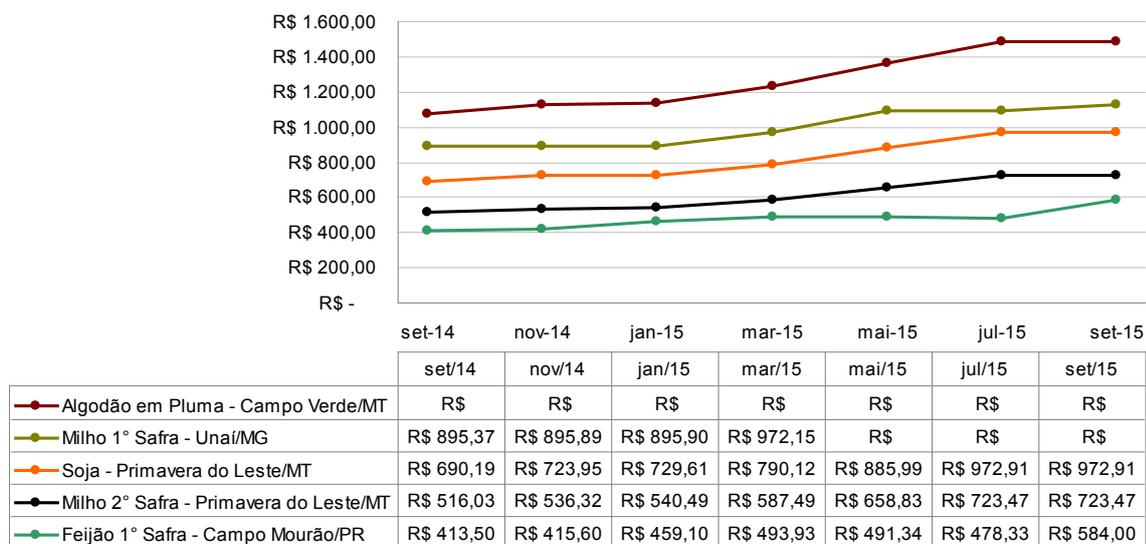
O comportamento dos fertilizantes e agrotóxicos (Gráficos 44 e 45), diferentemente do que ocorreu com o mercado de sementes, sofreu variações ao longo de todo o ano. Nos custos de produção das culturas da agricultura empresarial acompanhados pela Conab, são utilizados diversos produtos com preços e dosagens diferentes, que influenciam em projeções positivas ou declínios nas curvas. Esse conjunto de preços se alteram de acordo com alguns fatores, por exemplo: a época de utilização do insumo, organização e compor-

tamento dos produtores nas suas aquisições, em função de quantidades e preços e, principalmente, pela variação cambial.

Os gráficos em referência mostram os gastos com fertilizantes e agrotóxicos em algodão, soja, milho de primeira e de segunda safras, e feijão primeira safra, respectivamente. Nota-se que todos seguem o mesmo padrão de crescimento de setembro de 2014 a setembro de 2015.

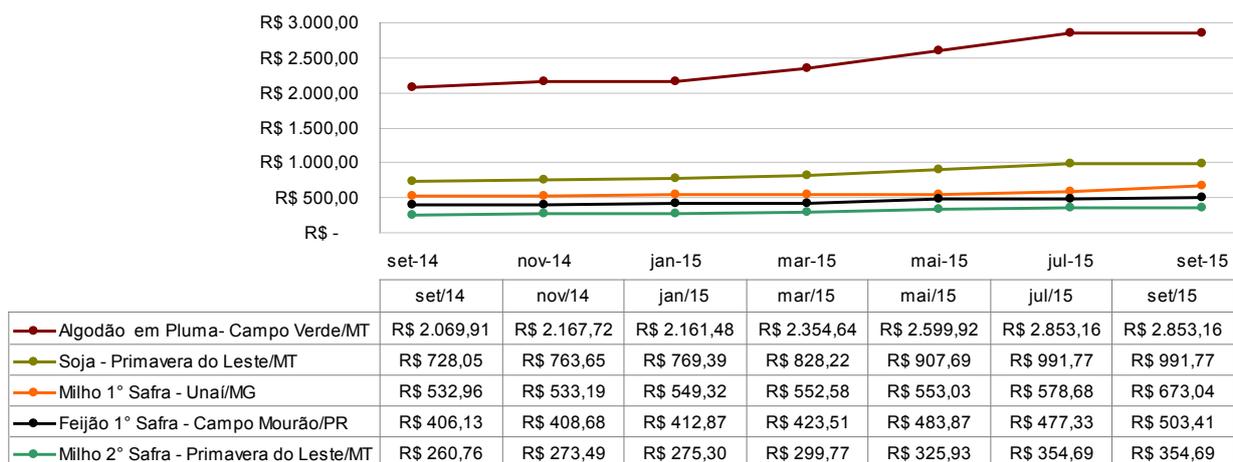


Gráfico 44 - Fertilizantes: Variação no custo de produção (R\$/ha)



Fonte: Conab

Gráfico 45 - Agrotóxicos: Variação no custo de produção (R\$/ha)



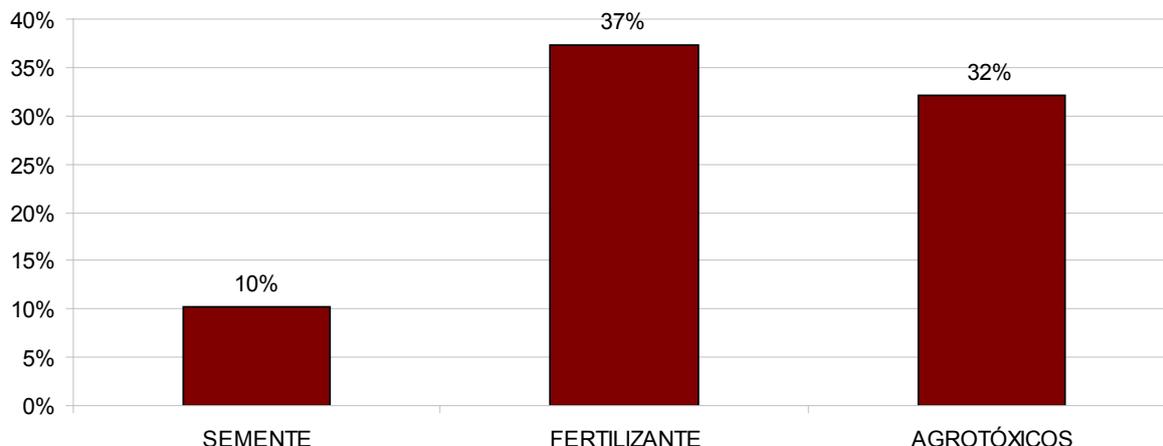
Fonte: Conab

Nesse período, conforme exposto no Gráfico 46, a variação anual de preços das sementes utilizadas nos custos, analisando todas as culturas, objeto de estudo, foi positiva em 10%, enquanto que os gastos com fertilizantes e agrotóxicos o incremento foi bem mais

significativo, chegando-se em média a 37% e 32%, respectivamente. Apesar de caracterizar aumento significativo, está abaixo da variação do dólar para o mesmo período, que foi de aproximadamente 67%.



Gráfico 46 - Sementes, fertilizantes e agrotóxicos: variação de set/2014 a set/2015 nos custos de produção (R\$/ha)



Fonte: Conab

É importante destacar que outros fatores também influenciaram para o aumento nos custos de produção apurados pela Conab, como os reajustes concedidos para a energia elétrica e combustível, além da mão de obra e taxas de juros, que igualmente ficaram bastante oneradas no período sob análise. Mas, sem dúvida,

os insumos que mais devem pesar no orçamento dos produtores rurais são os fertilizantes e os agrotóxicos.

A Tabela 15 registra os custos variáveis dessas culturas ora sob exame e as variações ocorridas no período de setembro de 2014 a setembro de 2015.

Tabela 15 - Custo de produção: Variações percentuais médias de setembro de 2014 a setembro de 2015

Produto/Local	Produto (kg/ha)	Custo Variável - R\$/ha		
		set/14	set/15	Var (%)
Algodão em Pluma - Campo Verde/MT	1500	5.699,03	6.368,68	12%
Feijão 1° Safra - Campo Mourão/PR	1750	1.754,47	2.464,55	40%
Milho 1° Safra - Unai/MG	9000	2.625,40	3.178,45	21%
Milho 2° Safra - Primavera do Leste/MT	6000	1.773,01	2.167,19	22%
Soja - Primavera do Leste/MT	3240	2.178,99	2.835,73	30%

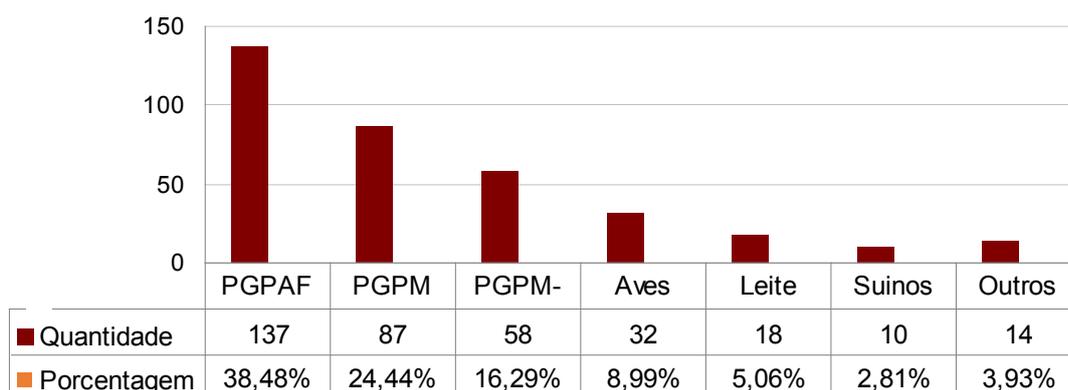
Fonte: Conab

A Companhia dispõe hoje, de 356 custos de produção de variados produtos das culturas de verão, inverno, seca, permanentes, semiperenes, extrativismo, carnes e outros, para todos os programas governamentais, quais sejam: Programa de Garantia de Preços

Mínimos (PGPM), Programa de Garantia de Preços da Agricultura Familiar (PGPAF), Programa de Preços Mínimos para produtos da Sociobiodiversidade (extrativismo) (PGPMBio).



Gráfico 47 - Custo de produção da Conab



Fonte: Conab

As informações detalhadas dos custos de produção da Conab podem ser obtidas na página eletrônica da Companhia (www.conab.gov.br - acesso a produtos e

serviços – informações agropecuárias - custos de produção); endereço: <http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1546&t=2>.

8.4. Informações a respeito do mercado de insumos

No Acre, o gargalo encontrado pelos produtores tem sido a onerosa aquisição de insumos agrícolas.

No Distrito Federal o volume de sementes disponibilizado para a região foi suficiente para atender a demanda dos agricultores. Os preços estão um pouco superior aos da safra anterior e observa-se avanços e maior adoção de sementes de alto potencial e de elevada tolerância a doenças. No caso do milho, o uso de sementes mais produtivas deve ser menor que na safra anterior. Em se tratando de fertilizantes, a concentração de compra ficou entre junho e agosto de 2015 com o quantitativo inferior ao da safra passada e os preços superiores. A venda de calcário foi inferior à safra passada.

No Maranhão, em algumas regiões, não há aplicação de técnicas agrônômicas de plantio, sem utilização de adubos e com baixa aplicação de defensivos, sem a orientação de um profissional capacitado. Na região mais tecnificada se utiliza de sementes de melhor qualidade, com demandas de fertilizantes e agrotóxicos. Os custos dos fertilizantes estão superiores e a quantidade vendida é inferior ao da safra anterior.

No Mato Grosso do Sul o atraso na liberação do custeio e a alta do dólar têm encarecido os custos de aquisição dos agroquímicos para o plantio. A falta de recursos por parte das instituições financeiras forçaram os produtores a aumentar a participação da troca de insumos por grãos com as tradings e cooperativas que atuam no estado para o financiamento da lavoura.

De modo geral, em Minas Gerais a aquisição de insumos para o plantio da safra de verão 2015/16 iniciou com atraso e não foram concluídas. A descapitalização dos produtores, decorrente dos fracos resultados alcançados nas duas últimas safras, a dificuldade de obtenção de crédito e a preocupação com a rentabilidade das lavouras, que tiveram seus custos de produção onerados, são as razões dos problemas de compra dos insumos. Os preços de sementes se encontram um pouco mais altos do que na safra anterior. Os defensivos sofreram altas da ordem de 25% e os preços de adubos aumentaram de 40 a 55%. Especula-se que as dificuldades para o custeio da presente safra podem concorrer para restringir os pacotes tecnológicos, notadamente em termos de adubação.

A principal reclamação dos produtores no Pará é o custo dos insumos (sementes e adubos), de logística (frete) e de combustível, que aumentaram consideravelmente desde a safra 2014/15.

Em Pernambuco o governo atua na distribuição de sementes de feijão vigna, milho e sorgo granífero/forrageiro. Os insumos utilizados para o cultivo das lavouras de subsistência são basicamente o esterco proveniente da atividade da bovinocultura. Somente na região de Araripina existem agricultores mais tecnificados com emprego de serviço de correção de acidez de solo e utilização de fertilizantes para emprego no cultivo de mandioca.

No Piauí as informações obtidas para o plantio da safra 2015/16 são de que preços das sementes de quali-



dade, dos fertilizantes e dos corretivos se apresentam superiores aos da safra anterior. Existem informações de aumento de até 200% para as sementes de qualidade, de 25% para os fertilizantes e de 20% para os agrotóxicos.

No Paraná as culturas de amendoim e arroz de sequeiro são de subsistência e não tem demanda de insumos. Para o arroz inundado os insumos são supridos pelo Rio Grande do Sul. Em relação ao milho primeira safra os produtores estão cada vez mais tecnificados. Para a soja a demanda e a oferta ocorreram dentro da normalidade.

No Rio Grande do Sul as informações são de que está ocorrendo a dolarização de boa parte dos insumos agrícolas.

Em Rondônia, normalmente, para as pequenas lavouras de arroz, milho primeira safra e feijão segunda safra não são usados insumos como fertilizantes, calcário, fungicidas, inseticidas e herbicidas. Estes são usados somente para as grandes áreas de soja, milho segunda safra e arroz. O motivo do não uso de insumos básicos são seus altos custos, aliado a outras condições como a falta de mão de obra para a sua aplicação. Somente nas grandes lavouras são aplicadas todas as técnicas necessárias para se obter uma boa produção.

Em Santa Catarina a oferta de insumos para o plantio do arroz está dentro da normalidade, pois há um planejamento por parte das cooperativas e cerealistas

que fornecem os insumos aos produtores. Em geral, os insumos foram adquiridos antes do aumento do dólar, o que ameniza o custo de produção das lavouras. No caso do milho, a taxa de câmbio influencia diretamente os preços de insumos que, pelas informações obtidas, os preços, em relação ao mesmo período do ano passado, aumentaram em torno de 30% para os adubos químicos e em 35% para os agrotóxicos.

As informações coletadas em São Paulo indicam que grande parte dos produtores procuram antecipar a compra de insumos na busca de minimização nos custos de produção. Os preços são formados em dólar e os insumos estão, em média, 15% acima, em relação à safra anterior.

Em Sergipe a perspectiva de incremento nos preços dos insumos poderá ser um futuro empecilho para a expansão da cultura de milho. A qualidade das sementes de feijão, distribuídas pela Conab, minimizou as perdas na cultura do feijão. Os agricultores da região estão otimistas devido ao apoio que está sendo dado pelo governo do estado, que realizou a distribuição de sementes de arroz de boa qualidade

Em Tocantins a oferta e demanda dos insumos ocorre dentro da normalidade. Constatou-se aumento significativo no custo de obtenção dos insumos. Ainda há produtores que não adquiriram parte ou totalidade dos insumos necessários, em especial aqueles que não obtiveram seus financiamentos aprovados pelos agentes financeiros. Os produtores que plantam para subsistência utilizam pouco insumos.





9. Monitoramento agrícola: culturas de inverno (safra 2015) e culturas de verão (safra 2015/2016) – Outubro de 2015

O monitoramento agrícola, realizado quinzenalmente pela Companhia e divulgado nos boletins de acompanhamento de safra e no Boletim de Monitoramento Agrícola - BMA (<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1094&t=2>), constitui um dos produtos de apoio às estimativas de safras. O propósito do monitoramento é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agromômicos e de eventos climáticos recentes, a fim de auxiliar na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas por meio do monitoramento agrometeorológico e espectral e os resultados são apresentados de forma resumida nos mapas sobre as condições hídricas para os cultivos, nos capítulos referentes à análise das culturas (boletins de acompanhamento de safra) e no capítulo do BMA referente às condições hídricas gerais. Os recursos técnicos utilizados têm origem em quatro fontes de dados: a) imagens de satélites da última quinzena e de anos anteriores desse mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)¹ das lavouras; b) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva; c) dados de campo; e d) mapeamentos das áreas de cultivo.

O monitoramento atual foi realizado nas principais

1. Índice que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento (veja descrição e fundamentos na Nota Técnica do BMA).



mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção na última quinzena. As culturas monitoradas foram as seguintes: aveia, cevada e trigo (safra

2015); amendoim 1ª, arroz, feijão 1ª, milho 1ª e soja (safra 2015/16).

9.1. Condições meteorológicas recentes²

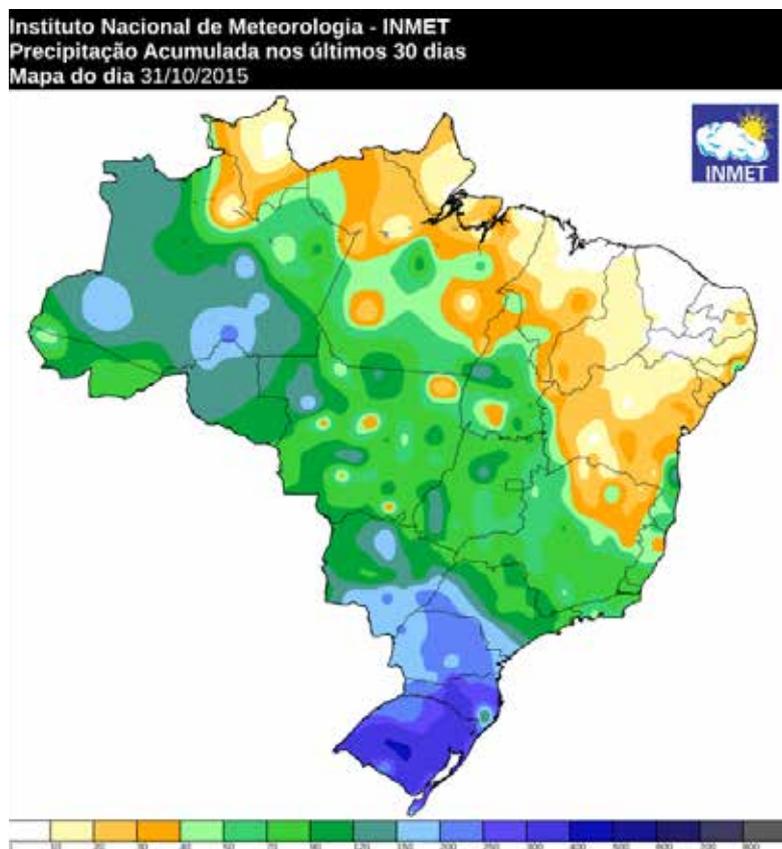
O mês de outubro manteve o padrão de chuvas semelhante aos dois meses anteriores, com os maiores volumes concentrados na Região Sul e extremos oeste da Região Norte. Contudo, o sistema de alta pressão que gerava um bloqueio atmosférico e que impedia a formação de nuvens de precipitação perdeu força, permitindo que áreas de instabilidade se espalhassem por grande parte da região central do Brasil, favorecendo a ocorrência de chuvas mais regulares, principalmente na segunda quinzena do mês, destacadamente nos estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Goiás e Tocantins.

Na região Sul, onde a influência do fenômeno El Niño é mais marcante, os volumes acumulados de precipitação foram bastante elevados nos três estados, com totais variando dentro de uma faixa entre 150 e 400 mm. A localidade de Santa Vitória do Palmar, no Rio

Grande do Sul, cuja a média histórica de outubro é de aproximadamente 90 mm, ultrapassou os 200 mm. Em Caxias do Sul, também no Rio Grande do Sul, com cerca de 380 mm, ficou bem acima dos 170 mm da sua média climatológica.

Na região do Matopiba (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), as chuvas ficaram mais regulares na segunda quinzena de outubro, contudo, o total mensal permaneceu abaixo da média na maioria das localidades. Em Alto Parnaíba, no Maranhão, a precipitação acumulada foi inferior a 30 mm, sendo que a sua média histórica em outubro é cerca de 100 mm. No oeste da Bahia, a estação meteorológica de Barreiras, cuja média é de 98 mm, não atingiu 15 mm durante todo o mês. Os maiores volumes da região se concentraram principalmente em alguns pontos do estado do Tocantins, como em Palmas, que registrou um acumulado de aproximadamente 135 mm.

Figura 1 - Precipitação acumulada (em mm) no mês de outubro de 2015 (mapa do dia 31/10/2015)



Fonte: Inmet

2 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília

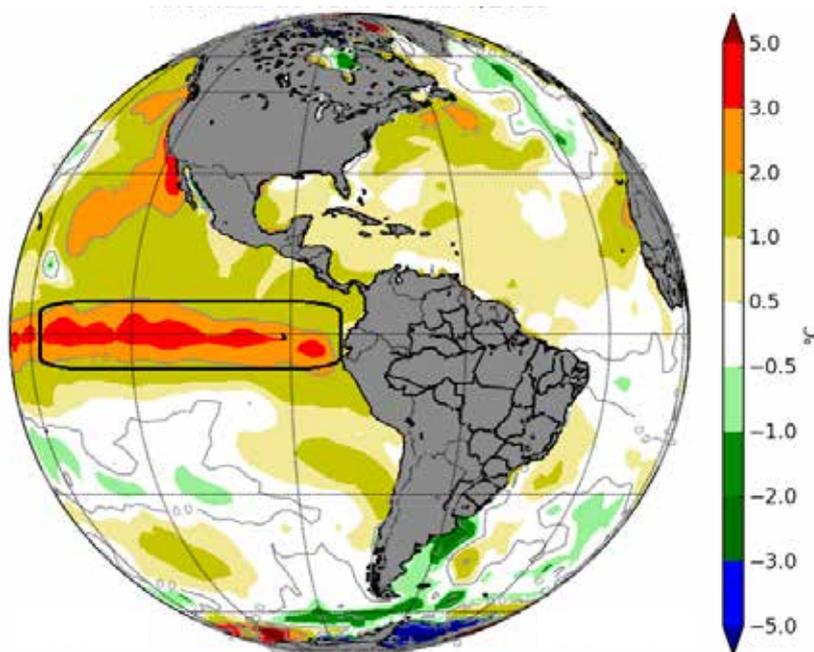


9.2. Condições oceânicas recentes e tendência³

Segundo a classificação da agência americana NOAA (National Oceanic and Atmospheric Administration), o fenômeno El Niño – anomalias positivas da temperatura da superfície do mar (TSM) no Oceano Pacífico Equatorial – atingiu a categoria de evento forte, o que

não ocorria desde 1998. Do mesmo modo que no mês anterior, as anomalias positivas de TSM em outubro cobriram toda a superfície do Oceano Pacífico Equatorial, apresentando extensa área com desvios positivos acima dos 3°C (retângulo preto na Figura 2).

Figura 2 - Anomalia de TSM em outubro de 2015



Fonte: CDP/Inmet

Os modelos de previsão de TSM mantêm os prognósticos anteriores, indicando que as anomalias positivas de temperatura no Oceano Pacífico Equatorial podem persistir até o mês abril de 2016 e com a possibilidade de intensificação dessas anomalias até dezembro de 2015.

Os efeitos típicos no clima do Brasil são a diminuição da precipitação em áreas do Norte e do Nordeste durante o verão. No Sul, há uma tendência de aumento de precipitação durante a permanência do El Niño, sendo mais comum nos meses de novembro a março. Além das chuvas, a condição de El Niño pode interferir nas temperaturas, que ficam, em média, um pouco mais elevadas.

O mapa também mostra que o contraste entre o Oceano Atlântico Tropical Norte, com desvios positivos, e o Atlântico Tropical Sul, com desvios negativos, se mantém. Esse padrão de contraste é chamado de gradiente térmico positivo do Atlântico Tropical (ou dipolo positivo), e é especialmente desfavorável às chuvas nos meses de janeiro-abril em grande parte do semiárido nordestino e no centro-norte da Região do Matopiba. A persistência desse padrão térmico no Atlântico Tropical ao mesmo tempo que o fenômeno El Niño no início de 2016 potencializará o risco de veranicos e seca durante o primeiro semestre nessas regiões.

3 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília



9.3. Prognóstico climático para o trimestre novembro-dezembro/2015 e janeiro/2016⁴

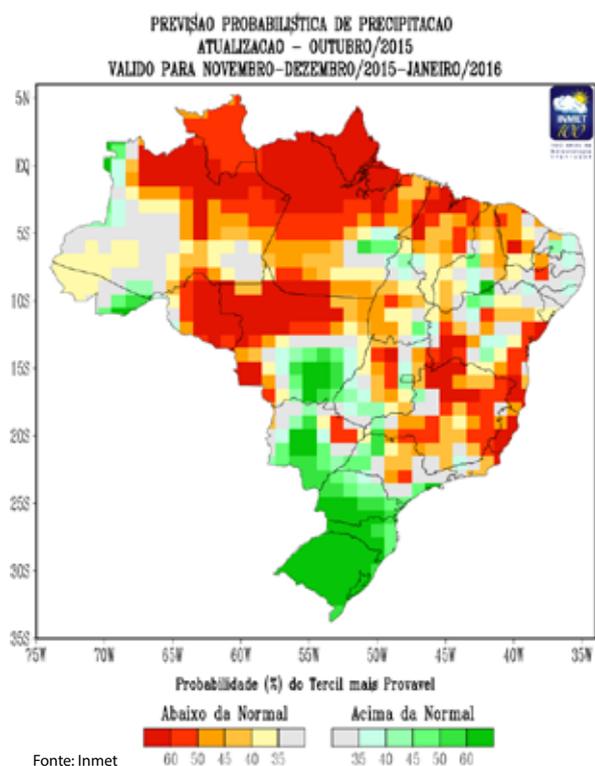
O modelo estatístico climático do Inmet indica uma forte probabilidade de que a precipitação acumulada no trimestre pode ficar acima da média na maior parte da Região Sul. O modelo apresenta, ainda, probabilidade significativa indicando que o acumulado de chuvas fique na faixa normal ou acima nos estados do Mato Grosso do Sul e de São Paulo e no sul dos Estados de Goiás e Mato Grosso.

Nas regiões Norte e Nordeste, a maior probabilidade é que o acumulado do trimestre fique dentro ou abaixo da faixa normal. Está inserido no contexto dessa pre-

visão, a Região do Matopiba que entra no seu período chuvoso.

Especificamente para o mês de novembro, os modelos indicam um padrão semelhante ao prognóstico trimestral, ou seja: no Matopiba e no semiárido devem prevalecer áreas com chuvas próximas a média ou abaixo, enquanto a região Sul e parte das regiões Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul e sul de Goiás) e Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro e sul de Minas Gerais) devem receber um maior volume de precipitação, com boa probabilidade de ultrapassar a média do mês.

Figura 3 - Previsão climática probabilística para o período ND/2015-J/2016



9.4. Monitoramento agrometeorológico

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapea-

mentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite. O período monitorado foi o mês de outubro de 2015.

4 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília



Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, os desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura e a classificação é feita da seguinte forma:

- baixa produção, sem cultivo ou fora de temporada;
- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais de baixa intensidade;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Nas tabelas desses mapas são especificadas: as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis (suficientes) para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. Os resultados desse monitoramento são apresen-

tados no capítulo referente à análise das culturas.

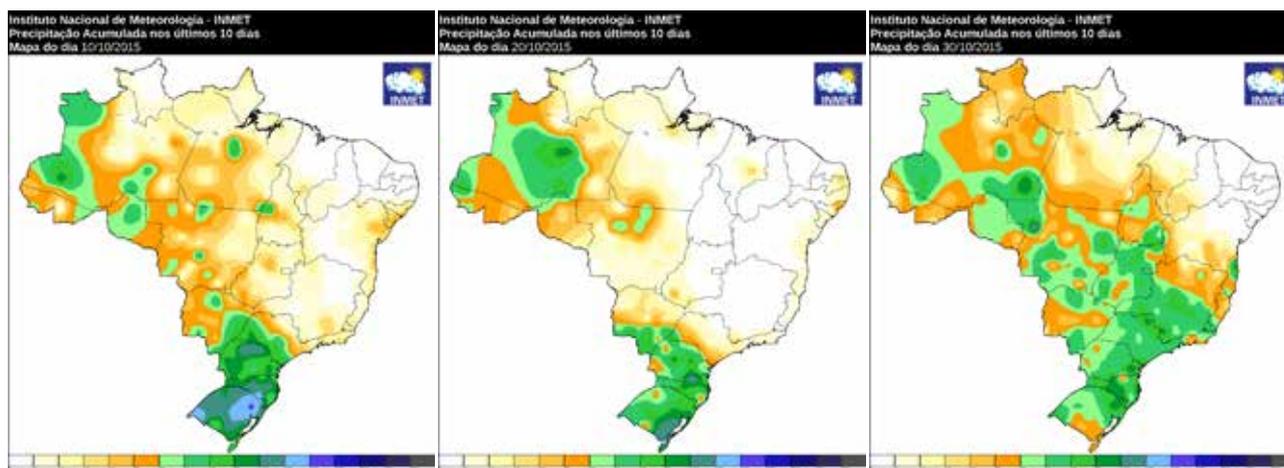
Na região Sul do Brasil, em relação aos cultivos de inverno (safra 2015), chuvas em excesso no mês de outubro (Figuras 1 e 4) resultaram em restrições relacionadas, principalmente, à perda de qualidade dos grãos e a dificuldades em operações agrícolas como a colheita. As regiões produtoras mais afetadas se localizam nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde foram registrados os maiores volumes de chuvas.

Em relação aos cultivos de verão, em desenvolvimento nessa região do país, as chuvas (Figuras 1 e 4) foram favoráveis. No entanto, causaram transtornos às lavouras em plantio nesse período, principalmente, do arroz irrigado no Rio Grande do Sul.

Nas regiões Centro-Oeste e Sudeste do país, as precipitações (Figuras 1 e 4) foram suficientes para a germinação das culturas de verão no centro e sul de São Paulo e Mato Grosso do Sul. Já nos outros estados, as precipitações irregulares em outubro implicaram em parte das regiões produtoras com necessidade de maior umidade no solo para a germinação. As chuvas se concentraram no terceiro decêndio (Figura 4).

No Matopiba, os volumes de chuvas (Figuras 1 e 4) foram insuficientes para o início de plantio das culturas de verão. Houve registro de altas temperaturas máximas (Figura 5) e o armazenamento hídrico na região foi baixo (Figura 6).

Figuras 4 – Precipitação pluviométrica acumulada decendial em outubro/15



Fonte: Inmet



Figura 5 – Temperatura máxima e anomalia em outubro/15

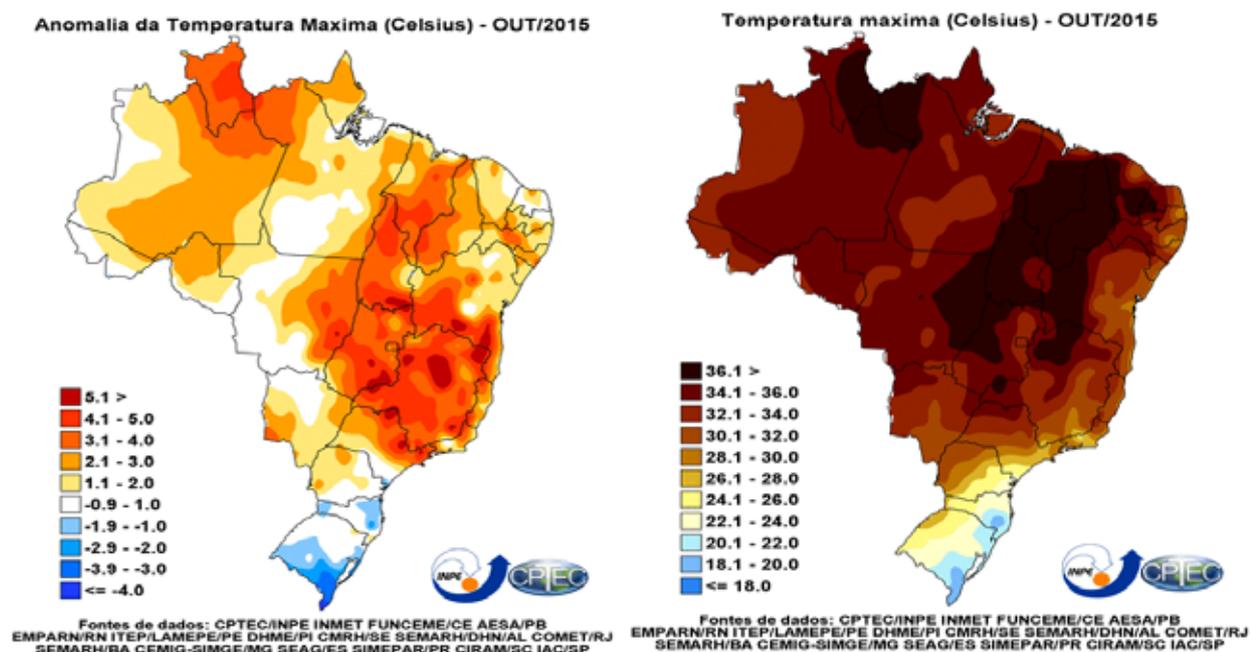
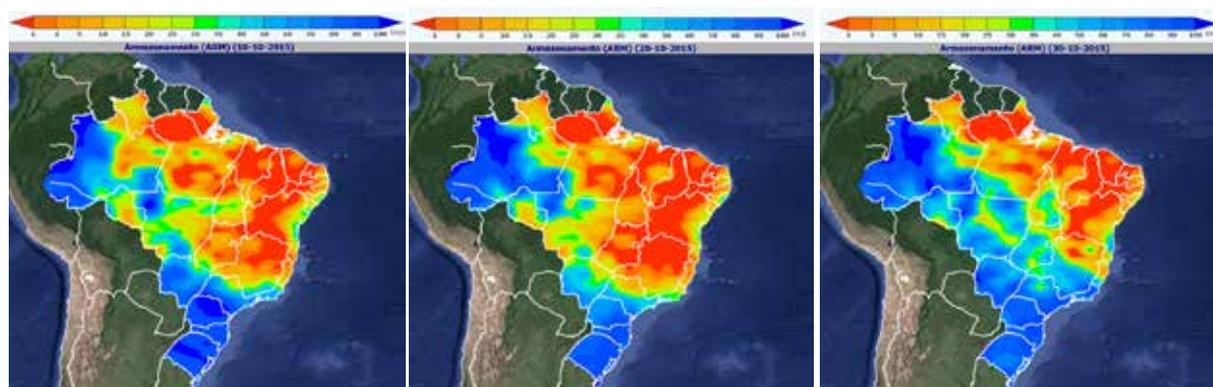


Figura 6 - Armazenamento hídrico diário nos dias 10, 20 e 30 de outubro/15



9.5. Monitoramento espectral

O propósito do monitoramento espectral é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência das condições meteorológicas recentes e de eventuais ataques de pragas e doenças, a fim de auxiliar na estimativa da produtividade das principais regiões produtoras. No momento o foco principal é o começo da safra de verão 2015/16 e a finalização da safra de inverno 2015.

O monitoramento é realizado com base no Índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de satélite, desde o plantio das lavouras. Três produtos derivados do IV são utilizados: a) mapas de anomalia que mostram a diferença dos padrões de desenvolvi-

to da safra atual em relação à safra do ano passado; b) gráficos da quantificação de unidades de área de plantio pelo valor do IV que mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da média histórica nas faixas de baixos, médios e altos valores do Índice e; c) gráficos de evolução temporal que possibilitam o acompanhamento do desenvolvimento das lavouras durante todo ciclo, e a comparação entre diferentes anos safra.

Nota: Linhas tracejadas nos gráficos de evolução temporal correspondem aos períodos em que o excesso de cobertura de nuvens não possibilitou a obtenção de



dados de satélite suficientes para o cálculo ponderado do IV e, nestas condições, podem não ser adequados para comparações entre anos-safra nestes períodos.

O monitoramento espectral das culturas de verão está sendo feito em 5 mesorregiões, que cobrem juntas 32,8% da área nacional (Tabela 16). Já o das culturas de inverno, está sendo feito no noroeste do Rio Grande do Sul, que representa quase 38% da área plantada com trigo no território nacional.

Os resultados cobrindo uma maior extensão do ambiente agrícola, assim como, informações mais detalhadas sobre os critérios metodológicos, estão disponíveis nos Boletins de Monitoramento Agrícola, que são divulgados mensalmente pela Conab e cuja última edição está acessível na área de Destaques da página principal do site da Companhia. A seguir são apresentadas as informações e análises mais recentes dessas 6 mesorregiões.

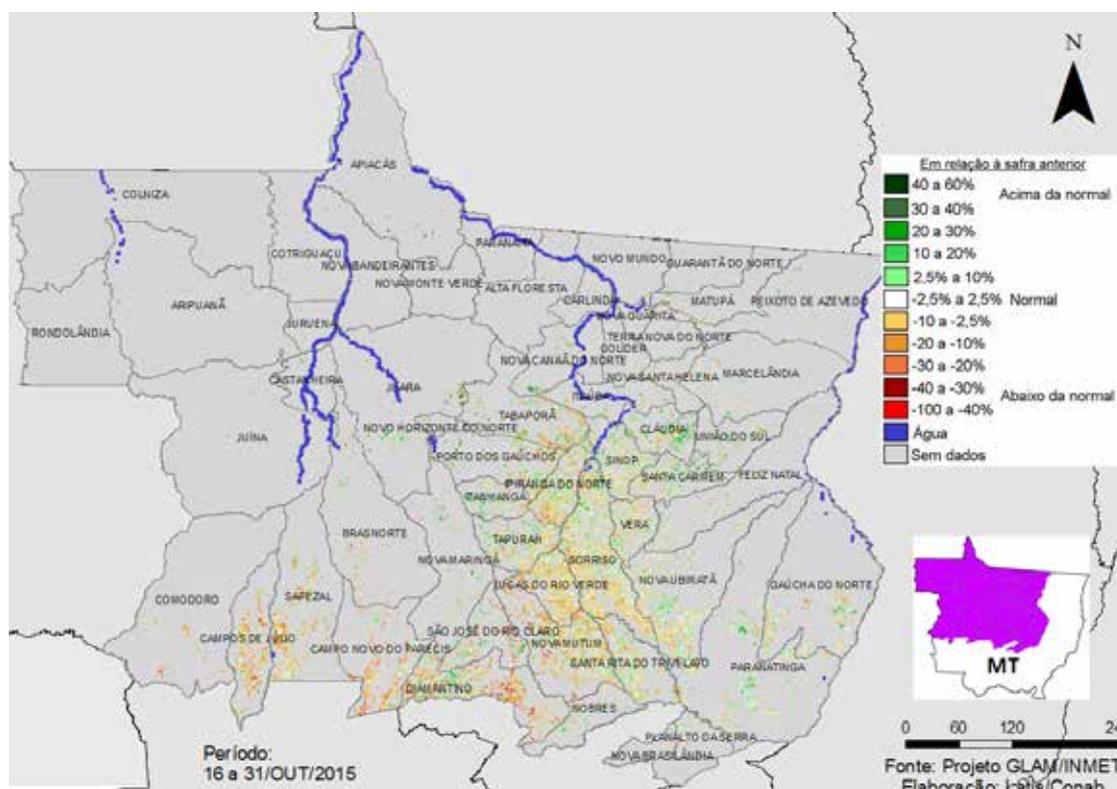
Tabela 16 – Mesorregiões cobertas pelo monitoramento espectral

Mesorregião	Área em hectares				Total	
	Soja	Milho ¹	Algodão	Feijão	(ha)	(%)
Norte Mato-grossense - MT	6.111.797	24.602	271.961	139.805	6.548.165	15,3
Sudeste Mato-grossense - MT	1.542.512	23.119	201.992	47.870	1.815.491	4,2
Sul Goiano - GO	2.624.942	142.513	46.013	43.955	2.857.423	6,7
Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	1.564.749	11.932	414	15.858	1.592.954	3,7
Oeste Paranaense - PR	1.151.379	74.786	6	37.139	1.263.310	2,9
Total 5 mesorregiões	12.995.379	276.951	520.386	284.627	14.077.344	32,8
Total Brasil	32.943.800	5.893.700	1.004.800	3.032.150	42.874.450	100,0

Fonte: IBGE e Conab

9.5.1. Norte Mato-Grossense

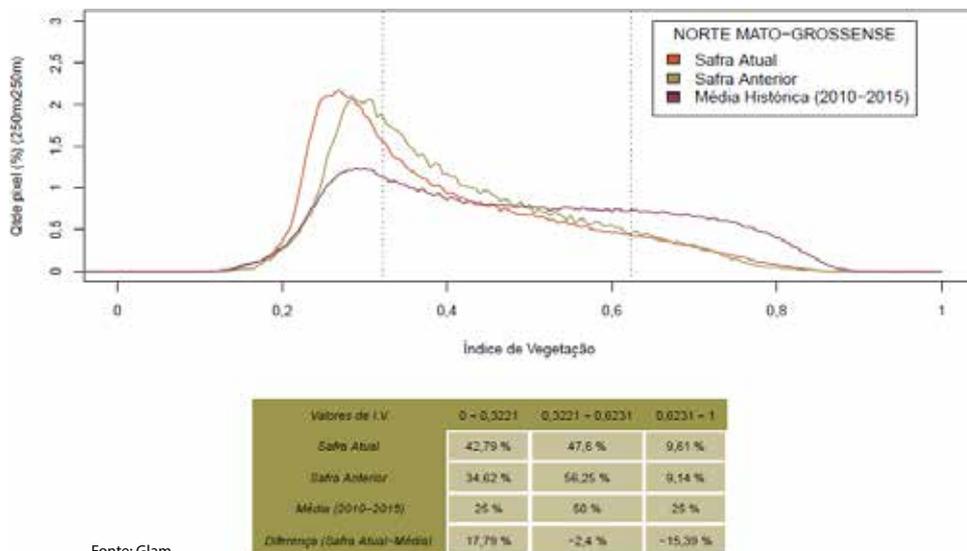
Figura 7 – Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos, em relação ao ano passado



O mapa acima mostra a diferença de padrões das áreas de agricultura de 2015 em relação à safra passada. A expressiva quantidade de áreas em amarelo, laranja e marrom, neste caso, não significa necessariamente atraso de plantio. O que ocorre é que nos últimos dias, aproveitando o início das chuvas, os produtores

intensificaram o plantio cobrindo extensas áreas agrícolas que no momento ainda estão em germinação, e, conseqüentemente sem cobertura foliar e, portanto, com baixas respostas de IV. As áreas em verde, onde se constata algum desenvolvimento vegetativo, o plantio pode ter acontecido mais cedo que no ano anterior.

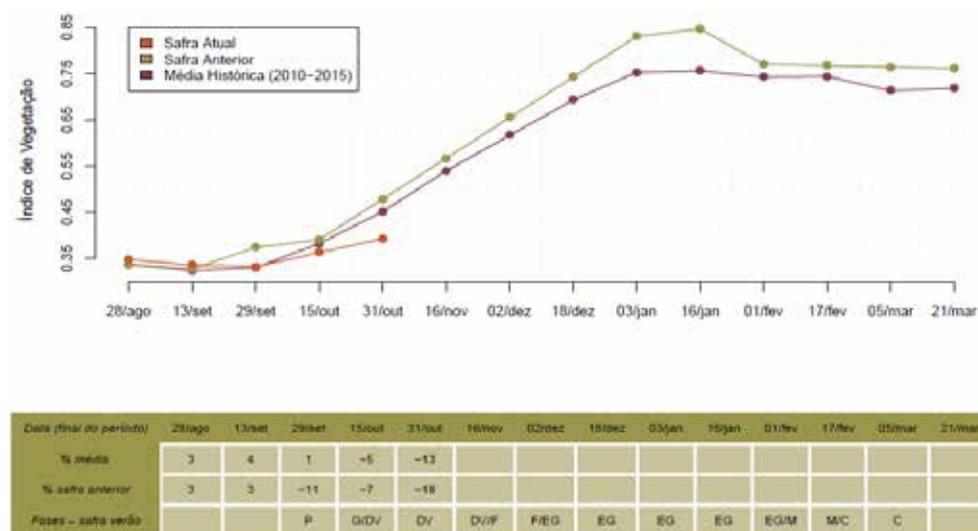
Gráfico 48 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem em torno de 43% de suas áreas que devem estar em germinação e plantio (baixas respostas de IV), contra 35% do ano passado nesta mesma época. Em relação à média dos 6 últimos anos, a atual safra mostra aumento de áreas com baixas respostas de IV (+18%) e a redução de áreas com altas

respostas (-15%). Esses números indicam que em 2015, extensas áreas agrícolas estão em germinação ou até mesmo em plantio. Em síntese, o cálculo ponderado com dados do período de 16 a 31 de outubro, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 13% abaixo da média dos 6 últimos anos e 18% abaixo da safra anterior.

Gráfico 49 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras – Norte MT

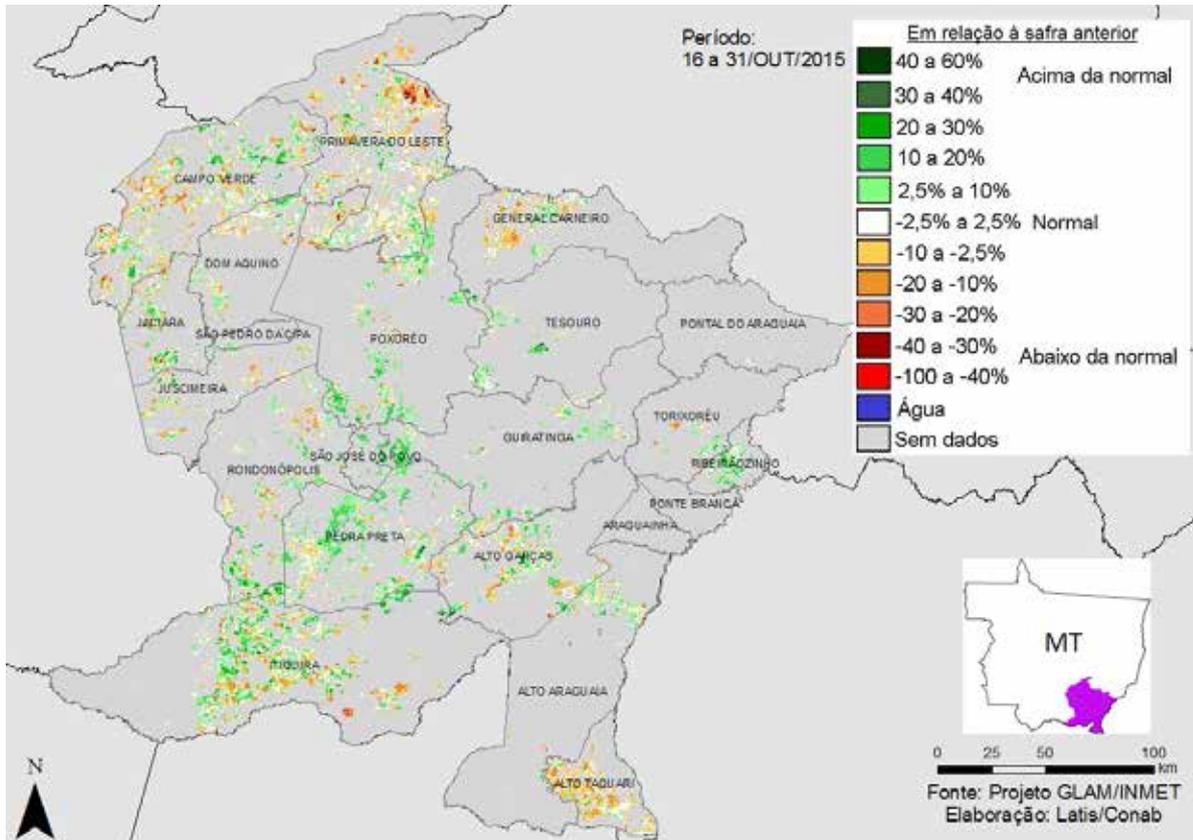


A linha vermelha, no gráfico de evolução temporal, mostra que a atual safra tem respostas de IV inferiores às de anos anteriores. Entretanto, esta situação não caracteriza, necessariamente, atraso de plantio.

Extensas áreas recém-plantadas, ainda em geminação, apresentam normalmente baixas respostas de IV conforme mostra o gráfico.

9.5.2. Sudeste do Mato Grosso

Figura 8 – Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos, em relação ao ano passado

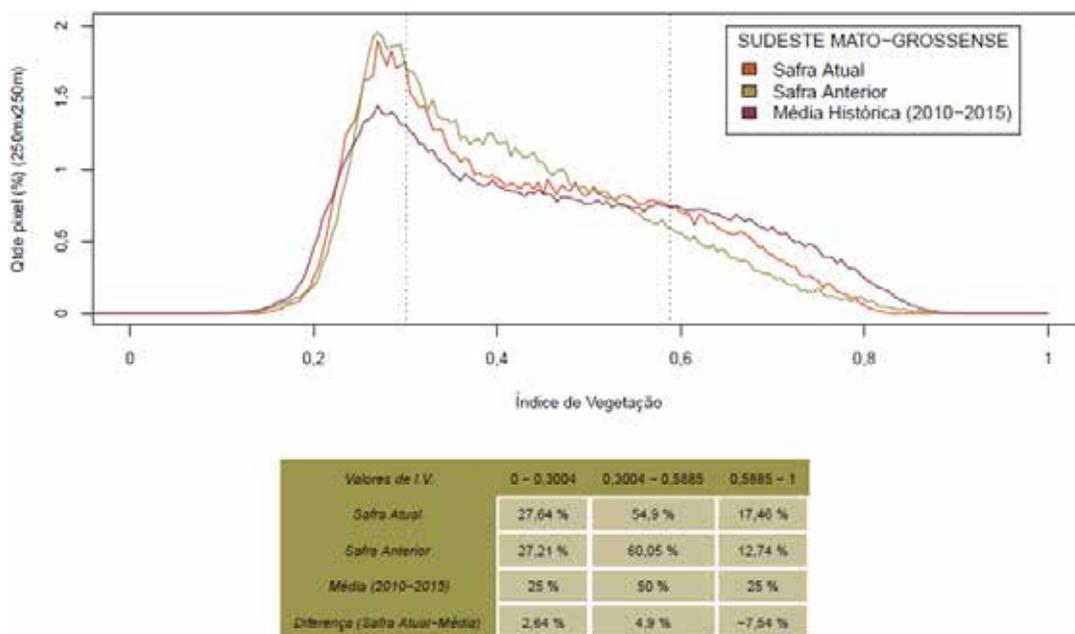


No mapa acima um pequeno predomínio das áreas em verde mostra que os plantios atuais estão praticamente equiparados aos do ano anterior. Algumas

áreas mais adiantadas outras com algum atraso, mas na média os calendários de plantio de 2015 e 2014 não apresentam diferenças expressivas.



Gráfico 50 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

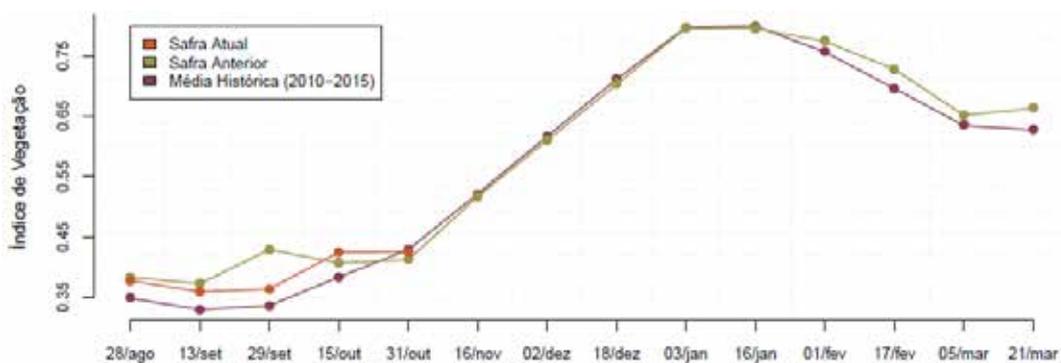


Fonte: Glam

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem em torno de 17,5% de suas áreas já em desenvolvimento vegetativo (altas respostas de IV), contra 12,7% do ano passado nesta mesma época. Em relação à média dos 6 últimos anos, a atual safra mostra aumento de áreas com baixas respostas de

IV (+2,6%) e a redução de áreas com altas respostas (-7,5%). Em síntese, o cálculo ponderado com dados do período de 16 a 31 de outubro, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 1% abaixo da média dos 6 últimos anos e 3% acima da safra anterior.

Gráfico 51 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras – Sudeste MT



Data (final do período)	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% média	3	9	8	11	-1									
% safra anterior	-1	-4	-15	4	3									
Faixas - safra verão			P	G/DV	DV	DV/F	F/E/G	E/G	E/G	E/G	E/G/M	M/C	C	

Fonte: Glam

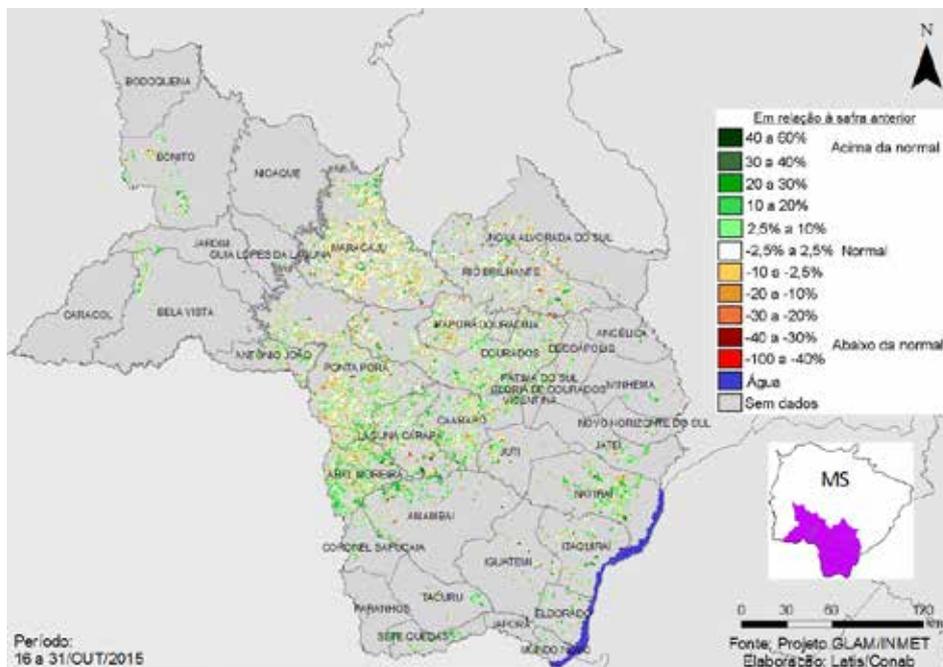
A linha vermelha, no gráfico de evolução temporal, mostra que a atual safra tem respostas de IV parecidas às do ano passado, indicando que os plantios atu-

ais seguem aproximadamente no mesmo ritmo da safra anterior.



1.5.3. Sudoeste do Mato Grosso do Sul

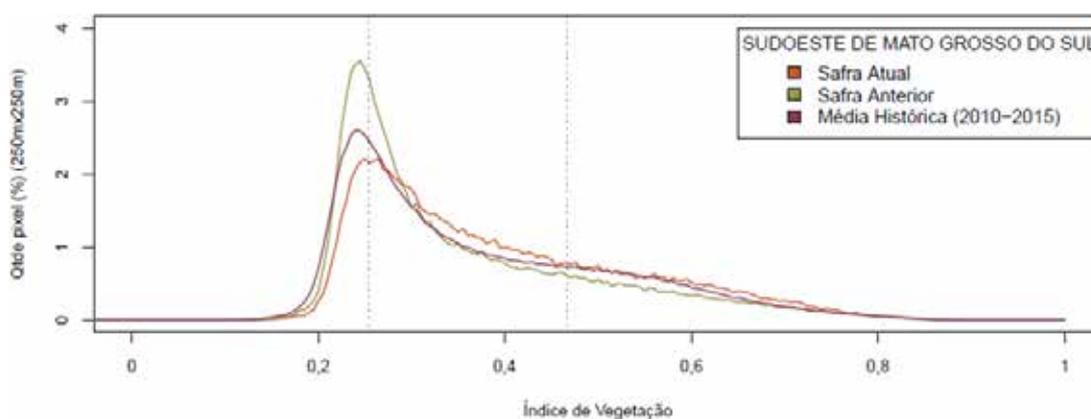
Figura 9 – Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos, em relação ao ano passado



No mapa acima o predomínio das áreas em verde indica que o plantio da atual safra de verão vem ocorrendo um pouco mais cedo que no ano passado. Ao

norte da região, principalmente no município de Maracaju, o plantio está um pouco mais atrasado, conforme indicam as áreas em amarelo no mapa.

Gráfico 52 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de IV	0 - 0,2536	0,2536 - 0,467	0,467 - 1
Safra Atual	16,67 %	55,39 %	27,94 %
Safra Anterior	20,72 %	51,24 %	28,04 %
Média (2010-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-8,33 %	5,39 %	2,94 %

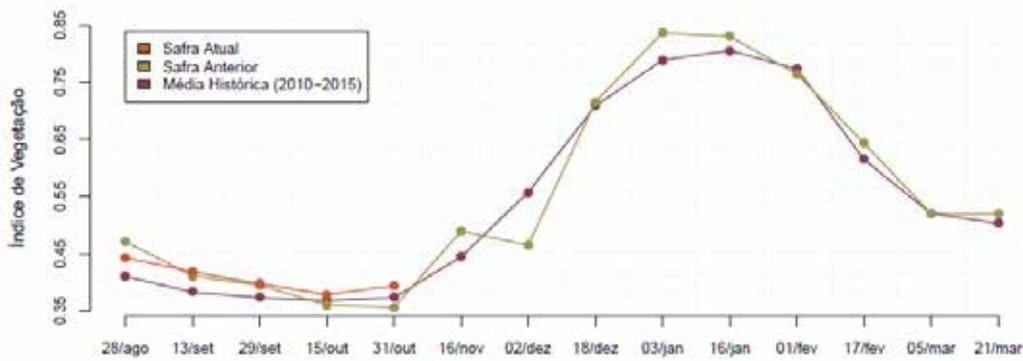
Fonte: Glam



A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem em torno de 28% de suas lavouras com altas respostas de IV contra 20% do ano passado. Esta diferença é retratada em verde do mapa. Já na faixa de baixos valores de IV a safra atual tem 17% contra 29% do ano passado, diferença mostrada nas

cores amarelo no mapa. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 6% acima da média dos 6 últimos anos e 11% acima da safra anterior.

Gráfico 53 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras – Sudoeste MS.



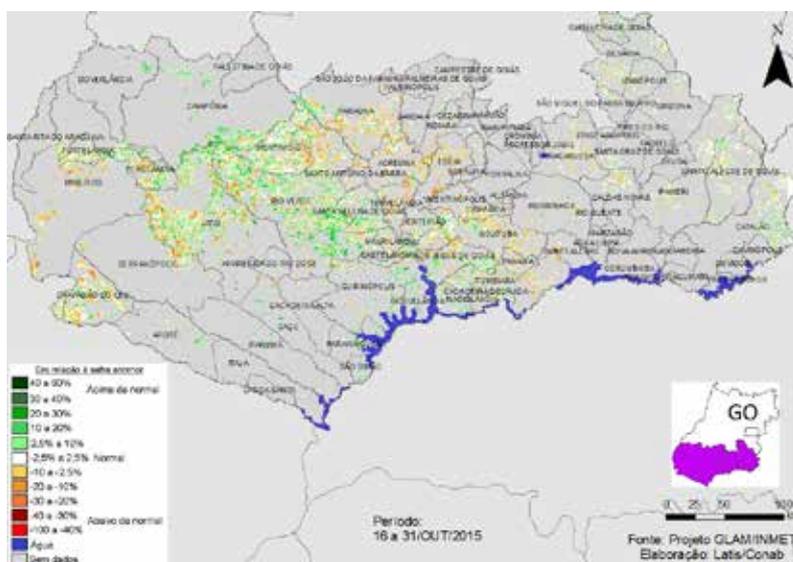
Fonte: Glam

No gráfico da evolução temporal, o traçado da linha vermelha, mostra que na média a safra atual já responde com IV acima dos anos anteriores. Indicativo

de que em 2015 o plantio vem ocorrendo um pouco mais cedo que em anos anteriores, nesta região.

1.5.4. Sul Goiano

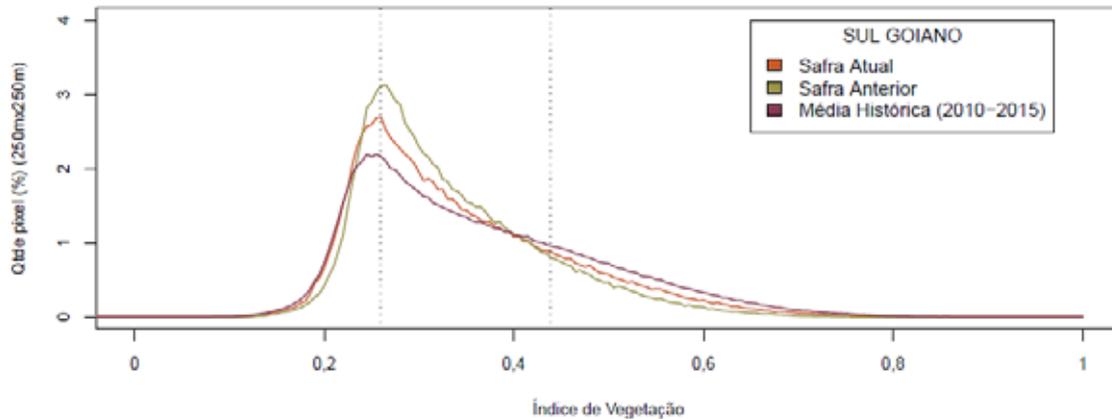
Figura 10 – Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos, em relação ao ano passado.



No mapa acima, as áreas em verde, principalmente nos municípios de Rio Verde, Jataí, Caiapônia, indicam que o plantio da atual safra vem ocorrendo mais cedo

que no ano anterior, nesta parte da região. Já nas áreas em amarelo, laranja e marrom o plantio está ocorrendo mais tarde.

Gráfico 54 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



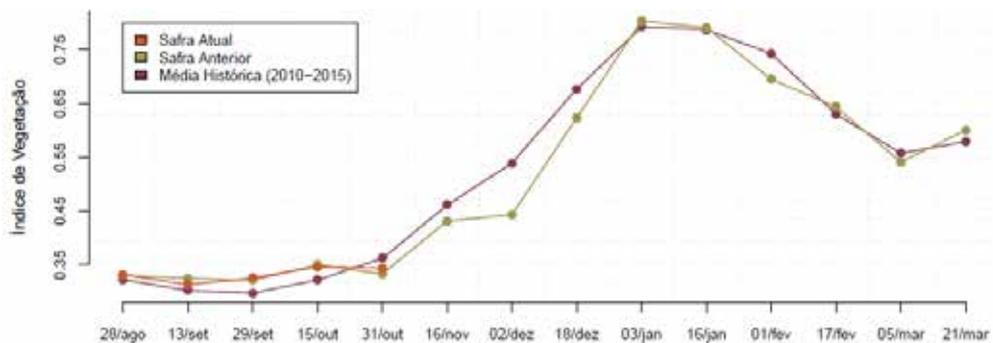
Valores de I.V.	0 - 0,2598	0,2598 - 0,4308	0,4308 - 1
Safra Atual	26,69 %	54,48 %	18,84 %
Safra Anterior	24,78 %	61,38 %	13,88 %
Média (2010-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	1,69 %	4,48 %	-6,16 %

Fonte: Glam

A tabela no gráfico de quantificação de áreas, os percentuais de lavouras com baixas, médias e altas respostas de IV, que correspondem aproximadamente, nesta ordem, às áreas em plantio, em germinação e em desenvolvimento vegetativo, mostram uma pequena vantagem da safra atual em relação ao ano

passado. Ou seja, em 2015 o plantio vem ocorrendo, em média, um pouco mais cedo que no ano passado. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 5% abaixo da média dos 6 últimos anos e 3% acima da safra anterior.

Gráfico 55 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras – Sul GO



Data (final do período)	20/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% média	3	4	9	11	-6									
% safra anterior	0	-4	1	-1	3									
Fasez - safra verão				P	G/DV	DV	DV/F	F/E/G	E/G	E/G	E/G	E/G/M	M/C	C

Fonte: Glam

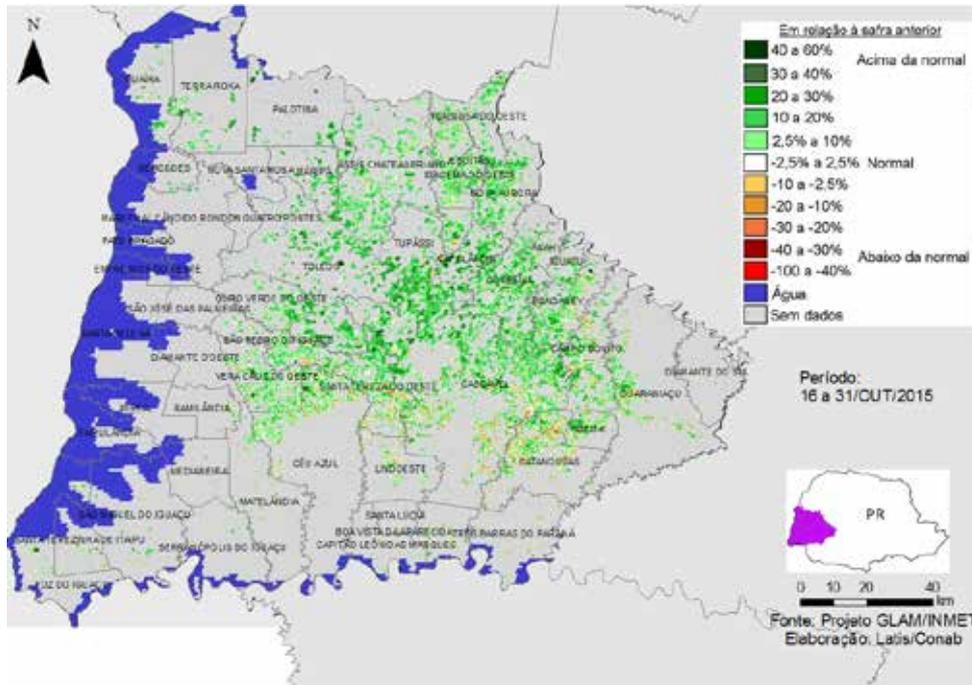


O traçado da linha vermelha no gráfico de evolução temporal, mostra um pequeno avanço de plantio da

safr 2015/16 em comparação à safra anterior. No momento, está um pouco acima.

1.5.5. Oeste Paranaense

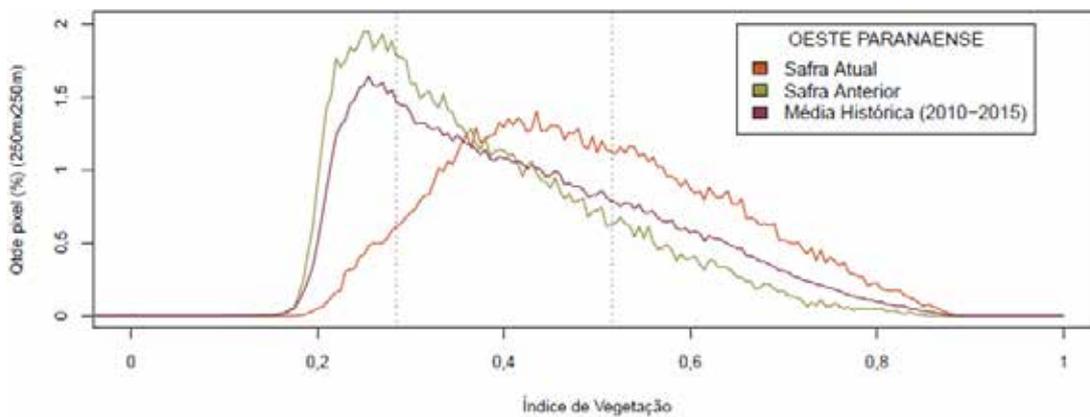
Figura 11 – Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos, em relação ao ano passado



No mapa acima o predomínio das áreas em verde indica que o plantio da atual safra de verão vem ocorrendo mais cedo que no ano passado. Pela intensida-

de de respostas do IV pode-se concluir por um bom padrão de desenvolvimento das lavouras na região.

Gráfico 56 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de IV	0 - 0,285	0,285 - 0,5159	0,5159 - 1
Safra Atual	6,22 %	52,74 %	41,03 %
Safra Anterior	32,33 %	51,67 %	16 %
Média (2010-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-18,76 %	2,74 %	16,03 %

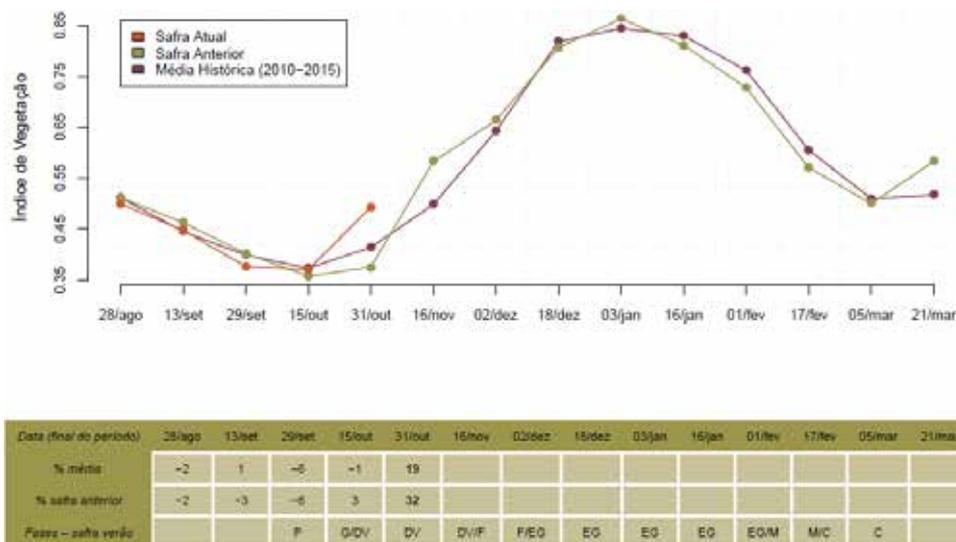
Fonte: Glam



A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem em torno de 41% de suas lavouras com altas respostas de IV contra 16% do ano passado. Esta diferença é retratada em verde do mapa. Já na faixa de baixos valores de IV a safra atual tem 6% contra 32% do ano passado, diferença mostrada nas cores amarelo no mapa. Estes números comprovam

o adiantamento do plantio da atual safra em relação ao ano passado. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 19% acima da média dos 6 últimos anos e 32% acima da safra anterior.

Gráfico 57 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras – Oeste PR

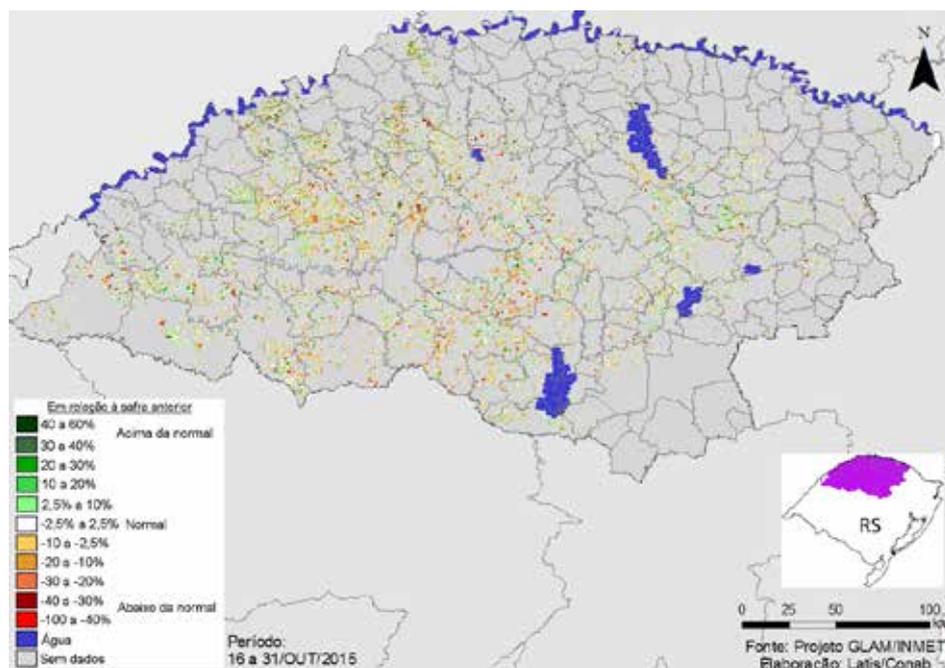


No gráfico da evolução temporal, o traçado da linha vermelha em expressiva ascensão, mostra que a safra atual já responde com IV acima das safras passadas.

Isso é um indicativo de que em 2015 o plantio vem ocorrendo mais cedo que em anos anteriores, nesta região.

1.5.6. Noroeste do Rio-Grandense

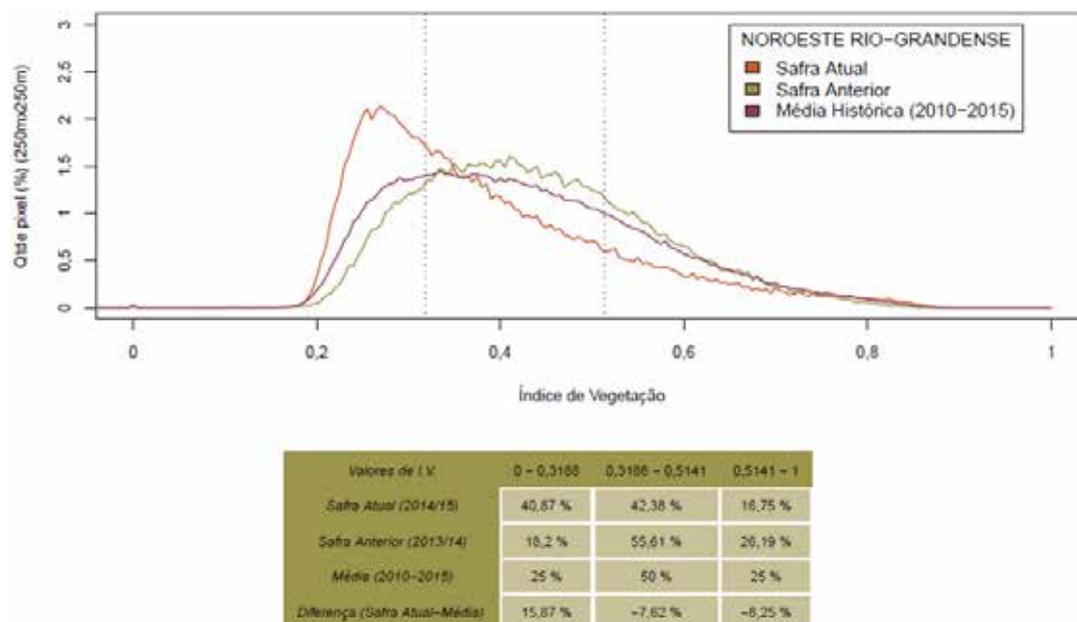
Figura 12 – Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos, em relação ao ano passado



O mapa da anomalia do IV no Noroeste Rio-grandense mostra predomínio das cores amarelo, laranja e marrom. Estas cores podem corresponder a áreas de cobertura já dessecadas para o plantio da próxima safra de verão ou a áreas de trigo em estágios mais avançados do que no ciclo anterior, em maturação e colheita. No entanto, os efeitos da falta de chuvas em agosto, o impacto das geadas na primeira quinzena

de setembro e o excesso de chuvas na segunda quinzena de setembro e primeira quinzena de outubro também provocaram essa anomalia. Houve, ainda, redução do ciclo das culturas de inverno, por consequência das altas temperaturas atípicas para essa época do ano em boa parte da região. As condições atuais indicam redução no potencial produtivo dos cultivos de inverno na região

Gráfico 58 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



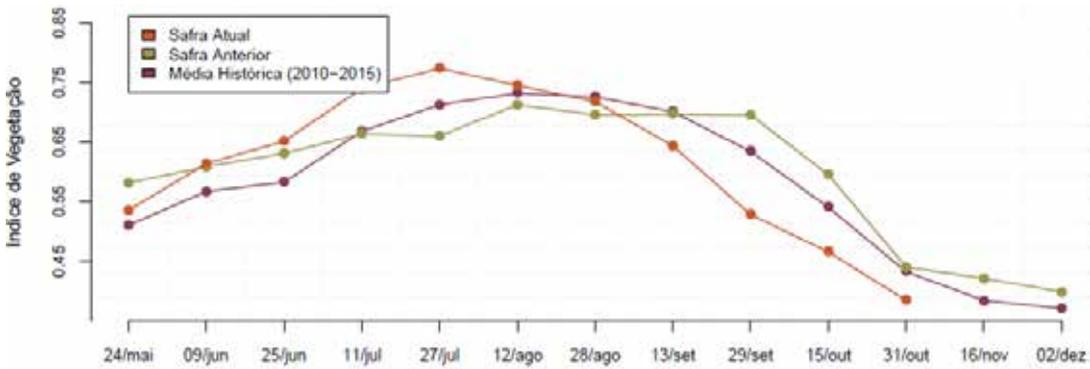
Fonte: Glam

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que em torno de 83% das áreas de agricultura ainda não foram cultivadas, ou estão em germinação ou ainda no início do desenvolvimento (baixas e médias respostas). No ano passado, aproximadamente 73% das áreas estavam nestas condições. A safra atual

tem 17% das áreas com boa cobertura foliar (altas respostas de IV), contra 26% do ano passado nesta mesma época. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 11% abaixo da média dos 6 últimos anos e 13% abaixo da safra passada.



Gráfico 59 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras – Noroeste RS



Data (final do período)	24/mai	09/jun	25/jun	11/jul	27/jul	12/ago	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	15/nov	02/dez
% média	5	8	12	11	9	2	-1	-8	-17	-14	-11		
% safra anterior	-8	1	3	11	17	5	3	-8	-24	-22	-13		
Fases – safra inverno			P	PIG/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	MC	C	C

Fonte: Glam

Gráfico 60 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras no Noroeste do RS (máscara com pontos amostrado no campo)



Fonte: Glam

No gráfico da evolução temporal do IV, gerado a partir das máscaras de cultivo de anos anteriores (Gráfico 59), a linha vermelha mostra que em 2015 as áreas de cultivo apresentaram altas respostas de IV até o final de julho. A partir daí vem apresentando quedas sucessivas, situando-se no momento abaixo das safras anteriores, devido aos efeitos das condições climáticas adversas e à dessecação de áreas para plantio da próxima safra de verão. Houve uma desaceleração na queda do índice na primeira quinzena de outubro, que pode estar associada a uma possível recuperação de parte das lavouras afetadas pelas geadas e ao início do desenvolvimento das culturas de verão plantadas

sobre áreas de cobertura. No entanto, o índice voltou a cair acentuadamente na quinzena seguinte, devido, principalmente, à intensificação da maturação e da colheita das lavouras. Os dados de satélite apontam para redução de rendimento dos cultivos de inverno na região.

O monitoramento da safra atual feito a partir da máscara de cultivo originada de pontos amostrais coletados em campo (gráfico 60) indica um trecho em ascensão mais forte a partir do final de junho até agosto, que corresponde às fases de desenvolvimento, floração e início do enchimento de grãos das culturas



de inverno. Como constatado, foram boas as respostas de IV neste período. No entanto, os dois trechos seguintes em declive mostram que a redução no IV ocorreu, principalmente, em função dos impactos negativos da falta de chuvas em agosto, da ocorrência das geadas em setembro e da redução do ciclo de parte das lavouras, que afetaram os cultivos de inverno. Já na quinzena seguinte, houve uma desaceleração na

queda do índice que, no caso desse monitoramento (feito a partir de pontos amostrais de cultura de inverno coletados em campo), deve estar mais associada à possível recuperação de parte das lavouras afetadas por geada na região. Mesmo assim, o índice voltou a cair acentuadamente na quinzena seguinte, devido, principalmente, à intensificação da maturação e da colheita das lavouras.





10. Análise das culturas

10.1 Culturas de verão

10.1.1. Algodão

O segundo levantamento de intenção de plantio da lavoura brasileira de algodão aponta para uma redução na área plantada, variando de 5,5 a 2,9% na temporada 2015/16. Essa redução foi influenciada pela atual conjuntura adversa para o produto, tanto interna quanto externa, onde os estoques internacionais elevados promovem impactos negativos nos preços da pluma.

A Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, deverá apresentar uma pequena elevação na sua área plantada, apresentando um incremento que varia de 0,2 a 2,3% em relação aos 627,6 mil hectares plantados na temporada recém encerrada. O Mato Grosso, maior produtor nacional da fibra, apresentará um incremento médio de 2% na área, Goiás está previsto reduzir o plantio em 15,5% comparado com o da safra recém colhida e o Mato Grosso do Sul deverá apresentar incremento médio de 5,95%.

No Mato Grosso, maior produtor nacional, no decorrer da finalização da colheita da safra 2015, já havia a expectativa de que a área de plantio fosse mantida ou que houvesse uma pequena ampliação na intenção dos produtores. Os elevados custos de produção, ainda mais acentuados nesta safra por conta da alta do dólar, parecem não ter resultado em impactos que abalasses a confiança dos agricultores. O plantio do algodão de 1ª safra tem previsão para iniciar no mês

de dezembro, lembrando que neste ano foi prorrogado o período do vazio sanitário no estado para o dia 30 de novembro. O plantio da 2ª safra deverá ocorrer nos meses de janeiro e fevereiro de 2016, a depender da normalização do atual quadro de escassez hídrica, uma vez que o plantio da soja encontra-se atrasado.

A expectativa é de que a área total de plantio em Mato Grosso aumente 2% em comparação à safra 2014/15, variando de 562.700 ha para 573.954 ha, com o crescimento concentrado principalmente na região de Sapezal. A comercialização da safra 15/16 de algodão encontra-se atualmente em torno de 30% da oferta estimada, nos roteiros onde a informação foi disponibilizada. Na região de Primavera do Leste, foi informado que as negociações do algodão se encontram em ritmo mais lento devido ao cenário imprevisível da economia, havendo expectativa de retomada de negociações em janeiro.

No Mato Grosso do Sul, a tendência de redução da área descrita no levantamento anterior não se confirmou no presente levantamento, esperando-se uma forte reversão na intenção dos produtores, sendo informado um incremento que varia de 2,6 a 9,3% em relação ao exercício anterior. Esses dados ainda não estão totalmente consolidados, em decorrência das dificuldades relacionadas à obtenção de crédito, instabilidade climática na região Norte, maior produtora de algodão do estado, onde a lavoura é plantada em sucessão à soja, cujo plantio se encontra atrasado.

O plantio do algodão no estado de Goiás prevê apresentar a segunda maior redução percentual da temporada, situando-se no intervalo de 16% a 15%, num forte movimento de cessão de área para a soja. Um fato que pode alterar este panorama, relaciona-se ao

receio dos produtores quanto ao atraso no início do plantio da soja principalmente na região sudoeste do estado, onde grande parte da produção é proveniente do plantio da fibra em sucessão à oleaginosa.

Na região Sudeste, a área de cultivo de algodão em Minas Gerais, principal produtor regional, está estimada entre 18,8 mil e 19 mil hectares, sinalizando uma manutenção em relação aos números observados na safra passada. O plantio de algodão no estado de Minas Gerais tem início a partir de 20 de novembro, quando se encerra o período de vazio sanitário de 60 dias instituído pelo Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA) como medida fitossanitária para prevenção e controle do bicudo e proteção da produção em relação aos prejuízos ocasionados pela praga.

Na região Nordeste, segunda maior produtora do país, o algodão nesta temporada deverá sofrer a maior redução percentual, variando de 16,9 a 13,4%, pressionada pelo desempenho previsto ocorrer com a lavoura na Bahia, principal produtora regional e a segunda nacional, que também deverá ceder parte da área para o plantio de soja. No Maranhão, a área do algodão está concentrada nos municípios situados no entorno de Balsas, extremo sul do estado, e até o presente momento não houve alteração na perspectiva de alterar a área a ser plantada. Com a normalização das chuvas, o plantio está previsto para ocorrer no mês de dezembro e com sua finalização em janeiro.

A consolidação dessas informações permite estimar para a safra de algodão na temporada 2015/16 uma expectativa de plantio variando de 939 a 965,3 mil hectares, representando uma redução entre 5,5 e 2,9% em relação ao ocorrido no exercício anterior.



Figura 13 - Mapa da produção agrícola - algodão

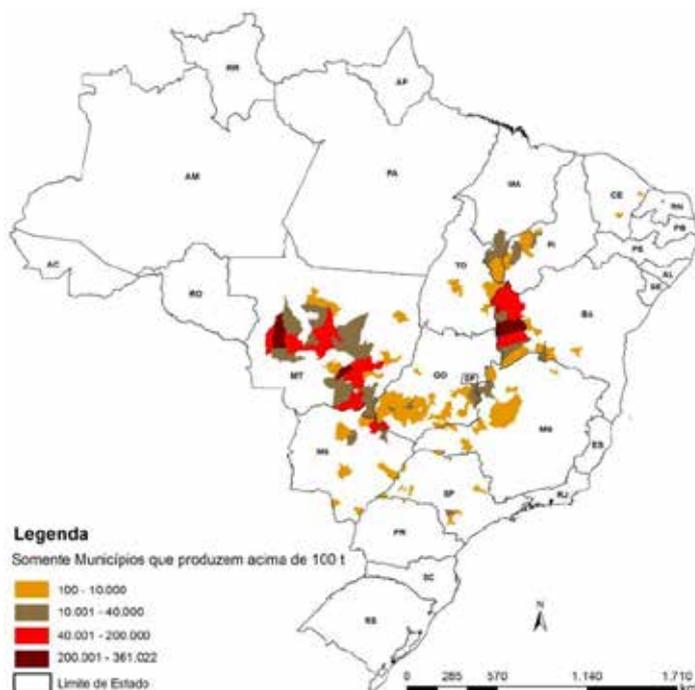


Tabela 17 - Comparativo de área, produtividade e produção - algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,7	7,7	7,9	-	2,6	3.830	3.845	0,4	29,5	29,6	30,4	0,3	3,1
TO	7,7	7,7	7,9	-	2,4	3.830	3.845	0,4	29,5	29,6	30,4	0,3	3,1
NORDESTE	335,5	278,7	290,7	(16,9)	(13,4)	3.647	3.828	4,9	1.223,7	1.066,8	1.112,7	(12,8)	(9,1)
MA	21,4	21,4	21,4	-	-	3.984	4.036	1,3	85,3	86,4	86,4	1,3	1,3
PI	14,2	14,2	14,2	-	-	3.536	3.641	3,0	50,2	51,7	51,7	3,0	3,0
CE	0,4	0,4	0,4	-	-	306	632	106,5	0,1	0,3	0,3	200,0	200,0
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	4.500	4.108	(8,7)	1,4	1,2	1,2	(14,3)	(14,3)
PB	0,2	0,2	0,2	-	-	1.210	991	(18,1)	0,2	0,2	0,2	-	-
PE	0,1	0,1	0,1	-	-	512	512	-	0,1	0,1	0,1	-	-
AL	0,1	0,1	0,1	-	-	490	495	1,0	-	-	-	-	-
BA	298,8	242,0	254,0	(19,0)	(15,0)	3.636	3.830	5,3	1.086,4	926,9	972,8	(14,7)	(10,5)
CENTRO-OESTE	627,6	628,6	642,3	0,2	2,3	4.106	3.965	(3,4)	2.576,8	2.492,5	2.547,3	(3,3)	(1,1)
MT	562,7	568,3	579,6	1,0	3,0	4.095	3.943	(3,7)	2.304,3	2.240,8	2.285,4	(2,8)	(0,8)
MS	31,1	31,9	34,0	2,6	9,3	4.500	4.267	(5,2)	140,0	136,1	145,1	(2,8)	3,6
GO	33,8	28,4	28,7	(16,0)	(15,0)	3.919	4.069	3,8	132,5	115,6	116,8	(12,8)	(11,8)
SUDESTE	22,2	23,1	23,5	4,1	5,9	3.574	3.689	3,2	79,4	85,2	86,7	7,3	9,2
MG	18,8	18,8	19,0	-	1,1	3.600	3.724	3,4	67,7	70,0	70,8	3,4	4,6
SP	3,4	4,3	4,5	26,0	31,3	3.432	3.541	3,2	11,7	15,2	15,9	29,9	35,9
SUL	0,9	0,9	0,9	-	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	2,0	-	-
PR	0,9	0,9	0,9	-	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	2,0	-	-
NORTE/NORDESTE	343,2	286,4	298,6	(16,6)	(13,0)	3.652	3.828	4,8	1.253,2	1.096,4	1.143,1	(12,5)	(8,8)
CENTRO-SUL	650,7	652,6	666,7	0,3	2,5	4.085	3.953	(3,2)	2.658,2	2.579,7	2.636,0	(3,0)	(0,8)
BRASIL	993,9	939,0	965,3	(5,5)	(2,9)	3.935	3.915	(0,5)	3.911,4	3.676,1	3.779,1	(6,0)	(3,4)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em novembro/2015



Tabela 18 - Comparativo de área, produtividade e produção - algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,7	7,7	7,9	-	2,6	1.475	1.480	0,4	11,4	11,4	11,7	-	2,6
TO	7,7	7,7	7,9	-	2,4	1.475	1.480	0,3	11,4	11,4	11,7	-	2,6
NORDESTE	335,5	278,7	290,7	(16,9)	(13,4)	1.427	1.498	5,0	478,9	417,6	435,6	(12,8)	(9,0)
MA	21,4	21,4	21,4	-	-	1.574	1.594	1,3	33,7	34,1	34,1	1,2	1,2
PI	14,2	14,2	14,2	-	-	1.397	1.438	2,9	19,8	20,4	20,4	3,0	3,0
CE	0,4	0,4	0,4	-	-	107	221	106,5	-	0,1	0,1	-	-
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	1.710	1.561	(8,7)	0,5	0,5	0,5	-	-
PB	0,2	0,2	0,2	-	-	424	347	(18,2)	0,1	0,1	0,1	-	-
PE	0,1	0,1	0,1	-	-	179	179	-	-	-	-	-	-
AL	0,1	0,1	0,1	-	-	172	173	0,6	-	-	-	-	-
BA	298,8	242,0	254,0	(19,0)	(15,0)	1.422	1.498	5,3	424,8	362,4	380,4	(14,7)	(10,5)
CENTRO-OESTE	627,6	628,6	642,3	0,2	2,3	1.640	1.584	(3,4)	1.029,2	995,6	1.017,4	(3,3)	(1,1)
MT	562,7	568,3	579,6	1,0	3,0	1.638	1.577	(3,7)	921,7	896,3	914,1	(2,8)	(0,8)
MS	31,1	31,9	34,0	2,6	9,3	1.778	1.685	(5,2)	55,3	53,8	57,3	(2,7)	3,6
GO	33,8	28,4	28,7	(16,0)	(15,0)	1.544	1.603	3,8	52,2	45,5	46,0	(12,8)	(11,9)
SUDESTE	22,2	23,1	23,5	4,1	5,9	1.396	1.442	3,3	31,0	33,3	33,9	7,4	9,4
MG	18,8	18,8	19,0	-	1,1	1.404	1.452	3,4	26,4	27,3	27,6	3,4	4,5
SP	3,4	4,3	4,5	26,0	31,3	1.356	1.399	3,2	4,6	6,0	6,3	30,4	37,0
SUL	0,9	0,9	0,9	-	-	778	778	-	0,7	0,7	0,7	-	-
PR	0,9	0,9	0,9	-	-	828	828	-	0,7	0,7	0,7	-	-
NORTE/NORDESTE	343,2	286,4	298,6	(16,6)	(13,0)	1.429	1.498	4,8	490,3	429,0	447,3	(12,5)	(8,8)
CENTRO-SUL	650,7	652,6	666,7	0,3	2,5	1.630	1.578	(3,2)	1.060,9	1.029,6	1.052,0	(3,0)	(0,8)
BRASIL	993,9	939,0	965,3	(5,5)	(2,9)	1.561	1.553	(0,5)	1.551,2	1.458,6	1.499,3	(6,0)	(3,3)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em novembro/2015



Tabela 19 - Comparativo de área, produtividade e produção - caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,7	7,7	7,9	-	2,6	2.355	2.365	0,4	18,1	18,2	18,7	0,6	3,3
TO	7,7	7,7	7,9	-	2,4	2.355	2.365	0,4	18,1	18,2	18,7	0,6	3,3
NORDESTE	335,5	278,7	290,7	(16,9)	(13,4)	2.220	2.329	4,9	744,8	649,2	677,1	(12,8)	(9,1)
MA	21,4	21,4	21,4	-	-	2.410	2.442	1,3	51,6	52,3	52,3	1,4	1,4
PI	14,2	14,2	14,2	-	-	2.139	2.203	3,0	30,4	31,3	31,3	3,0	3,0
CE	0,4	0,4	0,4	-	-	199	411	106,5	0,1	0,2	0,2	100,0	100,0
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	2.790	2.547	(8,7)	0,9	0,7	0,7	(22,2)	(22,2)
PB	0,2	0,2	0,2	-	-	787	644	(18,2)	0,1	0,1	0,1	-	-
PE	0,1	0,1	0,1	-	-	333	333	-	0,1	0,1	0,1	-	-
AL	0,1	0,1	0,1	-	-	319	322	0,9	-	-	-	-	-
BA	298,8	242,0	254,0	(19,0)	(15,0)	2.214	2.332	5,3	661,6	564,5	592,4	(14,7)	(10,5)
CENTRO-OESTE	627,6	628,6	642,3	0,2	2,3	2.466	2.381	(3,4)	1.547,6	1.496,9	1.529,9	(3,3)	(1,1)
MT	562,7	568,3	579,6	1,0	3,0	2.457	2.366	(3,7)	1.382,6	1.344,5	1.371,3	(2,8)	(0,8)
MS	31,1	31,9	34,0	2,6	9,3	2.723	2.582	(5,2)	84,7	82,3	87,8	(2,8)	3,7
GO	33,8	28,4	28,7	(16,0)	(15,0)	2.375	2.466	3,8	80,3	70,1	70,8	(12,7)	(11,8)
SUDESTE	22,2	23,1	23,5	4,1	5,9	2.178	2.247	3,2	48,4	51,9	52,8	7,2	9,1
MG	18,8	18,8	19,0	-	1,1	2.196	2.272	3,5	41,3	42,7	43,2	3,4	4,6
SP	3,4	4,3	4,5	26,0	31,3	2.076	2.142	3,2	7,1	9,2	9,6	29,6	35,2
SUL	0,9	0,9	0,9	-	-	1.351	1.351	-	1,3	1,3	1,3	-	-
PR	0,9	0,9	0,9	-	-	1.351	1.351	-	1,3	1,3	1,3	-	-
NORTE/NORDESTE	343,2	286,4	298,6	(16,6)	(13,0)	2.223	2.330	4,8	762,9	667,4	695,8	(12,5)	(8,8)
CENTRO-SUL	650,7	652,6	666,7	0,3	2,5	2.454	2.375	(3,2)	1.597,3	1.550,1	1.584,0	(3,0)	(0,8)
BRASIL	993,9	939,0	965,3	(5,5)	(2,9)	2.374	2.361	(0,5)	2.360,2	2.217,5	2.279,8	(6,0)	(3,4)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em novembro/2015



Tabela 20 - Calendário de plantio e colheita - algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P				C	C		
Nordeste												
MA			P	P	P				C	C	C	C
PI			P	P	P				C	C	C	C
CE				P	P	P			C	C	C	
RN	C			P	P	P			C	C	C	C
PB	C				P	P	P	P	C	C	C	C
PE	C	C			P	P	P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P			C
BA		P	P	P	P			C	C	C	C	C
Centro-Oeste												
MT			P	P					C	C	C	C
MS		P	P	P			C	C	C	C	C	
GO		P	P	P					C	C	C	
Sudeste												
MG		P	P	P			C	C	C	C	C	
SP	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
Sul												
PR	P	P	P			C	C	C				

Legenda:P-Plantio;C-Colheita;P/C-Plantioecolheita.

Fonte: Conab

10.1.1.1 Oferta e demanda

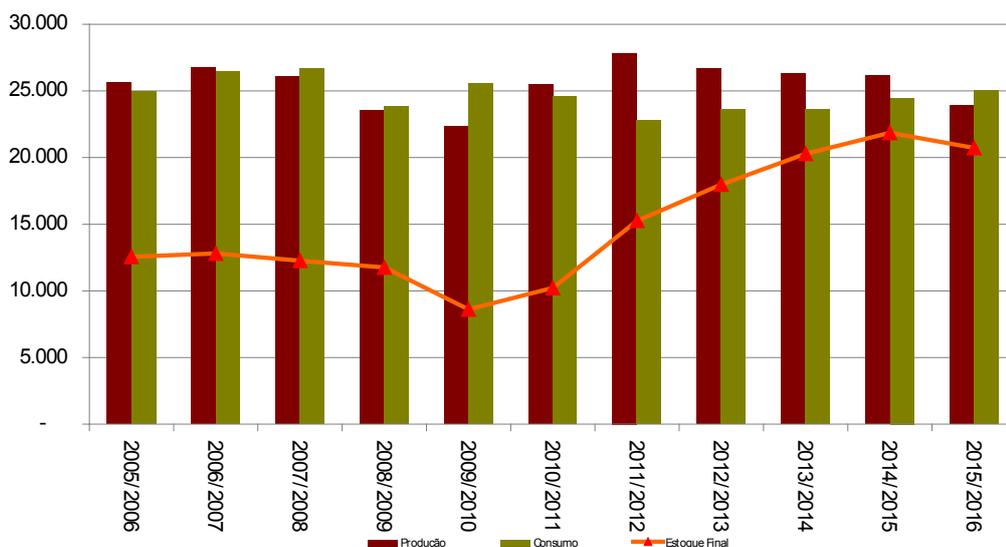
Panorama mundial

O mercado mundial do algodão, segundo as projeções do Comitê Consultivo Internacional do Algodão – ICAC, ao longo da safra 2015/16 passará por uma importante mudança no quadro de oferta e demanda. De acordo com os dados publicados em novembro/2015 pela referida entidade, a produção mundial de pluma avaliada em 23.920 mil toneladas será inferior ao consumo (25.050 mil toneladas) pela primeira vez desde a safra 2009/10.

Cabe enfatizar que o menor volume de produção contribuirá para uma redução de 5,17% nos estoques de passagem no ano safra 2015/16, projetado em 20.730 mil toneladas contra 21.860 mil toneladas em 2014/15. Neste sentido, a relação estoque versus consumo, no período, passa a ser de 82,75% contra 89,33% na safra 2014/15. Contudo, destaca-se que cerca de 56,44% dos estoques mundiais no biênio 2015/16 estarão concentrados apenas na China contra 58,90 na safra anterior. Ver gráfico 61.



Gráfico 61– Comparativo de produção, consumo e estoque final de algodão no mundo nas últimas nas últimas 11 safras (em mil toneladas)



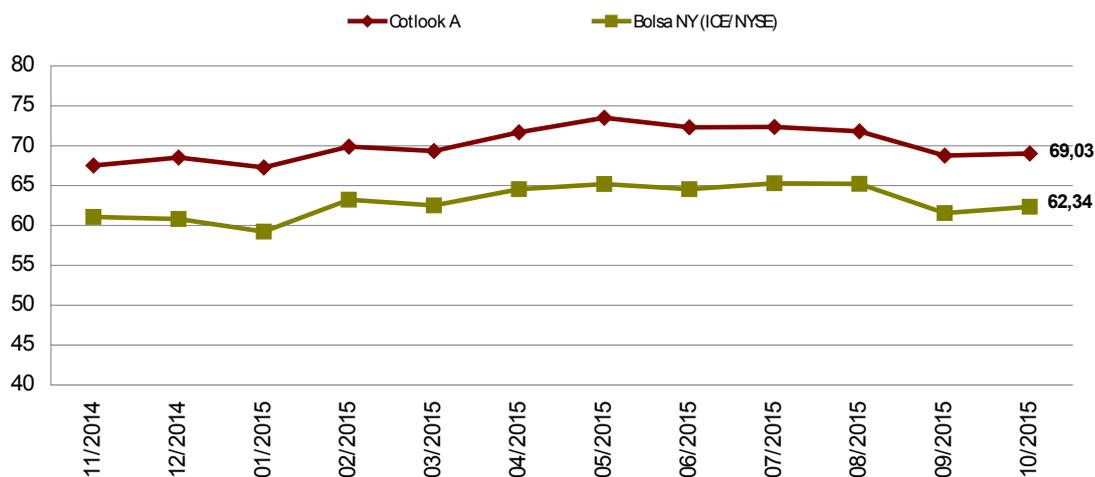
Fonte: Icac

Preços internacionais

Os preços médios internacionais da pluma apresentaram leve recuperação em outubro. Como fator principal atribui-se a ocorrência de tempestades nos Estados Unidos, que para a lavoura de algodão certamente prejudicará a qualidade da fibra na região

afetada. Outro ponto positivo diz respeito ao bom desempenho das exportações de pluma estadunidense, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos EUA – USDA.

Gráfico 62 – Preços internacionais médios mensais (FOB) – 12 meses (em Cents US\$/lb)



Fonte: Nyse/Cotlook



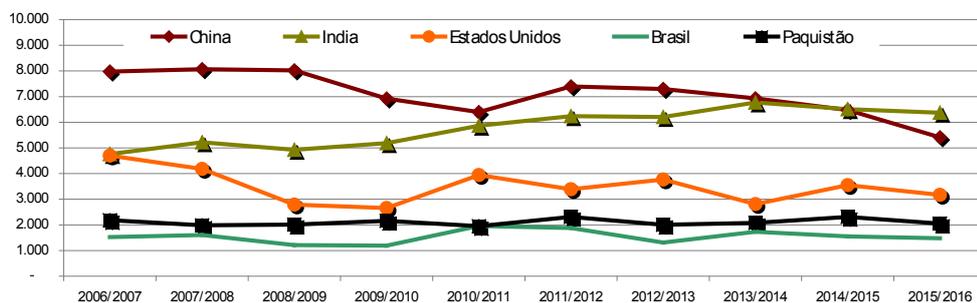
Panorama nacional

O segundo levantamento de intenção de plantio elaborado pela Conab em 2015 estima para a safra 2015/16 um intervalo de produção de pluma no Brasil entre 1.458,6 mil toneladas e 1.499,3 mil toneladas, no ponto médio tem-se portanto um volume de produção estimado em 1.478,9 mil toneladas. Cabe destacar que a o volume produzido na safra 2014/15 foi de 1.551,2 mil toneladas aproximadamente. Cabe salientar que o limite inferior do intervalo da estimativa aponta para uma redução de 6,0% e o limite superior um recuo menor de 3,3%.

No primeiro levantamento a Conab trabalhou com intervalos de produção negativo no plano inferior e positivo no superior. A justificativa para esse movimento misto na produção é refletia a grande valorização do dólar frente o real em 2015, notadamente no mês de setembro quando a moeda americana, segundo o Banco Central chegou a valer R\$ 4,1949 no dia

24/09/2015. e esperado para se manter elevado em 2016. A moeda estadunidense valorizada permite que o excedente da produção de pluma, não consumida pela Indústria nacional, seja exportado a preços mais remuneradores, todavia elevam muito o custo dos insumos que representam aproximadamente 55% do custo total. Dessa feita, o saldo dessa operação traz pouco ou quase nenhum incremento na remuneração do cotonicultor. Em Outubro/15 período em que foi realizado o atual levantamento o a volatilidade do dólar foi menor ficando de certa forma estabilizado, fechando o mês com média de R\$ 3,8801/US\$, ligeiramente inferior a setembro, talvez resida aí uma das causas que levaram os produtores refletir e indicar de forma mais consistente o possível recuo na área a ser cultivada no ano safra 2015/16, o que implicaria em um menor volume de produção Ver Gráfico 63 para comparativo da produção brasileira com os demais países produtores.

Gráfico 63 – Evolução da produção de algodão nas últimas dez safras – Principais produtores (em mil toneladas)



Fonte: Icac

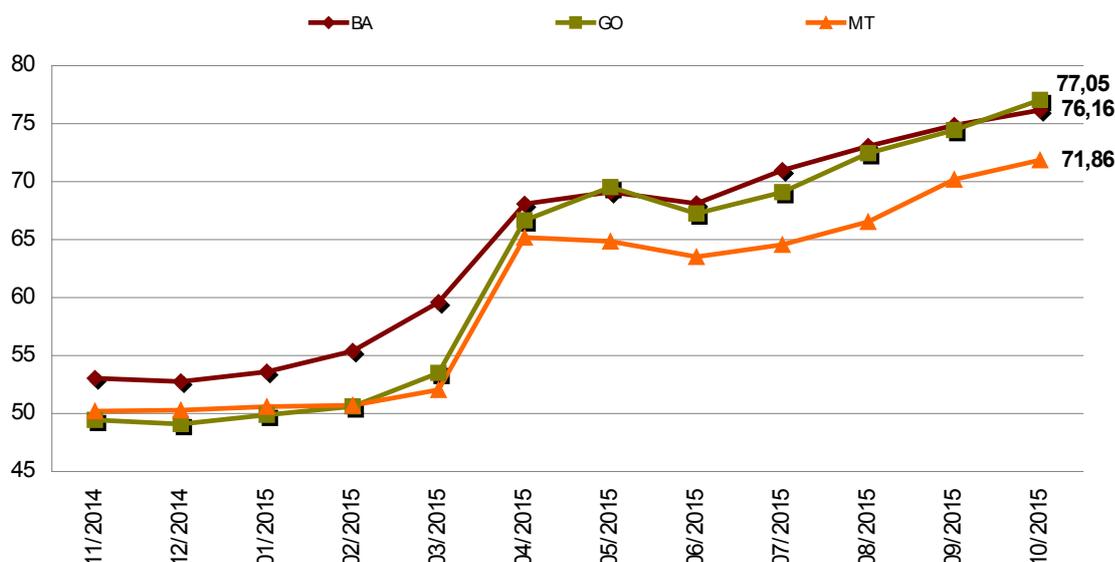
Preços nacionais

Os preços domésticos do algodão, por mais uma vez, reagiram de maneira positiva à alta do dólar. No mês de outubro, subiram em todos os estados avaliados em comparação a setembro, na Bahia a média elevou-se 1,74%, perfazendo o va-

lor de R\$76,16/@ em Goiás, 3,49% com média de R\$77,05/@ e em Mato Grosso o mês fechou com incremento de 2,39%, indicando uma média de R\$71,86/@. Ver Gráfico 64.



Gráfico 64 – Algodão - preços médios mensais pagos ao produtor (em 12 meses) - em R\$/@



Fonte: Conab

Informações sobre o consumo nacional

Foram promovidos ajustes nos números de consumo a partir de 2014, tornando-os mais compatíveis com os volumes de produção, de exportação e demanda por parte das fiações que tem apresentado pouco animador no período. Neste sentido, levando em consideração as atuais previsões de crescimento negativo da economia brasileira, a Conab procedeu aos ajustes man-

tendo a tendência de queda. Assim alterou sua projeção de consumo em 2015 para 820,0 mil toneladas e de 800 mil toneladas em 2016. Nesse cenário, é importante enfatizar que a expectativa de menor importação de produtos de vestuários poderá estimular o aumento do consumo pela Indústria do algodão nacional em 2016.

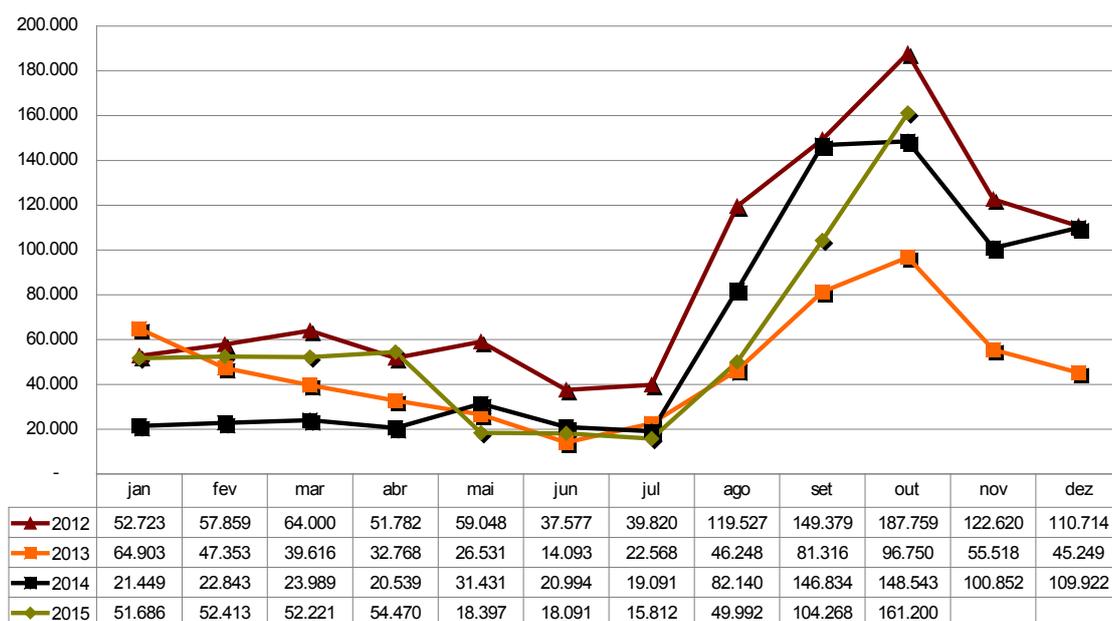
Análise de exportações brasileiras

O total das exportações brasileiras de algodão em 2014 foi de 748,6 mil toneladas, ou seja, montante de 30,67% superior ao volume exportado em 2013, fato que indica uma maior parcela do comércio internacional de pluma ocupada pelo País. A Conab mantém sua estimativa de 790,0 mil toneladas a ser exportada em 2015 e acredi-

ta que em 2016 os volumes a serem embarcados para o mercado externo será menor, alto em torno de 740 mil toneladas. Essa redução é explicada pela avaliação de menor consumo futuro de algodão pela China. Para acompanhamento das exportações brasileiras ver Gráfico 65.



Gráfico 65 – Exportação brasileira de algodão - de janeiro/2012 a outubro/2015 - Em mil toneladas



Fonte:Secex

Quadro de oferta e demanda

Diante do cenário ora apresentado, a atual configuração do quadro de suprimento estimado para 2015 passa a ser a seguinte: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) de 2.004,1 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) de 1.610,0 mil toneladas. Dessa maneira, a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2015 passa a ser de 394,1 mil toneladas de pluma, constituindo, assim, quantidade suficiente para abastecer a indústria nacional e honrar compromissos de exportação pelo curto período três meses aproximadamente.

Para 2016 a Conab projeta a seguinte configuração: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) de 1.876,6 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) de 1.540,0 mil toneladas. Dessa maneira, a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2016 passa a ser de 336,6 mil toneladas de pluma, quantidade suficiente para suprir para abastecer a indústria nacional e honrar compromissos de exportação pelo curto período de dois meses e meio aproximadamente.

Tabela 21 - Suprimento de algodão em pluma Brasil - 2010 a 2016 - em mil toneladas

Discriminação	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Oferta	2.180,0	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.004,1	1.876,6
Estoque inicial	76,0	521,7	470,5	305,1	449,4	394,1
Produção	1.959,8	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.551,2	1.479,0
- Centro-Sul	1.262,4	1.343,2	905,1	1.192,0	1.060,9	1.040,8
- Norte Nordeste	697,4	550,1	405,2	542,0	490,3	438,2
Importações	144,2	3,5	17,4	31,5	3,5	3,5
Demanda	1.658,3	1.948,0	1.493,1	1.621,1	1.610,0	1.540,0
Consumo Interno	900,0	895,2	920,2	872,5	820,0	800,0
Exportações	758,3	1.052,8	572,9	748,6	790,0	740,0
Estoque final	521,7	470,5	305,1	449,4	394,1	336,6

Legenda: (1) preliminar (2) estimativa

Fonte: CONAB/ SECEX/SRF-MF/ SINDITEXTIL-ABIT/ ANEA/ COOPERATIVAS/ ICAC



10.1.2. Amendoim

10.1.2.1. Amendoim primeira safra

Tabela 22 – Calendário de plantio e colheita – amendoim primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG			P	P	P	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C					P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C					P
RS	P	P	P		C	C	C					

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Tabela 23 - Comparativo de área, produtividade e produção - amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
SUDESTE	92,5	90,1	92,1	(2,6)	(0,4)	3.315	3.351	1,1	306,6	301,9	308,6	(1,5)	0,7
MG	2,7	2,1	2,3	(22,2)	(14,8)	3.338	3.443	3,1	9,0	7,2	7,9	(20,0)	(12,2)
SP	89,8	88,0	89,8	(2,0)	-	3.314	3.349	1,1	297,6	294,7	300,7	(1,0)	1,0
SUL	5,2	4,6	4,8	(11,5)	(7,7)	2.429	2.814	15,8	12,7	13,0	13,5	2,4	6,3
PR	2,2	1,6	1,8	(26,0)	(20,0)	2.400	2.485	3,5	5,3	4,0	4,5	(24,5)	(15,1)
RS	3,0	3,0	3,0	-	-	2.450	3.000	22,4	7,4	9,0	9,0	21,6	21,6
CENTRO-SUL	97,7	94,7	96,9	(3,1)	(0,8)	3.268	3.325	1,8	319,3	314,9	322,1	(1,4)	0,9
BRASIL	97,7	94,7	96,9	(3,1)	(0,8)	3.268	3.325	1,8	319,3	314,9	322,1	(1,4)	0,9

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em novembro/2015.



Figura 14 - – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/2016



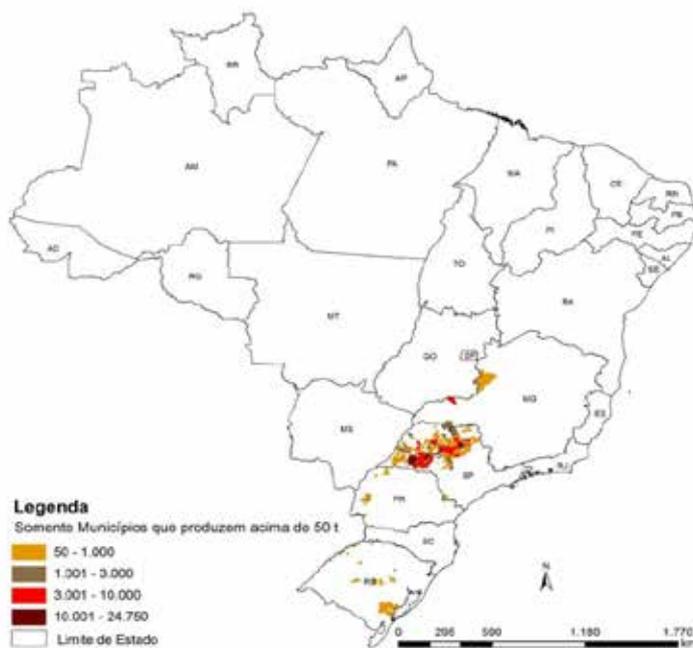
Tabela 24 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Arroz	- norte de SP (G), exceto regiões pontuais (G) - oeste, centro e sul de SP (G)			- regiões pontuais do norte de SP (G)**

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Figura 15 - Mapa da produção agrícola - amendoim - 1ª safra



12.1.2.2. Amendoim segunda safra

Tabela 25 – Calendário de plantio e colheita – amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO				P	P		C	C				
Nordeste												
CE				P	P	P		C	C	C		
PB							P	P			C	C
SE		P	P				C	C				
BA		P	P				C	C				
Centro-Oeste												
MT					P	P		C	C			
Sudeste												
SP				P	P	P	P	C	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – amendoim segunda safra

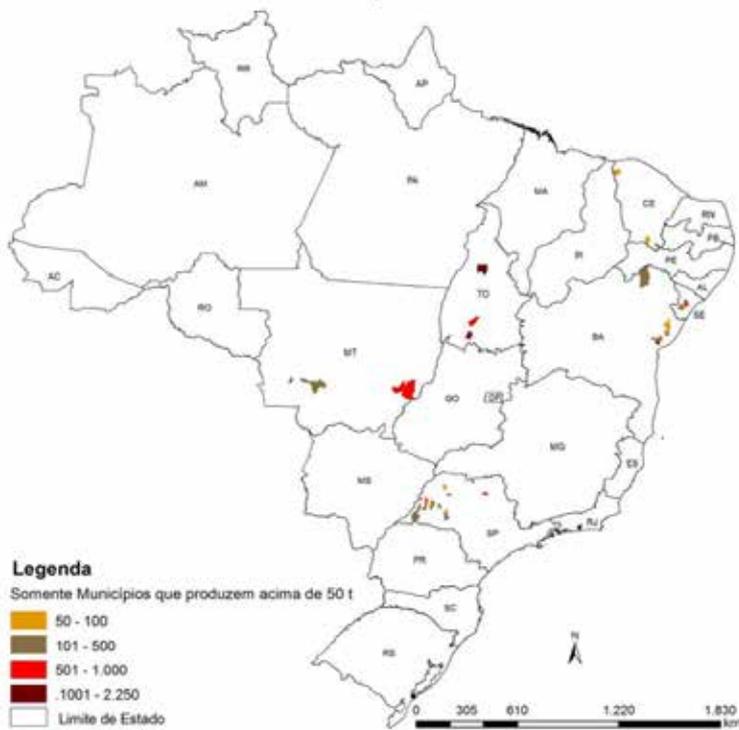
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	2,4	2,4	2,4	-	-	3.873	3.998	3,2	9,3	9,6	9,6	3,2	3,2
TO	2,4	2,4	2,4	-	-	3.873	3.998	3,2	9,3	9,6	9,6	3,2	3,2
NORDESTE	3,3	3,3	3,3	-	-	1.156	1.064	(8,0)	3,9	3,5	3,5	(10,3)	(10,3)
CE	0,4	0,4	0,4	-	-	662	663	0,2	0,3	0,3	0,3	-	-
PB	0,3	0,3	0,3	-	-	609	692	13,6	0,2	0,2	0,2	-	-
SE	1,1	1,1	1,1	-	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	1,5	(16,7)	(16,7)
BA	1,5	1,5	1,5	-	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	1,5	(6,3)	(6,3)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	0,2	-	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	0,4	-	-
MT	0,2	0,2	0,2	-	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	0,4	-	-
SUDESTE	5,3	5,3	5,3	-	-	2.615	2.523	(3,5)	13,9	13,4	13,4	(3,6)	(3,6)
SP	5,3	5,3	5,3	-	-	2.615	2.523	(3,5)	13,9	13,4	13,4	(3,6)	(3,6)
NORTE/NORDESTE	5,7	5,7	5,7	-	-	2.300	2.299	-	13,2	13,1	13,1	(0,8)	(0,8)
CENTRO-SUL	5,5	5,5	5,5	-	-	2.587	2.511	(2,9)	14,3	13,8	13,8	(3,5)	(3,5)
BRASIL	11,2	11,2	11,2	-	-	2.441	2.403	(1,5)	27,5	26,9	26,9	(2,2)	(2,2)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em novembro/2015.



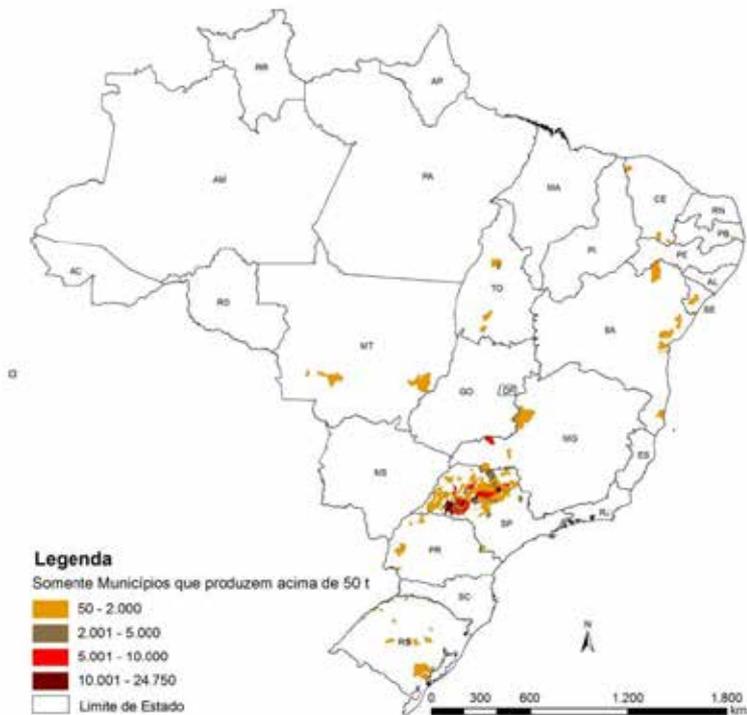
Figura 16 – Mapa da produção agrícola – amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE

12.1.2.3. Amendoim total

Figura 17 – Mapa da produção agrícola – amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE



Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – amendoim total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	2,4	2,4	2,4	-	-	3.873	3.998	3,2	9,3	9,6	9,6	3,2	3,2
TO	2,4	2,4	2,4	-	-	3.873	4.000	3,3	9,3	9,6	9,6	3,2	3,2
NORDESTE	3,3	3,3	3,3	-	-	1.156	1.064	(8,0)	3,9	3,5	3,5	(10,3)	(10,3)
CE	0,4	0,4	0,4	-	-	662	750	13,3	0,3	0,3	0,3	-	-
PB	0,3	0,3	0,3	-	-	609	667	9,5	0,2	0,2	0,2	-	-
SE	1,1	1,1	1,1	-	-	1.605	1.364	(15,0)	1,8	1,5	1,5	(16,7)	(16,7)
BA	1,5	1,5	1,5	-	-	1.068	1.000	(6,4)	1,6	1,5	1,5	(6,3)	(6,3)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	0,2	-	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	0,4	-	-
MT	0,2	0,2	0,2	-	-	1.848	2.000	8,2	0,4	0,4	0,4	-	-
SUDESTE	97,8	95,4	97,4	(2,5)	(0,4)	3.277	3.306	0,9	320,5	315,3	322,0	(1,6)	0,5
MG	2,7	2,1	2,3	(22,2)	(14,8)	3.338	3.432	2,8	9,0	7,2	7,9	(20,0)	(12,2)
SP	95,1	93,3	95,1	(1,9)	-	3.275	3.303	0,8	311,5	308,1	314,1	(1,1)	0,8
SUL	5,2	4,6	4,8	(11,5)	(7,7)	2.429	2.814	15,8	12,7	13,0	13,5	2,4	6,3
PR	2,2	1,6	1,8	(27,3)	(18,2)	2.400	2.500	4,2	5,3	4,0	4,5	(24,5)	(15,1)
RS	3,0	3,0	3,0	-	-	2.450	3.000	22,4	7,4	9,0	9,0	21,6	21,6
NORTE/NORDESTE	5,7	5,7	5,7	-	-	2.300	2.299	-	13,2	13,1	13,1	(0,8)	(0,8)
CENTRO-SUL	103,2	100,2	102,4	(2,9)	(0,8)	3.231	3.281	1,5	333,6	328,7	335,9	(1,5)	0,7
BRASIL	108,9	105,9	108,1	(2,8)	(0,7)	3.183	3.228	1,4	346,8	341,8	349,0	(1,4)	0,6

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em novembro/2015.

10.1.3. Arroz

Os números do arroz, referentes à safra 2015/16, indicam redução das variáveis analisadas, ou seja, na área plantada, produtividade e produção.

No que se refere à área, os limites inferior e superior ficaram entre 2,12 e 2,26 milhões de hectares, representando uma redução entre 7,4% e 1,6%. O mesmo ocorre quando se analisa a produção total, onde os números ficarão entre 11,3 e 12,2 milhões de toneladas, entre 9,2% e 2,1% menores do que a safra 2014/15. Espera-se uma produtividade média de 5.353 kg/ha.

Em Santa Catarina o clima para o plantio da nova safra tem sido favorável. O “veranico” antecipado fizeram com que os produtores também antecipassem a semeadura do arroz. Na quinzena anterior ao levantamento ocorreram chuvas acima da média no estado, com isto, os reservatórios de água e os rios que fornecem água para irrigação possuem volume adequado para fornecimento às lavouras. No município de Tubarão constatou-se atraso no plantio devido ao excesso de chuvas. Neste município se concentra a maior área

plantada do estado e utiliza-se, em sua maioria, o sistema de plantio direto (80%). Com excesso de umidade no solo, os produtores não conseguem avançar com o plantio, resultando, até o momento apenas 30% das lavouras semeadas. Devido ao excesso de chuvas em Santa Catarina, ainda não se pode afirmar que houve e nem mensurar o grau de possíveis prejuízos na cultura, por exemplo, na produtividade.

Para se exemplificar a situação climática, segundo dados da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), através do Centro de Informações de Recursos Ambientais e de Hidrometeorologia de Santa Catarina (Ciram), desde o primeiro dia de setembro até o dia 24 de outubro, os totais de chuva superaram os 400 mm em grande parte do estado. Ainda, os períodos de intervalo entre os dias chuvosos foram curtos e acompanhados de umidade do ar elevada.

Há locais com aproximadamente 92% da área prevista para plantio já foi semeada. Nas regiões do vale do



Itajaí e Litoral Norte do estado, a semeadura começou no final de junho, enquanto que na Região Sul o plantio foi a partir de setembro. Os produtores estão otimistas quanto à nova safra, especialmente devido aos preços praticados no mercado do arroz e isso indica uma estabilidade na área plantada, ficando entre 147,6 mil e 150 mil hectares, ou seja, uma redução de 0,2% ou aumento de 1,4%. Como a produtividade deve ser 3,5% maior do que a safra passada, a produção total no estado deverá ser de 1,09 a 1,11 milhão de toneladas.

Situação idêntica foi diagnosticada no Rio Grande do Sul, pois em outubro as anomalias climáticas foram expressivas, apresentando chuvas torrenciais, vendavais, quedas de granizo e descargas elétricas. Esta situação proporcionou enchentes e atraso na implantação dos cultivos de verão, inclusive o arroz.

Em Cachoeira do Sul, por exemplo, entre os dias 8 e 12 de outubro choveu mais de 300 mm. O excesso de umidade impossibilita a sequência da semeadura e as cheias dos rios que já causaram perdas e replantio.

A lavoura de arroz da safra 2015/16 deve ser menor que a semeada na safra anterior, ficando entre 1 e 1,1 milhão de hectares. Os produtores estão preterindo as áreas situadas em cotas mais baixas e próximas a rios, pois diminuí-se os riscos de inundação e perdas. Até o dia 23 de outubro foram semeadas 25% do total da intenção de semeadura. Na safra anterior esse índice superava 70% e foi determinante para colheita muito boa. As perdas por enchentes ainda são pequenas. Há relatos de prejuízos na Depressão Central, com perdas de áreas semeadas e também perdas de solo devido às enxurradas. Até mesmo áreas semeadas no sistema pré-germinado foram perdidas por inundações por não permitir a drenagem. A estratificação da semeadura por região, conforme o Instituto Rio-grandense do Arroz (Irga) indicam que a semeadura avançou mais na Fronteira Oeste, alcançando 51% da área prevista. O menor índice semeado está na Planícies Costeiras Externa e na Depressão Central, com a semeadura de 10% da área prevista.

Caso as precipitações continuem acima da média, conforme as previsões climáticas, pode ocorrer atraso na semeadura do arroz com consequências negativas para a curva da produtividade, que deverá ficar em 7.500 kg/ha. Há dificuldade da realização dos tratamentos culturais nas áreas já semeadas, causando problemas no controle das invasoras, aplicação da adubação nitrogenada em cobertura, sem contar o aumento do custo de produção pelo uso constante da aviação agrícola devido à impossibilidade de se fazer os tratamentos entrando-se nas lavouras por terra.

No Paraná as lavouras de arroz de sequeiro são de subsistência, sem tecnificação e não têm demanda com crédito. Há apontamentos de que a cultura do arroz de sequeiro tende a acabar por inviabilidade econômica e falta de mão de obra. Atualmente a maior parte do grão colhido é para consumo dentro da propriedade. O excedente é comercializado direto com consumidor final em feiras locais.

Os insumos para a cultura de arroz irrigado no Paraná são supridos por empresas do Rio Grande do Sul estão dentro da normalidade. As áreas de arroz irrigado não têm como crescer significativamente e a região produtora mais expressiva está ao noroeste do estado. A expectativa é que a variação de área seja para menos, ficando entre 26,7 e 26,9 mil hectares, ou seja, entre 2% e 1% menor do que a safra passada.

O plantio do arroz está atrasado em função das chuvas e há relatos de necessidade de replantio em algumas áreas. O plantio já concluído em 56,1% da área estimada no Paraná. A principal região produtora é o município de Querência do Norte e as lavouras implantadas estão em boas condições.

A cultura do arroz irrigado no Paraná ocorre em duas safras. Após a colheita nos primeiros meses do ano (geralmente em janeiro) os produtores replantam para produzir segunda safra de arroz.

Em Tocantins a produção de arroz de sequeiro se concentra entre dezembro e janeiro. A cultura é característica dos pequenos produtores e agricultores familiares e parte da produção é para consumo próprio e plantio pouco tecnificado. A outra parte do plantio é utilizado como abertura de área para futuro plantio da soja.

O cultivo de arroz irrigado em Tocantins está atrasado pois os relatos apontam para uma escassez de umidade no solo devido ao atraso no início das chuvas. Para o cultivo do arroz irrigado houve relatos pontuais de diminuição na disponibilidade de água nos rios e represas para a irrigação da cultura. Até o momento não há perspectiva de reflexo negativo deste aspecto na produção e produtividade da cultura. A área plantada no estado deve ficar entre 113,2 e 129,9 mil hectares, ante os 127,5 mil hectares na safra 2014/15.

Em outro estado da Região Norte, Rondônia, existe por parte de alguns cerealistas o financiamento da lavoura para atendimento da demanda. No levantamento as informações indicam que o plantio está no início, atingindo 2% do previsto, que deverá ficar entre 43,4 e 44,3 mil hectares, indicando uma estabilidade na área plantada.



Em razão da escassez de água para irrigação em São Paulo os orizicultores paulistas estão migrando para outras culturas. Com isso estima-se uma redução entre 20% e 30% da área plantada com arroz irrigado.

No Rio de Janeiro estima-se queda na área a ser plantada de arroz em relação à safra passada, um dos principais motivos é a estiagem nas regiões produtoras. A cultura do arroz de terras altas vem registrando queda nas áreas plantadas. Os principais motivos das quedas estão relacionados a problemas climáticos, alto custo de produção, falta de máquinas para beneficiar o arroz, fazendo com que o plantio do arroz seja praticamente erradicado nessas regiões. Diante dos problemas acima relatados, produtores resolveram fazer a substituição de culturas (para o tomate e outras olericulturas). Outro fator que vem contribuindo também é a migração dos produtores para a pecuária leiteira e de corte.

Em Minas Gerais espera-se uma área plantada de 10 a 10,8 mil hectares cultivados com arroz na safra 2015/16. Estes dados poderão sofrer reduções nos próximos levantamentos, seguindo a tendência de safras anteriores, devido a diversos fatores tais como à baixa competitividade desta cultura em relação a outras mais rentáveis, vulnerabilidade aos riscos climáticos, restrições ao cultivo em terras baixas. As lavouras ainda existentes são conduzidas predominantemente por produtores tradicionais, em pequenas áreas e com baixo nível tecnológico e se destinam basicamente ao consumo próprio, com eventuais excedentes sendo comercializados em mercados locais e regionais. O plantio ocorre, normalmente, entre outubro e dezembro.

A safra 2015/16 da cultura do arroz em Sergipe foi iniciada em julho de 2015 e se estenderá até março de 2016. O cultivo do arroz é todo concentrado na região leste do estado, no baixo São Francisco, que faz divisa com Alagoas. Os agricultores da região estão otimistas devido ao apoio que está sendo dado pelo governo do estado, que realizou a distribuição de sementes de boa qualidade e disponibilizará máquinas agrícolas para o cultivo do grão. Foram adquiridas e distribuídas 400 toneladas de sementes de arroz para os agricultores. No entanto, devido ao ataque de ratos, alguns agricultores estão receosos em realizar o plantio, principalmente nos municípios mais atingidos por essa praga. Grande parte do arroz cultivado no estado está localizado no perímetro de ação da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) e é cultivado com irrigação. Estima-se que 36% da área plantada no estado é irrigada com águas da chuva e ou da maré. Considera-se que todo o arroz cultivado no estado é 100% irrigado.

As informações obtidas em Pernambuco indicam que

o cultivo do arroz tende a diminuir e até ser extinta na região devido à falta de investimentos em melhoramentos de solo, incentivo fiscais e falta de mercado para comercialização. No atual levantamento a intenção de plantio é de apenas 0,2 mil hectares, com produtividade média de 4.500 kg/ha.

No Maranhão, mais especificamente no município de Arari, as lavouras de o arroz irrigado encontram-se em estágio de desenvolvimento vegetativo. No município de Viana o arroz irrigado teve o plantio iniciado em setembro, com 75% da área plantada. Detectou-se o aparecimento de pragas da lavoura do arroz irrigado, sendo as principais: Bicheira da Raiz (*Oryzophagus oryzae*) com dano principal causado pela larva que se alimenta de raízes jovens e diminui a capacidade da planta em absorver os nutrientes; Percevejo-do-grão (*Oebalus poecilus* e *Oebalus ypsilongriseus*) onde os adultos permanecem nas plantas daninhas, principalmente no capim arroz, dentro ou fora da lavoura e atacam o arroz do florescimento ao amadurecimento dos grãos.

O cultivo de arroz de sequeiro em outros municípios ocorre de dezembro a janeiro. Esse tipo de manejo é utilizado para subsistência e comercialização do pequeno excedente, associado aos agricultores familiares com a utilização mínima de tecnologia, expressado, frequentemente, em baixos rendimentos. Também é utilizado em abertura de novas áreas para expansão dos cultivos de soja, prática que vem sendo abandonada pelos grandes e médios agricultores devido à baixa lucratividade que a cultura do arroz proporciona e devido a lançamentos de pacotes tecnológicos que já permitem o plantio de soja em áreas novas.

Em geral, espera-se que no Maranhão cultive entre 346,3 e 349,8 mil hectares de arroz (sequeiro e irrigado), atingindo uma produção total entre 525,7 e 531 mil toneladas do cereal.

A safra de arroz no Mato Grosso ainda não se iniciou, tendo em vista que o plantio comumente ocorre em novembro, após o início das chuvas e o plantio da soja. Assim as intenções de plantio seguem indeterminadas no Mato Grosso, exceto por informações pontuais em alguns municípios da região de Sinop, Campo Novo dos Parecis e na região do Baixo Araguaia, os quais diminuirão a área plantada e da região de Primavera do Leste e Lucas do Rio Verde e Médio Araguaia onde houve um leve aumento de área em alguns municípios. A expectativa de uma das principais fornecedoras de sementes do estado é de que haja pouca alteração na área plantada em Mato Grosso em relação à safra 2014/15. Inicialmente era esperado um aumento na área de arroz segunda safra, entre-



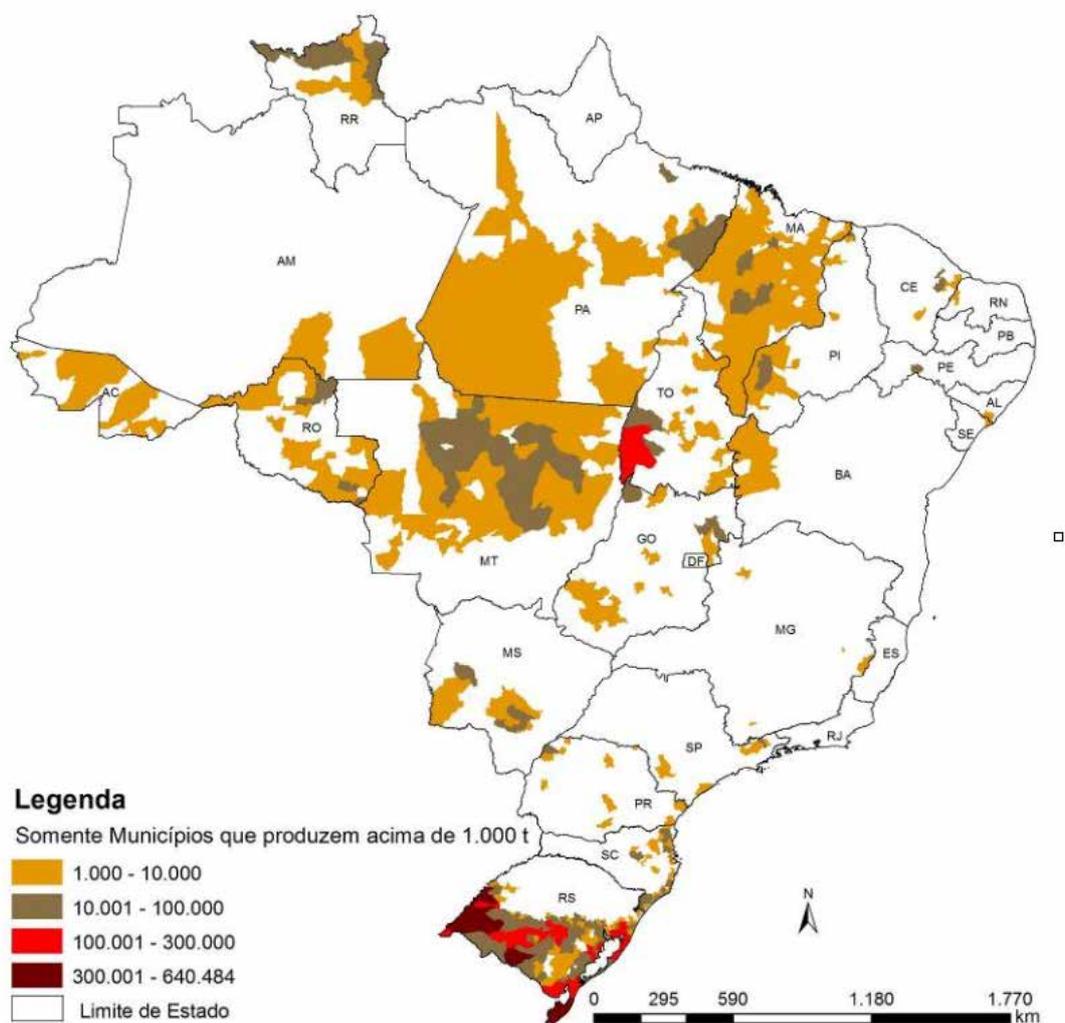
tanto, com o atraso do plantio da soja, a janela para o plantio do arroz na segunda safra fica comprometida, resultando na expectativa de diminuição da área dessa cultura. No geral, espera-se uma área plantada no Mato Grosso entre 173,1 e 178,7 mil hectares, com uma produtividade média de 3.309 kg/ha.

A cultura do arroz no Mato Grosso do Sul está na fase de plantio em todo o estado. As maiores áreas cultivadas estão localizadas nos municípios de Miranda, Rio Brillhante e Dourados. O plantio do estado é realizado de forma escalonada, estendendo-se de agosto a janeiro. As fases predominantes no momento e a germinação e desenvolvimento vegetativo e, em algumas localidades do sul do estado o plantio ainda não foi iniciado. Até o momento as lavouras estão em bom estado de desenvolvimento devido às chuvas ocorridas

nos últimos dias nas regiões produtoras, o que aumentou a capacidade dos mananciais hídricos.

Nos últimos anos a cultura vem apresentando diminuição de área e aumento de produtividade, essa diminuição deve-se a competição com o arroz dos estados do sul do país, mais especificamente do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. O setor agroindustrial do Mato Grosso do Sul tem dificuldade de introduzir o arroz beneficiado no mercado, tendo em vista a forte concorrência com outros estados. Segundo informações, este ano os bancos oficiais não disponibilizaram linhas de crédito para a cultura do arroz em Mato Grosso do Sul, mais um motivo que desestimulou alguns produtores desta cultura. Nesse sentido, espera-se uma redução de área entre 18,8% e 16% em relação à safra passada.

Figura 18 – Mapa da produção agrícola – arroz



Fonte: Conab/IBGE



Figura 19 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil

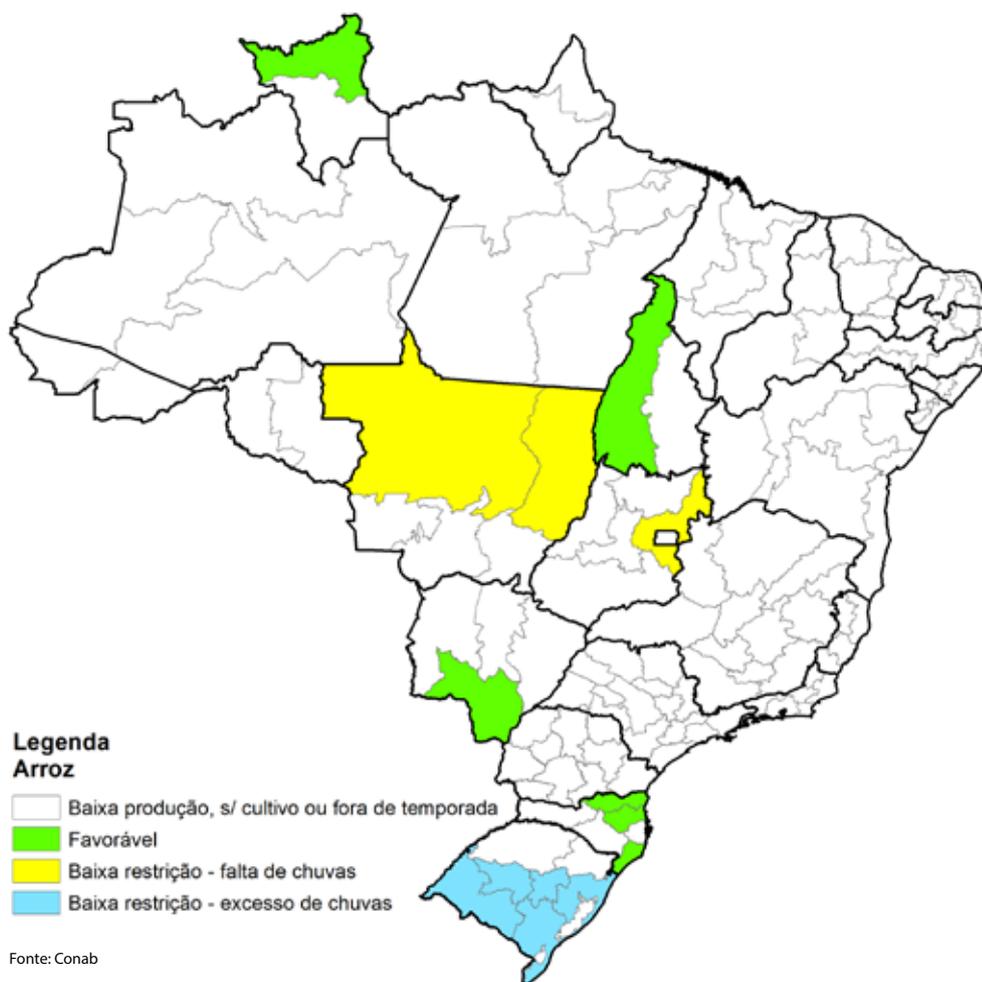


Tabela 28 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Arroz	<ul style="list-style-type: none"> - norte de RR - irrigado (G/DV) - oeste do TO - irrigado (G/DV) - parte do leste de GO (G) - parte do norte do MT (G) - sudoeste do MS (G) - leste de SC - irrigado (P), exceto regiões pontuais 	<ul style="list-style-type: none"> - regiões pontuais do leste de SC (P)** - sul, centro e leste do RS (P) 		<ul style="list-style-type: none"> - parte do norte do MT (G) - parte do leste de GO (G)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade



Tabela 29 - Comparativo de área, produtividade e produção – arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C					
AC	P	P	P		C	C	C					
AM	P	P	P	C	C	C	C					
AP				P	P	P		C	C	C		
PA	P	P	P	P/C	P/C	P/C	P/C	C	C	C	C	P
TO	P	P	P	P/C	C	C	C	C				P
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	P/C	C	C	C	C		
PI		P	P	P	P	C	C	C	C			
CE				P	P	P		C	C	C	C	
RN	C	C			P	P	P	P	C	C	C	C
PB				P	P	P		C	C	C		
PE	C	C		P	P	P		C	C	C	C	C
AL	P	P	P	C	C	C	C				C	P
SE	P	P		C	C	C						P
BA	P	P	P		C	C	C	C	C			
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
MS	P	P	P/C	C	C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C				
Sudeste												
MG	P	P	P			C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
RS	P	P	P		C	C	C	C				P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Tabela 30 - Comparativo de área, produtividade e produção - arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	261,6	245,8	263,5	(6,0)	0,7	3.797	3.889	2,4	993,4	948,4	1.032,4	(4,5)	3,9
RR	12,0	12,0	12,0	-	-	6.500	6.696	3,0	78,0	80,4	80,4	3,1	3,1
RO	44,3	43,4	44,3	(2,0)	-	2.859	2.939	2,8	126,7	127,6	130,2	0,7	2,8
AC	6,7	6,0	6,1	(10,0)	(9,0)	1.143	1.232	7,8	7,7	7,4	7,5	(3,9)	(2,6)
AM	3,3	3,4	3,4	2,0	4,0	2.189	2.210	1,0	7,2	7,5	7,5	4,2	4,2
AP	1,9	1,9	1,9	-	-	865	1.025	18,5	1,6	1,9	1,9	18,8	18,8
PA	65,9	65,9	65,9	-	-	2.537	2.617	3,2	167,2	172,5	172,5	3,2	3,2
TO	127,5	113,2	129,9	(11,2)	1,9	4.745	4.868	2,6	605,0	551,1	632,4	(8,9)	4,5
NORDESTE	476,6	468,4	473,2	(1,7)	(0,7)	1.440	1.604	11,4	686,3	752,1	758,7	9,6	10,5
MA	349,8	346,3	349,8	(1,0)	-	1.418	1.518	7,1	496,0	525,7	531,0	6,0	7,1
PI	95,1	95,1	95,1	-	-	1.184	1.476	24,7	112,6	140,4	140,4	24,7	24,7
CE	12,5	12,5	12,5	-	-	1.436	1.782	24,1	18,0	22,3	22,3	23,9	23,9
RN	0,9	0,9	0,9	-	-	2.590	2.694	4,0	2,3	2,4	2,4	4,3	4,3
PB	0,9	0,9	0,9	-	-	53	793	1.396,2	-	0,7	0,7	-	-
PE	0,2	0,2	0,2	-	-	4.500	5.292	17,6	0,9	1,1	1,1	22,2	22,2
AL	2,7	2,7	2,7	-	-	5.720	5.833	2,0	15,4	15,7	15,7	1,9	1,9
SE	6,0	6,0	6,0	-	-	5.700	6.634	16,4	34,2	39,8	39,8	16,4	16,4
BA	8,5	3,8	5,1	(55,0)	(40,0)	812	1.048	29,1	6,9	4,0	5,3	(42,0)	(23,2)
CENTRO-OESTE	234,2	215,8	221,9	(7,9)	(5,3)	3.582	3.622	1,1	838,9	781,9	803,6	(6,8)	(4,2)
MT	188,1	173,1	178,7	(8,0)	(5,0)	3.257	3.309	1,6	612,6	572,8	591,3	(6,5)	(3,5)
MS	18,1	14,7	15,2	(18,8)	(16,0)	6.160	6.322	2,6	111,5	92,9	96,1	(16,7)	(13,8)
GO	28,0	28,0	28,0	-	-	4.100	4.149	1,2	114,8	116,2	116,2	1,2	1,2
SUDESTE	27,4	20,7	23,1	(24,5)	(15,7)	2.796	2.810	0,5	76,6	57,8	65,2	(24,5)	(14,9)
MG	12,0	10,0	10,8	(16,7)	(10,0)	2.100	2.080	(1,0)	25,2	20,8	22,5	(17,5)	(10,7)
ES	0,3	0,3	0,3	-	-	2.237	2.774	24,0	0,7	0,8	0,8	14,3	14,3
RJ	0,5	0,2	0,3	(55,0)	(50,0)	2.403	3.212	33,7	1,2	0,6	1,0	(50,0)	(16,7)
SP	14,6	10,2	11,7	(30,0)	(20,0)	3.393	3.495	3,0	49,5	35,6	40,9	(28,1)	(17,4)
SUL	1.295,2	1.174,3	1.276,9	(9,3)	(1,4)	7.598	7.452	(1,9)	9.840,7	8.748,7	9.517,7	(11,1)	(3,3)
PR	27,2	26,7	26,9	(2,0)	(1,0)	5.825	5.863	0,7	158,4	156,5	157,7	(1,2)	(0,4)
SC	147,9	147,6	150,0	(0,2)	1,4	7.150	7.400	3,5	1.057,5	1.092,2	1.110,0	3,3	5,0
RS	1.120,1	1.000,0	1.100,0	(10,7)	(1,8)	7.700	7.500	(2,6)	8.624,8	7.500,0	8.250,0	(13,0)	(4,3)
NORTE/NORDESTE	738,2	714,2	736,7	(3,3)	(0,2)	2.275	2.406	5,8	1.679,7	1.700,5	1.791,1	1,2	6,6
CENTRO-SUL	1.556,8	1.410,8	1.521,9	(9,4)	(2,2)	6.909	6.811	(1,4)	10.756,2	9.588,4	10.386,5	(10,9)	(3,4)
BRASIL	2.295,0	2.125,0	2.258,6	(7,4)	(1,6)	5.419	5.353	(1,2)	12.435,9	11.288,9	12.177,6	(9,2)	(2,1)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em novembro/2015.



10.1.3.1. Oferta e demanda

Nos últimos dados disponibilizados pela Secex/MDIC, em setembro de 2015, foram importadas 27,5 mil toneladas de arroz, sendo apenas 0,8 mil toneladas oriundas de terceiros mercados não pertencentes ao Mercosul. Até a presente data, 3 de novembro, não foram disponibilizados os dados referentes a outubro e por esse motivo setembro é a proxy utilizada na análise em questão. Esses números demonstraram uma redução do fluxo de produtos adquiridos no mercado externo em relação ao último ano. Em setembro de 2014 essas aquisições foram de 87,7 mil toneladas, sendo 2,9 mil provenientes de outros países não pertencentes ao Mercosul. Acerca das exportações estas tiveram uma significativa expansão, passando de 62,1 mil toneladas em setembro de 2014 para 133,1 mil toneladas em setembro de 2015.

Acerca do fluxo comercial internacional consolidado do período comercial 2014/15 obteve-se um superavit de 381,2 mil toneladas, sendo o montante exportado igual a 1.188,4 mil toneladas e o montante importado igual a 807,2 mil toneladas. Nos primeiros meses de análise do período comercial 2015/16, março a setembro de 2014 observou-se um superavit no montante de 442,4 mil toneladas. Com estes resultados somados a desvalorização do Real e à boa oferta nacional do grão estima-se que – para o período safra 2014/15 – a balança comercial do arroz encerre com um superavit de 600 mil toneladas, sendo as exportações

10.1.4. Feijão

10.1.4.1. Feijão primeira safra

A área de feijão primeira safra está estimada entre 1,029 e 1,068 mil hectares, o que configura um decréscimo de 2,3% a um acréscimo de 1,5% em relação à safra passada. Com exceção de Mato Grosso, São Paulo e Rio Grande do Sul, todos os principais estados produtores indicaram plantios menores do que os cultivados na safra anterior, em função da competição estabelecida por outras culturas, principalmente soja e milho.

A área prevista para semear feijão primeira safra no Rio Grande do Sul está estimada entre 48,5 e 58 mil hectares, que configura um acréscimo variando de 36,6 a 63,4% em relação à safra passada, composta pela agricultura familiar e agricultura de subsistência. Até o momento do levantamento já tinha sido semeada 75% da área prevista. Preocupa o excesso de chuvas

estimadas em 1.250 mil toneladas e as importações em 650 mil toneladas.

Para a atual safra brasileira 2014/15 de arroz a estimativa consolidada de produção é 2,7% superior em relação à safra 2013/14, atingindo 12.448,6 mil toneladas. Esse aumento de produção ocorre principalmente devido à expansão de produtividade em face da alta tecnologia empregada no campo. Sobre o estoque de passagem, na safra 2012/13, o volume consolidado em 28 de fevereiro de 2015 fechou em 868,21 mil toneladas em face do razoável volume apurado no levantamento de estoques privados (721,5 mil toneladas) e do baixo estoque em poder do governo federal (146,7 mil toneladas).

Com esses resultados o consumo da safra 2013/14 é estimado perto dos 12 milhões de toneladas. Para a comercialização da safra 2014/15 o consumo é estimado nos mesmos 12 milhões de toneladas, o que, em conjunto com uma significativa expansão do superavit em relação ao período anterior, resultará em redução do estoque de passagem para 716,8 mil toneladas. Finalmente, para a próxima safra brasileira de arroz 2015/16 a projeção média da produção deverá ser 5,7% inferior em relação à safra 2014/15, atingindo 11.733,3 mil toneladas. Essa redução de produção ocorre principalmente devido ao excesso de chuva no período atual de plantio e ao alto patamar de preços dos custos de produção, acarretando uma redução da tecnologia empregada.

nesse início de ciclo que favorece o ataque de doenças e o aumento do custo de produção. A produtividade média desse tipo de safra é de 1.800 kg/ha alavancado pelo cultivo irrigado da agricultura empresarial.

No Paraná, principal produtor nacional, deverá ocorrer uma redução na área, variando entre 6% e 3,4%, com o cultivo podendo oscilar entre 181,1 e 186,1 mil hectares. A cultura está com cerca de 96% da área plantada. A área desta cultura é bem menor em relação à safrinha, sendo aproveitada para produção de sementes. Nas regiões com aumento de área o preço mais atrativo para este grão e menos atrativo para o milho foram fatores influentes no momento da tomada de decisão para o plantio.

Em Minas Gerais, segundo maior produtor de feijão



da primeira safra, este segundo levantamento sinaliza redução da área plantada na ordem de 7% a 11,5% em comparação com a safra passada. Embora com preços remuneradores, na faixa de R\$130,00 a R\$140,00 a saca de 60 quilos, os produtores têm optado por outras culturas mais rentáveis e de menor risco climático como o milho e soja. Estimando-se uma produtividade média de 1.154 kg/ha, 11,7% superior à safra passada, a produção deve ficar entre 162,5 mil e 170,8 mil toneladas. As condições climáticas ainda não viabilizaram o plantio, que deve ocorrer entre final de outubro e dezembro.

Em Santa Catarina deverá ocorrer redução na área, variando entre 8,9 a 4,2%, com o cultivo podendo oscilar entre 48 e 50,5 mil hectares, com aproximadamente 50% da área plantada. As condições das lavouras de feijão primeira safra estão variando entre boas e regulares, dependendo do estágio da cultura, a qual sofreu com as constantes chuvas e oscilações de temperatura nos últimos dias. Em algumas áreas haverá necessidade de replantio, pois o excesso de água no solo prejudicou a germinação e emergência, o que comprometeu o estande inicial. Em outras áreas, chuvas acompanhadas de granizo danificaram as lavouras, as quais devem ser avaliadas quanto ao potencial de recuperação e produção. Dessa forma, observa-se atraso do plantio devido às condições climáticas instáveis, as quais persistiram em todas as regiões durante boa parte do mês de outubro. Contudo, como a janela de plantio é grande, boa parte dos produtores têm até dezembro para decidir sobre o cultivo, apesar de que, quanto mais tarde o mesmo se realizar, mais difícil será em obter uma segunda safra do produto, a ser plantado em 2016. De forma geral, poucos produtores utilizam o financiamento oficial para aquisição de insumos para a cultura, visto que muitos utilizam recursos próprios ou buscam estas nas empresas locais, como cooperativas e cerealistas, para as quais entregam parte da produção para quitar os débitos. De acordo com os dados levantados observa-se uma redução na intenção de plantio da safra atual, cuja área deve ser direcionada para a soja, da qual rentabilidade tem se mostrado atrativa frente a outras culturas.

Em Mato Grosso o levantamento apontou para um

incremento variando de 30 a 40,2% da área a ser cultivada na safra 2015/16 para o plantio do feijão da primeira safra. Embora os preços ainda permaneçam atrativos, os produtores, a princípio devem optar por outras culturas, como milho e soja, em razão do mercado favorável e do menor risco climático. Estimando-se uma produtividade média de 1.630 kg/ha, 3,8% superior à safra passada, a produção deve ficar entre 22,8 mil e 24,6 mil toneladas. As condições climáticas ainda não viabilizaram o plantio, que deve ocorrer entre final de outubro e dezembro. Durante o levantamento verificou-se que poucas áreas encontram-se semeadas, pois as chuvas escassas e em função desta adversidade, muitos optaram por aguardar melhores condições climáticas para iniciar o plantio.

Em Goiás há tendência de aumento na área do feijão primeira safra em 1%, com o cultivo podendo oscilar entre 51,3 e 51,8 mil hectares. Produtores optaram em aumentar a área de soja em função do dólar alto e com melhores perspectivas de remuneração em relação à cultura do feijão. Além disso, o alto custo de produção da cultura, associado aos problemas de ataques de pragas e doenças têm onerado muito o produtor.

Na Bahia, principal produtor do Nordeste, deverá manter a mesma área, variando entre um aumento de 2 e redução 2%, com o cultivo podendo oscilar entre 239,3 e 229,9 mil hectares. Nas regiões com aumento de área, diferente da safra passada quando o preço do feijão ficou abaixo do preço mínimo estabelecido pela Conab, o preço este ano se manteve rentável para o produtor, foram fatores influentes no momento da tomada de decisão para o plantio.

Em São Paulo o governo federal objetivando incentivar o plantio desta importante cultura na alimentação do brasileiro elevou em 28,1% o preço mínimo para o feijão e o fixou em R\$ 95,00 a saca de 60 quilos. Dessa forma, o produtor sinaliza com aumento na área plantada variando entre 3 e 8%, com o cultivo podendo oscilar entre 43,6 mil e 45,7 mil hectares. Esse incentivo foi bom, pois no estado paulista quase todo o feijão é produzido na região sudoeste do estado.



Figura 20 – Mapa da produção agrícola – feijão primeira safra

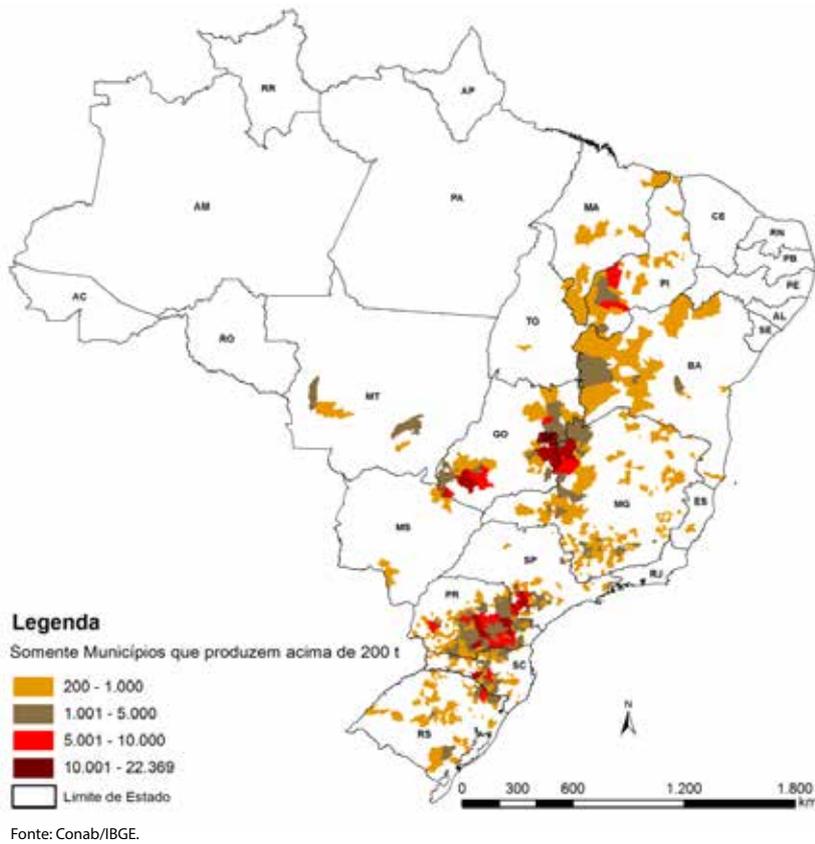


Figura 21 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil.

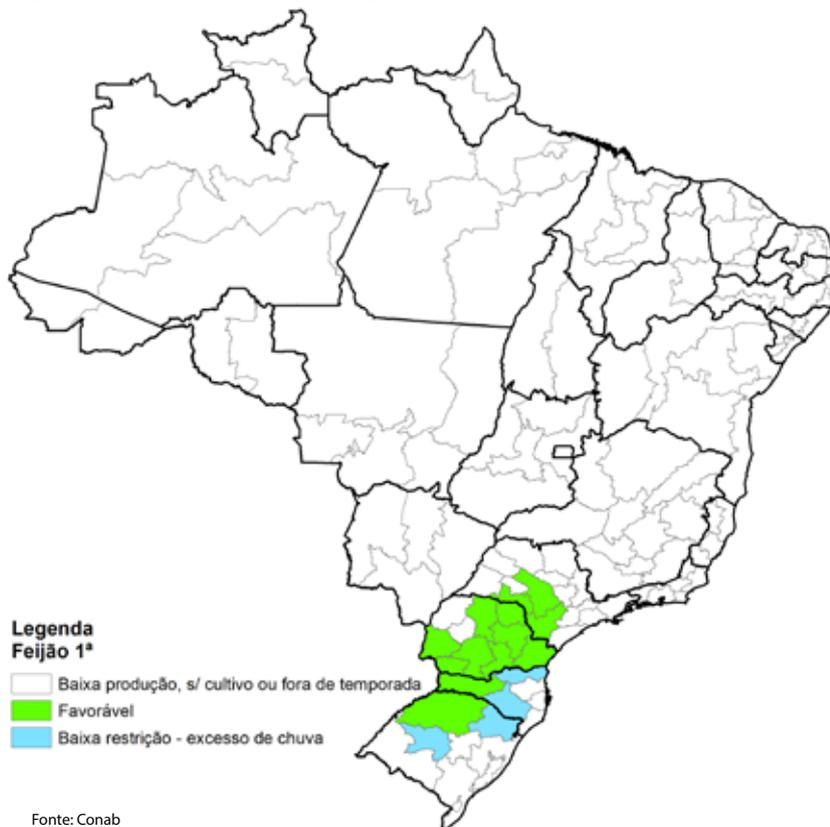


Tabela 31 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 1ª safra	- sul de SP (DV/F) - todo estado do PR (DV/F) - oeste de SC (G/DV), exceto regiões pontuais** - noroeste do RS (DV/F), exceto em regiões pontuais**	- norte e sul de SC (P)- regiões pontuais do oeste de SC (P)** - regiões pontuais do noroeste do RS (DV/F)** - centro oeste e nordeste RS (P)		

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Tabela 32 – Calendário de plantio e colheita – feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		P	P	P	P/C	C	C	C				
Nordeste												
PI		P	P			C	C					
BA	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					
MS	P	P		C	C							
GO	P	P	P	C	C	C						
DF	P	P	P		C	C						
Sudeste												
MG	P	P	P/C	C	C	C						
ES		P	P	C	C	C						
RJ	P	P	C	C	C							
SP	P	P/C	C	C	C							P
Sul												
PR	P	P	C	C	C						P	P
SC	P	P	C	C	C	C	C					P
RS	P	P	C	C	C	C	C				P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab



Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	4,8	4,0	4,8	(16,7)	-	707	705	(0,3)	3,4	2,8	3,4	(17,6)	-
TO	4,8	4,0	4,8	(15,9)	1,0	707	705	(0,3)	3,4	2,8	3,4	(17,6)	-
NORDESTE	484,5	486,4	492,7	0,4	1,7	460	420	(8,7)	223,1	204,2	207,3	(8,5)	(7,1)
MA	38,6	38,2	39,8	(1,0)	3,0	464	392	(15,5)	17,9	15,0	15,6	(16,2)	(12,8)
PI	211,3	211,3	211,3	-	-	356	305	(14,3)	75,2	64,4	64,4	(14,4)	(14,4)
BA	234,6	236,9	241,6	1,0	3,0	554	527	(4,9)	130,0	124,8	127,3	(4,0)	(2,1)
CENTRO-OESTE	74,9	74,7	74,8	(0,3)	(0,1)	1.997	2.195	9,9	149,6	163,9	164,1	9,6	9,7
MT	10,8	10,8	10,8	-	-	1.570	1.630	3,8	17,0	17,6	17,6	3,5	3,5
MS	0,7	0,5	0,6	(28,0)	(20,0)	2.000	1.887	(5,7)	1,4	0,9	1,1	(35,7)	(21,4)
GO	51,3	51,3	51,3	-	-	2.098	2.353	12,2	107,6	120,7	120,7	12,2	12,2
DF	12,1	12,1	12,1	-	-	1.949	2.041	4,7	23,6	24,7	24,7	4,7	4,7
SUDESTE	208,3	205,4	207,9	(1,4)	(0,2)	1.286	1.356	5,5	267,9	278,4	282,2	3,9	5,3
MG	159,1	157,5	159,1	(1,0)	-	1.033	1.154	11,7	164,4	181,8	183,6	10,6	11,7
ES	6,0	6,0	6,0	-	-	687	764	11,2	4,1	4,6	4,6	12,2	12,2
RJ	0,9	0,9	0,9	-	-	843	848	0,6	0,8	0,8	0,8	-	-
SP	42,3	41,0	41,9	(3,0)	(1,0)	2.331	2.225	(4,5)	98,6	91,2	93,2	(7,5)	(5,5)
SUL	280,9	269,8	281,8	(4,0)	0,3	1.737	1.845	6,3	487,8	497,7	520,0	2,0	6,6
PR	192,7	179,2	186,9	(7,0)	(3,0)	1.707	1.854	8,6	328,9	332,2	346,5	1,0	5,4
SC	52,7	48,0	50,5	(8,9)	(4,2)	1.950	2.180	11,8	102,8	104,6	110,1	1,8	7,1
RS	35,5	48,5	58	36,6	63,4	1.580	1.800	(9,6)	56,1	60,9	63,4	8,6	13,0
NORTE/NORDESTE	489,3	490,4	497,5	0,2	1,7	463	423	(8,6)	226,5	207,0	210,7	(8,6)	(7,0)
CENTRO-SUL	564,1	549,9	564,5	(2,5)	0,1	1.605	1.711	6,6	905,3	940,0	966,3	3,8	6,7
BRASIL	1.053,4	1.040,3	1.062,0	(1,2)	0,8	1.074	1.106	2,9	1.131,8	1.147,0	1.177,0	1,3	4,0

Fonte: Conab

Nota: Estimativa novembro/2015

10.1.4.2. Feijão segunda safra

Para o feijão da segunda e terceira safras, em função do calendário de plantio e da metodologia aplicada

nas estimativas, foram repetidas as áreas da safra anterior.



Tabela 34 – Calendário de plantio e colheita – feijão segunda safra

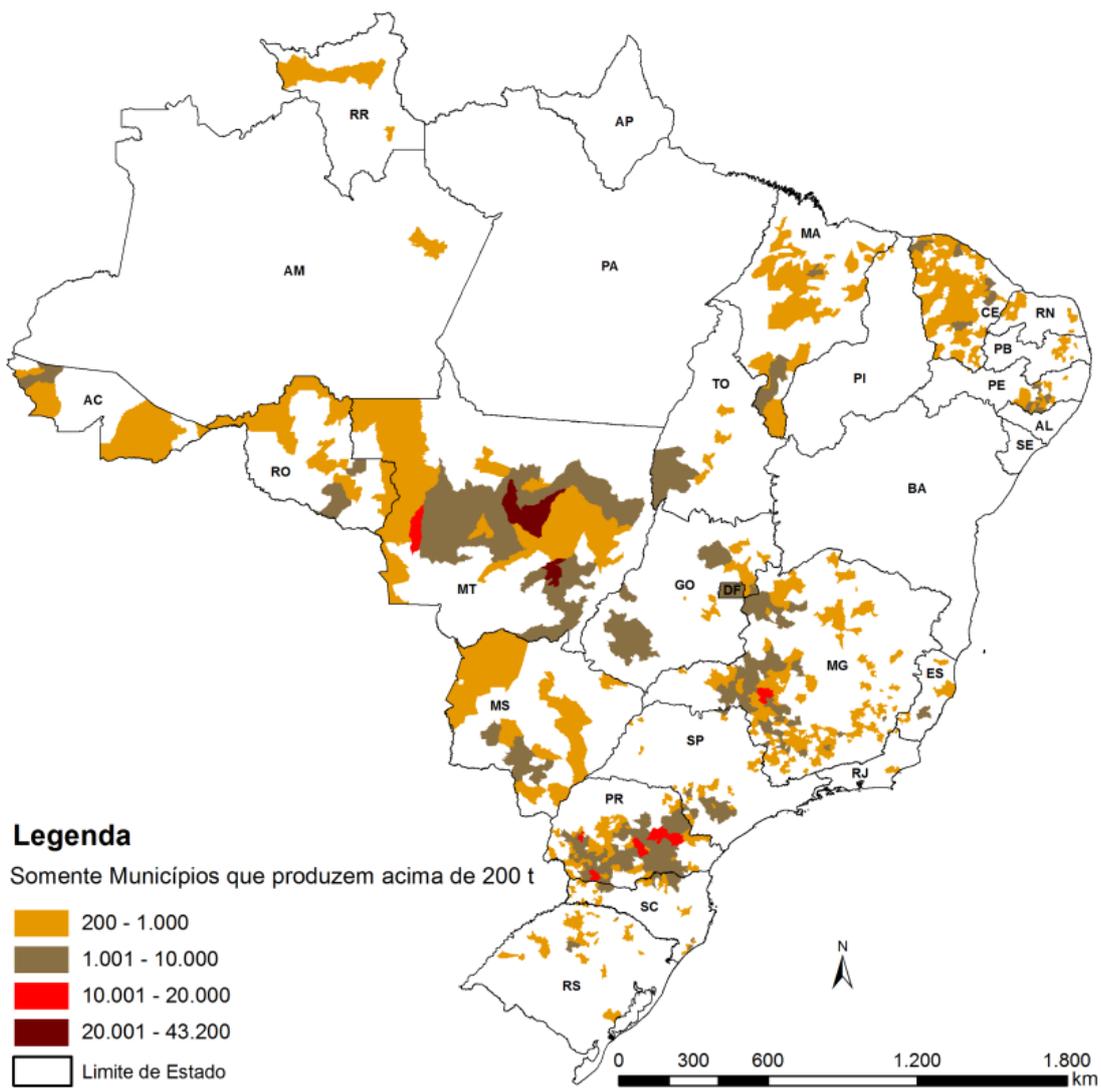
UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR							P	P	P	C	C	C
RO					P	P		C	C	C		
AC					P	P		C	C	C		
AM						P	P	P	C	C	C	C
AP							P	P	P	C	C	C
TO					P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
Nordeste												
MA					P	P	P/C	C	C	C		
PI				P	P	P	C	C	C			
CE					P	P	P/C	C	C	C		
RN				P	P	P	P	P/C	C	C	C	
PB						P	P	P	P/C	C	C	
PE					P	P	P/C	C	C	C		
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO				P	P	P		C	C	C		
DF				P	P		C	C				
Sudeste												
MG					P	P	P/C	C	C	C	C	
ES					P	P	P	C	C	C		
RJ					P	P	P/C	C	C			
SP				P	P	P/C	P/C	C	C	C		
Sul												
PR				P	P	P/C	C	C	C			
SC				P	P	P/C	C	C	C			
RS				P	P	P/C	C	C	C			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab



Figura 22 – Mapa da produção agrícola – feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



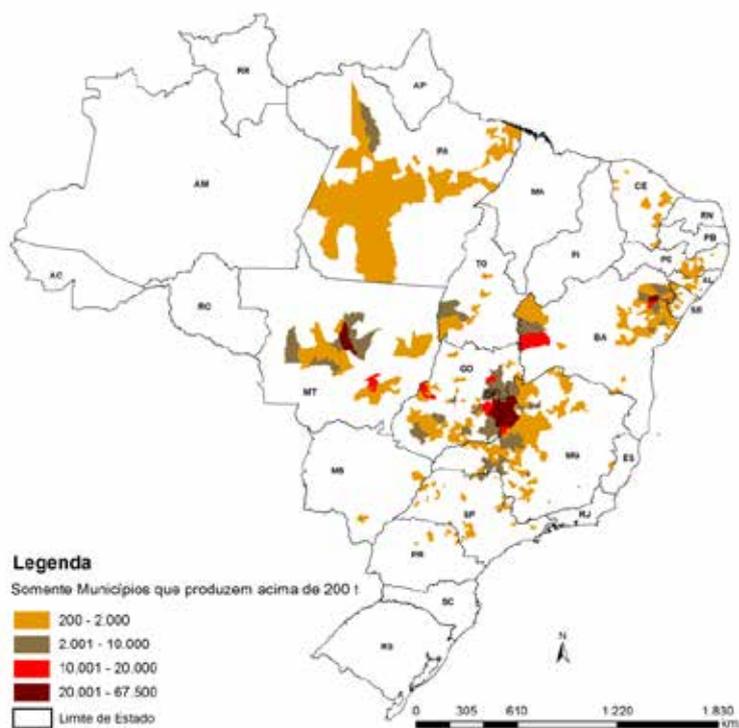
10.1.4.3. Feijão terceira safra

Tabela 35 – Calendário de plantio e colheita – feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA	C						P	P	P	C	C	C
TO	C						P	P	P	C	C	C
Nordeste												
CE	C							P	P	C	C	C
PE	C						P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P	C	C	C
SE	C						P	P	P	C	C	C
BA	C						P	P	P	C	C	C
Centro-Oeste												
MT							P	P	C	C	C	
MS							P	P	C	C	C	
GO							P	P	P/C	C	C	C
DF							P	P	P/C	C	C	C
Sudeste												
MG	C					P	P	P	P/C	C	C	C
SP	C						P	P	P	C	C	C
Sul												
PR						P	P	P	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Figura 23 – Mapa da produção agrícola – feijão terceira safra

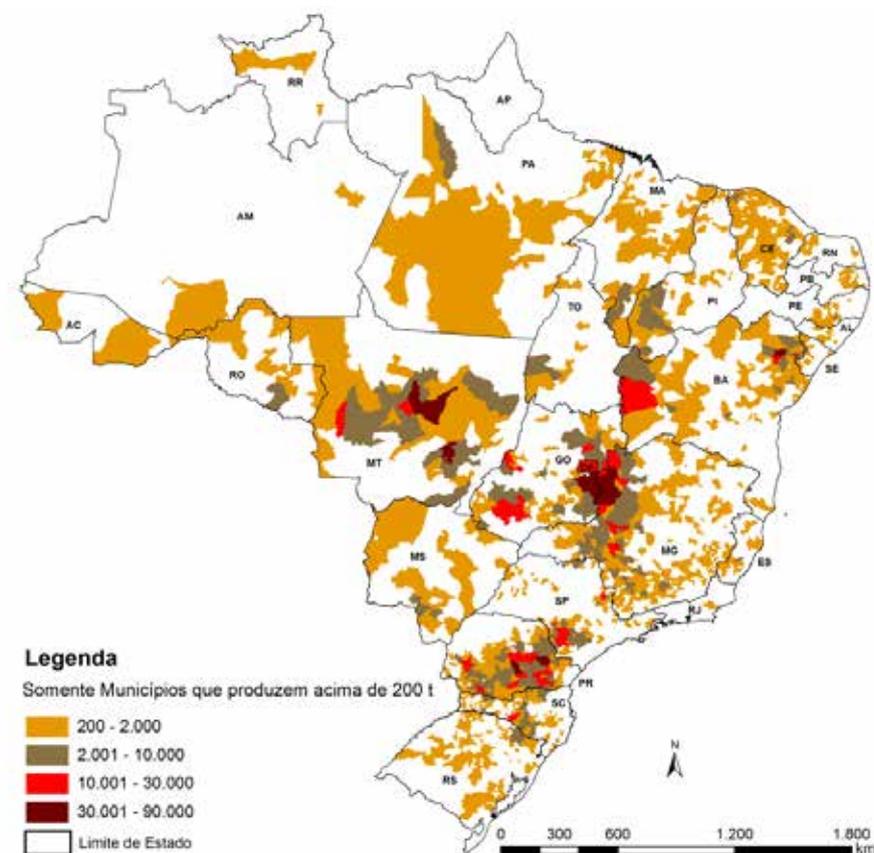


Fonte: Conab/IBGE.



10.1.4.4. Feijão total

Figura 24 – Mapa da produção agrícola – feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



10.1.4.5. Oferta e demanda

Feijão comum cores

Nesta terceira e última safra da temporada 2014/15, mesmo com a concentração da colheita em agosto/setembro, em função do vazio sanitário, os preços se encontram elevados devido ao quadro apertado de oferta.

A tendência é que eles continuem aquecidos até a entrada da nova safra, pois a oferta não é suficiente para atender a demanda dos mercados regionais, e as colheitas em curso podem não ser suficientes para a formação de estoques. Assim, as cotações devem continuar oscilando de acordo com a quantidade ofertada e a demanda, como vem ocorrendo ultimamente.

O consumo nacional tem variado entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, em razão da disponibilidade inter-

na e dos preços praticados no mercado que induzem o consumidor a adquirir mais ou menos produto.

A primeira safra da temporada 2015/16 começou a ser semeada em agosto e mesmo com os atrativos preços de mercado o segundo levantamento de intenção de plantio, elaborado por esta Companhia estima para a primeira safra, uma ligeira redução na área a ser plantada, mas em contra-partida um aumento médio de 5,1% na produção, em comparação aos números registrados na safra anterior. No Paraná, principal estado produtor, cerca de 85% da área foram semeados e as lavouras encontram-se nas seguintes fases: 85% em desenvolvimento vegetativo, 10% em floração e 5% em frutificação.



Feijão comum preto

O mercado se encontrava acomodado mesmo com o final da colheita no sul do país em junho, quando se espera uma reação dos preços. No entanto, a partir da segunda semana de setembro a procura aumentou e os preços apresentaram uma boa evolução.

Para a temporada 2014/15, tomando os dados de produção estimados em 3.184,6 mil toneladas, a Conab

vislumbra que, partindo-se do estoque inicial de 303,8 mil toneladas, o mesmo consumo registrado na safra anterior, ou seja, 3.350 mil toneladas, as importações em 110 mil toneladas e as exportações de 90 mil toneladas, resultará em um estoque de passagem da ordem de 158,4 mil toneladas, correspondente a menos de um mês de consumo.

10.1.5. Girassol

Figura 25 – Mapa da produção agrícola – girassol



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 36– Calendário de plantio e colheita – girassol

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE							P	P			C	C
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P			C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P			C	C		
Sudeste												
MG						P	P			C	C	
Sul												
RS	P		C	C	C						P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
CENTRO-OESTE	94,2	94,2	94,2	-	-	1.352	1.610	19,1	127,4	151,7	151,7	19,1	19,1
MT	86,4	86,4	86,4	-	-	1.348	1.608	19,3	116,5	138,9	138,9	19,2	19,2
MS	0,4	0,4	0,4	-	-	1.500	1.438	(4,1)	0,6	0,6	0,6	-	-
GO	7,4	7,4	7,4	-	-	1.386	1.644	18,6	10,3	12,2	12,2	18,4	18,4
SUDESTE	14,0	14,0	14,0	-	-	1.465	1.517	3,5	20,5	21,2	21,2	3,4	3,4
MG	14,0	14,0	14,0	-	-	1.465	1.517	3,5	20,5	21,2	21,2	3,4	3,4
SUL	3,3	2,0	3,0	(39,4)	(9,1)	1.799	2.100	16,7	5,3	4,2	6,3	(20,8)	18,9
RS	3,3	2,0	3,0	(40,0)	(9,0)	1.617	2.100	29,9	5,3	4,2	6,3	(20,8)	18,9
CENTRO-SUL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BRASIL	111,5	110,2	111,2	(1,2)	(0,3)	1.374	1.609	17,2	153,2	177,1	179,2	15,6	17,0

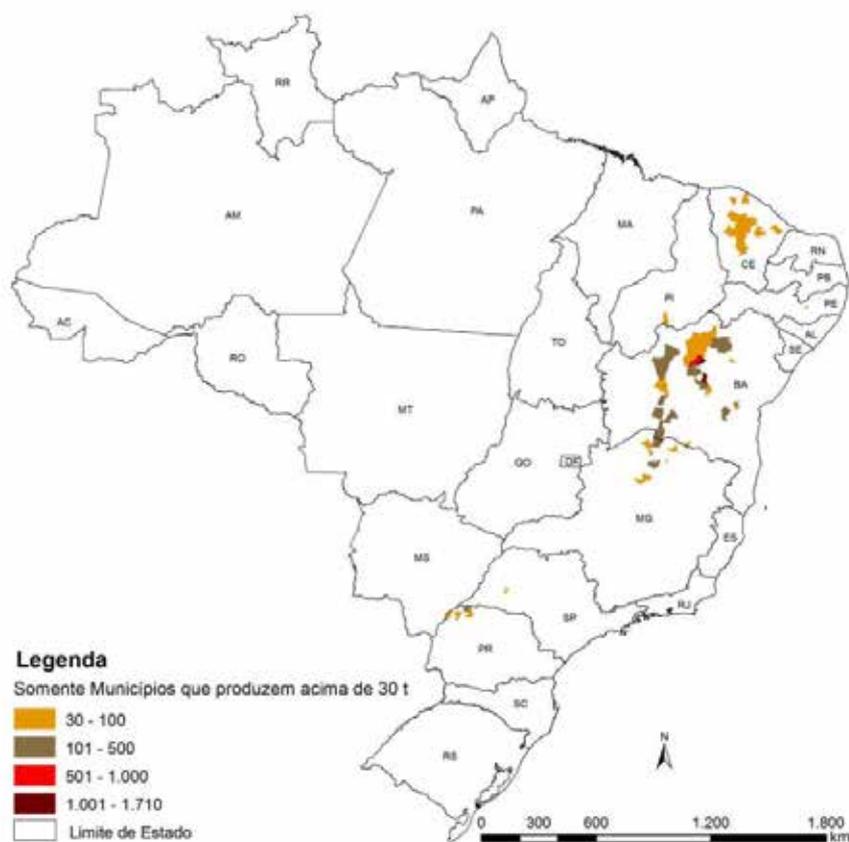
Fonte: Conab

Nota: Estimativa novembro/2015



10.1.6. Mamona

Figura 26 – Mapa da produção agrícola – mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 38 – Calendário de plantio e colheita – mamona

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI			P	P					C	C	C	
CE	C					P	P	P		C	C	C
RN								P				C
PE	C			P	P	P	P				C	C
BA	C	P/C	P/C	P						C	C	C
Sudeste												
MG		P	P			C	C	C	C			
SP	P	P	P				C	C				
Sul												
PR				P					C	C		

Legenda: p - plantio; c - colheita; p/c - plantio e colheita.
Fonte: Conab



Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORDESTE	81,3	126,2	129,0	55,2	58,7	576	183	(68,1)	46,8	91,9	94,1	96,4	101,1
PI	0,6	0,6	0,6	-	-	506	497	(1,8)	0,3	0,3	0,3	-	-
CE	9,0	9,0	9,0	-	-	156	166	6,4	1,4	1,5	1,5	7,1	7,1
PE	1,6	1,6	1,6	-	-	142	244	71,8	0,2	0,4	0,4	100,0	100,0
BA	70,1	115,0	117,8	64,0	68,0	640	780	21,9	44,9	89,7	91,9	99,8	104,7
SUDESTE	0,8	0,8	0,8	-	-	306	153	(50,0)	0,2	0,5	0,5	150,0	150,0
MG	0,8	0,8	0,8	-	-	306	679	121,9	0,2	0,5	0,5	150,0	150,0
NORTE/NORDESTE	81,3	84,8	88,3	4,3	8,6	576	270	(53,0)	46,8	59,6	62,3	27,4	33,1
CENTRO-SUL	0,8	0,8	0,8	-	-	306	153	(50,0)	0,2	0,5	0,5	150,0	150,0
BRASIL	82,1	85,6	89,1	4,3	8,5	573	269	(53,0)	47,0	60,1	62,8	27,9	33,6

Fonte: Conab

Nota: Estimativa novembro/2015

10.1.7. Milho

10.1.7.1. Milho primeira safra

Para a lavoura de milho de primeira safra prevalece a tendência observada nos últimos anos, de recuo na intenção de plantio desta cultura, que deve perder espaço para a soja. Os motivos para tal redução são vários, mas a menor rentabilidade, os altos custos e maior risco de produção são os mais citados. Por outro lado, a melhoria dos preços do grão nas últimas semanas pode influenciar alguns produtores que ainda não tomaram a decisão de investir na cultura. Um quadro que deverá merecer um melhor monitoramento por parte da Conab relaciona-se ao incremento observado nos últimos anos, dos confinamentos bovinos, particularmente na Região Centro-Oeste e Sul, que estão demandando mais áreas do cereal para a produção de silagem.

Na Região Sul a forte concorrência com a lavoura de soja foi responsável pela maior redução nacional na área plantada com o milho da primeira safra. Adicionalmente, a lavoura vem sendo fortemente afetada pelo comportamento do clima. No Rio Grande do Sul a área semeada com milho na safra 2015/16 deverá sofrer nova redução devido ao alto custo de produção e à concorrência com o milho produzido no Paraná e no Mato Grosso. Além disso, está ocorrendo a segregação das áreas semeadas destinadas à produção de

silagem e para produção de grãos. A área estabelecida nessa safra deverá variar entre uma redução de 9,7 a um crescimento de 1%.

Não bastasse a redução de área, a lavoura de milho já semeada sofreu perdas consideráveis devido à ocorrência de geadas que dizimaram várias lavouras no noroeste do estado, onde ocorrem as maiores concentrações de grãos. A maioria das áreas com perda total foram semeadas novamente com milho e alguma delas com soja. O desenvolvimento da lavoura de milho no período posterior às geadas tem sido bastante satisfatório, auxiliado pelas precipitações constantes, que está favorecendo até mesmo as áreas irrigadas devido à economia de energia elétrica. As lavouras situadas no sul e norte do estado não estavam semeadas quando ocorreram as geadas, mas sua representatividade no total da produção é pouco significativa. A prospecção da produtividade média fica, por essa razão, dificultada até que se conheça o total da área semeada destinada à produção de grãos.

No Paraná a redução percentual na área plantada está prevista ser bastante expressiva. O recente levantamento apresentou um indicativo de redução variando de 20 a 19% sobre a área plantada do ano



passado. O plantio já se encontra praticamente encerrado nas principais regiões do estado e se espera a partir de agora uma normalização do clima. Uma das características dos produtores que operam com o cereal neste período é a elevada utilização de tecnologia, associado a um bom manejo agrícola e à rotação das lavouras, alcançando com isso excelentes níveis de produtividades. Os recursos para financiamentos são considerados normais, recebendo destaque a participação dos bancos que realizam a maior parte dos financiamentos. A relação com as cooperativas geralmente está vinculada às trocas de pacotes tecnológicos por grãos, e o comprometimento do grão com essa alternativa de comercialização futura, girava no momento do levantamento, em torno de 20% no estado.

Em Santa Catarina a implantação das lavouras de milho encontra-se no início em todo o estado, com maior representatividade no oeste. A cultura encontra-se em fase de plantio com atraso em alguns locais devido às chuvas constantes das últimas semanas nas regiões produtoras. Apesar disso, as condições das lavouras são consideradas boas. Nas áreas mais baixas, onde há acúmulo de água e a drenagem é mais lenta, há o risco de prejuízo das plantas em desenvolvimento, já que a cultura não suporta muito bem o encharcamento do solo. Além disso, o grande volume de chuvas pode causar a lixiviação dos nutrientes presentes nos fertilizantes aplicados na base, podendo afetar o potencial produtivo de algumas lavouras.

Na Região Sudeste, segunda produtora nacional do milho primeira safra, a cultura deverá experimentar redução, variando de 14,5% a 8,2%. Em Minas Gerais, onde ocorre a segunda maior área plantada com o milho primeira safra nesta temporada, as informações preliminares sinalizam uma tendência de redução de 18 a 11% no plantio de milho na safra de verão, que pode ficar entre 838,4 e 909,9 mil hectares, em face da expectativa de maior rentabilidade e liquidez da cultura de soja, comparativamente ao milho.

É possível que a retração no plantio de milho se mostre ainda maior nos próximos levantamentos, quando a intenção de plantio estiver mais bem definida. O plantio deve ocorrer entre o final de outubro e o mês de dezembro, tão logo se consolide o período chuvoso. Cabe destacar que os produtores mineiros, em especial da região do cerrado mineiro, vêm incorporando, em seu planejamento, o cultivo sequencial da safri-

na de milho em áreas de cultivo de soja, compensando de certa forma a redução de área do plantio do milho primeira safra, com incremento na produção do milho segunda safra.

Em São Paulo é esperado que o produtor faça a migração de parte da área plantada com o cereal, para a soja, devido aos bons preços de mercado praticados tanto interno como externamente. A expectativa de redução no plantio captado pelo levantamento aponta um intervalo de 6 a 1%. Houve grande produção do milho segunda safra e o excedente dessa produção está afetando os preços por ocasião do plantio.

Na Região Centro-Oeste há uma forte tendência de redução da área de milho, com estimativas de retrocesso variando de 16,9 a 13,1%. Esse recuo decorre principalmente pela substituição do plantio para a soja, cujos preços encontram-se mais atrativos no mercado. Os plantios devem ser intensificados em novembro no estado, quando se espera que as precipitações já estejam estabilizadas. Em Goiás, maior produtor regional, onde se aguarda uma redução na área entre 15 e 13%, até o momento da pesquisa, as chuvas não tinham sido suficientes para dar início ao plantio. Este fato poderá provocar alterações nas áreas estimadas para o cereal, pois os produtores ainda continuam analisando a substituição pela cultura da soja com maiores expectativas de remuneração.

Na Região Norte-Nordeste a redução na área plantada deverá apresentar uma variação de 2,6 a 1,3%, que só não foi maior em virtude da expectativa entre os produtores situados na região do Matopiba em atender prioritariamente a demanda nordestina, criando um atrativo adicional para o cereal. Apesar das chuvas ocorridas nos últimos dias, as condições ainda são muito desfavoráveis ao plantio. Estima-se que novembro ainda apresentará chuvas irregulares em toda a região. Na Bahia, principal produtor regional, há uma grande indefinição com relação à área a ser plantada. Os dados atuais apontam para uma redução variando de 7 a 3%, comparado ao que foi plantado na safra passada.

Dessa forma, a estimativa nacional para o total da área a ser plantada com o milho primeira safra na temporada 2015/16 deverá situar-se no intervalo de 5.571,1 e 5.845,6 mil hectares, representando um decréscimo médio de 9,3 a 4,8% em relação ao ocorrido na temporada passada.



Figura 27 – Mapa da produção agrícola – milho primeira safra

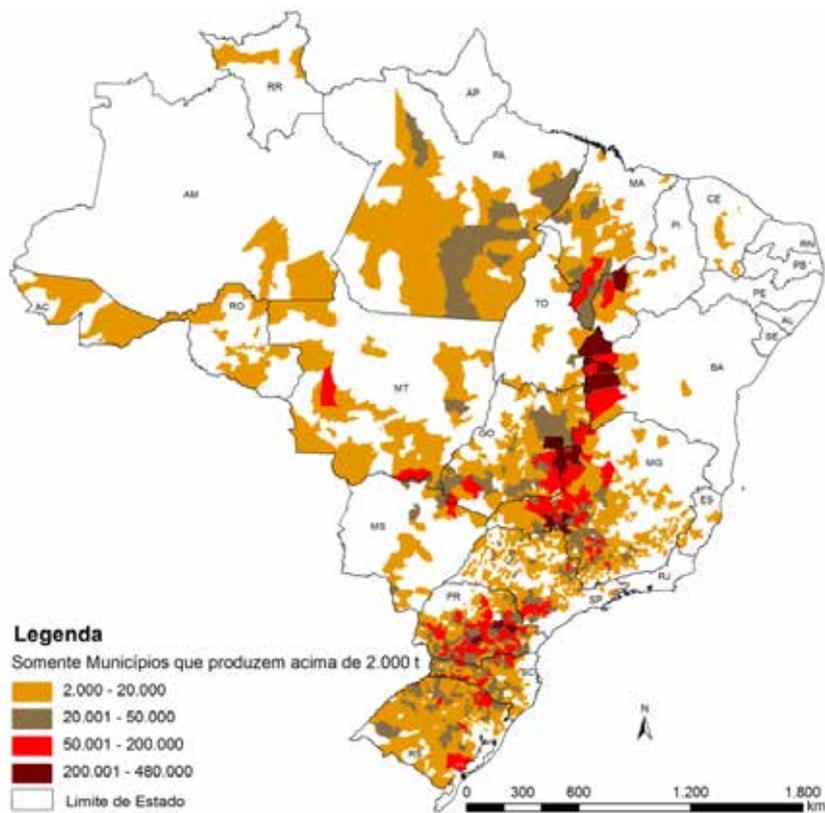


Figura 28 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil

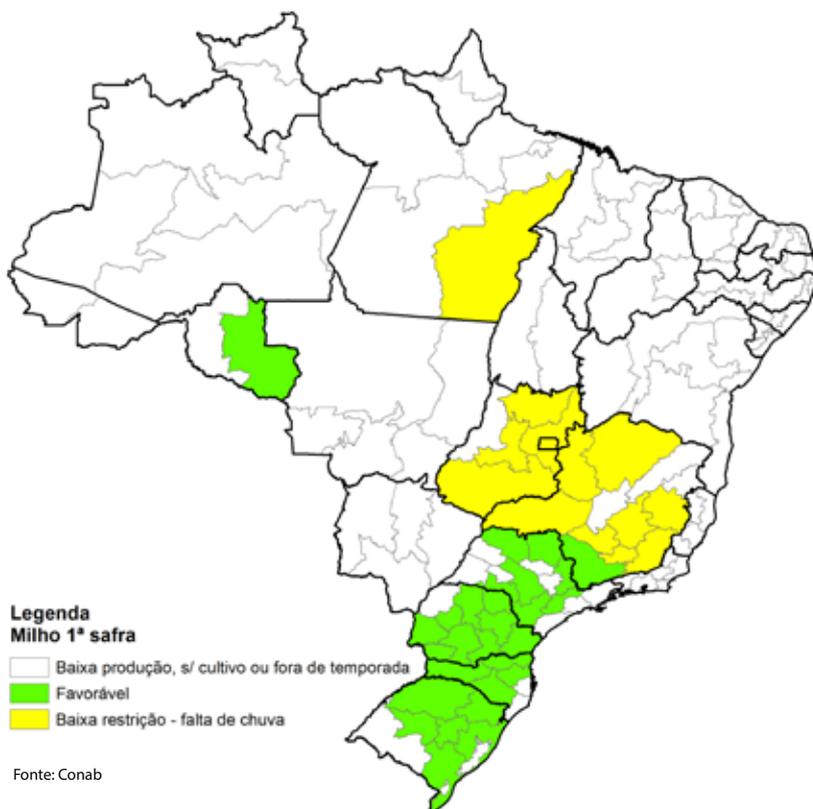


Tabela 40 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 1ª safra	<ul style="list-style-type: none"> - leste de RO (G) - partes do oeste, centro e leste de MG (G) - sul de MG (G), exceto regiões pontuais - norte de SP (G/DV), exceto regiões pontuais <ul style="list-style-type: none"> - sul e leste de SP (G/DV) - partes de todo estado de GO (G) - todo estado do PR (G/DV) <ul style="list-style-type: none"> - oeste de SC (G/DV) - norte, leste e sul de SC (G/DV), exceto regiões pontuais <ul style="list-style-type: none"> - noroeste do RS (G/DV) - nordeste, centro e sudeste do RS (G/DV), exceto regiões pontuais 	<ul style="list-style-type: none"> - regiões pontuais no norte, leste e sul de SC (P)** - regiões pontuais no nordeste, centro e sudeste do RS (P)** 	<ul style="list-style-type: none"> - sudeste do PA (G) - norte de MG (G) - partes do oeste, centro e leste de MG (G) - regiões pontuais do sul de MG (G)** - regiões pontuais do norte de SP (G/DV)** - partes de todo estado de GO (G) - DF (G)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab

Tabela 41 – Calendário de plantio e colheita – milho primeira safra

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C	C	C				P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C	C				
AC	P	P	P		C	C	C	C				
AM	P	P	P		C	C	C	C	C			
AP			P	P	P	P	C	C	C	C	C	
PA	P	P	P		C	C	C	C	C			
TO		P	P	P	C	C	C	C	C			
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P		C	C	C	C	C	C
PI		P	P	P	P		C	C	C	C	C	
CE	C			P	P	P	P	C	C	C	C	C
RN						P	P	P	P/C	C	C	C
PB	C	C		P	P	P	P	P	P	P/C	C	C
PE				P	P	P	P/C	PC	C	C	C	
BA	P	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C	
Centro-Oeste												
MT	P	P	P		C	C	C	C	C			
MS	P	P	P		C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C	C			
DF		P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P		C	C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P
RS	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.



Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	393,8	368,7	374,7	(6,4)	(4,9)	3.239	3.194	(1,4)	1.275,5	1.176,2	1.198,4	(7,8)	(6,0)
RR	6,2	6,2	6,2	-	-	2.483	2.483	-	15,4	15,4	15,4	-	-
RO	46,0	41,4	43,2	(10,0)	(6,0)	2.174	2.129	(2,1)	100,0	88,1	92,0	(11,9)	(8,0)
AC	41,3	41,3	41,7	-	1,0	2.332	2.389	2,4	96,3	98,7	99,6	2,5	3,4
AM	15,5	13,2	14,0	(15,0)	(10,0)	2.540	2.612	2,8	39,4	34,5	36,6	(12,4)	(7,1)
AP	1,8	1,8	1,8	-	-	907	933	2,9	1,6	1,7	1,7	6,3	6,3
PA	218,7	218,7	218,7	-	-	3.232	3.213	(0,6)	706,8	702,7	702,7	(0,6)	(0,6)
TO	64,3	46,1	49,1	(28,3)	(23,6)	4.914	5.099	3,8	316,0	235,1	250,4	(25,6)	(20,8)
NORDESTE	2.056,5	2.016,9	2.044,9	(1,9)	(0,6)	2.165	2.097	(3,2)	4.452,9	4.205,4	4.310,1	(5,6)	(3,2)
MA	380,1	376,3	383,9	(1,0)	1,0	2.500	2.606	4,2	950,3	980,6	1.000,4	3,2	5,3
PI	380,5	380,5	380,5	-	-	2.495	2.265	(9,2)	949,3	861,8	861,8	(9,2)	(9,2)
CE	480,6	480,6	480,6	-	-	315	539	71,1	151,4	259,0	259,0	71,1	71,1
RN	25,9	25,9	25,9	-	-	288	455	58,0	7,5	11,8	11,8	57,3	57,3
PB	62,9	62,9	62,9	-	-	322	476	47,8	20,3	29,9	29,9	47,3	47,3
PE	214,7	214,7	214,7	-	-	271	376	38,7	58,2	80,7	80,7	38,7	38,7
BA	511,8	476,0	496,4	(7,0)	(3,0)	4.525	4.163	(8,0)	2.315,9	1.981,6	2.066,5	(14,4)	(10,8)
CENTRO-OESTE	361,6	300,4	314,1	(16,9)	(13,1)	6.930	7.556	9,0	2.506,0	2.269,2	2.373,8	(9,4)	(5,3)
MT	63,6	44,5	50,9	(30,0)	(20,0)	7.205	7.425	3,1	458,2	330,4	377,9	(27,9)	(17,5)
MS	20,5	16,5	17,8	(19,5)	(13,2)	8.500	8.759	3,0	174,3	144,5	155,9	(17,1)	(10,6)
GO	250,7	213,1	218,1	(15,0)	(13,0)	6.690	7.286	8,9	1.677,2	1.552,6	1.589,1	(7,4)	(5,3)
DF	26,8	26,3	27,3	(2,0)	2,0	7.326	9.192	25,5	196,3	241,7	250,9	23,1	27,8
SUDESTE	1.435,4	1.227,0	1.318,4	(14,5)	(8,2)	5.436	5.780	6,3	7.802,1	7.089,3	7.622,5	(9,1)	(2,3)
MG	1.022,4	838,4	909,9	(18,0)	(11,0)	5.340	5.858	9,7	5.459,6	4.911,3	5.330,2	(10,0)	(2,4)
ES	17,8	17,8	17,8	-	-	1.363	2.432	78,4	24,3	43,3	43,3	78,2	78,2
RJ	2,6	1,8	2,0	(30,0)	(25,0)	2.394	2.294	(4,2)	6,2	4,1	4,6	(33,9)	(25,8)
SP	392,6	369,0	388,7	(6,0)	(1,0)	5.889	5.774	(2,0)	2.312,0	2.130,6	2.244,4	(7,8)	(2,9)
SUL	1.895,0	1.658,1	1.793,5	(12,5)	(5,4)	7.412	7.083	(4,4)	14.045,5	11.784,7	12.664,4	(16,1)	(9,8)
PR	542,5	434,0	439,4	(20,0)	(19,0)	8.633	8.673	0,5	4.683,4	3.764,1	3.810,9	(19,6)	(18,6)
SC	411,5	374,1	404,1	(9,1)	(1,8)	7.750	7.900	1,9	3.189,1	2.955,4	3.192,4	(7,3)	0,1
RS	941,0	850,0	950,0	(9,7)	1,0	6.560	5.959	(9,2)	6.173,0	5.065,2	5.661,1	(17,9)	(8,3)
NORTE/NORDESTE	2.450,3	2.385,6	2.419,6	(2,6)	(1,3)	2.338	2.266	(3,1)	5.728,4	5.381,6	5.508,5	(6,1)	(3,8)
CENTRO-SUL	3.692,0	3.185,5	3.426,0	(13,7)	(7,2)	6.596	6.625	0,4	24.353,6	21.143,2	22.660,7	(13,2)	(7,0)
BRASIL	6.142,3	5.571,1	5.845,6	(9,3)	(4,8)	4.898	4.791	(2,2)	30.082,0	26.524,8	28.169,2	(11,8)	(6,4)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa novembro/2015

10.1.7.2. Milho segunda safra

Para o milho segunda safra, em função do calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas para este produto, foram repetidas as informações relativas às áreas estaduais da safra anterior. Com relação à produtividade, a Conab utiliza metodologia que contempla as especificidades dos diversos produtos e a aplicação de um rendimento médio baseado na

análise estatística da série histórica das safras anteriores.

Com relação à oferta que será gerada a partir do plantio dessa lavoura em janeiro, duas situações podem ser delineadas. A primeira se refere ao atraso do plantio da soja na Região Centro-Oeste, particular-



mente no Mato Grosso, maior produtor nacional e o encurtamento na janela do clima que essa situação poderá provocar, reduzindo a área plantada e/ou aumentando o risco da lavoura. A segunda relaciona-se com o que ocorreu no Paraná, segundo maior produtor nacional do cereal de segunda safra. O estado foi beneficiado por chuvas abundantes no início da atual temporada 2015/16, e em função desse quadro os produtores acreditam poder ganhar aproximadamente 15 dias na janela de plantio do milho, criando expecta-

tivas positivas para se alcançar bons níveis de produtividade nesta temporada.

A posição consolidada da área brasileira de milho, reunindo a primeira e segunda safra, deverá nesta temporada situar-se entre 15.121,7 e 15.396,2 mil hectares, comparado com a verificada no ano passado que atingiu 15.692,9 mil hectares, representando uma redução, no intervalo de 3,6 a 1,9%.

Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – milho segunda safra

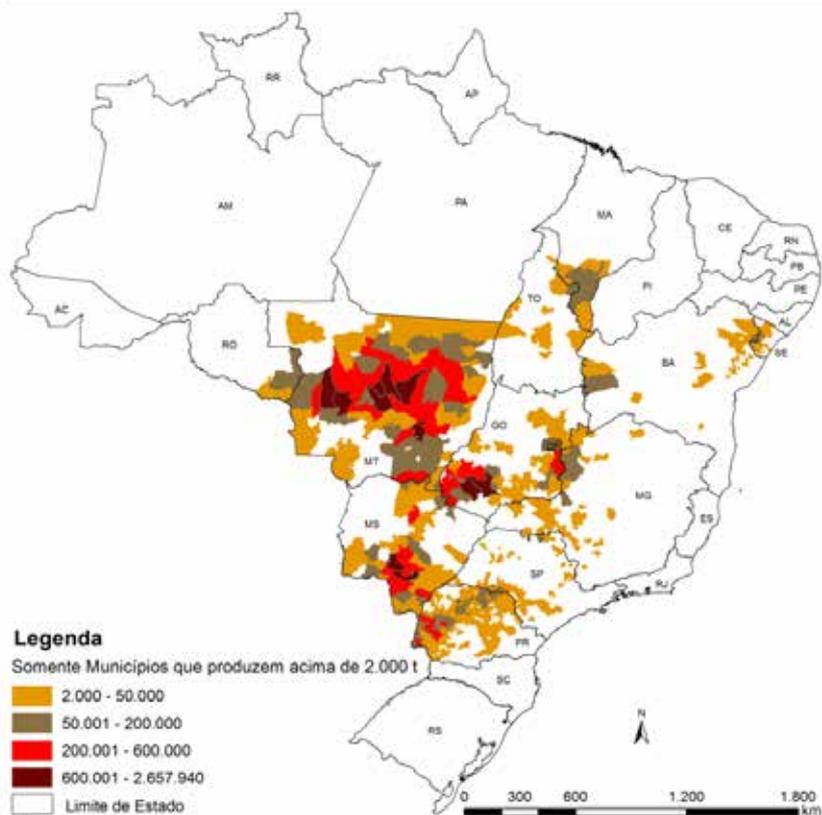
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	273,5	273,5	273,5	-	-	4.700	4.817	2,5	1.285,6	1.317,5	1.317,5	2,5	2,5
RO	119,5	119,5	119,5	-	-	4.613	4.833	4,8	551,3	577,5	577,5	4,8	4,8
TO	154,0	154,0	154,0	-	-	4.768	4.805	0,8	734,3	740,0	740,0	0,8	0,8
NORDESTE	618,9	618,9	618,9	-	-	2.893	3.083	6,6	1.790,2	1.908,2	1.908,2	6,6	6,6
MA	134,2	134,2	134,2	-	-	3.867	4.104	6,1	519,0	550,8	550,8	6,1	6,1
PI	25,9	25,9	25,9	-	-	4.437	4.648	4,8	114,9	120,4	120,4	4,8	4,8
AL	30,1	30,1	30,1	-	-	1.007	628	(37,6)	30,3	18,9	18,9	(37,6)	(37,6)
SE	176,2	176,2	176,2	-	-	3.794	4.390	15,7	668,5	773,5	773,5	15,7	15,7
BA	252,5	252,5	252,5	-	-	1.812	1.761	(2,8)	457,5	444,7	444,7	(2,8)	(2,8)
CENTRO-OESTE	6.118,6	6.118,6	6.118,6	-	-	6.060	6.029	(0,5)	37.076,1	36.892,1	36.892,1	(0,5)	(0,5)
MT	3.352,9	3.352,9	3.352,9	-	-	6.056	5.944	(1,8)	20.305,2	19.929,6	19.929,6	(1,8)	(1,8)
MS	1.615,0	1.615,0	1.615,0	-	-	5.640	5.614	(0,5)	9.108,6	9.066,6	9.066,6	(0,5)	(0,5)
GO	1.112,3	1.112,3	1.112,3	-	-	6.578	6.777	3,0	7.316,7	7.538,1	7.538,1	3,0	3,0
DF	38,4	38,4	38,4	-	-	9.000	9.317	3,5	345,6	357,8	357,8	3,5	3,5
SUDESTE	625,3	625,3	625,3	-	-	5.212	5.054	(3,0)	3.259,1	3.160,2	3.160,2	(3,0)	(3,0)
MG	255,2	255,2	255,2	-	-	5.505	5.721	3,9	1.404,9	1.460,0	1.460,0	3,9	3,9
SP	370,1	370,1	370,1	-	-	5.010	4.594	(8,3)	1.854,2	1.700,2	1.700,2	(8,3)	(8,3)
SUL	1.914,3	1.914,3	1.914,3	-	-	5.840	5.895	0,9	11.179,5	11.284,8	11.284,8	0,9	0,9
PR	1.914,3	1.914,3	1.914,3	-	-	5.840	5.895	0,9	11.179,5	11.284,8	11.284,8	0,9	0,9
NORTE/NORDESTE	892,4	892,4	892,4	-	-	3.447	3.615	4,9	3.075,8	3.225,7	3.225,7	4,9	4,9
CENTRO-SUL	8.658,2	8.658,2	8.658,2	-	-	5.950	5.929	(0,3)	51.514,7	51.337,1	51.337,1	(0,3)	(0,3)
BRASIL	9.550,6	9.550,6	9.550,6	-	-	5.716	5.713	(0,1)	54.590,5	54.562,8	54.562,8	(0,1)	(0,1)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa novembro/2015



Figura 29 – Mapa da produção agrícola – milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

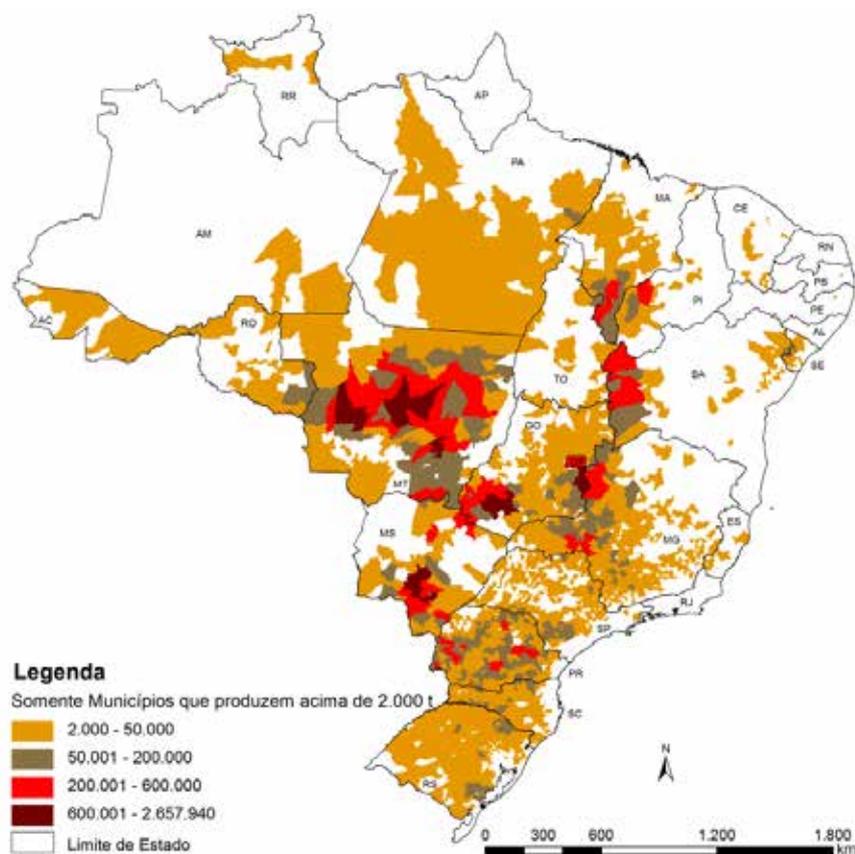
Tabela 44 – Calendário de plantio e colheita – milho segunda safra

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO					P	P	P	P	C	C	C	
TO					P	P	P	P	C	C	C	
Nordeste												
MA					P	P	P		C	C		
PI	C					P	P	P	P/C	C	C	C
AL	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SE	C	C	C	C				P	P			C
BA	C	C	C				C	P	P			C
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C	C	
MS				P	P	P			C	C	C	C
GO				P	P	P			C	C	C	
DF				P	P	P			C	C	C	
Sudeste												
MG	C			P	P	P	P	P	C	C	C	C
SP					P	P	P	P	C	C	C	C
Sul												
PR				P	P	P		C	C	C	C	C

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Figura 30 – Mapa da produção agrícola – milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

10.1.7.4. Oferta e demanda

Mercado internacional

Dentro do rol dos principais países produtores de milho deve-se destacar, segundo o último relatório de oferta e demanda do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), o crescimento da produ-

ção chinesa, o qual deverá atingir 225 milhões de toneladas na safra 2015/16; a forte quebra de safra na União Européia, que será forçada a elevar suas importações do cereal e a redução da safra de milho nos Estados Unidos.



10.1.7.3. Milho total

Tabela 45 – Comparativo de área, produtividade e produção – milho total (primeira e segunda safras)

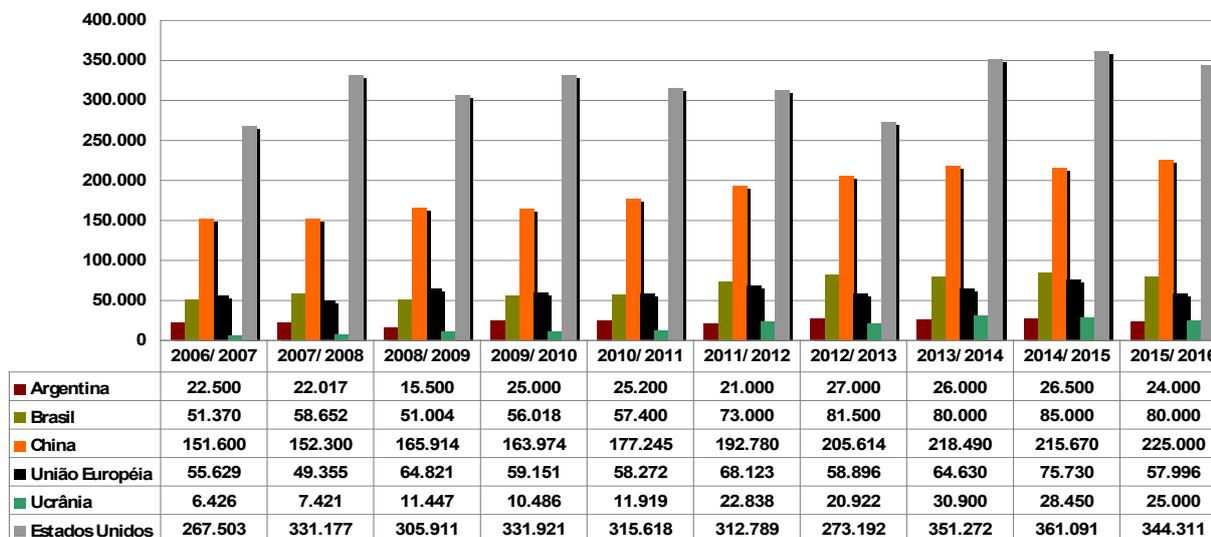
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	667,3	642,2	648,2	(3,8)	(2,9)	3.838	3.882	1,2	2.561,0	2.493,7	2.515,8	(2,6)	(1,8)
RR	6,2	6,2	6,2	-	-	2.483	2.483	-	15,4	15,4	15,4	-	-
RO	165,5	160,9	162,7	(2,8)	(1,7)	3.935	4.126	4,9	651,3	665,7	669,5	2,2	2,8
AC	41,3	41,3	41,7	-	1,0	2.332	2.389	2,4	96,3	98,7	99,6	2,5	3,4
AM	15,5	13,2	14,0	(14,8)	(9,7)	2.540	2.612	2,8	39,4	34,5	36,6	(12,4)	(7,1)
AP	1,8	1,8	1,8	-	-	907	933	2,9	1,6	1,7	1,7	6,3	6,3
PA	218,7	218,7	218,7	-	-	3.232	3.213	(0,6)	706,8	702,7	702,7	(0,6)	(0,6)
TO	218,3	200,1	203,1	(8,3)	(7,0)	4.811	4.874	1,3	1.050,2	975,0	990,3	(7,2)	(5,7)
NORDESTE	2.675,4	2.635,8	2.663,8	(1,5)	(0,4)	2.333	2.327	(0,3)	6.243,1	6.113,6	6.218,4	(2,1)	(0,4)
MA	514,3	510,5	518,1	(0,7)	0,7	2.857	2.997	4,9	1.469,2	1.531,4	1.551,2	4,2	5,6
PI	406,4	406,4	406,4	-	-	2.619	2.417	(7,7)	1.064,3	982,2	982,2	(7,7)	(7,7)
CE	480,6	480,6	480,6	-	-	315	539	71,1	151,4	259,0	259,0	71,1	71,1
RN	25,9	25,9	25,9	-	-	288	455	58,0	7,5	11,8	11,8	57,3	57,3
PB	62,9	62,9	62,9	-	-	322	476	47,8	20,3	29,9	29,9	47,3	47,3
PE	214,7	214,7	214,7	-	-	271	376	38,7	58,2	80,7	80,7	38,7	38,7
AL	30,1	30,1	30,1	-	-	1.007	628	(37,6)	30,3	18,9	18,9	(37,6)	(37,6)
SE	176,2	176,2	176,2	-	-	3.794	4.390	15,7	668,5	773,5	773,5	15,7	15,7
BA	764,3	728,5	748,9	(4,7)	(2,0)	3.629	3.342	(7,9)	2.773,4	2.426,2	2.511,2	(12,5)	(9,5)
CENTRO-OESTE	6.480,2	6.419,0	6.432,7	(0,9)	(0,7)	6.108	6.102	(0,1)	39.582,1	39.161,4	39.265,9	(1,1)	(0,8)
MT	3.416,5	3.397,4	3.403,8	(0,6)	(0,4)	6.077	5.965	(1,9)	20.763,4	20.260,1	20.307,6	(2,4)	(2,2)
MS	1.635,5	1.631,5	1.632,8	(0,2)	(0,2)	5.676	5.647	(0,5)	9.282,9	9.211,1	9.222,5	(0,8)	(0,7)
GO	1.363,0	1.325,4	1.330,4	(2,8)	(2,4)	6.599	6.860	4,0	8.993,9	9.090,7	9.127,1	1,1	1,5
DF	65,2	64,7	65,7	(0,8)	0,8	8.312	9.266	11,5	541,9	599,5	608,7	10,6	12,3
SUDESTE	2.060,7	1.852,3	1.943,7	(10,1)	(5,7)	5.368	5.541	3,2	11.061,2	10.249,5	10.782,7	(7,3)	(2,5)
MG	1.277,6	1.093,6	1.165,1	(14,4)	(8,8)	5.373	5.827	8,5	6.864,5	6.371,3	6.790,2	(7,2)	(1,1)
ES	17,8	17,8	17,8	-	-	1.363	2.432	78,4	24,3	43,3	43,3	78,2	78,2
RJ	2,6	1,8	2,0	(30,8)	(23,1)	2.394	2.294	(4,2)	6,2	4,1	4,6	(33,9)	(25,8)
SP	762,7	739,1	758,8	(3,1)	(0,5)	5.462	5.191	(5,0)	4.166,2	3.830,8	3.944,6	(8,1)	(5,3)
SUL	3.809,3	3.572,4	3.707,8	(6,2)	(2,7)	6.622	6.458	(2,5)	25.225,0	23.069,5	23.949,2	(8,5)	(5,1)
PR	2.456,8	2.348,3	2.353,7	(4,4)	(4,2)	6.457	6.411	(0,7)	15.862,9	15.048,9	15.095,7	(5,1)	(4,8)
SC	411,5	374,1	404,1	(9,1)	(1,8)	7.750	7.900	1,9	3.189,1	2.955,4	3.192,4	(7,3)	0,1
RS	941,0	850,0	950,0	(9,7)	1,0	6.560	5.959	(9,2)	6.173,0	5.065,2	5.661,1	(17,9)	(8,3)
NORTE/NORDESTE	3.342,7	3.278,0	3.312,0	(1,9)	(0,9)	2.634	2.632	(0,1)	8.804,1	8.607,3	8.734,2	(2,2)	(0,8)
CENTRO-SUL	12.350,2	11.843,7	12.084,2	(4,1)	(2,2)	6.143	6.122	(0,3)	75.868,3	72.480,4	73.997,8	(4,5)	(2,5)
BRASIL	15.692,9	15.121,7	15.396,2	(3,6)	(1,9)	5.396	5.368	(0,5)	84.672,4	81.087,7	82.732,0	(4,2)	(2,3)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa novembro/2015



Gráfico 66 - Evolução da produção mundial de milho nas últimas 10 safras - principais países produtores (mil t)



Fonte: USDA

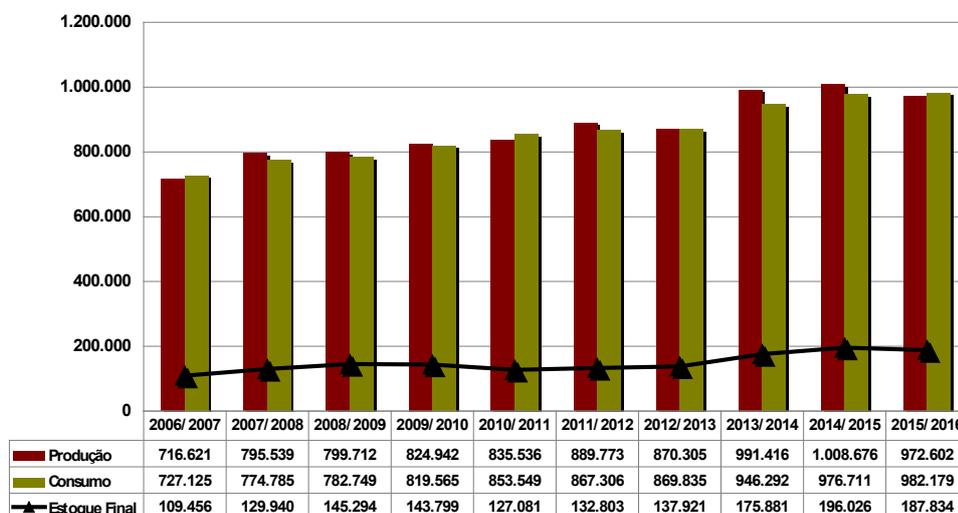
Este último, ainda deverá ter um estoque bastante confortável, visto que nas duas safras anteriores (2013/14 e 2014/15) as produções atingidas permitiram a recuperação das perdas causadas pela seca na safra 2012/13. Assim, a safra atual de 344,3 milhões de toneladas, apesar de praticamente 17 milhões a menos que a safra anterior, ainda está sendo considerada uma safra robusta.

Na Argentina há uma controvérsia entre a estimativa do Usda e a dos analistas locais, visto que o plantio encontra-se atrasado, com pouco mais de 30% da área semeada e o fator “eleições presidenciais” pode

pesar em uma reta final de plantio por parte dos produtores, uma vez que, dependendo de quem vença as eleições, acredita-se que haverá significativas mudanças para o setor produtivo e exportador do país. Desta feita, os analistas privados estão estimando uma safra de 21,4 milhões de toneladas, abaixo dos 24 milhões projetados pelo Usda.

Diante deste cenário, a projeção de produção mundial apresenta uma diminuição na ordem de 36 milhões de toneladas, abaixo do consumo que vem crescendo safra a safra, demonstrando uma demanda pelo grão cada vez mais aquecida.

Gráfico 67 - Comparativo de produção, consumo e estoque final de milho no mundo nas últimas 10 safras (mil t)



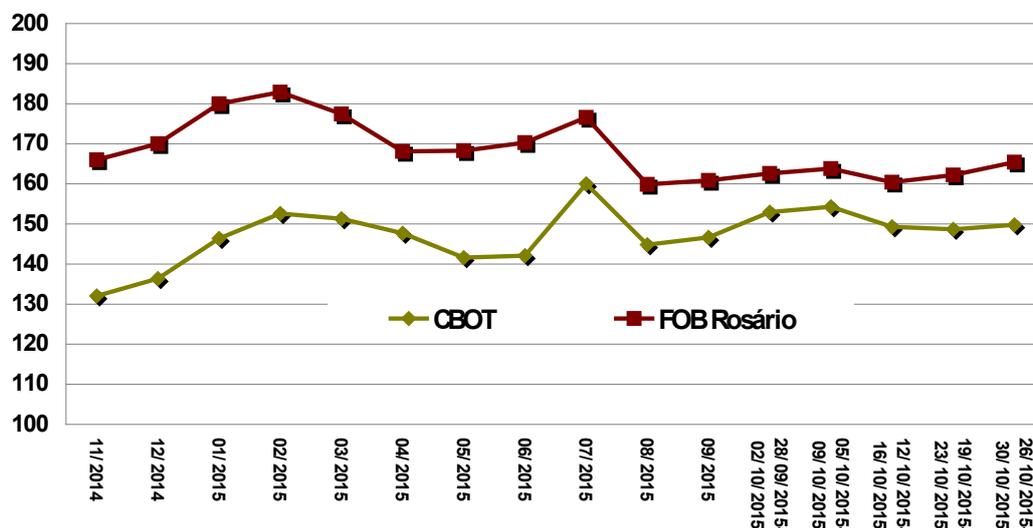
Fonte: USDA



Esse crescimento de demanda mundial é justificada pelo incremento da classe média em diversos países, sobretudo nos emergentes, que passam a consumir uma maior quantidade de proteína animal à base de frango e suíno, necessitando assim, de um maior volume de milho para atendimento à produção de ração.

Contudo, os estoques mundiais permanecem em níveis altos, garantindo uma disponibilidade do grão bastante confortável e, nesta situação, os preços nas bolsas internacionais seguem sustentados em níveis mais baixos.

Gráfico 68 - Milho - preços internacionais médios mensais - 12 meses - US\$/t



Fonte: Conab

Em Chicago, no início de outubro houve uma pequena elevação nas cotações do milho, diante de um atraso inicial na colheita e expectativa do mercado de que a produção norte americana poderia ser menor que a estimada. Com a divulgação do relatório de oferta e demanda do Usda, o movimento altista da bolsa foi contido.

Apesar disso, o fraco ritmo das exportações norte americana, muito aquém do normal, segurou o preço do milho para uma queda mais acentuada, deixando os preços em Chicago estáveis, próximos a US\$ 150,00/t.

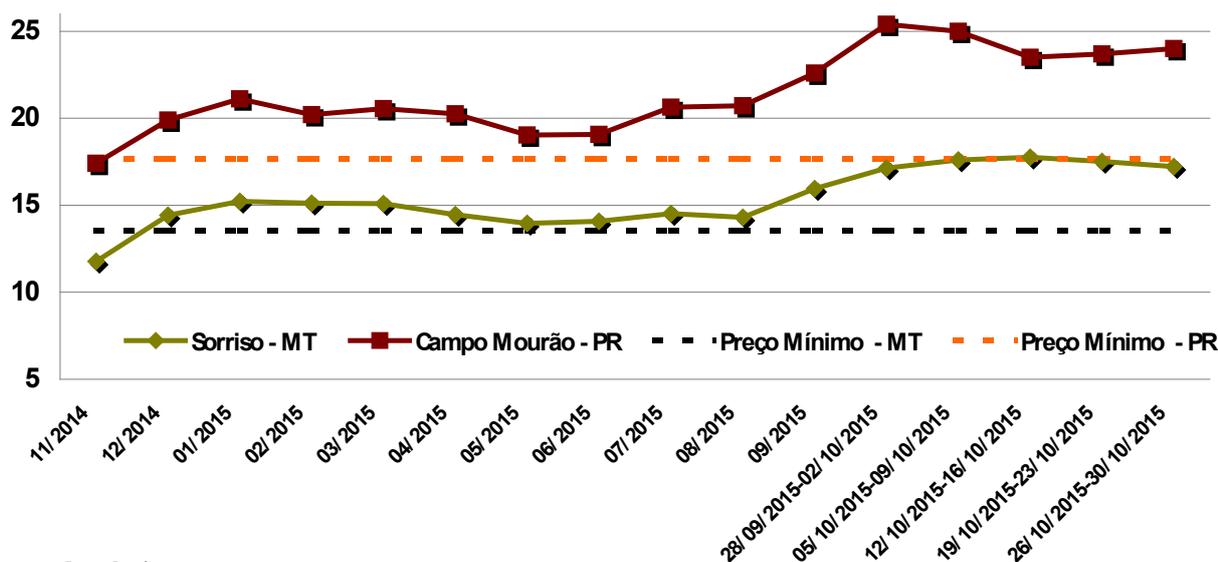
Mercado nacional

Com os preços internacionais estáveis, o fator cambial, mais uma vez, foi fundamental para a alta dos preços domésticos. Em Mato Grosso as cotações na Região Médio Norte, que geralmente possui preços

mais depreciados, diante de seu alto custo logístico, atingiram valores acima de R\$ 17,50/60Kg. No Paraná, segundo maior produtor do grão, os preços pagos ao produtor estão em R\$ 24,00/60Kg.



Gráfico 69 - Milho - preços médios mensais - 12 meses - R\$/60kg



Fonte: Conab

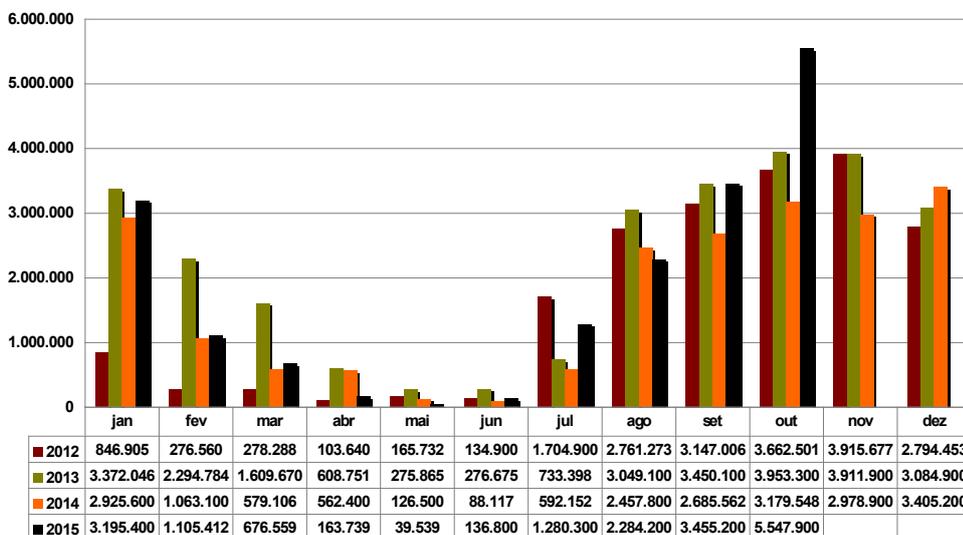
Obviamente, que a paridade de exportação, favorecida pela desvalorização cambial do real frente ao dólar, tem o maior peso sobre a evolução das cotações, mas o fato dos produtores nacionais já terem comercializado um grande volume que foi produzido na segunda safra a preços que garantissem a estes uma boa rentabilidade e o pagamento dos custos, está permitindo que eles especulem com o estoque restante.

Além disso, os demandantes internos estão tentando voltar ao mercado e realizar negócios que acabam sendo travados, diante do movimento especulativo dos produtores.

Este fato, também, tem exercido pressão alta nos preços domésticos.

As exportações de milho, em outubro, atingiram um volume mensal recorde de 5,55 milhões de toneladas. As informações do mercado exportador são de que os line ups (nomeações de navios para exportação) continuam elevado para novembro e dezembro, podendo haver embarques de milho em volume parecidos com os de outubro. Por essa razão, as exportações até janeiro de 2016 foram ajustadas para 29,7 milhões de toneladas, diminuindo o estoque final da safra 2014/15.

Gráfico 70 - Exportações brasileiras de milho de Jan/12 a out/15 (toneladas)



Fonte: Secex



10.1.8. Soja

O segundo levantamento realizado pela Conab aponta para a oleaginosa um incremento na área plantada variando positivamente entre 2,1 e 3,8% em relação ao ocorrido no exercício anterior. A Região Sul, que representa a segunda maior área plantada do país, deverá sair do patamar alcançado na safra passada de 11.074,1 mil para o intervalo de 11.199,6 a 11.413,9 mil hectares. Em outubro, no Rio Grande do Sul, apresentou um quadro de anomalias climáticas expressivas, atingindo praticamente todas as regiões do estado. Chuvas torrenciais, vendavais, quedas de granizo e descargas elétricas marcaram o comportamento do tempo. Na agricultura os prejuízos foram consideráveis, afetando não só as culturas de inverno, especialmente trigo e cevada, que se encontram em fase final de maturação e colheita, como também atrasando a implantação dos cultivos de verão, impedindo os trabalhos de preparação do solo e semeadura.

A área cultivada com soja no estado deverá variar entre -0,9 e 1,9%, avançando sobre áreas anteriormente semeadas com milho, áreas de campo nativo e de pastagens, estimando-se assim, que se situe entre 5,2 e 5,35 milhões de hectares. O aumento não será maior por conta da redução da soja cultivada em várzea, em função do alto custo e as chuvas acima da média. A semeadura está prejudicada devido ao excesso de umidade no solo. Apenas no noroeste do estado foram observadas pequenas áreas semeadas. A previsão inicial da produtividade é de 2.800 kg/ha, cuja variação fica atrelada ao comportamento do clima.

Em Santa Catarina, segundo os dados dos órgãos de monitoramento do clima, a instabilidade atingiu todas as regiões, com maior ou menor intensidade de acordo com o avanço e força do fenômeno climatológico. A precipitação total dos últimos 30 dias variou entre 200 e 700 mm, com concentrações maiores entre as regiões Meio Oeste, Norte e Vale do Itajaí, com algumas cidades decretando situação de emergência devido aos transtornos causados pelo transbordamento dos rios que cortam ou passam perto destas. Queda de granizo em algumas regiões, apesar de localizadas, também causou estragos na agricultura, danificando plantações e instalações. Na agricultura o excesso de chuvas tem causado perdas significativas em algumas culturas, como as de inverno, as quais se encontram em final de ciclo. A instabilidade também prejudica o avanço do plantio das culturas de verão, além dos tratamentos culturais nas já implantadas.

No Paraná, segundo maior produtor nacional, a estimativa de área plantada deverá apresentar um incremento médio de 3,5% diante dos 5.224,8 plantados no ano passado. A expectativa de chuvas acima da mé-

dia na região favorece consideravelmente as lavouras de modo geral. Acredita-se que os desafios impostos pelas alterações climáticas à produção agrícolas em geral serão cada vez mais intensos, e as práticas de mitigação de seus efeitos devem ser incorporadas as práticas agropecuárias.

A cultura encontra-se com plantio ainda no início, dependendo da liberação de áreas de inverno, do próprio clima e boa parte das áreas plantadas, principalmente no sudoeste do estado foram realizadas ainda com baixa umidade no solo. A maior parte da cultura está em fase de desenvolvimento vegetativo, com o restante ainda em germinação. A demanda e oferta de insumos equilibradas criam a expectativa de uma safra cheia devido ao nível de investimento que foi considerado bom. No ano passado o plantio estava mais atrasado devido à estiagem que deixou o solo seco, não permitindo o avanço das atividades em campo. Neste ano o plantio só não está mais adiantado porque as chuvas retardaram as operações.

Na região Sudeste a área plantada com a oleaginosa continuará apresentando fortes incrementos, estando previsto para o exercício 2015/16 um aumento percentual variando de 5,5 e 7,8%. Em Minas Gerais, principal produtor da Região Sudeste, setembro iniciou com ocorrência de chuvas em praticamente todo o estado, mas a descontinuidade do período chuvoso, associado ao clima bastante seco e às elevadas temperaturas não propiciaram condições adequadas para o plantio da safra de verão 2015/16, notadamente nas áreas de sequeiro. Mesmo nas áreas de pivô a implantação das lavouras vem se fazendo muito lentamente, seja pela restrição de água, seja pelo alto custo da irrigação. Apesar das chuvas ocorridas no final de outubro, o plantio está atrasado, devendo concentrar-se em novembro, podendo se estender até dezembro. Este atraso vem provocando algumas reavaliações de intenção de plantio, informações que serão melhor avaliadas nos próximos levantamentos.

A área de plantio da soja no estado deverá apresentar incremento, variando de 7 a 9,5% quando comparada com a safra anterior, em face de sua melhor competitividade e liquidez, comparativamente às demais alternativas de cultivo na safra de verão. À semelhança da safra anterior é possível que haja um incremento do plantio de variedades precoces, de modo a viabilizar o cultivo sequencial de milho e/ou sorgo no período de safrinha.

Em São Paulo o produtor procurou investir na cultura devido aos excelentes preços praticados na safra que se encerrou. O incremento na área plantada previsto



para o atual exercício deverá apresentar uma variação entre 3 e 5%, respaldado pela forte elevação do dólar que cria uma favorável expectativa de retorno.

Na Região Centro-Oeste, principal produtora da oleaginosa no país, é esperado apresentar incremento variando de 1,3 a 2,4%. Na semana do levantamento, nas regiões situadas ao longo da BR 163 e 364 em Mato Grosso, o plantio de soja encontrava-se mais adiantado, estimando-se em média que 25% da área total de plantio já estivesse semeada. Na região sul do estado e no médio e baixo Araguaia a porcentagem de área plantada é menor em razão das chuvas se iniciarem mais tarde.

Mesmo com o ritmo do plantio ainda lento o maquinário utilizado permite promover a semeadura de forma rápida, diminuindo o atraso em função do regime de chuvas. Na semana do levantamento existia o receio de que, caso persistisse a escassez de chuvas, fosse necessário fazer o replantio de lavouras plantadas antecipadamente. As atenções estão voltadas para as condições climáticas, uma vez que ainda não ocorreram de forma generalizada as precipitações suficientes para o plantio da oleaginosa. As chuvas que eram esperadas para ocorrer até o início de outubro ocorreram a partir da segunda quinzena, o que deve normalizar o plantio.

Em Mato Grosso do Sul o crédito para custeio que teve a princípio uma liberação lenta em relação a safras anteriores foi normalizado nas últimas semanas. Como alternativa a esse tipo de crédito foram bastante utilizadas as operações de aquisição de insumos, envolvendo as cooperativas e fornecedores com pagamento por ocasião da colheita. Os custos de produção seguem apresentando foco de preocupação, mas com a alta do dólar ao longo do ano, os produtores vislumbram melhores preços de comercialização para a colheita desta safra, o que serve como incentivo para a

manutenção do pacote tecnológico aplicado na safra passada, que possibilitou rentabilidades estimulantes. Até o momento confirma-se na cultura da soja o aumento na área plantada do estado, no intervalo entre 3,2 e 5,2% em relação à safra passada. Em linhas gerais, o cultivo das áreas em outubro deve ultrapassar 50% da área total do estado. A região sul do estado encontra-se com plantio mais adiantado, existindo municípios onde o plantio praticamente encerrou-se. Já a região norte do estado apresenta um certo atraso no plantio, cuja média é inferior a 15%, principalmente em função da irregularidade das chuvas. O aumento de área cultivada ocorre basicamente em substituição às culturas do milho primeira safra e feijão primeira safra, além de áreas de pastagens.

O plantio da safra 2015/16 na Região Norte-Nordeste deverá ser normalizado a partir de novembro, com o início do período chuvoso. A safra recentemente colhida, dentro de um quadro climático bastante melhorado, quando comparado com o ocorrido nas últimas três safras, serviu de estímulo ao produtor local, estando previsto ocorrer o maior incremento percentual na área plantada da oleaginosa nesta temporada, variando de 6,7 a 10%. No que se refere ao crédito de custeio observa-se para o grande e médio produtor uma diminuição no acesso ao crédito de pré-custeio devido aos aumentos na taxa de juros e também ao aumento da burocracia para acesso a esta modalidade. Este fato tem reforçado outras formas de negócio envolvendo as permutas, onde o produtor tem sua safra financiada por uma empresa de comercialização e faz o pagamento com a própria produção.

O somatório dessas expectativas indica para a oleaginosa uma continuada tendência de crescimento da área plantada no Brasil, apresentando uma variação média de 2,95%, atingindo o intervalo de 32,8 a 33,3 milhões de hectares.

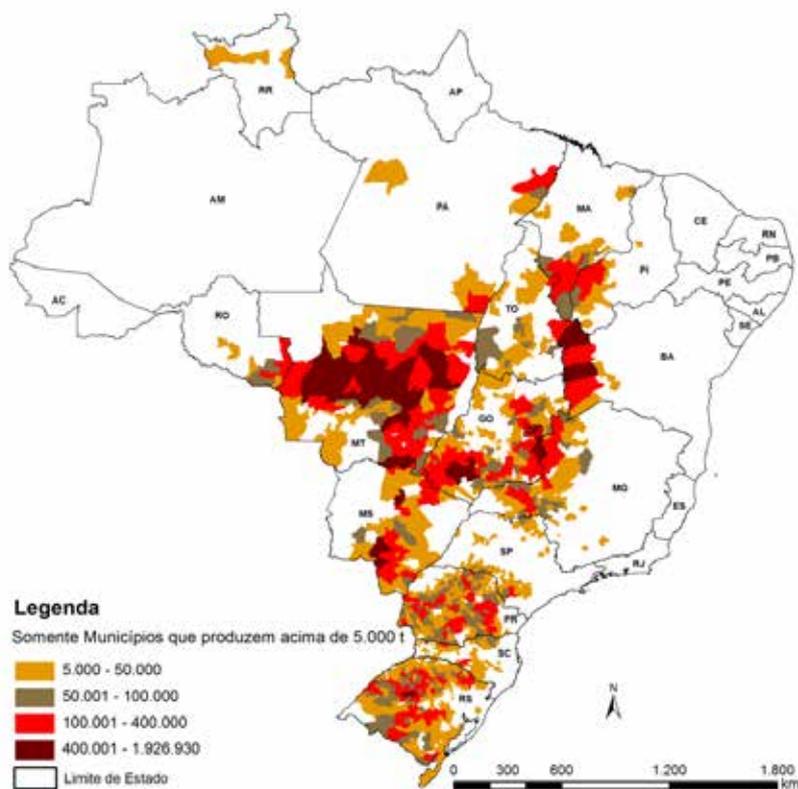


Tabela 46 – Calendário de plantio e colheita – soja

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P	C	C	C	C					
PA		P	P	P		C	C	C	C			
TO	P	P	P		C	C	C	C				
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		
PI		P	P	P		C	C	C	C			
BA	P	P	P		C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					P
MS	P	P	P	C	C	C	C					P
GO	P	P	P	C	C	C	C					
DF	P	P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P	C	C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C					P
SC	P	P	P	P	P/C	C	C	C				
RS	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
 Fonte: Conab.

Figura 31 – Mapa da produção agrícola – soja



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 47 – Comparativo de área, produtividade e produção – soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	1.441,4	1.483,6	1.519,6	2,9	5,4	2.987	3.025	1,3	4.304,8	4.489,3	4.596,0	4,3	6,8
RR	24,0	24,0	24,0	-	-	3.300	3.338	1,2	79,2	80,1	80,1	1,1	1,1
RO	231,5	243,1	247,7	5,0	7,0	3.166	3.278	3,5	732,9	796,9	812,0	8,7	10,8
PA	336,3	336,3	336,3	-	-	3.024	3.104	2,6	1.017,0	1.043,9	1.043,9	2,6	2,6
TO	849,6	880,2	911,6	3,6	7,3	2.914	2.918	0,1	2.475,7	2.568,4	2.660,0	3,7	7,4
NORDESTE	2.845,3	3.036,9	3.129,8	6,7	10,0	2.841	2.874	1,2	8.084,1	8.729,2	8.995,4	8,0	11,3
MA	749,6	764,6	794,6	2,0	6,0	2.761	2.782	0,8	2.069,6	2.127,1	2.210,6	2,8	6,8
PI	673,7	693,9	714,1	3,0	6,0	2.722	2.886	6,0	1.833,8	2.002,6	2.060,9	9,2	12,4
BA	1.422,0	1.578,4	1.621,1	11,0	14,0	2.940	2.914	(0,9)	4.180,7	4.599,5	4.723,9	10,0	13,0
CENTRO-OESTE	14.616,1	14.811,8	14.972,9	1,3	2,4	3.008	3.119	3,7	43.968,6	46.202,1	46.701,5	5,1	6,2
MT	8.934,5	9.023,8	9.113,2	1,0	2,0	3.136	3.179	1,4	28.018,6	28.686,7	28.970,9	2,4	3,4
MS	2.300,5	2.373,0	2.421,0	3,2	5,2	3.120	2.969	(4,8)	7.177,6	7.045,4	7.187,9	(1,8)	0,1
GO	3.325,0	3.358,3	3.381,5	1,0	1,7	2.594	3.064	18,1	8.625,1	10.289,8	10.360,9	19,3	20,1
DF	56,1	56,7	57,2	1,0	2,0	2.626	3.178	21,0	147,3	180,2	181,8	22,3	23,4
SUDESTE	2.116,2	2.232,5	2.281,3	5,5	7,8	2.775	3.030	9,2	5.873,5	6.764,3	6.912,3	15,2	17,7
MG	1.319,4	1.411,8	1.444,7	7,0	9,5	2.658	3.056	15,0	3.507,0	4.314,5	4.415,0	23,0	25,9
SP	796,8	820,7	836,6	3,0	5,0	2.970	2.985	0,5	2.366,5	2.449,8	2.497,3	3,5	5,5
SUL	11.074,1	11.199,6	11.413,9	1,1	3,1	3.071	3.122	1,7	34.012,3	34.982,9	35.621,2	2,9	4,7
PR	5.224,8	5.381,5	5.433,8	3,0	4,0	3.294	3.416	3,7	17.210,5	18.383,2	18.561,9	6,8	7,9
SC	600,1	618,1	630,1	3,0	5,0	3.200	3.300	3,1	1.920,3	2.039,7	2.079,3	6,2	8,3
RS	5.249,2	5.200,0	5.350,0	(0,9)	1,9	2.835	2.800	(1,2)	14.881,5	14.560,0	14.980,0	(2,2)	0,7
NORTE/NORDESTE	4.286,7	4.520,5	4.649,4	5,5	8,5	2.890	2.924	1,2	12.388,9	13.218,5	13.591,4	6,7	9,7
CENTRO-SUL	27.806,4	28.243,9	28.668,1	1,6	3,1	3.016	3.113	3,2	83.854,4	87.949,3	89.235,0	4,9	6,4
BRASIL	32.093,1	32.764,4	33.317,5	2,1	3,8	2.999	3.087	2,9	96.243,3	101.167,8	102.826,4	5,1	6,8

Fonte: Conab

Nota: Estimativa novembro/2015



Figura 32 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil

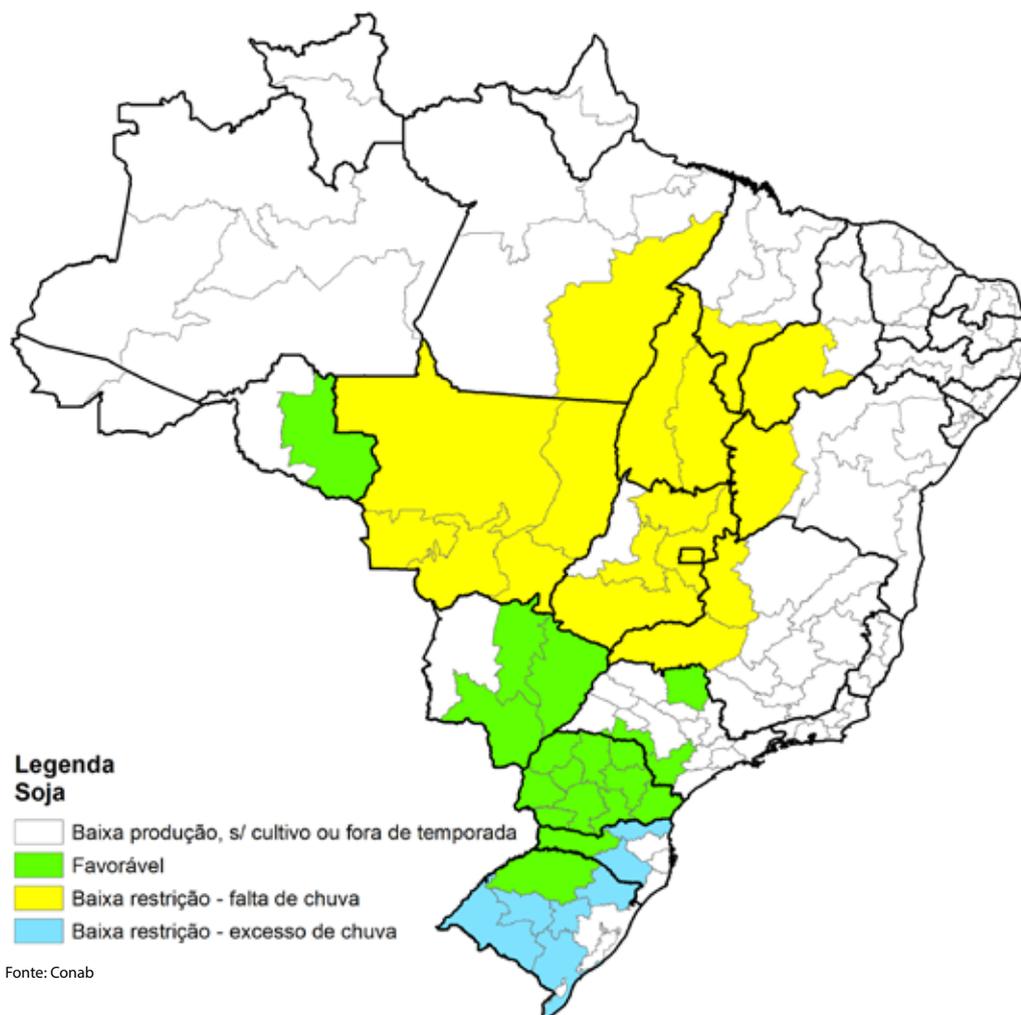


Tabela 48 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Soja	<ul style="list-style-type: none"> - leste de RO (G) - partes do oeste de MG (G) - norte de SP (G), exceto regiões pontuais- sul de SP (G) - todo estado do PR (G) - oeste de SC (G), exceto regiões pontuais - noroeste do RS (G), exceto regiões pontuais - todo estado do MS (G) - partes do estado do MT (G)- partes do estado de GO (G) 	<ul style="list-style-type: none"> - norte e sul de SC (P) - regiões pontuais do oeste de SC (P)** - nordeste, centro e sul do RS (P) - regiões pontuais do noroeste do RS (P)** 		<ul style="list-style-type: none"> - sudeste do PA (G) - noroeste de MG (P) - partes do oeste de MG (P) - regiões pontuais do norte de SP (G)** - partes do estado do MT (P) - partes do estado de GO (G) - DF (G)- oeste da BA (PP) - sudoeste do PI (PP) - leste do TO (PP) - sul do MA (PP)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade



10.1.8.1. Oferta e demanda

Mercado internacional

Em 9 de outubro de 2015 o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), divulgou seu relatório mensal de oferta e demanda mundial de soja. As principais mudanças do cenário ocorrem, principalmente, em relação ao quadro de oferta e demanda dos Estados Unidos, com menor produção da safra 2015/16 e também da safra 2014/15.

Apesar do mercado já esperar uma redução na produtividade norte-americana para a safra 2015/16, o Usda surpreendeu, reduzindo tal produção de 107,1 milhões de toneladas para 105,8 milhões de toneladas, devido a problemas climáticos em Missouri e Ohio, estados que reduziram sua produtividade.

Este departamento também atualizou o quadro de produção americana da safra 2014/15 e reduziu a safra em 1,13 milhões de toneladas, passando de 108,01 milhões de toneladas para 106,87 milhões de toneladas, reduzindo, ainda, a produtividade desta safra, aumentando as exportações americanas para a safra 2014/15 em 229 mil toneladas e os esmagamentos em 139 mil toneladas.

De acordo com aquele departamento, os Estados Uni-

dos exportaram do dia 3 de setembro de 2015 até o dia 22 de outubro de 2015, aproximadamente 8,85 milhões de toneladas de soja em grão, valor 1,44 milhões de toneladas a mais que os 7,41 milhões de toneladas do mesmo período do ano passado. No entanto, prevê uma redução nas exportações americanas de 1,95 milhão de toneladas em relação ao previsto no mês anterior, este valor está fundamentado nas baixas vendas de exportações da safra atual, que, segundo o Usda, chegou a 26,4 milhões de toneladas visto que no mesmo período do ano anterior ficou em 34 milhões de toneladas.

O Usda prevê que o Brasil deverá continuar a ser o maior exportador de soja do mundo, com uma exportação de 56,45 milhões de toneladas e uma produção de 100 milhões de toneladas, mas, mantém a estimativa de importação chinesa em 79 milhões de toneladas. Contudo, apesar da redução na estimativa de crescimento Chinês, manteve os esmagamentos deste país em 79,5 milhões de toneladas e com isso, os estoques finais americanos e mundiais ficaram em 16,52 milhões de toneladas e 85,14 milhões de toneladas, respectivamente, com um aumento de, aproximadamente, 66 mil toneladas no estoque de passagem mundial.

Tabela 49 - Estoque final de soja mundial - em milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 setembro	2015/2016 outubro
Argentina	15,95	20,96	26,05	32,25	33,43	32,90
Brasil	13,02	15,33	15,95	18,71	18,15	19,74
China	15,91	12,38	14,43	17,55	16,15	16,15
Estados Unidos	4,61	3,83	2,50	5,21	12,26	11,56
Índia	800,00	1,14	606,00	458,00	833,00	583,00

Fonte: USDA

Nota: Outubro/2015



Tabela 50 - Produção mundial de soja - em milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 setembro	2015/2016 outubro
Estados Unidos	84,29	82,79	91,39	106,88	107,10	105,81
Brasil	66,50	82,00	86,70	96,20	97,00	100,00
Argentina	40,10	49,30	53,50	60,80	57,00	57,00
China	14,49	13,05	12,20	12,35	11,50	11,50
Índia	11,70	12,20	9,50	9,00	11,50	11,00
Paraguai	4,04	8,20	8,19	8,10	8,80	8,80
Canada	4,47	5,09	5,36	6,05	5,95	5,95
Outros	14,84	16,20	16,31	19,57	20,76	20,44
Total	240,43	268,82	283,15	318,95	319,61	320,49

Fonte: USDA

Nota: Outubro/2015

Tabela 51 - Importação mundial de soja - em milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 setembro	2015/2016 outubro
China	59,23	59,87	70,36	77,00	79,00	79,00
Europa	12,07	12,54	12,99	13,55	13,50	13,60
Mexico	3,61	3,41	3,84	4,03	4,05	4,05
Japão	2,76	2,83	2,89	2,95	2,85	2,90
Taiwan	2,29	2,29	2,34	2,38	2,38	2,38
Indonésia	1,92	1,80	2,24	2,08	2,30	2,30
Turquia	1,06	1,25	1,61	2,10	2,10	2,30
Tailândia	1,91	1,87	1,80	2,23	2,10	2,25
Egito	1,65	1,73	1,69	1,98	1,95	2,05
Rússia	741,00	691,00	1,93	1,95	1,90	2,00
outros	6,24	7,67	9,59	9,96	11,09	11,09
Total	93,47	95,93	111,28	120,20	123,22	123,92

Fonte: USDA

Nota: Outubro/2015

Tabela 52 - Exportação mundial de soja - em milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 setembro	2015/2016 outubro
Brasil	36,26	41,90	46,83	51,11	54,50	56,45
Estados Unidos	37,19	36,13	44,57	50,17	46,95	45,59
Argentina	7,37	7,74	7,84	9,60	9,75	9,75
Paraguai	3,57	5,52	4,80	4,38	4,60	4,60
Canada	2,93	3,47	3,47	3,85	3,83	3,85
outros	4,87	6,05	5,06	6,95	6,86	6,53
Total	92,19	100,81	112,57	126,05	126,48	126,77

Fonte: USDA

Nota: Outubro/2015



Tabela 53 - Esmagamento mundial de soja - em milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 setembro	2015/2016 outubro
China	60,97	64,95	68,85	74,20	79,50	79,50
Estados Unidos	46,35	45,97	47,19	51,03	50,89	51,17
Argentina	35,89	33,61	36,17	40,00	41,50	41,50
Brasil	38,08	35,24	36,86	39,50	39,55	39,55
Europa	12,41	13,16	13,44	14,00	14,50	14,70
India	9,65	9,90	8,30	7,10	9,10	8,70
Mexico	3,68	3,65	4,03	4,28	4,35	4,35
outros	21,35	23,69	26,24	30,44	32,40	32,93
Total	228,37	230,17	241,08	260,54	271,79	272,39

Fonte: USDA

Nota: Outubro/2015

Os preços (spot) médios na Bolsa de Valores de Chicago em outubro foram estimados em UScents 891,00/bu, valor 1,21% maior que os preços praticados em setembro de UScents 880,33/bu.

Os principais motivos desta alta foram: divulgação do quadro de oferta e demanda do Usda no início do mês, preocupação com as exportações americanas e, preocupação climática com consequente atraso no plantio no Brasil.

Após a divulgação do quadro de oferta, os preços internacionais começaram a subir e, somados a problemas climáticos ocorridos no início do plantio do Brasil em 01 de outubro de 2015 eram de UScents 877,20/bu, passando a ser cotados a UScents 914,00/bu em 13 de outubro, alguns dias após a divulgação.

Como esperado houve uma recuperação do percentual da área colhida norte-americana, que até o dia 01 de setembro de 2015 o Usda estimava uma colheita dos Estados Unidos em 91% da safra 2015/16, visto que no mesmo período do ano anterior este valor era de apenas 81% e a média dos últimos 5 anos de 88%.

Além disto, a área colhida nos Estados Unidos tem se mantido em patamares de rentabilidade alta e o mercado espera uma manutenção ou até uma alta na estimativa de produção deste país.

Devido a estes fatores e com a melhora no clima nos principais estados produtores do Brasil, os preços internacionais voltaram a baixar e fecharam o mês em UScents 878,60/bu 29 de outubro de, só não reduzindo mais, devido às baixas vendas de exportações americanas.

Gráfico 71 - Soja - Preços internacionais 2015 (FOB) - Bolsa de Mercadorias de Chicago (CBOT)



Fonte: CME GROUP



Mercado nacional

No Brasil, o mês de outubro iniciou com atraso de plantio nos principais estados produtores e no dia 1º de outubro de 2015 o Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea) divulgou que o Mato Grosso havia plantado 1,67% da área estimada, assim como em 2014, exercício que também ocorreu atraso no plantio, estimando-se a área em 4,55%. Com as chuvas o Imea estimou, dia 3 de outubro, que para o Mato Grosso o plantio de soja deverá ser de 38% da área a ser plantada, valor apenas 2,55% menor que o mesmo período do ano anterior.

No Paraná o Departamento de Economia Rural (Deral) estima que a cultura está 99% em bom desenvolvimento e apenas 1% em regular, com o clima chuvoso e de temperatura amena existem boas expectativas para safra daquele estado.

Com a expectativa de El Niño, a cultura de soja no país deve ter bom desenvolvimento e com produtividades altas, o que fez a Conab prever uma produção média de 101,99 milhões de toneladas para a safra 2015/16.

A comercialização da safra nova continua forte e para o Mato Grosso é estimada em mais de 47%, valor muito superior aos 15,9% do mesmo período do ano anterior. Apesar dos preços internacionais em baixa, os preços internos continuam sendo amparados pela alta do dólar frente ao real e o pequeno aumento dos preços internacionais em relação a setembro. Em Outubro no Paraná o preço médio mensal da saca de 60 quilos foi estimado em R\$ 72,20/60kg, valor 3,14% maior

que os preços praticados em setembro de 2015, estimados em R\$ 70,00/60kg, em Mato Grosso os preços médios de outubro são de R\$ 67,85/60kg, valor 2,66% maior que em setembro de 2015, estimados em R\$ 66,09/60kg, em Goiás os preços foram cotados a R\$ 67,36/60kg em outubro e R\$ 63,91/60kg em setembro.

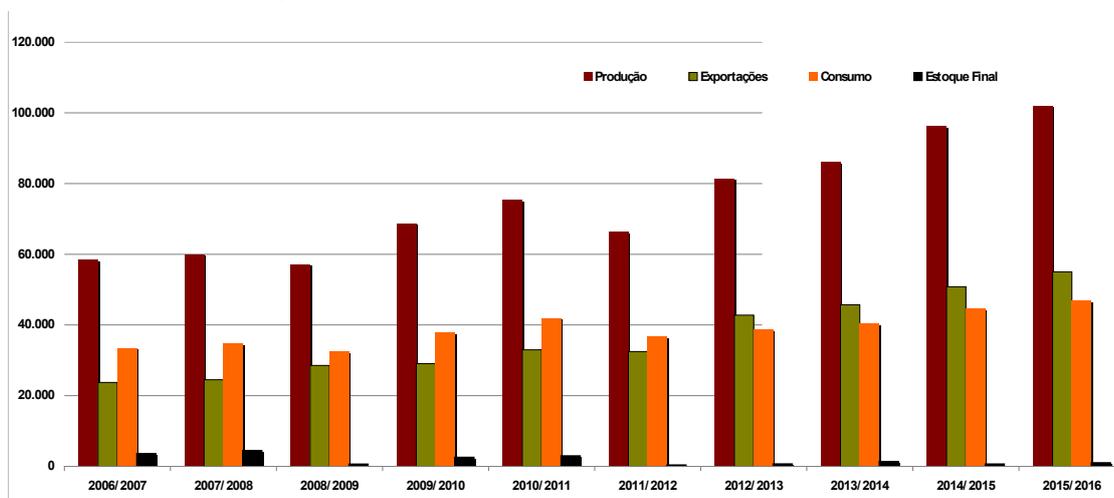
As exportações brasileiras de soja em grãos da safra antiga (2014/15) surpreenderam e ficaram acima das expectativas, em outubro, estimadas em mais de 52,1 milhões de toneladas. Assim, estima-se que, para a safra 2014/15 o Brasil venha a exportar mais de 52,6 milhões de toneladas.

Para a safra 2015/16, com a estimativa de redução de exportação americana de soja em grãos, abre-se caminho para uma maior exportação brasileira, portanto, devido a tal fato, a safra atual tem estimativa de exportação de mais de 55 milhões de toneladas de soja em grãos; valor 4,56% maior que o exportado na safra anterior.

O consumo interno de soja em grãos para safra 2015/16 é estimado em 42,95 milhões de toneladas, valor 4,8% maior que o estimado para a safra 2014/15, que foi de 41 milhões de toneladas.

Com isto, os estoques de passagem da safra 2014/15 deverão ficar em 720 mil toneladas e para a safra 2015/16, em 1,07 milhões de toneladas, valor bem abaixo da média dos últimos 5 anos que é de 1,49 milhão de toneladas.

Gráfico 72 - Comparativo de produção, exportação, consumo e estoque final de soja no Brasil nas últimas 10 safras (mil t)

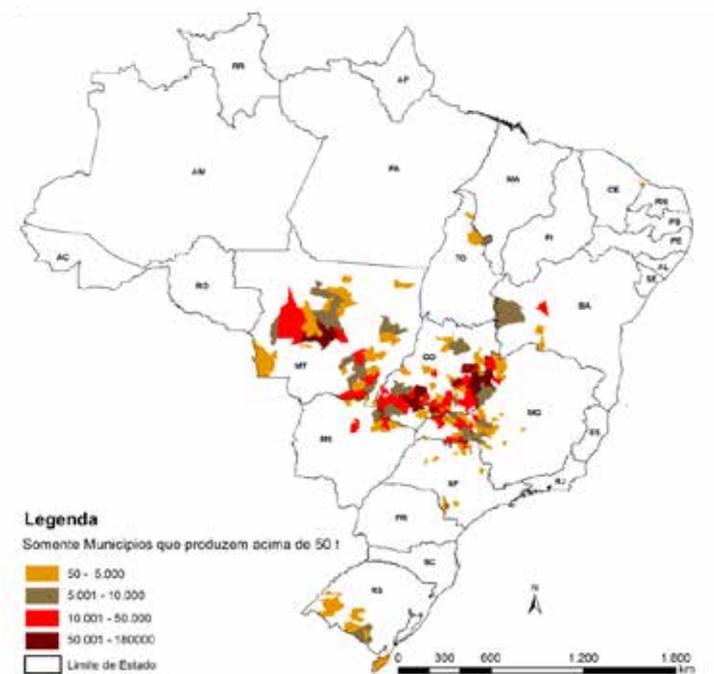


Fonte: Conab (Estimativa)



10.1.9.Sorgo

Figura 33 – Mapa da produção agrícola – sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 54 – Calendário de plantio e colheita – sorgo

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P	C	C	C				
Nordeste												
PI			P				C					
CE				P	P	P		C	C			
RN				P	P	P		C	C	C		
PB				P	P	P		C	C			
PE					P	P	P	P	C	C	C	C
BA		P	P	P		C	C	C				
Centro-Oeste												
MT					P	P	P		C	C	C	
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P	P		C	C	C	
DF						P	P		C	C	C	
Sudeste												
MG					P	P	P		C	C	C	
SP					P	P	P		C	C	C	C
Sul												
RS	P	P	P	P	C	C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.



Tabela 55 – Comparativo de área, produtividade e produção – sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	21,4	21,4	21,4	-	-	1.849	1.822	(1,5)	39,6	39,0	39,0	(1,5)	(1,5)
TO	21,4	21,4	21,4	-	-	1.849	1.822	(1,5)	39,6	39,0	39,0	(1,5)	(1,5)
NORDESTE	155,7	155,7	155,7	-	-	871	1.112	27,7	135,6	173,1	173,1	27,7	27,7
PI	6,2	6,2	6,2	-	-	2.548	1.888	(25,9)	15,8	11,7	11,7	(25,9)	(25,9)
CE	0,7	0,7	0,7	-	-	1.489	1.346	(9,6)	1,0	0,9	0,9	(10,0)	(10,0)
RN	0,6	0,6	0,6	-	-	1.522	1.522	-	0,9	0,9	0,9	-	-
PE	6,2	6,2	6,2	-	-	430	751	74,7	2,7	4,7	4,7	74,1	74,1
BA	142,0	142,0	142,0	-	-	811	1.091	34,5	115,2	154,9	154,9	34,5	34,5
CENTRO-OESTE	360,6	360,6	360,6	-	-	3.356	3.157	(5,9)	1.210,1	1.138,4	1.138,4	(5,9)	(5,9)
MT	111,7	111,7	111,7	-	-	2.610	2.478	(5,1)	291,5	276,8	276,8	(5,0)	(5,0)
MS	13,0	13,0	13,0	-	-	3.700	3.339	(9,8)	48,1	43,4	43,4	(9,8)	(9,8)
GO	232,6	232,6	232,6	-	-	3.661	3.441	(6,0)	851,5	800,4	800,4	(6,0)	(6,0)
DF	3,3	3,3	3,3	-	-	5.763	5.384	(6,6)	19,0	17,8	17,8	(6,3)	(6,3)
SUDESTE	174,4	174,4	174,4	-	-	3.696	3.276	(11,4)	644,5	571,3	571,3	(11,4)	(11,4)
MG	160,6	160,6	160,6	-	-	3.700	3.243	(12,4)	594,2	520,8	520,8	(12,4)	(12,4)
SP	13,8	13,8	13,8	-	-	3.645	3.662	0,5	50,3	50,5	50,5	0,4	0,4
SUL	10,5	10,5	10,5	-	-	2.426	2.426	-	25,5	25,5	25,5	-	-
RS	10,5	10,5	10,5	-	-	2.426	2.426	-	25,5	25,5	25,5	-	-
NORTE/NORDESTE	177,1	177,1	177,1	-	-	989	1.198	21,1	175,2	212,1	212,1	21,1	21,1
CENTRO-SUL	545,5	545,5	545,5	-	-	3.447	3.181	(7,7)	1.880,1	1.735,2	1.735,2	(7,7)	(7,7)
BRASIL	722,6	722,6	722,6	-	-	2.844	2.695	(5,3)	2.055,3	1.947,3	1.947,3	(5,3)	(5,3)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa novembro/2015

10.2 Culturas de inverno

O comportamento climático irregular vem sendo característico do inverno de 2015. As inúmeras anomalias climáticas registradas desde a implantação das culturas de inverno fazem com que as perspectivas sejam alteradas a cada levantamento.

No Rio Grande do Sul, as anomalias atingiram todo o estado. Chuvas torrenciais, vendavais, queda de granizo e descargas elétricas marcaram o período, causando enchentes e prejuízos no campo e nas cidades.

Na agricultura, os prejuízos foram consideráveis, afetando as culturas de inverno, especialmente trigo e cevada, que se encontram em fase final de maturação e colheita. Em determinadas regiões, como na Campanha por exemplo, a chuva atingiu a média do mês em apenas 24 horas. Os maiores volumes acumulados foram registrados em Santa Maria, com 216 mm e Alegrete com 213 mm. Já o período compreendido entre os dias 15 e 22 de outubro foi marcado por enchentes,

granizo e temperaturas altas. Os extremos do tempo foram causados pelo avanço de uma frente fria sobre o ar muito quente e úmido, provocando enchentes, bem como eventos extremos – granizo e rajadas de vento que superaram os 120 km/h.

Os fenômenos climáticos supracitados também foram diagnosticados no Paraná. Durante os meses da primavera ocorre um aumento natural no volume das chuvas e também dos eventos severos em todo estado, como rajadas de ventos moderadas a fortes, granizos e grande quantidade de raios.

Em Santa Catarina o quadro não é diferente. Chuvas acompanhadas de ventos e granizo causaram prejuízos na zona rural e urbana, atingindo plantações em estágio inicial e final de ciclo. Houveram avarias em instalações, alagamentos de vias públicas, deslizamentos de terra e transbordamento de cursos d'água. Em Santa Catarina, segundo os dados dos órgãos de



monitoramento do clima, a instabilidade atingiu todas as regiões, com maior ou menor intensidade entre elas de acordo com o avanço e força do fenômeno climatológico. Na agricultura, o excesso de chuvas tem causado perdas significativas em algumas culturas como as de inverno, que estão em final de ciclo. Já são contabilizadas perdas qualitativas e quantitativas na cultura do trigo, cevada e triticale, algumas das quais já haviam sido atingidas com excesso de chuva no momento do plantio e geadas tardias durante a floração e formação de grãos.

Diante do quadro exposto, observou-se relatos de aparecimento das principais doenças que atacam as culturas de inverno, tais como giberela - *Gibberella zeae*, brusone - *Pyricularia grisea* (Cooke) Sacc. ou *Magnaporthe grisea* (T. Hebert) e oídio - *Blumeria graminis* f. sp. *tritici*. Conforme VIII Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale¹, as duas primeiras doenças são altamente influenciadas pelo ambiente e elas se desenvolvem sob condições de molhamento contínuo (superior a 10 horas) do início do emborrachamento até o final do enchimento de grãos.

Para minimizar a probabilidade de danos por brusone, sugere-se evitar semeaduras no início do período definido no zoneamento agrícola.

A giberela (*Gibberella zeae*) é uma doença de infecção floral e de controle difícil, altamente influenciada pelo ambiente. As condições ambientais requeridas à infecção são temperatura de 20°C a 25°C e duração contínua do molhamento superior a 48 horas.

O oídio, embora não seja veiculado pela semente, pode ser controlado em cultivares suscetíveis, pelo tratamento de sementes que também previne ao aparecimento do carvão (*Ustilago tritici*).

10.2.1. Trigo

Os dados da cultura do trigo produzido no Brasil indicam que haverá redução da área plantada em 9,4%, ficando em 2,5 milhões de hectares. Mesmo com o dado negativo, espera-se que a produção fique em 6,23 milhões de toneladas, 4,3% maior do que a safra anterior, impulsionada, principalmente pelo aumento esperado na produtividade, que crescerá 15,1%, atingindo em média 2.492 kg/ha.

Além dos danos causados por agentes biológicos há também as perdas físicas, causadas pelo granizo e vento, por exemplo. Por tudo isso, espera-se que os números previstos inicialmente não sejam alcançados.

Na Argentina, as culturas de inverno sofreram inicialmente com a estiagem. Na sequência, ocorreram alagamentos decorrentes do excesso de chuva, principalmente no norte da província de Buenos Aires e centro sul da província de Santa Fé. No que se refere ao trigo, os dados indicam uma área plantada de 4,1 milhões de hectares, ante os 5,26 milhões de hectares da safra passada, ou seja, 22,1% menor². Porém destaca-se que a produção total será de 13,9 milhões de toneladas, 51,1% maior do que a safra 2014/15. As informações extraídas do documento citado indicam que a cultura se desenvolve de forma conveniente no período final do ciclo. Os primeiros trigos colhidos no norte da Argentina apontam para rendimentos aceitáveis, porém com baixa qualidade para a indústria.

As informações sobre a cultura do centeio nos últimos levantamentos realizados pela Conab são insuficientes para uma análise mais aprofundada, pois a cada ano reduz-se a área plantada. No Paraná a área cultivada será de apenas 1,3 mil hectares, no Rio Grande do Sul serão cultivados 0,5 mil hectares, demonstrando que esta cultura possui pequena importância econômica no cenário agrícola brasileiro.

A mesma situação ocorre com o triticale. Em todos os estados produtores, ou seja, Paraná (11,4 mil hectares), Rio Grande do Sul (5,7 mil hectares), São Paulo (4,3 mil hectares) e Santa Catarina (0,6 mil hectares), há uma estabilidade da área plantada, explicada, principalmente, pelo baixo valor comercial do cereal, que é geralmente utilizado para ração.

No Paraná, principal estado produtor de trigo do Brasil, os dados atualizados no último levantamento confirmam as expectativas iniciais de redução de 3,6% na área plantada, com uma leve queda de 3% na produtividade. Desta forma a produção total esperada naquele estado será de 3,55 milhões de toneladas.

As lavouras de trigo foram castigadas por doenças, principalmente a giberela, a brusone e as manchas

1 Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale (2014: Canela, RS). Informações técnicas para trigo e triticale – safra 2015 / VIII Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale ; Gilberto Rocca da Cunha e Eduardo Caierão, editores técnicos. – Brasília, DF : Embrapa, 2014. 229 p.

2 Referências extraídas documento “Estimaciones Agrícolas/Outubro 2015”, publicado pelo Ministerio de Agricultura, Ganaderia y Pesca, Subsecretaria de Agricultura, Dirección Nacional de Información y Mercados. Disponível em: <http://dev.siaa.gov.ar/_informes%5CEstimaciones_Agrícolas%5CMensual/151022_Informe%20Mensual%20Estimaciones%20-%20Oct-2015.pdf> Acessado em 03/11/2015.



foliares, além de bacterioses. Como a cultura é muito suscetível ao clima, a produtividade e qualidade foram afetadas pelas condições climáticas. Os produtores encontram-se insatisfeitos com as produtividades das lavouras, principalmente quando se leva em conta a tecnologia e o investimento aplicado. Há informações de pedidos de acionamento do seguro agrícola em função de perdas. As lavouras menos prejudicadas foram as colhidas no fim de setembro. Em todo o estado a quebra da produção foi em torno de 420 mil toneladas.

No Rio Grande do Sul, o período recomendado para semeadura do trigo varia conforme a região produtora. Na fronteira oeste, nas Missões e nos municípios mais ao noroeste a pesquisa recomenda o dia 10 de maio como ideal para iniciar a semeadura. Já na parte norte, a recomendação é para iniciar a semeadura no início de julho. Essa amplitude do período de estabelecimento da lavoura possibilita encontrá-la em diferentes fases do ciclo produtivo no estado. Devido a essa amplitude, há lavouras com perda total, lavouras com perdas parciais e lavouras que nada sofreram com as intempéries ocorridas nos últimos meses.

Em relação ao período de semeadura, as áreas que mais sofreram foram aquelas semeadas entre os dias 1º e 10 de junho de 2015, período que coincidiu com o maior índice semeado. Outro fator que influenciou na perda foi a questão das cultivares, pois algumas foram atingidas por serem precoces e outras por serem tardias, coincidindo assim, com o período crítico da cultura com a anomalia.

A região mais atingida foi a que compreende os municípios de Frederico Westphalen, Palmeira das Missões e suas adjacências. Nessas localidades, as perdas de produtividade superaram 50% em relação à previsão inicial. Nas regiões mais a oeste do estado, as lavouras semeadas mais cedo estavam no terço final do ciclo reprodutivo, o que minimizou o efeito da geada, por exemplo. Por outro lado, as lavouras da região norte ainda não tinham alcançado a fase de florescimento, portanto, os efeitos negativos foram mínimos. Neste caso, as consequências negativas vão se agravando na medida em que se aproxima da região noroeste do estado.

Após essa explanação da situação geográfica das lavouras e das perdas, faz-se necessário o detalhamento das condições da lavoura de trigo. Para isso, regiões foram delimitadas de acordo com a gravidade dos eventos adversos.

A primeira região compreende Santa Rosa em direção a Ijuí, seguindo para Oeste até a fronteira. Nessa região, como a lavoura é semeada mais cedo (início

de maio) a geada dos dias 12, 13 e 14 de setembro não levou a maiores danos, pois a maior parte do trigo estava se aproximando da maturação. Nessa região, são cultivados mais de 400 mil hectares de trigo, representando mais de 40% da área total semeada no estado. A colheita superou 80% da área e o resultado é o melhor obtido no estado até o momento. Aproximadamente 40% da produção foi de trigo com PH 78, outros 40% com PH 73 em média e 20% ficaram fora do padrão. Essas quantificações são todas estimativas cujas consolidações serão possíveis com a conclusão da colheita.

A segunda região abrange Palmeira das Missões, Frederico Westphalen em direção a Cruz Alta, Passo Fundo e Erechim. Nessa região, ocorreram as maiores perdas devido à geada no período supracitado. Em Palmeiras e Frederico Westphalen não sobrou nada do trigo destinado à produção de sementes para a próxima safra. Resultado semelhante ocorreu também em Passo Fundo, Erechim e Cruz Alta. Com base no trigo colhido e na situação geral da lavoura, estima-se que apenas 15% alcançará PH próximo a 78, 35% deverá apresentar PH entre 72 e 74, 30% com a classificação de baixo padrão e 20% será destinado para ração animal. Há relatos de produtores que estão aguardando os procedimentos para acessar o seguro agrícola (Proagro) para fazer a dessecação do trigo e usá-lo como palhada para proteção do solo. Essa região representa entre 20% e 25% da área total do estado.

A terceira região representa 4% da área semeada no estado e começa em Lagoa Vermelha, passando por Vacaria, seguindo até Caxias e adjacências. Nesses locais, a semeadura do trigo começa em julho e as lavouras estão em fase final de ciclo, mas ainda não começaram a ser colhidas. A expectativa dos produtores em relação à colheita é boa, embora haja ocorrência de doenças, cujo controle foi dificultado devido as chuvas excessivas.

A quarta região abrange a região central do estado, passando por Santa Maria, Julho de Castilhos até Tupanciretã. Nessa região ocorreram as maiores perdas causadas por temporais. Em Tupanciretã, o granizo provocou perdas superiores a 50% nos 22.240 hectares semeados no município. Em Santiago, o vento forte e o granizo provocaram estragos irreversíveis superiores a 60%. A colheita está em andamento e o produto colhido até o momento apresenta PH médio próximo a 73 e qualidade baixa.

A quinta região corresponde à zona sul e Campanha. Na zona sul estima-se que apenas 5% da área plantada foi colhida. Na região da Campanha, a colheita está mais adiantada chegando a 30%. Nessas regiões a produtividade está próxima de 2.000 kg/ha.



Devido ao comprometimento da qualidade do trigo, muitas cooperativas estão analisando o trigo a cada carga recebida, através do número de queda (Falling Number), que é a medida indireta da concentração da enzima alfa-amilase, determinada em trigo moído, pelo método 56-81 B da American Association of Cereal Chemists (2000)³. Assim, é possível através da segregação, obter elementos para a decisão do uso de outras técnicas para melhorar a qualidade do produto recebido, como peneiragem ou uso de mesa de gravidade. Há muitos relatos de pedidos de vistoria para se acessar o seguro agrícola, sendo que em alguns municípios o número de agricultores que aguardam a liberação dos recursos do seguro é igual ao número de agricultores financiados.

Diante do exposto, ainda se trabalha com uma estimativa de produtividade, mesmo com a colheita iniciada em muitas áreas no estado. Observando-se os prognósticos climáticos e levando-se em conta que haverá menos anomalias climáticas, a expectativa é de que a produtividade fique em 2.100 kg/ha e haja uma produção de 1,92 milhão de toneladas, com aproximadamente 1,6 milhão de toneladas destinadas à panificação.

Em Santa Catarina, a cultura do trigo não tem sido beneficiada pelo clima na safra atual. Excesso de chuva durante a semeadura prejudicou a implantação da cultura em quase todas as regiões. Chuvas mal distribuídas durante parte do desenvolvimento vegetativo dificultaram a aplicação de adubação de cobertura e defensivos, atividades importantes para a expressão do potencial produtivo. Por último, constantes chuvas ocorridas durante boa parte de outubro resultaram na redução da qualidade das lavouras e dos primeiros grãos colhidos, alguns dos quais já afetados pelas geadas tardias ocorridas em setembro, em algumas regiões produtoras. O resultado desta instabilidade climática é mostrado na redução da produtividade, a qual está projetada, até o momento, em torno de 2.600 kg/ha. Aproximadamente 7% das lavouras estão colhidas e a qualidade do produto, no geral, está aquém do esperado, resultado da ocorrência de grãos chochos, brotados e atacados por fungos devido ao clima instável ocorrido durante o desenvolvimento da cultura. Contudo, ainda restam em torno de 50% das lavouras em estágio final de formação de grão, as quais foram semeadas mais tarde e podem manter um bom potencial produtivo e de qualidade caso as condições climáticas se estabilizem.

A área plantada de trigo no Mato Grosso do Sul foi 25%

superior à da safra passada, sendo cultivados 15 mil hectares. Este aumento de área ocorre, provavelmente, em função das boas condições de comercialização do produto no mercado regional, além dos preços ficarem atrativos. A cultura encontra-se com a colheita encerrada e a produtividade manteve-se estável em 2.000 kg/ha. Não foi superior, pois em algumas localidades há uso de sementes de produção própria e ocorreu plantio realizado precocemente, que expuseram as lavouras a condições climáticas desfavoráveis. Esses fatores contribuíram para aumentar a incidência de doenças fúngicas como a brusone e giberela. Diante do exposto espera-se uma produção total de 30 mil toneladas de trigo no Mato Grosso do Sul, 25% superior à safra 2014/15.

Em Minas Gerais, o plantio de trigo foi realizado em março, abril e maio. Estima-se uma área plantada de 82,2 mil hectares, 20,9% maior em relação à safra anterior. Da área total cultivada, 65% a 70% é conduzida em regime de sequeiro e o restante sob irrigação. O crescimento da área de plantio ocorreu sobre as áreas de feijão segunda safra, devido ao difícil controle de mosca-branca, e sobre as áreas de feijão terceira safra e olericultura, conduzidas sob pivôs. O prolongamento das chuvas favoreceu o desenvolvimento das lavouras, mas concorreu para intensificação de problemas com brusone, causando perdas na produtividade e qualidade dos grãos. A colheita já foi encerrada e a produtividade média fechou em 2.982 kg/ha, 0,7% menor em relação à safra passada. Para a atual safra, a produção esperada é de 245,1 mil toneladas, o que representa um aumento de 20% em relação ao ano anterior.

Os dados da cultura do trigo em São Paulo são positivos. Indicam um aumento de 47,3% na produtividade em relação à safra 2013/14, chegando a 3.541 kg/ha. Somando-se ao aumento de 18,7% na área plantada, será alcançada uma produção total de 262,7 mil toneladas, 74,8% maior do que a safra passada.

Entre as vantagens do trigo do cerrado, por ser plantado geralmente em sistema irrigado, está o controle do principal fator condicionante para a produção: a água.

A área plantada com trigo no Distrito Federal ficou definida em 1.600 hectares, 14,3% superior à safra anterior. A produtividade média é estimada em 6.000 kg/ha, a mesma da safra anterior e poderá resultar em uma produção de 9,6 mil toneladas, 14,3% maior do que a safra 2013/14. A colheita encontra-se finalizada.

3 American Association of Cereal Chemists (AACC). Approved methods. 10ª Ed. Saint Paul, 2000. 1 CD-ROM



Tabela 56 – Comparativo de área, produtividade e produção – trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	23,3	26,2	12,4	3.682	3.363	(8,7)	85,8	88,1	2,7
MS	12,0	15,0	25,0	2.000	2.000	-	24,0	30,0	25,0
GO	9,9	9,6	(3,3)	5.397	5.054	(6,4)	53,4	48,5	(9,2)
DF	1,4	1,6	14,3	6.000	6.000	-	8,4	9,6	14,3
SUDESTE	130,5	156,4	19,8	2.717	3.247	19,5	354,6	507,8	43,2
MG	68,0	82,2	20,9	3.004	2.982	(0,7)	204,3	245,1	20,0
SP	62,5	74,2	18,7	2.404	3.541	47,3	150,3	262,7	74,8
SUL	2.604,2	2.317,5	(11,0)	2.124	2.431	14,5	5.530,7	5.634,1	1,9
PR	1.388,5	1.338,5	(3,6)	2.731	2.649	(3,0)	3.792,0	3.545,7	(6,5)
SC	75,7	65,0	(14,1)	2.939	2.600	(11,5)	222,5	169,0	(24,0)
RS	1.140,0	914,0	(19,8)	1.330	2.100	57,9	1.516,2	1.919,4	26,6
CENTRO-SUL	2.758,0	2.500,1	(9,4)	2.165	2.492	15,1	5.971,1	6.230,0	4,3
BRASIL	2.758,0	2.500,1	(9,4)	2.165	2.492	15,1	5.971,1	6.230,0	4,3

Fonte: Conab

Nota: Estimativa novembro/2015

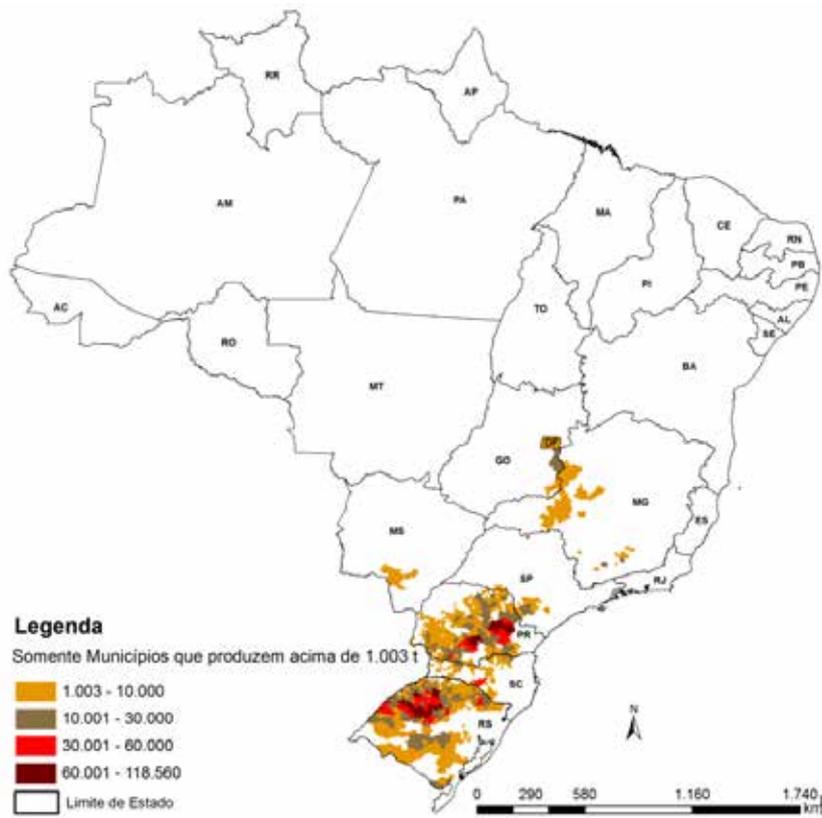
Tabela 57 – Calendário de plantio e colheita – trigo

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS							P	P			C	C
GO							P	P	P	C	C	C
DF							P	P	P		C	C
Sudeste												
MG	C				P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
SP							P	P			C	C
Sul												
PR	C	C	C			P	P	P	P	P	C	C
SC	C	C	C						P	P	P	
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

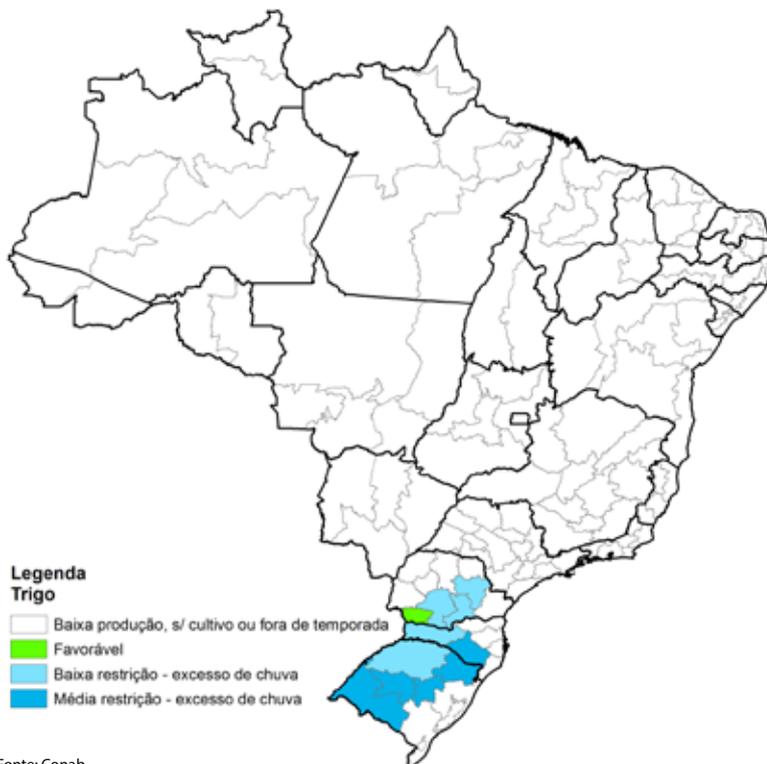


Figura 34 – Mapa da produção agrícola – trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 35 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab



Tabela 58 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Trigo		<ul style="list-style-type: none"> - regiões pontuais do sudoeste do PR (FR/M/C)** - oeste e sul de SC (FR/M/C) - centro sul, sudeste e leste do PR (FR/M/C) - todo estado do RS (FR/M/C) 	- sudoeste do PR (M/C), exceto regiões pontuais	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab

10.2.1.1. Oferta e demanda de trigo

A produção de trigo estimada pela Conab passou de 7.070,3 mil toneladas na primeira avaliação de agosto de 2015, para 6.230 mil toneladas em novembro, ou seja, redução de 11,8%, mostrando, assim, os reflexos dos danos causados pelo clima nas culturas de trigo nas zonas de produção da Região Sul do Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul.

Não obstante, os danos causados na safra, da ordem de 840,3 mil toneladas, as estimativas de importação foram mantidas em 5,35 milhões de toneladas, tendo em vista o fraco desempenho da atividade econômica, com reflexos no consumo doméstico. Entretanto, esse volume de importação poderá superar tal quantitativo, até o fechamento do ano safra, em julho de 2016.

Espera-se, pois, a substituição de importações da Região Nordeste por trigo nacional, devido ao câmbio elevado que torna o produto doméstico muito competitivo frente ao estadunidense e argentino. A Região Nordeste é tradicional importadora da commodity,

em volume próximo de 2 milhões de toneladas anuais. Todavia, atualmente, há uma forte demanda dos moageiros do sul do Brasil por trigo de boa qualidade do Paraguai.

Devido à fraca demanda interna de farinha de trigo a previsão da moagem industrial foi estimada em 10,2 milhões de toneladas, 2,8% inferior à estimativa inicial de 10,5 milhões de toneladas.

Por outro lado estima-se que as exportações deverão ser de 1,3 milhão de toneladas, abaixo do número anterior de 1,5 milhão de toneladas; menor disponibilidade interna devido à quebra da safra em quantidade e qualidade e maior demanda pelo produto nacional pelos moageiros do Brasil explicam esse comportamento.

Nessa conjuntura, o consumo interno deverá ser de 10,6 milhões de toneladas, viabilizando um estoque de passagem, em julho de 2016, de aproximadamente 830 mil toneladas, equivalente a um mês de consumo.

10.2.2. Cevada

A estimativa de área cultivada com cevada no Brasil é de 105 mil hectares, 10,4% menor do que na safra anterior. Contudo, com incremento na produtividade, que chegará a 2.777 kg/ha, a produção total alcançará 291,6 mil toneladas, 4,5% maior do que a safra 2014.

A cevada e a canola são culturas que recebem incentivos das indústrias interessadas em adquirir o produto, uma vez que estas empresas fornecem sementes e insumos e garantem a compra do produto por um preço mínimo.

No Rio Grande do Sul, a área plantada com cevada prevista é de 49,5 mil hectares, distribuída no esta-

do nas regiões com aptidão para o cultivo da cevada cervejeira e representa 21,4% menos do que a safra 2014/15. A produção total, porém, é estimada em 89,1 mil toneladas, 21,4% menor do que a safra passada.

Quando comparamos as previsões de produtividade dos levantamentos anteriores, notamos uma queda nas previsões (agosto: 2.700 kg/ha; setembro: 2.400 kg/ha e a atual de 1.800 kg/ha), notamos uma redução sistemática nas previsões, causadas em função das intempéries que assolam o Rio Grande do Sul nos últimos períodos. É importante frisar que há dificuldade para se obter informações mais detalhadas sobre essa cultura, visto que até mesmo a assistência técnica



ca é vinculada à indústria.

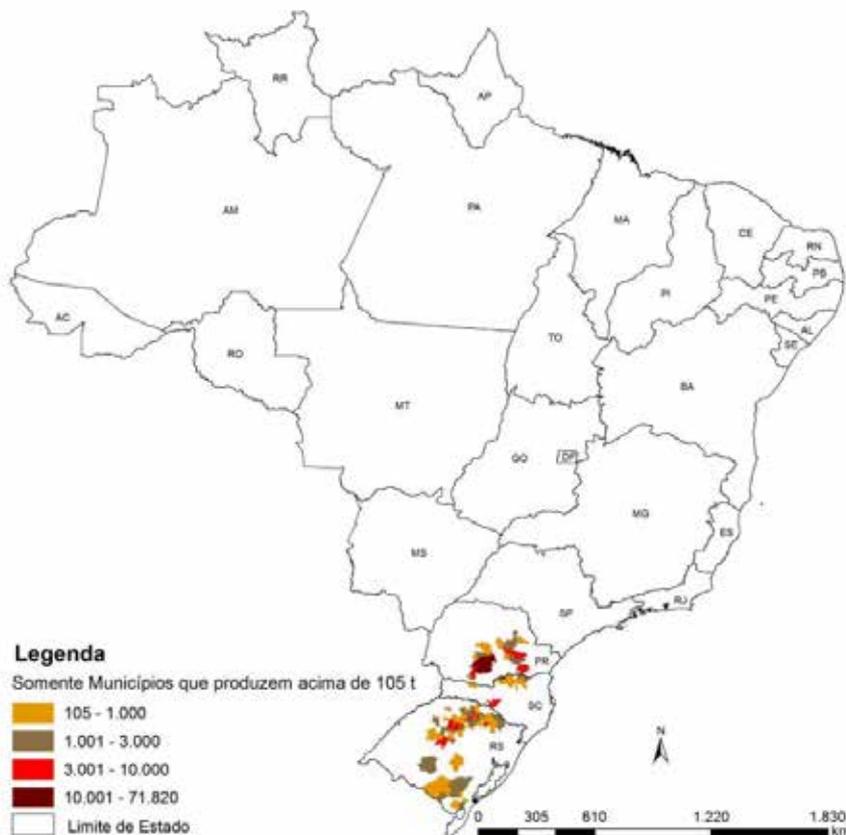
No Paraná, o diagnóstico inicial indica que a cultura da cevada foi fortemente prejudicada pelas adversidades climáticas: chuvas no plantio, veranico subsequente, calor excessivo e chuva na colheita. Ademais, deve-se ressaltar os problemas com uma cultivar amplamente utilizada no estado que veio contaminada por doenças, principalmente manchas foliares.

A área estimada é de 52,7 mil hectares, 0,9% menor do que a safra anterior. A produtividade esperada é de 3.689 kg/ha, 4% a mais do que a última safra, gerando uma produção total de 194,4 milhões de toneladas, o que representa um incremento de 3% em relação à safra passada. Na região centro-oriental, a colheita já está próxima do fim e além dos problemas com a produtividade houveram problemas com a qualidade. Mesmo reduzindo a tabela para aceitar a cevada como cervejeira, boa parte da produção da região vai ter que ser destinada à ração. No geral, a cevada está com 23% da área total colhida.

Em Santa Catarina, as lavouras de cevada encontram-

se, na sua maioria, em final de ciclo (final de formação de grão e maturação) e perderam muita qualidade desde o último levantamento. As más condições climáticas ocorridas durante boa parte do desenvolvimento vegetativo e reprodutivo, marcado por geadas e excesso de chuvas, já comprometem o potencial produtivo da maioria das lavouras. A estimativa de redução da produtividade é variável de acordo com o estágio em que se encontrava a cultura quando da ocorrência das instabilidades, mas, em todos os casos, há estimativas de perdas significativas na produtividade. Não só a perda em quantidade preocupa o setor, mas também a qualidade, já que o produto para ser aproveitado na indústria de malte deve atender a certos requisitos como sanidade e percentagem de germinação. Caso o grão não atinja os padrões mínimos, será destinado à produção de ração, sofrendo redução significativa do preço estabelecido em contrato e, conseqüentemente, baixando a rentabilidade do produtor. A produtividade projetada atualmente é de 2.900 kg/ha, redução de 12,1% em relação à safra anterior, mas que pode sofrer nova redução caso as condições climáticas atuais persistam.

Figura 36 – Mapa da produção agrícola – cevada



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 37 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Tabela 59 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Cevada		- centro sul, sudeste e leste do PR (FR/M/C) - norte do RS (FR/M/C)		

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab

Tabela 60 – Calendário de plantio e colheita – cevada

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C							P	P	P		C
RS	C	C						P	P			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab



Tabela 61 – Comparativo de área, produtividade e produção – cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	117,2	105,0	(10,4)	2.606	2.777	6,6	305,4	291,6	(4,5)
PR	53,2	52,7	(0,9)	3.547	3.689	4,0	188,7	194,4	3,0
SC	1,0	2,8	180,0	3.300	2.900	(12,1)	3,3	8,1	145,5
RS	63,0	49,5	(21,4)	1.800	1.800	-	113,4	89,1	(21,4)
CENTRO-SUL	117,2	105,0	(10,4)	2.606	2.777	6,6	305,4	291,6	(4,5)
BRASIL	117,2	105,0	(10,4)	2.606	2.777	6,6	305,4	291,6	(4,5)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015

10.2.3. Aveia

A área cultivada com aveia no Brasil terá um acréscimo de 23,6%, atingindo 190 mil hectares, sendo a segunda maior área plantada entre as culturas de inverno, ficando apenas atrás do trigo.

No Rio Grande do Sul, estado com maior área plantada, o aumento estimado é de 33% em relação à safra passada, alcançando 118,4 mil hectares. Com a colheita em estágio avançado, a produtividade é considerada boa e a qualidade do produto colhido é variável. Grande parte da produção não atingiu o padrão mínimo exigido para consumo humano. Devido a essa condição, o preço no mercado cai para próximo de R\$ 0,19 por quilo. A produtividade prevista com base no que já está colhido e com as condições atuais das lavouras é de 2.150 kg/ha. Há relatos da destinação de parte da lavoura para a silagem o que é uma novidade. As áreas mais atingidas pelas geadas tardias de setembro foram dessecadas, servindo apenas como cobertura de solo. A mensuração do reflexo desses novos destinos da produção só será possível no final da colheita.

No Paraná, como a maioria das culturas de inverno, a aveia branca sofreu bastante ataque de doenças fúngicas e teve a produtividade e a qualidade prejudicada. A produtividade caiu em algumas praças e manteve-se estável em outras. A colheita atrasou devido às chuvas. O grão colhido tem múltiplos usos: semente para o próximo inverno, alimentação animal e comercialização para indústria de flocos (alimentação humana). Somente cerca de 30% é comercializável. Não existe cotação de balcão como para outros grãos, pois a pouca comercialização é “casada” com a indústria alimentícia. As áreas levantadas são referentes somente à parte destinada à produção de grãos. A maior parte das áreas de aveia são utilizadas somente como cobertura verde.

Os números apontam para um aumento de área de 2,6%, chegando a 58,6 mil hectares. Levando-se em conta uma produtividade média de 2.135 kg/ha, a produção total no Paraná será 125,1 mil toneladas.

Tabela 62 – Calendário de plantio e colheita – aveia

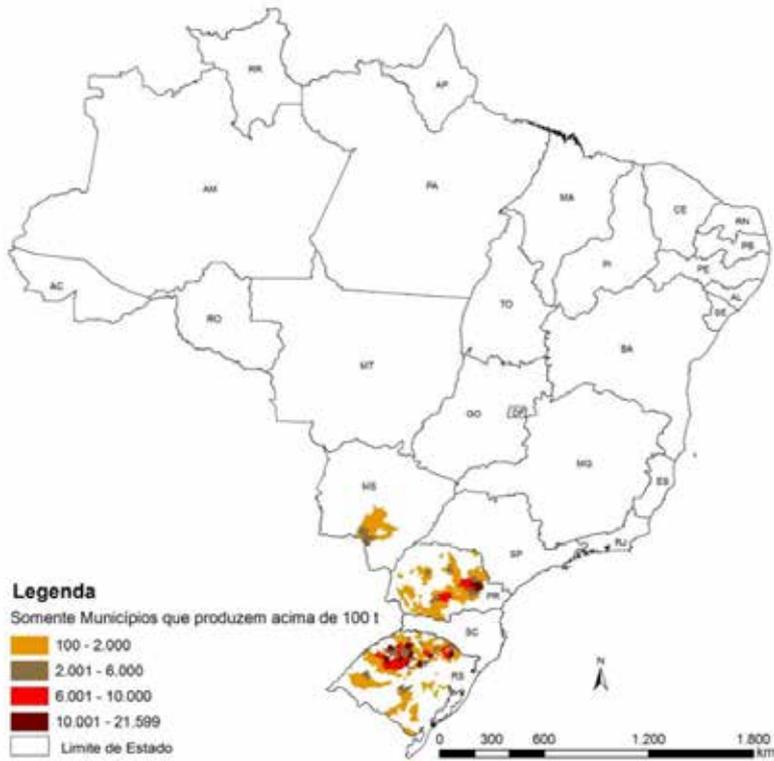
	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS						P	P	P		C	C	C
Sul												
PR	C	C	C				P	P	P	P	C	C
RS	C	C					P	P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.



Figura 38 – Mapa da produção agrícola – aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 39 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil.



Fonte: Conab



Tabela 63 – Comparativo de área, produtividade e produção – aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	7,6	13,0	71,1	1.474	1.500	1,8	11,2	19,5	74,1
MS	7,6	13,0	71,0	1.470	1.500	2,0	11,2	19,5	74,1
SUL	146,1	177,0	21,1	2.027	2.145	5,8	296,2	379,7	28,2
PR	57,1	58,6	2,6	2.429	2.135	(12,1)	138,7	125,1	(9,8)
RS	89,0	118,4	33,0	1.770	2.150	21,5	157,5	254,6	61,7
CENTRO-SUL	153,7	190,0	23,6	2.000	2.101	5,1	307,4	399,2	29,9
BRASIL	153,7	190,0	23,6	2.000	2.101	5,1	307,4	399,2	29,9

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015

Tabela 64 - Calendário de plantio e colheita - aveia

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Aveia		- regiões pontuais do sudoeste do PR (FR/M/C)** - centro sul, sudeste e leste do PR (FR/M/C) - todo estado do RS (FR/M/C)	- sudoeste do PR (M/C), exceto regiões pontuais	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab

10.2.4. Canola

A estimativa da safra da canola no Brasil é que haja uma produção de 54,2 mil toneladas, o que apresenta um aumento de 49,3%, mesmo com a redução de 3,6% na área plantada. Tal fato é justificado pelo ganho na produtividade, a qual estima-se em 1.258 kg/ha, aumento de 54,9% em relação à safra 2013/14.

No Rio Grande do Sul, a lavoura de canola atualmente encontra-se na fase final da colheita. Há relatos de perdas por geadas e por conta do excesso de chuvas, mas mesmo assim o resultado é satisfatório. O custo de produção da canola é baixo e o preço da canola é promissor. As lavouras colhidas até o momento apresentaram produtividade normal sem relatos de produtividade excepcional nem baixas significativas.

A área plantada será de 35 mil hectares, que deverão

produzir em torno de 1.220 kg/ha. Os resultados obtidos nessa safra são suficientes para concluir que o cultivo da canola é viável no estado como ferramenta usada na rotação de culturas, estruturação do solo e resultado econômico positivo, principalmente quando comparada com as demais culturas de inverno.

No Paraná, a área plantada com canola apresenta aumento de 41,9%, alcançando 8,1 mil hectares. Até o levantamento anterior estava previsto aumento de 6,2% na produtividade, porém devido aos fatores climáticos, haverá uma queda de 0,8% na produtividade. Com isso a produção total será 11,5% maior do que a safra anterior, fazendo com que a produção paranaense alcance 11,5 mil toneladas.

10.2.5. Triticale



Tabela 65 – Calendário de plantio e colheita – canola

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul	C							P				C
PR	C							P				C
RS	C							P				
Centro-Sul	C							P				
Brasil	C							P				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

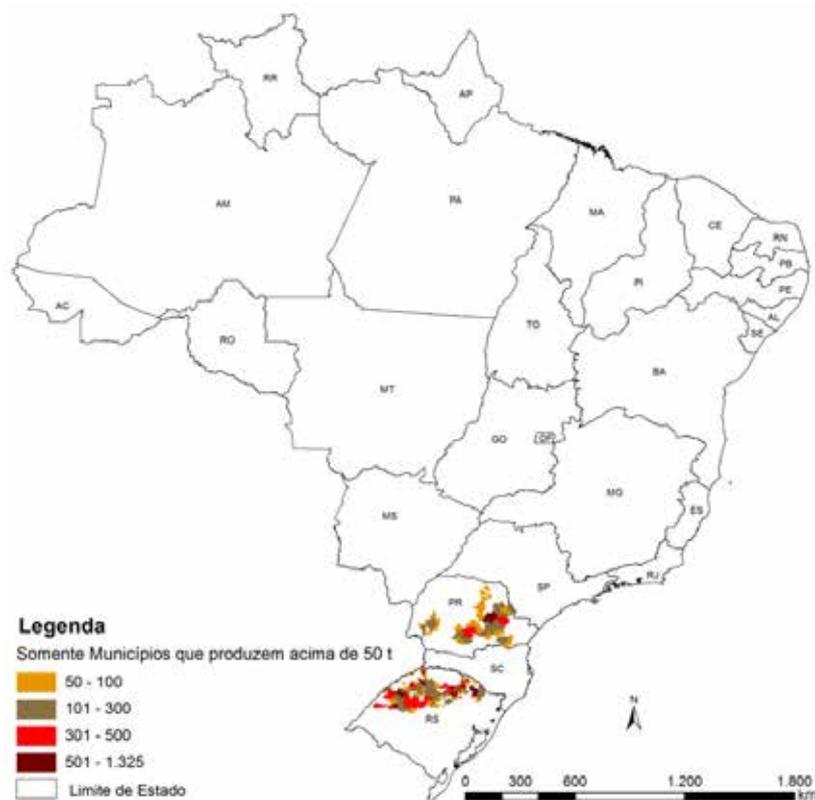
Tabela 66 – Comparativo de área, produtividade e produção – canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	44,7	43,1	(3,6)	812	1.258	54,9	36,3	54,2	49,3
PR	5,7	8,1	41,9	1.436	1.425	(0,8)	8,2	11,5	40,2
RS	39,0	35,0	(10,3)	720	1.220	69,4	28,1	42,7	52,0
CENTRO-SUL	44,7	43,1	(3,6)	812	1.258	54,9	36,3	54,2	49,3
BRASIL	44,7	43,1	(3,6)	812	1.258	54,9	36,3	54,2	49,3

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015

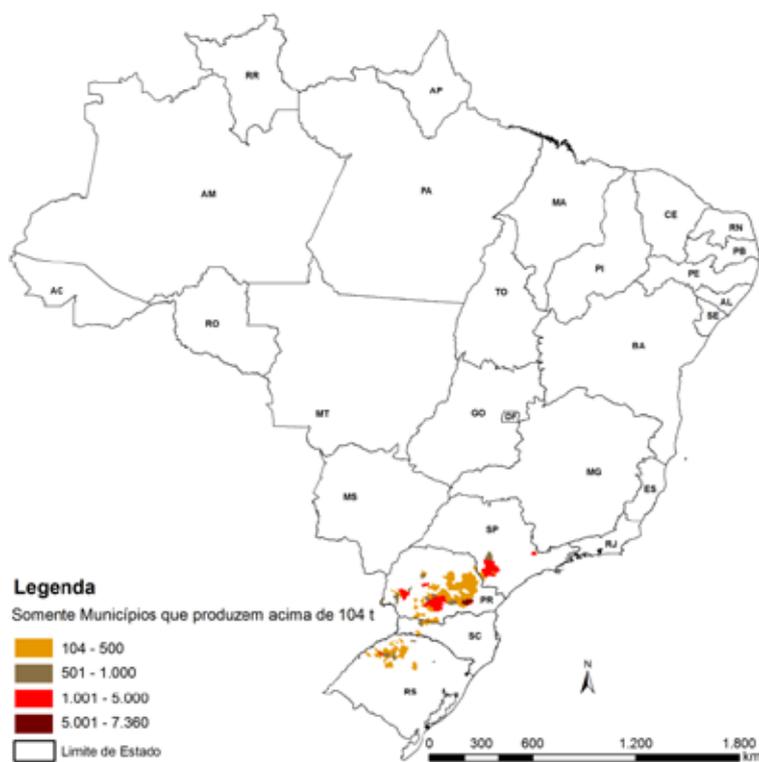
Figura 40 – Mapa da produção agrícola – canola



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 41 – Mapa da produção agrícola – triticale



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 67 – Calendário de plantio e colheita – triticale

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste								P				C
SP	C							P				C
Sul		C						P	P			
PR		C							P			
SC		C							P	P		
RS		C						P	P			
Centro Sul								P				
Brasil												

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.



Tabela 68 – Comparativo de área, produtividade e produção – triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	20,0	4,3	(78,5)	2.400	3.140	30,8	48,0	13,5	(71,9)
SP	20,0	4,3	(78,6)	2.400	3.133	30,5	48,0	13,5	(71,9)
SUL	19,1	17,7	(7,3)	2.503	2.548	1,8	47,8	45,1	(5,6)
PR	12,8	11,4	(10,9)	2.713	2.829	4,3	34,7	32,3	(6,9)
SC	0,6	0,6	-	2.600	2.182	(16,1)	1,6	1,3	(18,8)
RS	5,7	5,7	-	2.015	2.015	-	11,5	11,5	-
CENTRO-SUL	39,1	22,0	(43,7)	2.450	2.664	8,7	95,8	58,6	(38,8)
BRASIL	39,1	22,0	(43,7)	2.450	2.664	8,7	95,8	58,6	(38,8)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015





11. Balanço de oferta e demanda

Tabela 69 - Balanço de oferta e demanda - em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2009/10	394,2	1.194,1	39,2	1.627,5	1.039,0	512,5	76,0
	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	872,5	748,6	449,5
	2014/15	449,5	1.551,2	3,5	2.004,2	820,0	790,0	394,2
	2015/16	394,2	1.479,0	3,5	1.876,7	800,0	740,0	336,6
Arroz em casca	2009/10	2.531,6	11.660,9	1.044,8	15.237,3	12.152,5	627,4	2.457,4
	2010/11	2.457,4	13.613,1	825,4	16.895,9	12.236,7	2.089,6	2.569,6
	2011/12	2.569,6	11.599,5	1.068,0	15.237,1	11.656,5	1.455,2	2.125,4
	2012/13	2.125,4	11.819,7	965,5	14.910,6	12.617,7	1.210,7	1.082,2
	2013/14	1.082,2	12.121,6	807,2	14.011,0	11.954,3	1.188,4	868,3
	2014/15	868,3	12.448,6	650,0	13.966,9	12.000,0	1.250,0	716,9
	2015/16	716,9	11.733,3	650,0	13.100,1	12.000,0	1.000,0	100,1
Feijão	2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.184,6	110,0	3.598,4	3.350,0	90,0	158,4
	2015/16	158,4	3.270,6	110,0	3.539,0	3.350,0	90,0	99,0
Milho	2009/10	7.112,8	56.018,1	391,9	63.522,8	46.967,6	10.966,1	5.589,1
	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	49.029,3	9.311,9	5.419,2
	2011/12	5.419,2	72.979,5	774,0	79.172,7	52.425,2	22.313,7	4.433,8
	2012/13	4.433,8	81.505,7	911,4	86.850,9	54.113,8	26.174,1	6.563,0
	2013/14	6.563,0	80.051,7	790,7	87.405,4	54.645,1	20.924,8	11.835,5
	2014/15	11.835,5	84.672,4	350,0	96.857,9	55.959,5	29.689,0	11.209,4
	2015/16	11.209,4	81.909,9	500,0	93.619,2	58.197,9	28.000,0	7.421,3
Soja em grãos	2009/10	674,4	68.688,2	117,8	69.480,4	37.800,0	29.073,2	2.607,2
	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.694,3	42.791,9	740,0
	2013/14	740,0	86.120,8	578,7	87.439,6	40.332,8	45.691,0	1.415,8
	2014/15	1.415,8	96.243,3	300,0	97.959,1	44.638,9	52.600,0	720,2
	2015/16	720,2	101.997,1	300,0	103.017,3	46.946,0	55.000,0	1.071,3
Farelo de Soja	2009/10	1.903,2	26.719,0	39,5	28.661,7	12.944,0	13.668,6	2.049,1
	2010/11	2.049,1	29.298,5	24,8	31.372,4	13.758,0	14.355,0	3.259,4
	2011/12	3.259,4	26.026,0	5,0	29.290,4	14.051,0	14.289,0	950,4
	2012/13	950,4	27.258,0	3,9	28.212,3	14.175,0	13.333,5	703,8
	2013/14	703,8	28.336,0	1,0	29.040,8	14.745,0	13.716,0	579,8
	2014/15	579,8	31.570,0	1,0	32.150,8	15.150,0	14.800,0	2.200,8
	2015/16	2.200,8	33.071,5	1,0	35.273,3	15.600,0	16.120,0	3.553,3
Óleo de soja	2009/10	302,2	6.766,5	16,2	7.084,9	4.980,0	1.563,8	541,1
	2010/11	541,1	7.419,8	0,1	7.961,0	5.528,0	1.741,0	692,0
	2011/12	692,0	6.591,0	1,0	7.284,0	5.328,0	1.757,1	198,9
	2012/13	198,9	6.903,0	5,0	7.106,9	5.611,0	1.362,5	133,4
	2013/14	133,4	7.176,0	0,1	7.309,5	5.804,0	1.305,0	200,5
	2014/15	200,5	7.995,0	12,0	8.207,5	6.550,0	1.500,0	157,5
	2015/16	157,5	8.375,3	12,0	8.544,8	6.600,0	1.650,0	294,8
Trigo	2009	2.706,7	5.026,2	5.922,2	13.655,1	9.604,8	1.170,4	2.879,9
	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,8	1.527,7
	2013	1.527,7	5.527,8	6.642,4	13.697,9	11.381,5	47,4	2.269,0
	2014	2.269,0	5.971,1	5.328,8	13.568,9	10.713,7	1.680,5	1.174,7
	2015	1.174,7	6.230,0	5.350,0	12.754,7	10.625,0	1.300,0	829,7

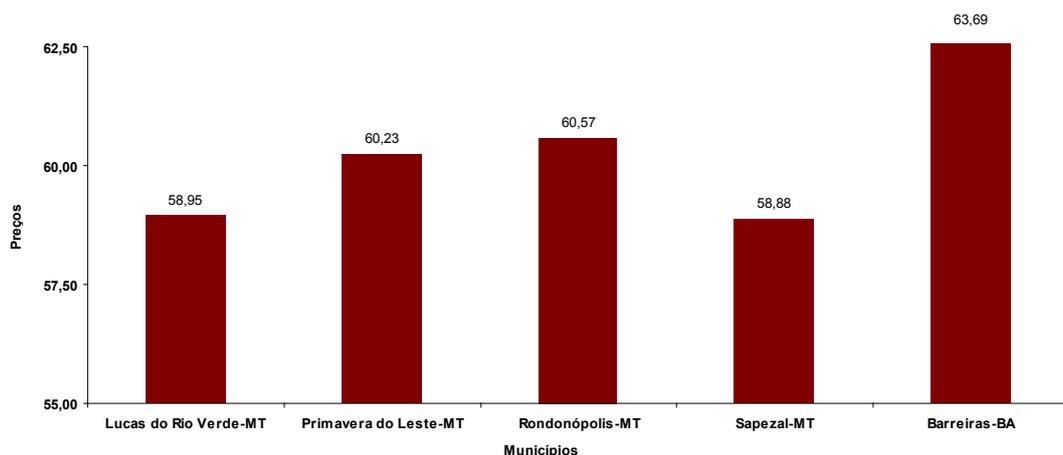
Nota: Estimativa em novembro/2015./ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.





12. Preços

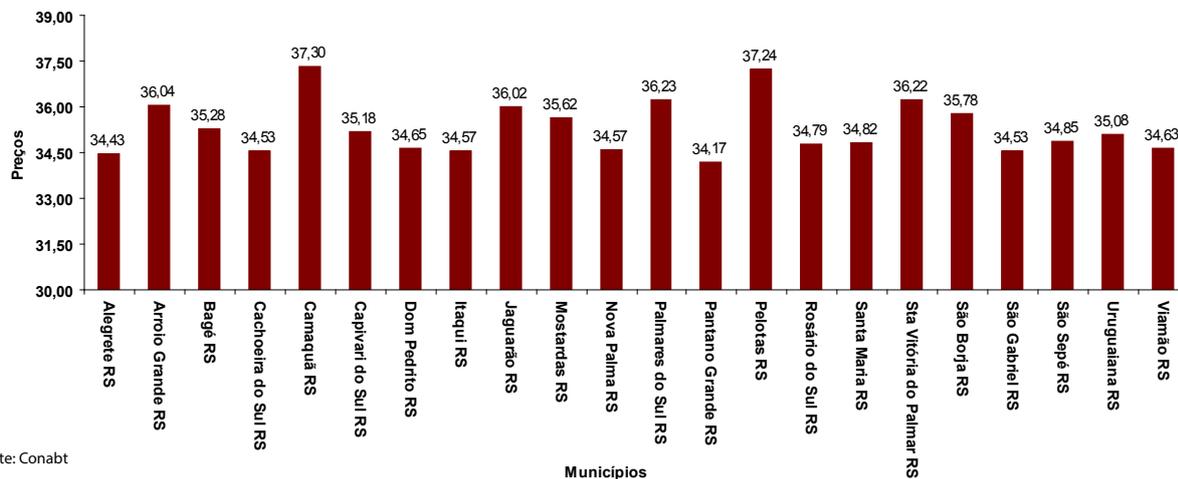
Gráfico 73 - Preço médio por município - MT e BA (algodão pluma 15 kg)



Fonte: Conabt

Nota: outubro 2014 a outubro 2015

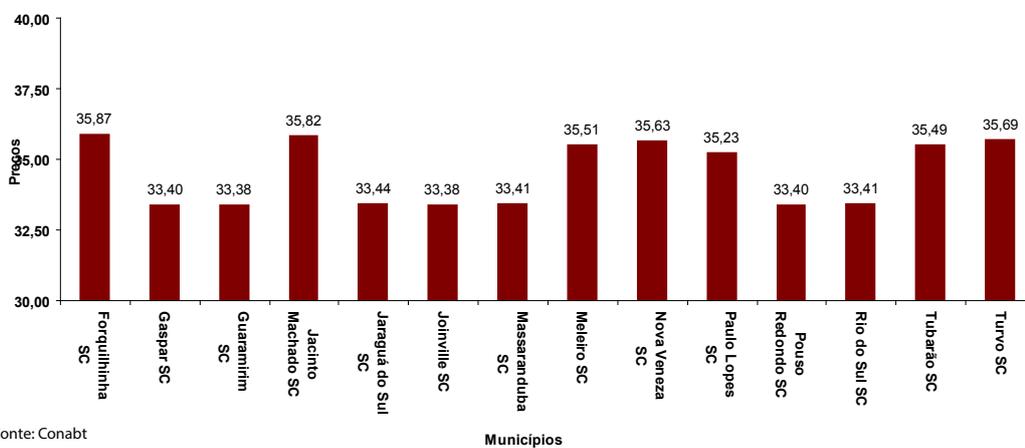
Gráfico 74 - Preço médio por município - RS (longo fino em casca 50 kg)



Fonte: Conabt

Nota: outubro 2014 a outubro 2015

Gráfico 75 - Preço médio por município - SC (arroz - longo fino em casca 50 kg)

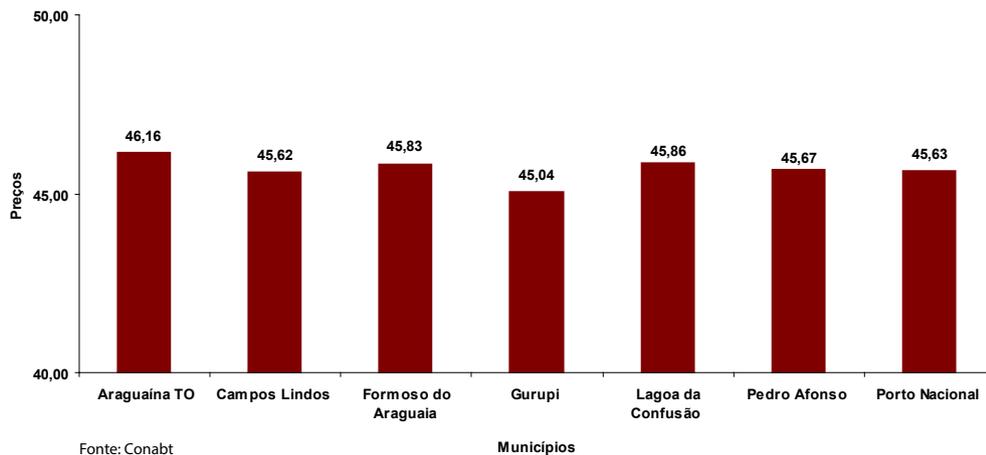


Fonte: Conabt

Nota: outubro 2014 a outubro 2015



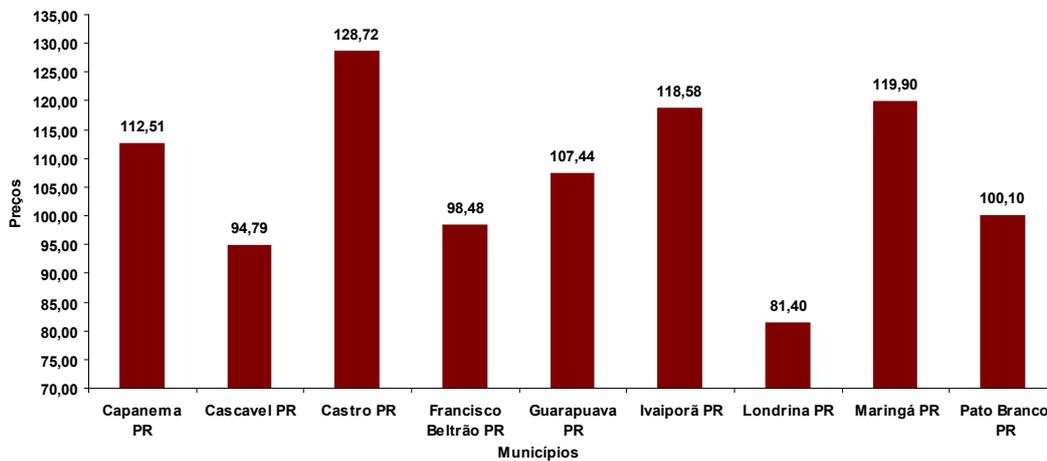
Gráfico 76 - Preço médio por município - TO (arroz - longo fino em casca 60kg)



Fonte: Conabt

Nota: outubro 2014 a outubro 2015

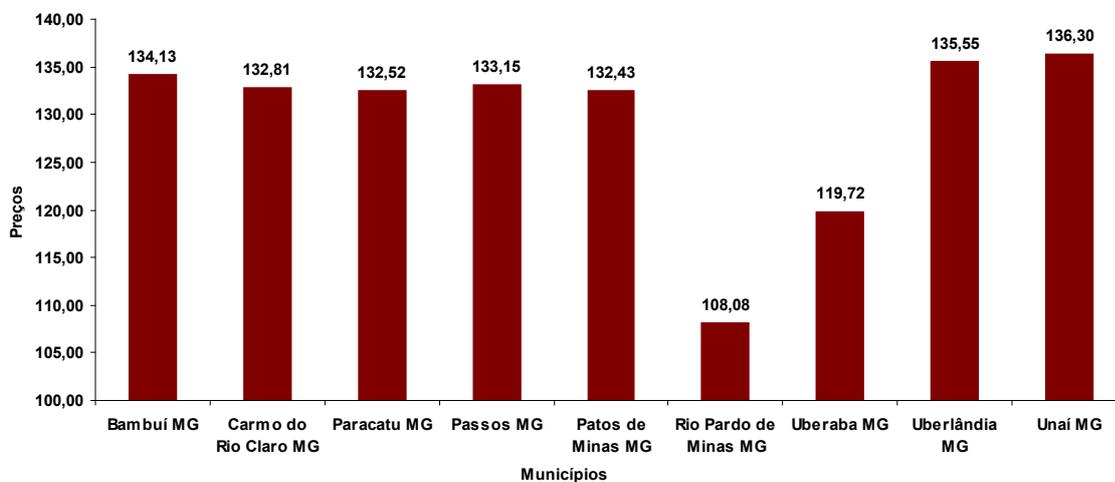
Gráfico 77 - Preço médio por município - PR (feijão cores 60kg)



Fonte: Conabt

Nota: outubro 2014 a outubro 2015

Gráfico 78 - Preço médio por município - MG (feijão cores 60kg)

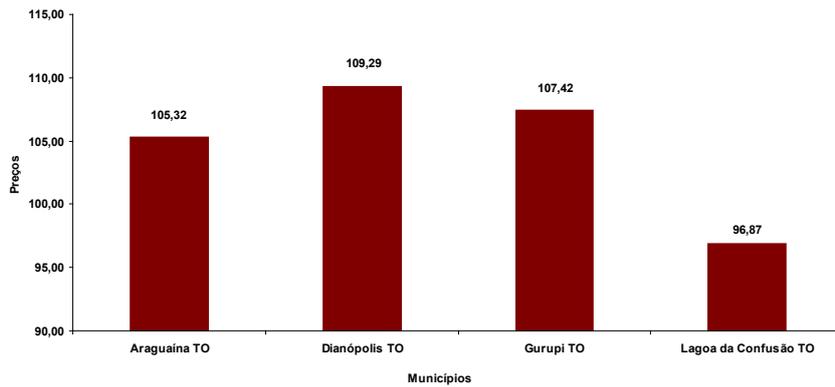


Fonte: Conabt

Nota: outubro 2014 a outubro 2015



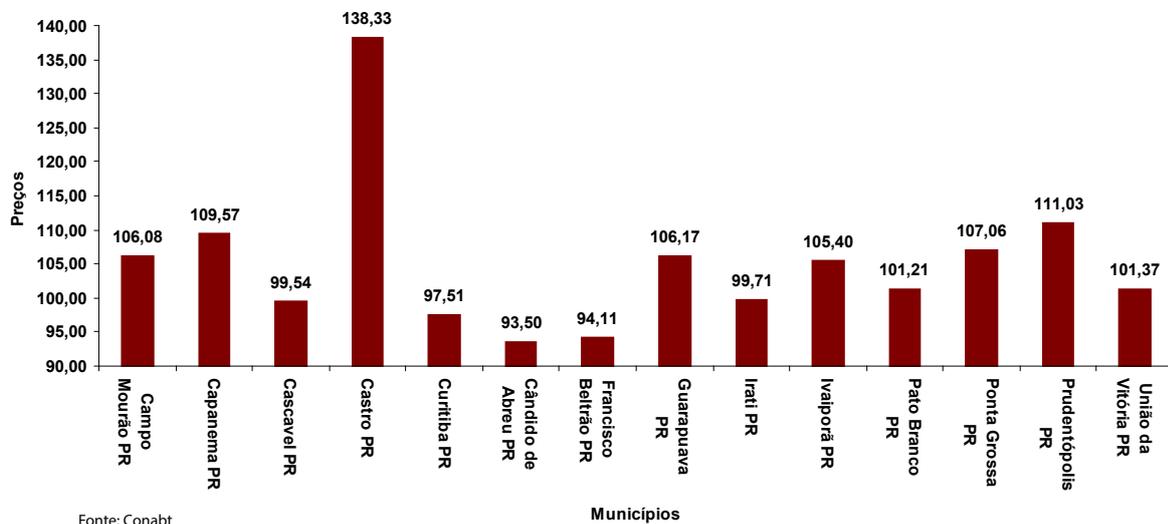
Gráfico 79 - Preço médio por município - TO (feijão cores 60 kg)



Fonte: Conabt

Nota: outubro 2014 a outubro 2015

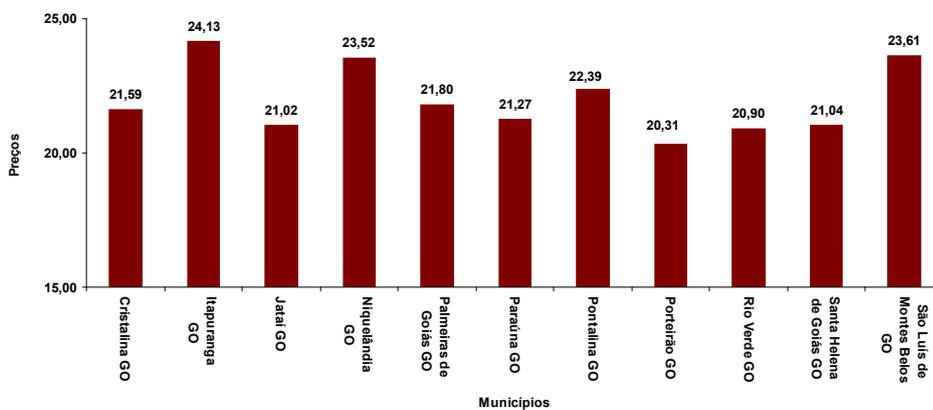
Gráfico 80 - Preço médio por município - PR (feijão preto 60 kg)



Fonte: Conabt

Nota: outubro 2014 a outubro 2015

Gráfico 81 - Preço médio por município - GO (milho 60 kg)

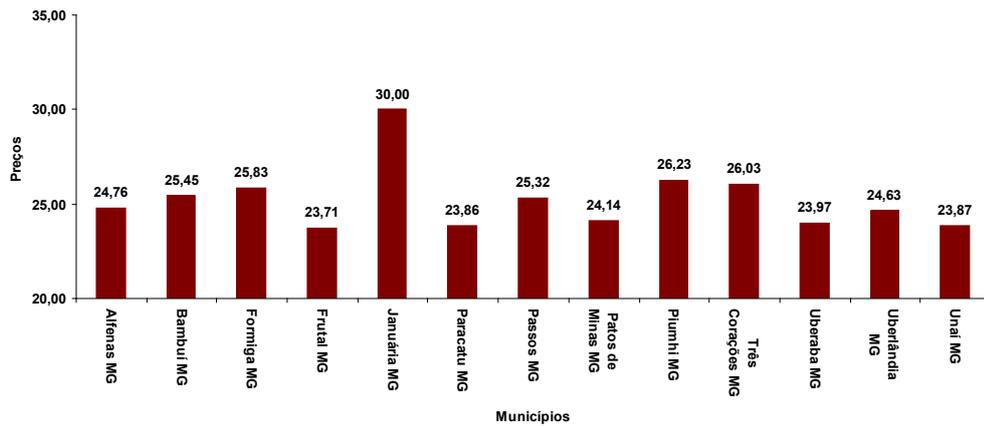


Fonte: Conabt

Nota: outubro 2014 a outubro 2015



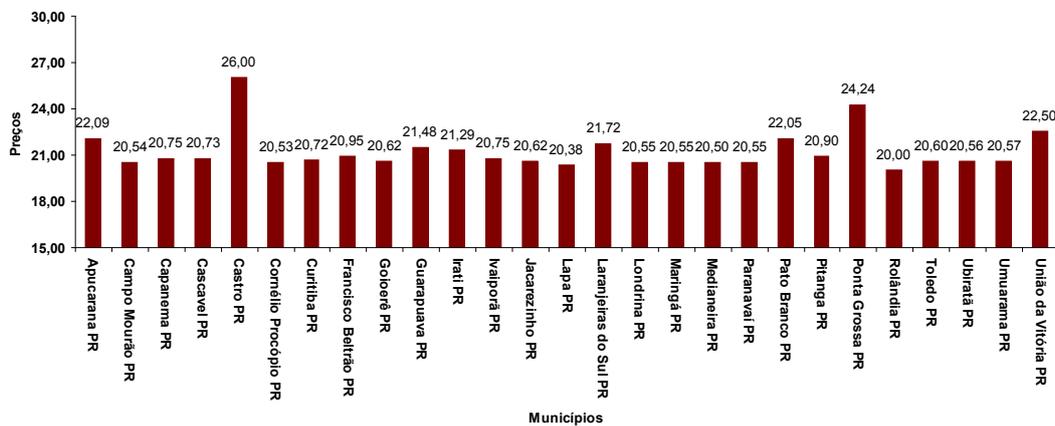
Gráfico 82 - Preço médio por município - MG (milho 60 kg)



Fonte: Conabt

Nota: outubro 2014 a outubro 2015

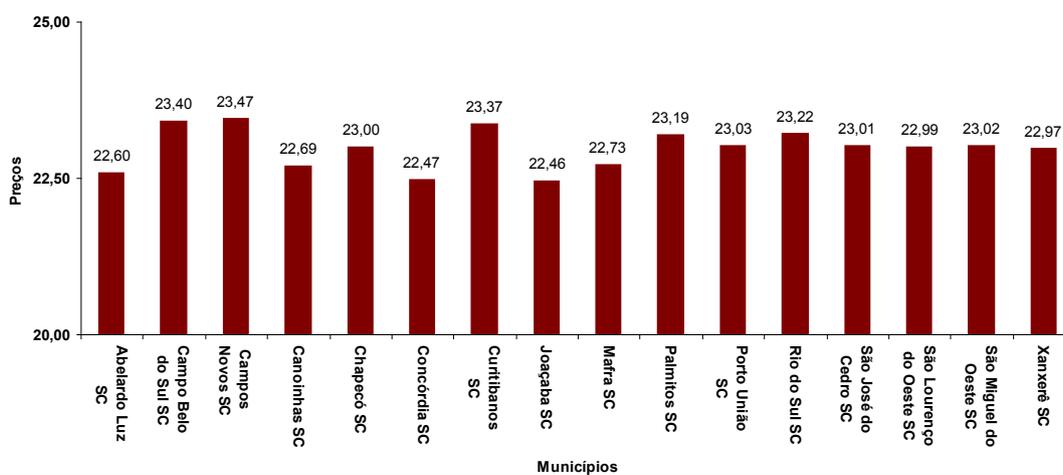
Gráfico 83 - Preço médio por município - PR (milho 60 kg)



Fonte: Conabt

Nota: outubro 2014 a outubro 2015

Gráfico 84 - Preço médio por município - SC (milho 60 kg)

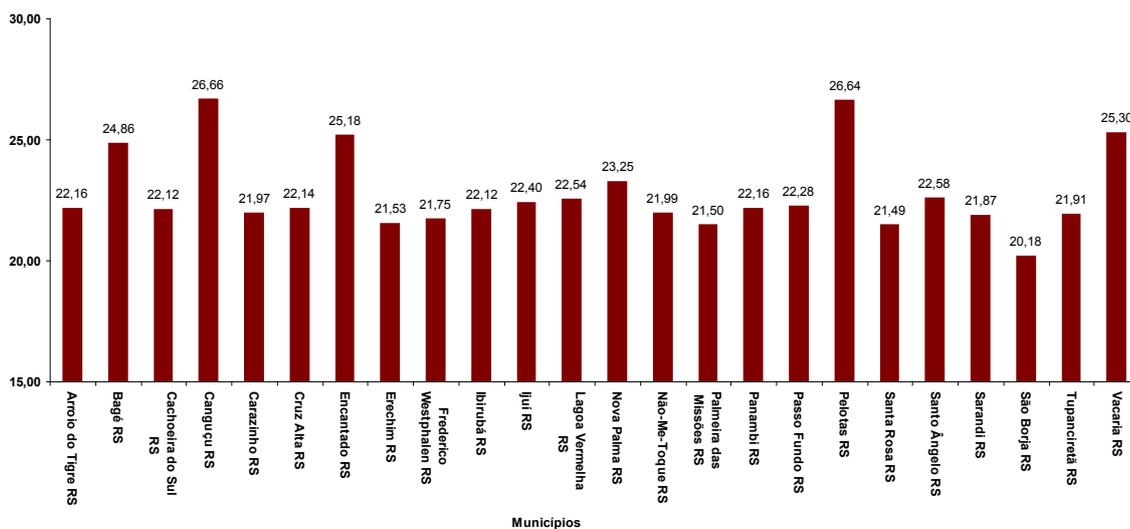


Fonte: Conabt

Nota: outubro 2014 a outubro 2015



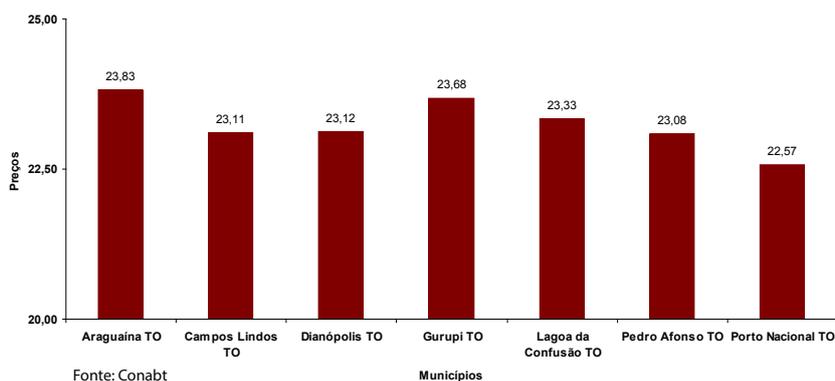
Gráfico 85 - Preço médio por município - RS (milho 60 kg)



Fonte: Conabt

Nota: outubro 2014 a outubro 2015

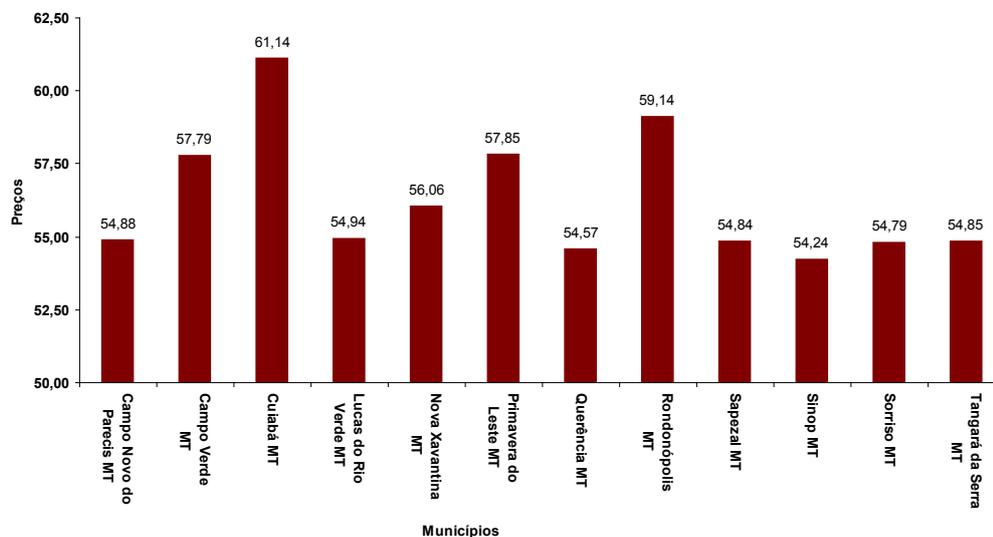
Gráfico 86 - Preço médio por município - TO (milho 60 kg)



Fonte: Conabt

Nota: outubro 2014 a outubro 2015

Gráfico 87 - Preço médio por município - MT (soja 60 kg)



Fonte: Conabt

Nota: outubro 2014 a outubro 2015



Gráfico 88 - Preço médio por município - GO (soja 60 kg)

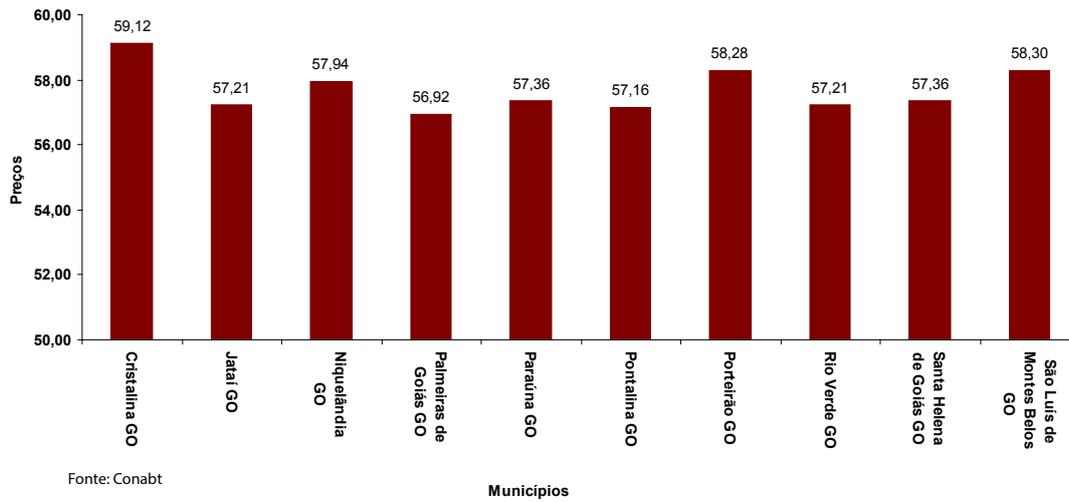


Gráfico 89 - Preço médio por município - PR (soja 60 kg)

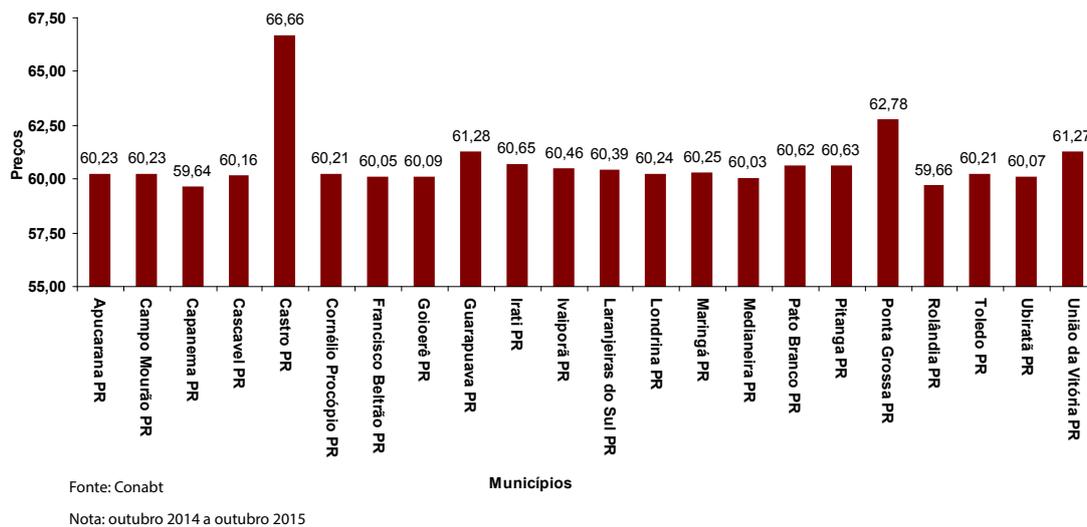


Gráfico 90 - Preço médio por município - RS (soja 60 kg)

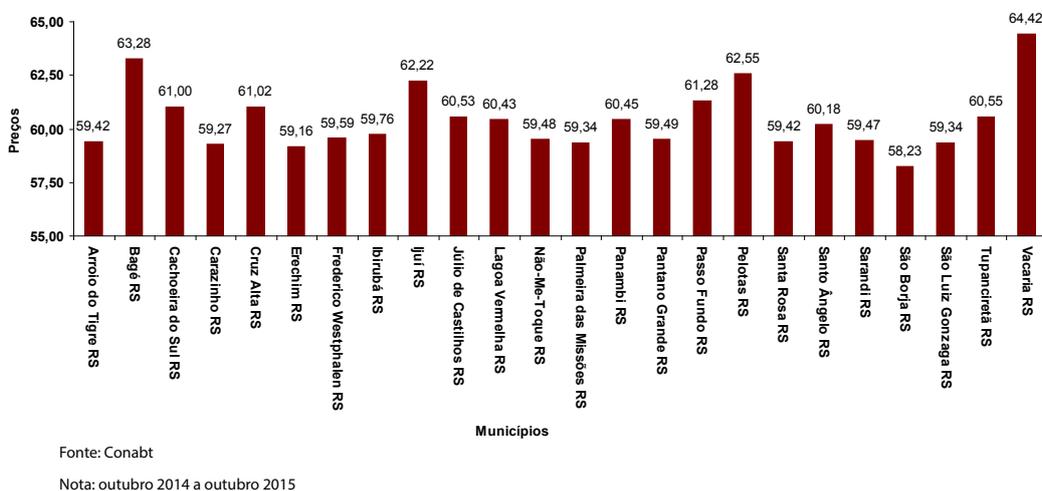
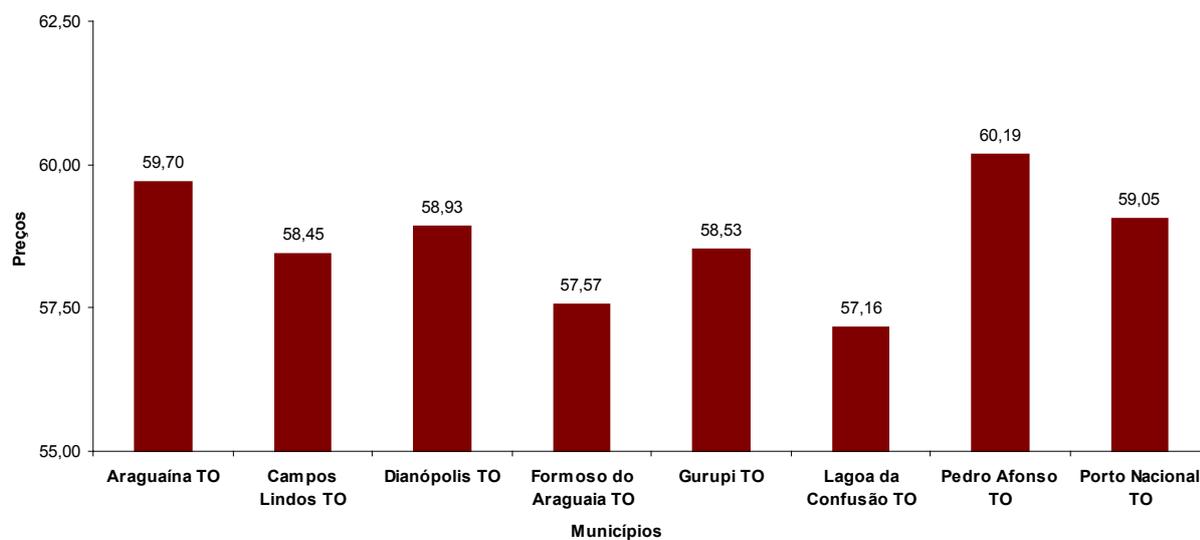


Gráfico 91 - Preço médio por município - TO (soja 60 kg)



Fonte: Conabt

Nota: outubro 2014 a outubro 2015





13. Câmbio

O câmbio é outro componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural, que tem como foco, as commodities agrícolas. Abaixo, as cotações de compra e venda do dólar americano no período de outubro de 2014 a outubro de 2015.

Gráfico 92 -- Câmbio venda - Outubro 2014 a outubro 2015

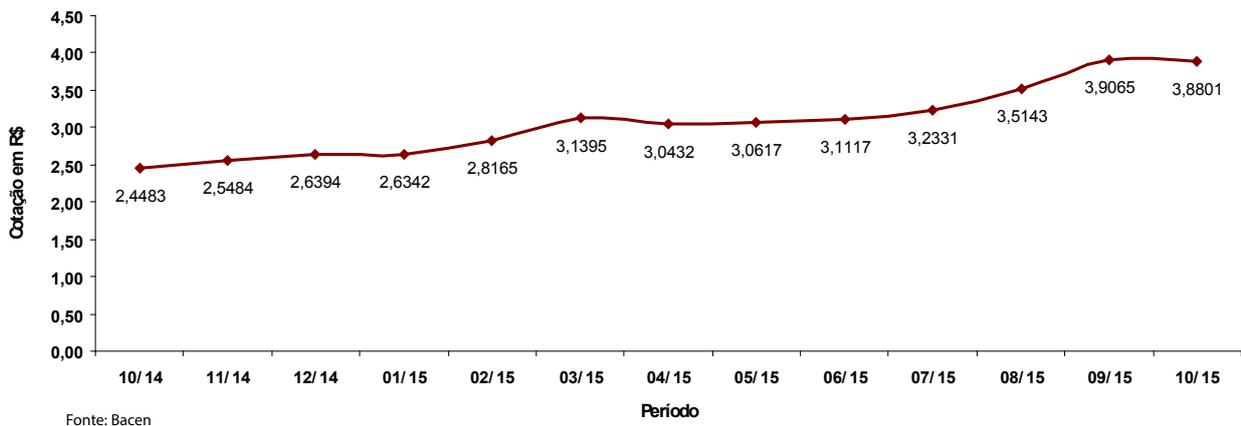
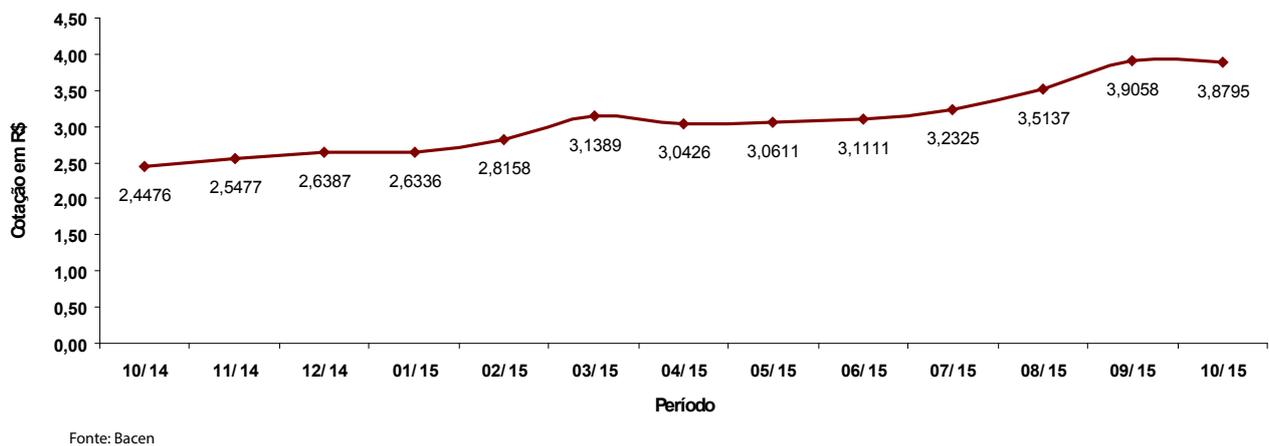


Gráfico 93 - Câmbio compra - outubro 2014 a outubro 2015





14. Exportações

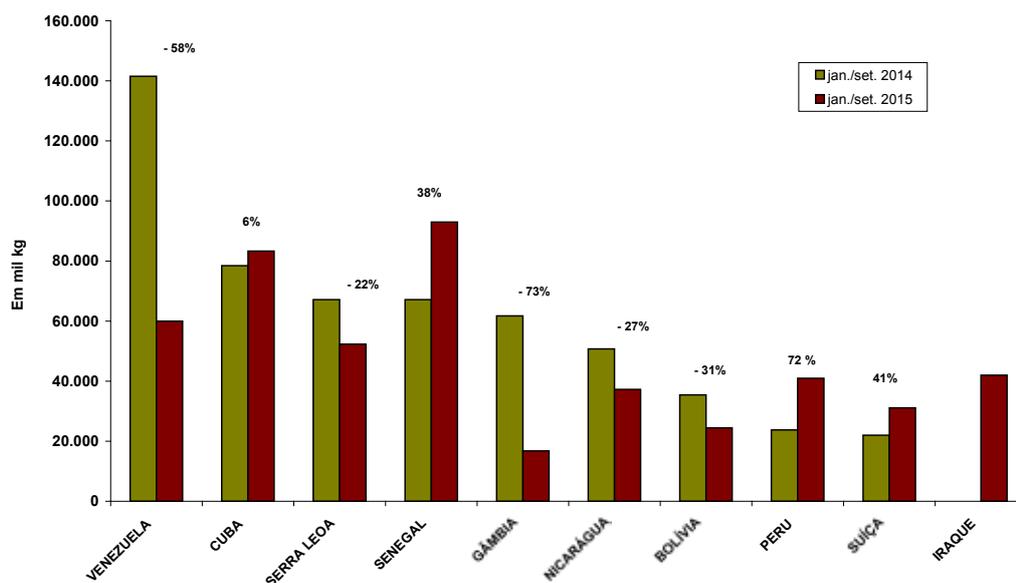
Além de ser um dos líderes na produção de alimentos, o Brasil também é um grande exportador de produtos agropecuários. Entre os 10 produtos mais exportados da pauta brasileira, 7 são do setor agropecuário (soja, carne de frango, farelo de soja, café, açúcar, celulose, carne bovina), o que torna o país um dos maiores fornecedores mundiais de alimentos.

Nos últimos anos, a boa performance desse setor tem sido responsável pelo equilíbrio das contas nacionais. Ela é fruto de características do país como: dimensões continentais, condições climáticas favoráveis, alta tecnologia utilizada pelo produtor, diversificação da produção e boas políticas públicas e de abastecimento. Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), o Brasil exporta para mais de 180 países, tendo como principais compradores a China, Estados Unidos, União Europeia, além dos países do Mercosul, principalmente a Argentina.

Em relação à importação, o trigo é o produto agrícola mais relevante. A importação deste produto pelo Brasil tem, historicamente, girado em torno de 60% das nossas necessidades de consumo, que atingiram uma média de aproximadamente 10 milhões de toneladas nos últimos cinco anos.

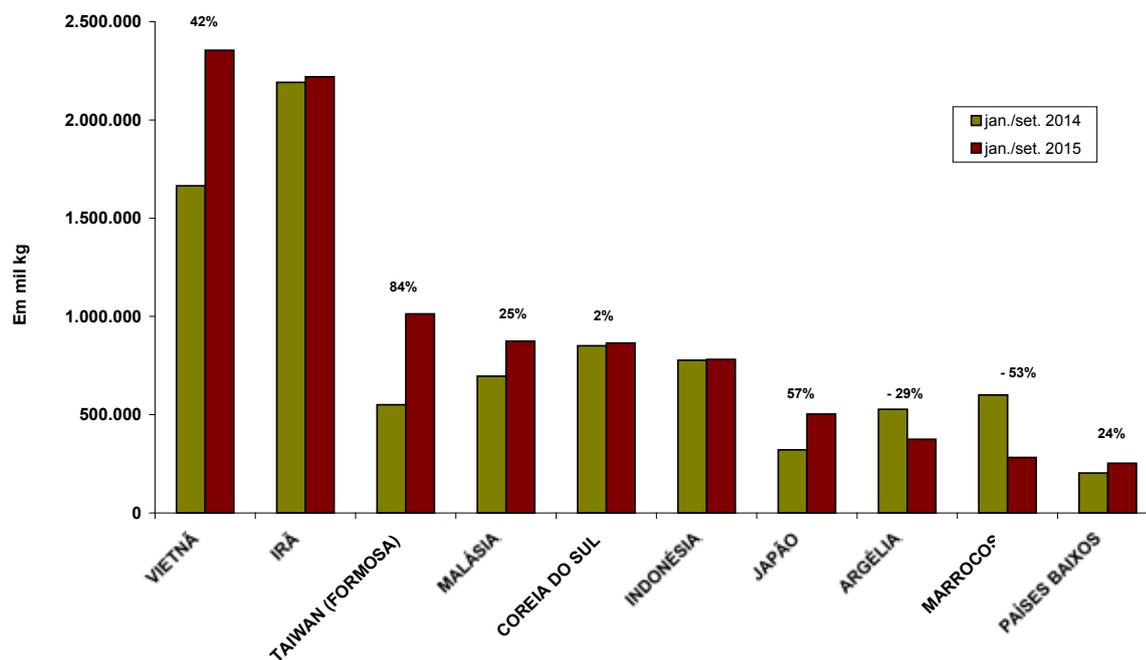
A seguir são apresentados os dados dos principais produtos agrícolas exportados e importados pelo país.

Gráfico 94 - Exportação brasileira de arroz - Principais países importadores



Fonte: AgroStat/SECEX/MDIC

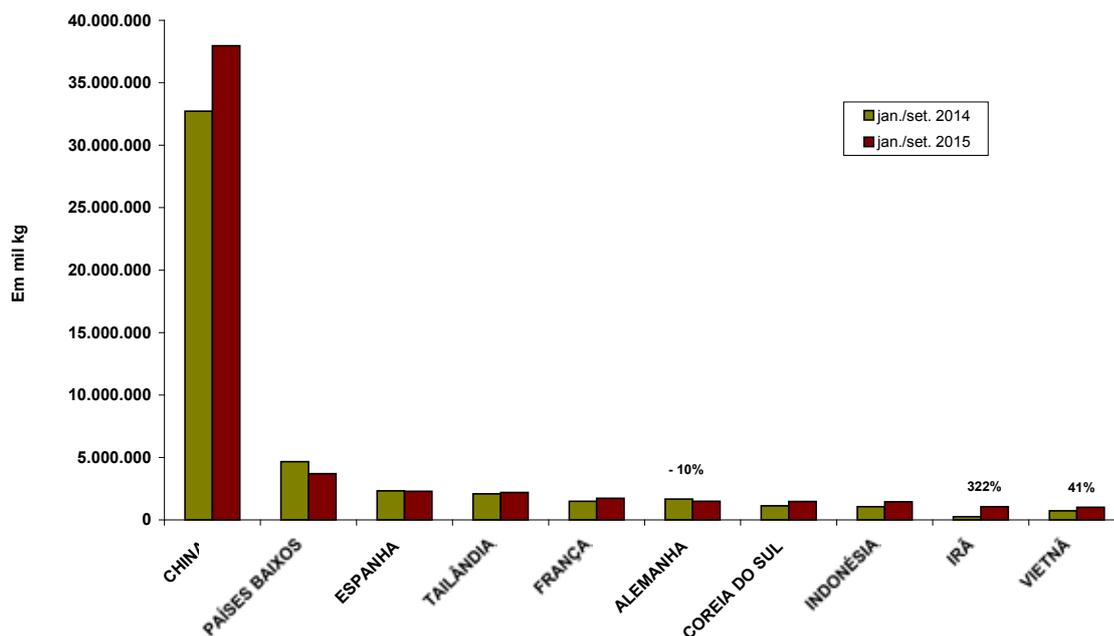
Gráfico 95 - Exportação brasileira de milho - Principais países importadores



Fonte: AgroStat/SECEX/MDIC

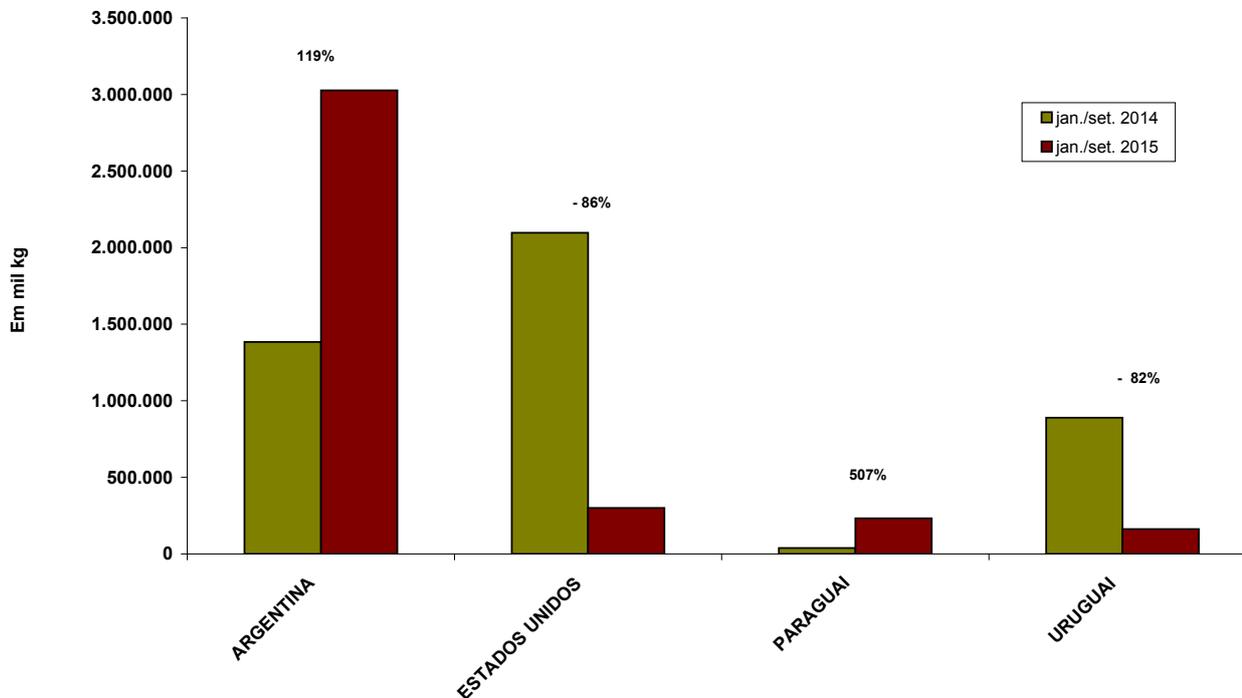


Gráfico 96 - Exportação brasileira do complexo soja - Principais países importadores



Fonte: AgroStat/SECEX/MDIC

Gráfico 97 - Importação brasileira de trigo - Principais países exportadores



Fonte: AgroStat/SECEX/MDIC





15. Vazio sanitário

O vazio sanitário é definido como um período no qual é proibido cultivar, implantar, bem como manter ou permitir a presença de plantas vivas em qualquer fase de desenvolvimento. Neste período apenas áreas de pesquisa científica e de produção de sementes, devidamente monitorada e controlada, são liberadas para o cultivo. A medida é adotada com objetivo específico para cada cultura.

Na soja o vazio sanitário visa reduzir a quantidade de uredósporos (esporos que aparecem na fase epidêmica da doença) no ambiente durante a entressafra e, dessa forma, diminuir a possibilidade de incidência precoce da ferrugem asiática, doença causada pelo fungo *Phakopsora pachyrhizi*, que já provocou um prejuízo de bilhões de reais à sojicultura brasileira, seja pela perda de produtividade, seja pelo aumento do custo de produção. A pesquisa identificou que o tempo máximo de permanência da ferrugem asiática em plantas vivas (soja tiguera ou guaxa¹) é de 55 dias. Por isso o período mínimo de vazio sanitário da soja é de 60 dias, podendo alcançar 90 dias em alguns estados. Atualmente 12 estados adotam o período do vazio sanitário regulamentado: Rondônia, Pará, Tocantins, Maranhão, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, além do Paraguai, país que também é produtor de soja e faz fronteira com o Brasil.

Apenas quatro estados produtores não adotam o vazio sanitário: Roraima, Piauí, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Em Roraima, segundo o Consórcio Antiferru-

gem/Sistema (www.cnpso.embrapa.br/alerta), a doença ainda não foi detectada nas lavouras do estado. Isso se deve, provavelmente, devido a sua localização geográfica e sua diferente época de semeadura (maio a junho), em relação ao restante do país (outubro a dezembro) e por isso não adota o vazio sanitário. No Piauí a região produtora sofre escassez de chuvas e temperaturas elevadas na entressafra, o que torna o ambiente desfavorável ao desenvolvimento da doença (Meyer, 2007), uma vez que nessas condições a soja tiguera não sobrevive. De acordo com o Consórcio Antiferrugem, não houve relato de foco da doença nas últimas cinco safras no estado. No Rio Grande do Sul e Santa Catarina as baixas temperaturas (geadas) na entressafra também são desfavoráveis à permanên-

cia de soja tiguera, então optou-se pelo não estabelecimento do vazio sanitário, o que ocorre também na Argentina.

Um ponto preocupante, quanto ao manejo da doença é a situação da Bolívia, onde não ocorre o vazio sanitário e as frequentes correntes de vento, que sopram do Pacífico e do sul da América do Sul, trazem esporos para as lavouras no Brasil (Faep, 2008), sendo fonte de inóculo para os cultivos de verão, especialmente no Mato Grosso. Na Bolívia são feitas, pelo menos, duas safras por ano (verão e inverno) com ocorrência de fortes epidemias de ferrugem asiática que encontra hospedeiro o ano todo (Faep, 2008).

Tabela 70 – Período de vazio sanitário para a soja

UF	JUN		JUL		AGO		SET		OUT		NOV		Início	Fim
	1ª Quinz.	2ª Quinz.												
RO													15/06	15/09
PA/Sul													15/07	15/09
PA/Norte													01/10	30/11
TO													01/07	30/09
MA/Norte													15/09	15/11
MA/Sudeste													15/08	15/10
BA ¹													01/06	15/09
MT													15/06	15/09
MS													01/07	30/09
GO														
DF														
MG														
SP													15/06	15/09
PR													01/06	30/08
PARAGUAI														

Legenda: 1 Para cultivos sob irrigação, o vazio sanitário vai até dia 30/09

PA/Sul: Conceição do Araguaia, Redenção, Itaituba (com exceção dos municípios de Rurópolis e Trairão), Marabá e Altamira (distrito de Castelo dos Sonhos).

PA/Norte: Santarém, Itaituba (municípios de Rurópolis e Trairão), Paragominas, Bragantina, Guamá, Altamira (com exceção Distrito Castelo dos Sonhos).

MA/Norte: Baixada Maranhense, Caxias, Chapadinha, Codó, Coelho Neto, Gurupi, Itapecuru Mirim, Pindaré, Presidente Dutra, Rosário, Paço do Lumiar, S. J. de Ribamar e São Luis.

MA/Sudeste: Alto Mearim, Grajaú, Balsas, Imperatriz e Porto Franco.

Fonte: Conab

Nota: Levantamento em outubro/2015.

Para o algodão, o vazio sanitário é uma das medidas fitossanitárias para a prevenção e controle do Bicudo do Algodoeiro (*Anthonomus grandis*), visando proteger a produção do estado de prejuízos ocasionados pela praga. Considerado a principal praga da cultura, além de grande capacidade destrutiva, possui habilidade para permanecer nessas lavouras durante a entressafra. Ela foi responsável pela migração do cultivo da cultura do Paraná para o Centro-Oeste do país. No início da década de 90 este estado era o maior produtor nacional, cultivando mais de 700 mil hectares, enquanto no Mato Grosso, por exemplo, se plantava cer-

ca de 30 mil hectares. Na safra 2014/15 o Mato Grosso, maior produtor do país, plantou 562,7 mil hectares, enquanto a área do Paraná não chega a 1.000 hectares. Dos estados que adotam o vazio sanitário, a Bahia é o único onde ele é opcional. Os outros que também adotam o período de vazio sanitário são: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e São Paulo. Para facilitar os trabalhos dos cotonicultores e colaborar para a eficiência no combate ao bicudo, o Mato Grosso do Sul e Goiás adotaram 30 de setembro como início do período do vazio sanitário, permitindo que uma grande região produtora que engloba os dois

estados fiquem no mesmo prazo para destruição de soqueiras.

Para efeito do calendário do vazio sanitário de Goiás, o estado foi dividido em cinco regiões. Os municípios que fazem parte do mesmo período do vazio encontram-se na Instrução Normativa nº 04/2014, emitida

pela Agrodefesa. Para facilitar a disposição dos períodos, a região 1 compreende, basicamente, a região sul e sudeste de Goiás, a região 2 compreende a região sudoeste goiano, a região 3 compreende o extremo sudoeste goiano, a região 4 compreende o entorno do Distrito Federal e a região 5 compreende o oeste goiano.

Tabela 71 – Período de vazio sanitário para o algodão

UF	JUL		AGO			SET			OUT			NOV			DEZ			JAN		Início	Fim	
	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez			
BA ¹																					31/08	15/11
MT																					01/10	30/11
MS																					01/10	30/11
GO Entorno do DF																					01/10	10/11
GO Sul e Sudoeste																					01/10	25/11
GO Sudoeste																					01/10	30/11
GO Extremo Sudoeste ²																					01/10	05/12
GO Oeste Goiano																					01/11	20/01
MG																					20/09	20/11
SP																					10/07	10/10
PR																					10/07	20/09

Legenda: 1 opcional; 2 Compreende os municípios de Perolândia, Portelândia e Mineiros (exceto a porção de área descontínua limítrofe com Chapadão do Céu)

Fonte: Conab

Nota: Levantamento em outubro/2015.

Para o feijão, o vazio sanitário tem como objetivo o controle da mosca branca (*Bemisia tabaci*) e diminuir a quantidade de alimento para esse inseto, considerado uma das pragas mais prejudiciais para os produtores dessa cultura. A eliminação de plantas vivas neste período evita que o inseto se mantenha ativo e

provoque danos às próximas safras, uma vez que ele é vetor de doenças, como o vírus do mosaico dourado do feijoeiro e o transmite no momento da sucção da seiva da planta. Nesta safra, Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais determinaram período de vazio sanitário para o feijão.

Tabela 72 – Período de vazio sanitário para o feijão

UF	AGO			SET			OUT			NOV		
	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez
GO (1)												
GO (2)												
DF												
MG (3)												

Legenda: (1) sudoeste, sul e sudeste; (2) Entorno do DF, Norte, Nordeste, Centro, Noroeste e Metropolitana de Goiania; (3) noroeste;

Fonte: Conab

Nota: Levantamento em outubro/2015.









Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277/6230
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

